

ISTO NÃO ACONTECE NOS FILMES

LYNN PAINTER

MARCADOR



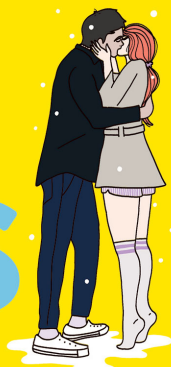
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ISTO NÃO ACONTECE NOS FILMES

LYNN PAINTER



MARCADOR

**ISTO
NÃO
ACONTECE
NOS
FILMES**



TRADUÇÃO DE ANA SARAGOÇA

MARCADOR

info@marcador.pt
www.presenca.pt/collections/marcador
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Copyright © 2021 por Simon & Schuster, Inc.

Edição portuguesa publicada com o acordo de Simon & Schuster Books For Young Readers, uma chancela de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação, ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário legal.

Título original: *Better Than The Movies*

Autora: Lynn Painter

Tradução: Ana Saragoça

Revisão: Joaquim E. Oliveira/Editorial Presença

Ilustrações da capa: © 2021 por Liz Casal

Design da capa: © 2021 Simon & Schuster (por Heather Palisi)

Arranjo da capa: Carlota Flieg

Composição: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

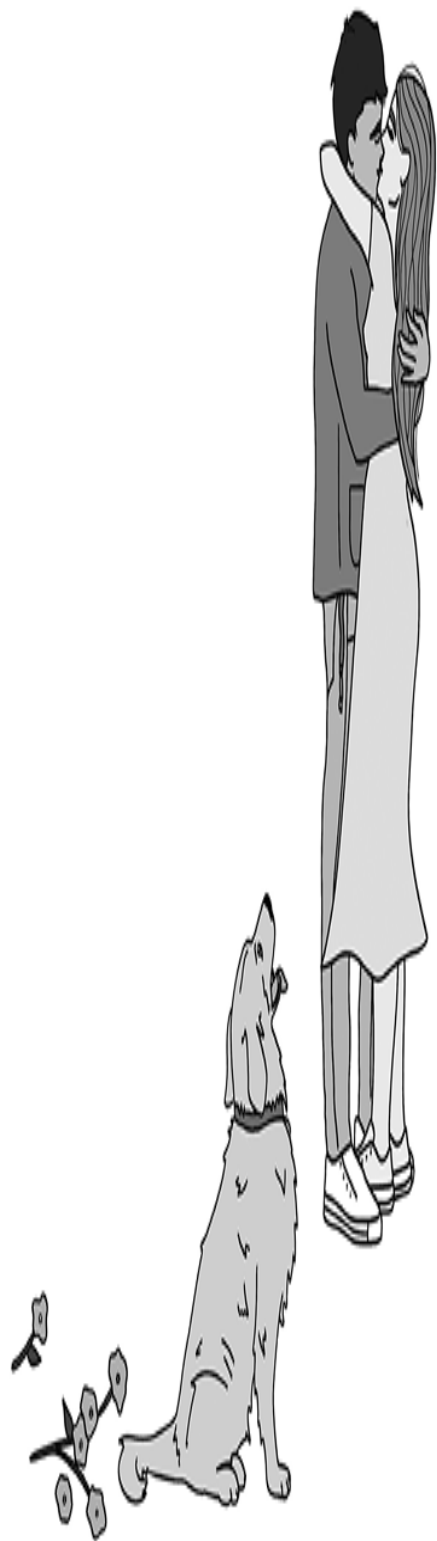
1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2023

Para a minha maravilhosa mãe, que sempre foi a minha maior fã, a minha crítica mais dura e a única responsável pela minha desconfiança perante os cretinos da indústria da sapataria. Obrigada por me deixares ler debaixo dos cobertores quando devia estar a dormir.

E para o meu amado pai, que viu a capa mas não chegou a ler o livro. Teria adorado a cena da Stella e recordado o *ketchup*.

RIP, Jerry Painter (17/05/39–18/05/20)

L. P.



PRÓLOGO

«Sou apenas uma rapariga, à frente de um rapaz, a pedir-lhe que a ame.»

Notting Hill

Ainda antes de eu chegar ao segundo ano, a minha mãe ensinou-me a regra de ouro do namoro.

Com os meus maduros sete anos, tinha-me esgueirado para o quarto dela depois de ter um pesadelo. (Um grilo do tamanho de uma casa pode não parecer assustador, mas, quando fala com voz de robô e sabe o nosso nome do meio, é aterrador.) *O Diário de Bridget Jones* estava a passar na televisão cúbica em cima da cómoda e, quando ela deu por mim aos pés da cama, eu já tinha visto uma boa parte do filme. Por aquela altura, era demasiado tarde para me salvar do conteúdo não muito apropriado para o primeiro ano, portanto, enroscou-se ao meu lado e assistimos juntas ao final feliz.

Mas o meu cérebro de primeiro ano não conseguiu entender. Porque teria a Bridget trocado o mais giro — o charmoso — pela pessoa equivalente a um gigantesco bocejo? Como fazia isso sequer sentido?

Sim — falhara-me completamente o sentido do filme e eu tinha-me apaixonado como uma louca pelo *playboy*. E ainda hoje consigo ouvir a voz da minha mãe e sentir o cheiro a baunilha do seu perfume enquanto brincava com o meu cabelo e me esclarecia.

— O charme e o mistério só vão até certo ponto, Libby Loo. Essas coisas desaparecem sempre, e é por isso que nunca, mas nunca, deves escolher o *bad boy*.

Depois disso, partilhámos centenas de momentos semelhantes, explorando juntas a vida através dos filmes românticos. Era a nossa cena. Abastecíamos-nos de *snacks*, recostávamo-nos nas almofadas e devorávamos a sua coleção de finais felizes recheados de beijos como outras pessoas devoravam o lixo da *reality TV*.

Em retrospectiva, talvez seja por isso que espero pelo romance perfeito desde que tinha idade para soletrar a palavra «amor».

Quando morreu, a minha mãe legou-me a sua crença inabalável no «felizes para sempre». A minha herança foi o conhecimento de que o amor anda sempre no ar, é sempre uma possibilidade e vale sempre a pena.

O Senhor Certo — a versão simpática e fiável — podia estar ao virar da esquina.

E era por isso que eu estava sempre a postos.

Era apenas uma questão de tempo até que isso finalmente me acontecesse.

CAPÍTULO UM

«Ninguém encontra a sua alma gémea aos dez anos. Que graça teria?»

A Diva da Moda

O dia começou como outro qualquer.

O *Mr. Fitzpervert* deixou uma bola de pelo no meu chinelo, eu queimei o lóbulo da orelha com o alisador e, quando abri a porta para ir para a escola, apanhei o arqui-inimigo da casa do lado esparramado de modo suspeito em cima do capô do meu carro.

— Ei! — Fiz deslizar os óculos escuros pelo nariz acima, fechei a porta da rua e caminhei muito empinada na direção dele, tendo o cuidado de não sujar as minhas novas sabrinhas floridas enquanto basicamente corria para ele. — Sai de cima do meu carro. — O Wes saltou para o chão, com a pose universal do «sou inocente», embora o sorrisinho sugerisse tudo menos isso. Além do mais, eu conhecia-o desde o jardim de infância; aquele rapaz nunca foi inocente na vida. — O que é que tens na mão?

— Nada. — Pôs a mão em questão atrás das costas. Embora se tivesse tornado alto, viril e até um pouco giro desde a primária, o Wes continuava a ser o rapaz imaturo que tinha «acidentalmente» queimado a roseira da minha mãe com um foguete. — És mesmo paranoica — disse.

Detive-me à frente dele e estreitei os olhos para o seu rosto. O Wes tinha uma daquelas caras de maroto, o tipo de cara cujos olhos escuros — rodeados por pestanas quilométricas, porque a vida não era justa — diziam tudo, mesmo quando a boca não dizia nada.

O arquear de uma sobrancelha disse-me até que ponto ele me achava ridícula. Dos nossos muitos e nada agradáveis encontros, eu sabia que os olhos semicerrados significavam que ele estava a examinar-me e que estávamos prestes a ter uma discussão sobre o aborrecimento mais recente que ele me causara. E quando os olhos dele brilhavam, como agora, uns olhos praticamente a cintilar de travessura, eu sabia que estava lixada. Porque o Wes travesso ganhava sempre.

Espetei-lhe um dedo no peito.

— O que é que fizeste ao meu carro?

— Não fiz nada ao teu carro propriamente dito.

— Propriamente dito?

— Uau. Dito por ti parece um palavrão, Buxbaum. — Revirei os olhos, o que fez a boca dele abrir-se num sorriso maldoso antes de dizer: — Isto foi giro e, já agora, adoro os teus sapatos de avozinha, mas tenho de me ir embora.

— Wes...

Virou as costas e afastou-se como se eu não estivesse a falar. Limitou-se a caminhar para casa com aquele seu modo descontraído e superconfiante. Quando chegou ao alpendre, abriu a porta de rede e gritou para mim, por cima do ombro:

— Tem um bom dia, Liz!

Aquilo não podia ser bom.

Porque não era possível que ele quisesse legitimamente que eu tivesse um dia bom. Olhei para o meu carro, apreensiva até com o ato de abrir a porta.

Sabem, é que o Wes Bennett e eu éramos inimigos numa guerra sem tréguas nem quartel pelo único espaço de estacionamento disponível no fim da nossa rua. Normalmente ele ganhava, mas só porque era um batoteiro miserável. Pensava que tinha graça reservar o Lugar para si deixando no espaço coisas que eu não tinha força para desviar. Uma mesa de piquenique feita de ferro, o motor de uma *pickup*, rodas de camião... Vocês percebem.

(Embora as suas tropelias chamassem a atenção da página de Facebook do bairro — da qual o meu pai era membro — e as velhas metediças espumassem de raiva para cima dos teclados por causa dos estragos na paisagem, nem uma pessoa lhe disse fosse o que fosse ou o fez parar. Tremendamente injusto.)

Mas por uma vez era eu quem cavalgava a onda da vitória, porque, no dia anterior, tive a brilhante ideia de ligar para a Câmara depois de ele decidir deixar o carro no Lugar durante três dias seguidos. Omaha tinha um limite legal de vinte e quatro horas, então, o bom velho Wesley levou uma bela multazinha de estacionamento.

Não vou mentir, fiz uma pequena dança de felicidade quando vi o agente meter o papel debaixo do limpa-para-brisas do Wes.

Verifiquei os quatro pneus antes de entrar no carro e ajustar o cinto de segurança. Ouvi o Wes rir-se e, quando me inclinei para o olhar pela janela do passageiro, a porta da frente dele fechou-se com estrondo.

Então, vi o motivo das suas gargalhadas.

A multa de estacionamento estava agora no *meu* carro, colada no meio do para-brisas com uma fita adesiva larga que impossibilitava a visão. Camadas e camadas do que parecia ser fita adesiva de uso comercial.

Saí do carro e tentei levantar um canto com a unha, mas as extremidades tinham sido todas solidamente pressionadas.

Que parvalhão.

Quando por fim cheguei à escola, depois de raspar o para-brisas com uma lâmina de barbear e de respirar profundamente para recuperar o meu *zen*, entrei no edifício com a banda sonora de *O Diário de Bridget Jones* a tocar nos auscultadores.

Tinha visto o filme na noite anterior — pela milésima vez na vida —, mas desta vez a banda sonora tinha-me tocado. O Mark Darcy a dizer «ai isso é que beijam» enquanto beijava a Bridget era, claro, escaldante como tudo, mas não teria sido assim tão digno de «oh, meu Deus» sem «Someone Like You», de Van Morrison, a tocar em fundo.

Sim — eu tenho um fascínio de *nerd* por bandas sonoras de filmes.

A canção começou enquanto eu atravessava o pátio e abria caminho por entre os alunos que entupiam os corredores. A minha característica preferida da música — quando tocava suficientemente alto em bons auscultadores (e eu tinha os melhores) — era que amaciava as arestas do mundo. A voz de Van Morrison fazia com que nadar em contracorrente pelo corredor acima parecesse uma cena de filme e não a grande chatice que realmente era.

Dirigi-me para a casa de banho do segundo andar, onde todas as manhãs me encontrava com a Jocelyn. A minha melhor amiga era uma dorminhoca incorrigível, portanto raro era o dia em que não estava a aplicar o *eyeliner* à pressa antes do toque.

— Liz, adoro esse vestido. — A Joss olhou-me de lado enquanto limpava os olhos com uma cotonete e entrávamos na casa de banho. Sacou de um tubo de rímel e começou a passar o aplicador nas pestanas. — As flores são a tua cara.

— Obrigada! — Fui até ao espelho e dei uma volta para me certificar de que o meu vestido *vintage* em corte de sino não estava preso nas cuecas ou com qualquer outro problema constrangedor. Duas chefes de claque rodeadas por uma nuvem branca vapeavam atrás de nós e dirigi-lhes um sorriso fechado.

— Tentas vestir-te como as protagonistas dos teus filmes ou é coincidência? — perguntou a Joss.

— Não digas «os teus filmes» como se eu fosse viciada em pornografia ou assim.

— Sabes o que quero dizer — disse a Joss, enquanto separava as pestanas com um alfinete de ama.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Todas as noites, via as amadas comédias românticas da minha mãe, usando a coleção de DVD que herdei aquando da sua morte. Sentia-me mais próxima dela quando as via; parecia que um pequeno pedaço da minha mãe estava ali, a vê-los ao meu lado. Provavelmente porque as tínhamos visto juntas. Muitas. Vezes.

Mas a Jocelyn não sabia nada disso. Crescemos na mesma rua, mas só nos tornámos mesmo boas amigas no décimo primeiro ano. Portanto, embora ela soubesse que a minha mãe tinha morrido quando eu estava no quinto ano, nunca falámos muito sobre isso. Ela tinha sempre presumido que eu era obcecada pelo amor por ser uma romântica incorrigível. Nunca a corrigi.

— Ei, perguntaste ao teu pai sobre o piquenique dos finalistas?

A Joss olhou-me pelo espelho e percebi que se ia irritar. Honestamente, admirava-me por não ter sido a primeira coisa que ela me perguntou quando entrei.

— Ele ontem só chegou a casa depois de eu ir para a cama. — Era verdade, mas podia ter pedido à Helena, se quisesse mesmo discutir o assunto. — Falo com ele hoje.

— Claro que falas.

Fechou o tubo de rímel e enfiou-o no saco de maquilhagem.

— Falo. Prometo.

— Vamos. — A Jocelyn meteu o saco de maquilhagem na mochila e pegou no café. — Não posso voltar a chegar atrasada a Literatura, ou sou castigada, e disse à Kate que, de caminho, deixava pastilha elástica no cacifo dela.

Ajustei o saco a tiracolo no ombro e lancei um olhar ao meu rosto no espelho.

— Espera. Esqueci-me do batom.

— Não temos tempo para batom.

— Há sempre tempo para batom. — Abri a bolsa lateral e retirei o meu novo favorito, *Retrograde Red*. Na hipótese improvável (tão improvável) de o meu McBrasa estar no edifício, queria uma boca boa. — Vai andando.

Ela saiu e eu passei a cor pelos lábios. *Muito melhor*. Voltei a guardar o batom no saco e a pôr os auscultadores, saí da casa de banho e carreguei no «play», deixando que o resto da banda sonora de Bridget Jones me envolvesse a psique.

Quando cheguei a Literatura Inglesa, dirigi-me para o fundo da sala e sentei-me na mesa entre a Joss e a Laney Morgan, fazendo deslizar os auscultadores para o pescoço.

— O que é que escreveste na número oito? — A Jocelyn escrevia rapidamente enquanto falava comigo, terminando o trabalho de casa. — Esqueci-me da leitura, portanto não faço ideia de porque é que as camisas do Gatsby faziam chorar a Daisy.

Eu retirei a minha ficha e deixei que a Joss copiasse a minha resposta, mas o meu olhar deslocou-se para a Laney. Se houvesse uma sondagem, toda a gente no planeta seria unânime em concordar que a miúda era linda; o facto era indiscutível. Tinha um daqueles narizes adoráveis cuja existência dera decerto origem à palavra «arrebicado». Os olhos eram enormes, como os de uma princesa da Disney, e o cabelo louro, sempre brilhante e macio, parecia saído de um anúncio de champô. Era pena que a sua alma fosse exatamente o oposto do aspeto físico.

E detestava-a imensamente.

No primeiro dia do jardim de infância, ela gritou «uf!» ao ver-me de nariz a sangrar, e apontou para a minha cara até toda a sala ficar a observar-me, enojada. No terceiro ano, disse ao Dave Addleman que o meu caderno estava cheio de frases de amor por ele. (Era verdade, mas a questão não era essa.) A Laney chibou-se e, em vez de ser querido ou charmoso como os filmes me tinham levado a crer que seria, o David chamou-me anormal. E, no quinto ano, pouco depois de a minha mãe ter morrido, fui obrigada a sentar-me ao lado da Laney no refeitório, porque havia lugares marcados. Todos os dias, enquanto eu picava o meu almoço de cantina, quase incomedível, ela abria a sua lancheira de cor pastel e deslumbrava a mesa inteira com as delícias que a mãe lhe preparava.

Sandes cortadas em formas adoráveis, bolachas caseiras, *brownies* com pepitas; era uma arca do tesouro de obras-primas da culinária para crianças, cada uma preparada com mais amor do que a anterior.

Mas o que me destruíra eram os bilhetes.

Não havia um único dia em que o almoço dela não incluísse um bilhetezinho da

mãe, escrito à mão. Eram cartinhas engraçadas que a Laney costumava ler em voz alta para as amigas, com desenhos tolos nas margens; e se eu permitisse ao meu olhar vagarear até ao final, onde se lia «Com amor, Mãe» em letras encaracoladas rodeadas de corações, ficava tão triste que nem conseguia comer.

Até hoje, todos achavam que a Laney era bestial, linda e inteligente, mas eu sabia a verdade. Ela podia fingir-se simpática, mas, desde que eu me lembrava, lançava-me olhares antipáticos e esquisitos. Todas as vezes que a miúda olhava para mim, era como se eu tivesse alguma coisa na cara e ela não conseguisse decidir se isso a enojava ou divertia. Estava a apodrecer sob toda aquela beleza, e um dia o resto do mundo vê-la-ia como eu a via.

— Pastilha?

A Laney estendeu-me uma embalagem de *Doublemint*, arqueando as sobancelhas perfeitamente desenhadas.

— Não, obrigada — grunhi, e a minha atenção voltou-se para a frente da sala quando a Sra. Adams entrou e pediu os trabalhos de casa.

Passámos as nossas fichas para a frente e ela começou a falar de coisas literárias. Todos se puseram a tirar notas nos portáteis distribuídos pela escola, e o Colton Sparks acenou-me com o queixo da sua mesa, ao canto. Eu sorri e baixei o olhar para o meu computador. O Colton era simpático. Falámos bastante durante duas semanas no início do ano, mas isso acabou por não dar em nada. Basicamente, o resumo da minha vida amorosa era «meh».

Duas semanas — eis a duração média das minhas relações, se é que se lhes podia chamar tal coisa.

Eis como corria normalmente: eu via um rapaz giro, sonhava acordada com ele durante semanas e idealizava-o totalmente como a minha única alma gémea possível. A cena pré-relação da escola começava sempre com esperanças altíssimas. Mas, ao fim de duas semanas, antes mesmo de nos aproximarmos de uma cena oficial, eu era quase sempre atingida pelo *Urgh!* A sentença de morte de todas as relações nascentes. *Definição do Urgh!:* termo de namoro que se refere a um sentimento súbito de desconforto que sentimos ao ter um contacto romântico com alguém e esse alguém passa quase imediatamente a repugnar-nos.

A Joss dizia que eu olhava muito, mas nunca comprava nada. E tinha sempre razão. Mas a minha propensão para minirrelações de duas semanas dava cabo do meu potencial para o baile de finalistas. Queria ir com alguém que me tirasse o fôlego e acelerasse o coração, mas quem havia sequer na escola que eu não tivesse já considerado?

Isto é, tecnicamente, eu tinha um par para o baile: ia com a Joss. É só que... ir ao baile de finalistas com a minha melhor amiga parecia um fracasso muito grande. Sabia que nos divertiríamos — iríamos jantar antes com a Kate e a Cassidy, as mais divertidas do nosso pequeno grupo de amigas —, mas supostamente o baile de finalistas era o pináculo do romance no secundário. Havia a tradição dos convites públicos, das flores a condizer, do assombro mudo perante a nossa visão de vestido e dos beijos doces sob a pirosa bola de espelhos.

O tipo de merda do Andrew McCarthy e da Molly Ringwald em *A Rapariga*

do Vestido Cor-de-Rosa.

Não era amigas a jantar na Cheesecake Factory antes de irem para a escola e terem conversas constrangedoras enquanto os acasalados se dirigiam para a famosa parede dos amassos.

Eu sabia que a Jocelyn não ia compreender. Ela achava que o baile de finalistas não era nada de especial, só uma festa na escola para onde íamos bem vestidas, e chamar-me-ia ridícula se lhe confessasse a minha decepção. Já estava aborrecida por eu estar sempre a adiar a compra do vestido, mas nunca me apetecia ir.

De todo.

O meu telefone vibrou.

Joss: Tenho uma BOMBA.

Olhei na direção dela, mas ela parecia estar a ouvir a Sra. Adams. Lancei um olhar à professora antes de responder:

Chuta.

Joss: Atenção, veio por mensagem da Kate.

Eu: Então pode não ser verdade. Certo.

A campainha tocou, pelo que peguei nas coisas e enfiei-as no saco. A Jocelyn e eu começámos a andar para os nossos cacifos, e ela disse:

— Vou dizer-te, mas antes tens de prometer que não ficas toda passada até ouvires tudo.

— Oh, meu Deus. — O meu estômago deu uma volta e eu perguntei: — O que é que se passa?

Virámos para a ala oeste e, antes que eu pudesse sequer olhar para ela, vi-o a caminhar na minha direção.

O Michael Young?

Paralisei ali mesmo.

— Eeee... eis a bomba — disse a Joss, mas eu não a ouvi.

As pessoas chocavam comigo e contornavam-me, e eu ali parada a olhar. Ele estava igual, apenas mais velho, mais robusto e mais atraente (se isso era sequer possível). A minha paixão de infância deslocava-se em câmara lenta, com passarinhos azuis e chilreantes a esvoaçar-lhe em redor da cabeça cujo cabelo dourado ondeava sob uma brisa cintilante.

Acho que o meu coração é capaz de ter parado.

O Michael viveu na minha rua quando éramos pequenos, e foi tudo para mim. Eu amava-o desde que me lembrava. Ele sempre tinha sido ultraespantoso. Inteligente, sofisticado e... não sei... mais de sonho do que qualquer outro rapaz. Tinha brincado com os miúdos do bairro (eu, o Wes, os irmãos Potter da esquina e a Jocelyn), fazendo as típicas coisas de bairro — jogar às escondidas, à apanhada, futebol, toca-e-foge, etc. Mas enquanto o Wes e os Potter gostavam de coisas como atirar-me lama para o cabelo porque me faziam gritar, o Michael fazia coisas como identificar folhas, ler livros grossos e não participar na tortura deles.

O meu cérebro selecionou «Someone Like You» e a canção recomeçou a tocar.

I've been searching for a long time,

For someone exactly like you.

O Michael usava calças de caqui e uma bela camisola preta, o tipo de roupa que mostrava que ele sabia o que ficava bem, mas que também não perdia muito tempo com a moda. Tinha o cabelo espesso, louro e penteado como as roupas — intencionalmente casual. Gostava de saber a que cheiraria.

O cabelo, não a roupa.

Devia ter sentido uma *stalker* por perto, porque a câmara lenta parou, os pássaros desapareceram e ele olhou-me nos olhos.

— Liz?

Fiquei mesmo contente por me ter dado ao trabalho de aplicar o *Retrograde Red*. Era óbvio que o Universo soube que o Michael ia aparecer à minha frente naquele dia e fez tudo para me pôr apresentável.

— Miúda, tem calma — disse a Joss entre dentes, mas não fui capaz de reprimir o sorriso aberto quando disse:

— Michael Young?

Ouvi a Joss resmungar «lá vamos nós», mas não liguei.

O Michael aproximou-se e envolveu-me num abraço, e eu deixei que as minhas mãos lhe rodeassem os ombros. *Oh, meu Deus, oh, meu Deus!* O meu estômago enlouqueceu quando senti os dedos dele nas minhas costas e percebi que podíamos bem estar a ter um daqueles reencontros dos filmes.

Oh. Meu. Deus.

Eu estava vestida para isso; ele era lindo. O momento podia ser mais perfeito? Fiz contacto visual com a Joss, que abanou lentamente a cabeça, mas isso não me importou.

O Michael tinha voltado.

Cheirava bem — tão, tão bem — e eu queria catalogar todos os pormenores do momento. A sensação suave e usada da sua camisola sob as minhas mãos, a largura dos seus ombros, a pele dourada do seu pescoço, a meros centímetros do meu rosto enquanto eu o abraçava.

Seria mau fechar os olhos e inspirar profunda?...

Uff.

Alguém chocou connosco, com força, e destruiu o abraço. Fui atirada contra e depois para longe do Michael. Quando me virei, vi quem tinha sido.

— Wes! — exclamei, irritada por ele ter estragado o nosso momento, mas ainda inacreditavelmente feliz que até lhe sorri. Estava incapaz de não sorrir. — Devias mesmo ver por onde vais.

As sobranceiras dele uniram-se.

— Ai sim?...

Ele observava-me, provavelmente a perguntar lá com os botões dele porque estaria eu a sorrir em vez de me passar por causa do incidente da fita-cola. Parecia alguém à espera da piada e a sua confusão elevou a minha felicidade para um nível ainda mais alto. Com um risinho, disse-lhe:

— Sim, meu grande patudo. Ainda podias magoar alguém. Fofó.

Ele estreitou os olhos e falou mais devagar.

— Desculpa. Estava a falar com o Carson e a fazer a coisa extremamente difícil de andar para trás. Mas basta de falar de mim. Como foi a tua viagem para a escola?

Eu sabia que ele queria ouvir todos os pormenores, como quanto tempo levei a tirar a fita-cola ou o facto de ter partido duas unhas recém-arranjadas, mas eu não estava disposta a dar tal satisfação ao ofensor.

— Mesmo, mesmo boa. Obrigada por perguntas.

— Wesley. — O Michael deu-lhe um aperto de mão à *bro*; quanto tempo tinham eles tido para coreografar aquele pequeno toque adorável? Disse: — Acertaste mesmo na professora de Biologia.

— Foi porque te sentaste ao meu lado. Ela odeeeeee-me.

O Wes sorriu e começou a falar, mas eu ignorei o idiota e observei o Michael a falar, a rir, e a ser tão querido e charmoso como eu o recordava.

Só que agora tinha uma ligeira pronúncia arrastada do Sul.

O Michael Young tinha um sotaque suave que me fazia querer escrever pessoalmente uma nota manuscrita de agradecimento ao grande estado do Texas por o ter tornado ainda mais atraente do que já era. Cruzei os braços e basicamente desfiz-me numa poça a gozar a vista.

A Jocelyn, de cuja existência possivelmente me esqueci na presença de uma michaellescência tão adorável, deu-me uma cotovelada e segredou:

— Vê se te acalmas. Estás a babar-te toda.

Revirei os olhos e ignorei-a.

— Ouve lá. — O Wes içou a mochila e apontou para o Michael. — Lembra-te do Ryan Clark?

— Claro. — O Michael sorriu, parecendo um estagiário do Congresso. — Primeira base, não era?

— Exatamente. — O Wes baixou a voz. — O Ryno vai dar uma festa amanhã em casa do pai. Devias mesmo ir.

Tentei manter uma expressão neutra ao ouvir o Wes convidar o meu Michael para a festa dele. Quero dizer, o Wes dava-se com os tipos que o Michael conhecia, mas, caramba... De repente, eram melhores amigos ou coisa assim?

Isso não seria bom para mim. Não podia ser.

Mas o Wes Bennett gostava de se meter comigo — sempre tinha gostado. Na escola primária, o Wes era o tipo que metia uma rã na minha Casa de Sonho da Barbie e um gnomo de jardim decapitado na minha Minibiblioteca Gratuita. No segundo ciclo, era o tipo que achava hilariante fingir que não me via quando eu estava estendida ao sol, e regava os arbustos da mãe sacudindo «acidentalmente» a mangueira para cima de mim até eu gritar.

E agora, no secundário, era o tipo que fazia questão de me assediar diariamente por causa do Lugar. Pelo meio, desenvolvi o meu orgulho. Portanto, tecnicamente, era a miúda que gritava por cima da vedação quando os parvos dos amigos dele estavam lá e eram tão barulhentos que eu conseguia ouvi-los por cima da minha música. Ainda assim...

— Parece-me bem — assentiu o Michael, e eu pus-me a matutar em como ele ficaria com um chapéu de *cowboy* e uma camisa de flanela. E talvez um par de botas

cardadas, embora, tecnicamente, não soubesse a diferença entre uma bota cardada e uma bota normal de *cowboy*.

Teria de ver isso depois no Google.

— Mando-te os pormenores por mensagem. Tenho de ir. Se me atrasar para a próxima aula, fico de castigo de certeza. — Virou-se e começou a correr na direção oposta, gritando: — Até logo, malta!

O Michael ficou a vê-lo desaparecer; depois baixou o olhar para mim e disse, naquele sotaque arrastado:

— Ele bazou tão depressa que nem consegui perguntar: é de roupa casual?

— O quê? Hum, a festa? — Como se eu fizesse ideia de como eles se vestiam para aquelas festas de matulões. — Provavelmente?

— Eu pergunto ao Wesley.

— Boa. — Esforcei-me para lhe dirigir o meu melhor sorriso, embora estivesse a morrer pelo facto de o Wes ter estragado o meu reencontro de filme.

— Também tenho de ir — disse ele, mas acrescentou: — Mas estou mortinho por pôr a conversa em dia.

«Então leva-me contigo à festa!», gritei por dentro.

— Joss? — O Michael olhou para trás de mim e ficou de boca aberta. — És tu? Ela revirou os olhos.

— Estava a ver que não.

A Jocelyn sempre tinha sido mais chegada aos rapazes do bairro: jogava futebol americano com o Wes e o Michael enquanto eu fazia rodas horríveis pelo parque e inventava canções. Desde então, tinha-se transformado num ser humano alto e anormalmente bem-parecido. Hoje, tinha as tranças todas apanhadas num rabo de cavalo, mas, em vez de parecer descuidada como eu quando fazia um rabo de cavalo, punha em destaque as suas maçãs do rosto.

A campainha tocou e ele apontou para o altifalante.

— Tenho de ir. Até loguinho.

Loguinho.

Foi no sentido oposto, e a Jocelyn e eu começámos a andar. Eu disse:

— Não acredito que o Wesley não nos convidou para a festa.

Ela olhou-me de lado.

— Sabes sequer quem é o Ryno?

— Não, mas a questão não é essa. Ele convidou o Michael mesmo à nossa frente. Por cortesia, devia ter-nos convidado também.

— Mas tu detestas o Wes.

— E então?

— Então, porque havias de querer que ele te convidasse para alguma coisa?

Suspirei.

— A má educação dele irritou-me.

— Pois eu fico contente por não me ter convidado. Não quero ir a festas onde estejam aqueles tipos. Já estive em casa do Ryno, e é só cerveja, uísque e aqueles jogos imaturos de verdade ou consequência.

Até deixar o voleibol, a Joss costumava conviver com a malta popular,

portanto, tinha ido a algumas festas antes de nos tornarmos amigos.

— Mas...

— Ouve. — A Jocelyn parou de andar e agarrou-me no braço para me fazer parar também. — Era isto que te ia dizer. A Kate diz que ele mora ao lado da Laney e que eles andam a falar há umas duas semanas.

— A Laney? A Laney Morgan? — Nããão. Não podia ser verdade. Não, não, não, não, por favor, Deus, não. — Mas ele chegou agora...

— Pelos vistos, voltou há um mês, mas acabou *online* o ano letivo na outra escola. Diz-se que ele e a Laney são quase oficiais.

A Laney não. Visualizei o seu narizinho perfeito e o estômago apertou-se-me. Sabia que era irracional, mas a ideia da Laney e do Michael era-me quase insuportável. Aquela miúda conseguia sempre o que eu queria. Não podia ficar com ele, caramba.

A ideia deles, juntos, apertava-me a garganta. Magoava-me o coração.

Esmagar-me-ia.

Porque, além de ele ser tudo com que eu sonhava, tinha um passado comigo. Um passado maravilhoso e importante que incluía beber por mangueiras e apanhar pirilampos. A minha mente recuou até à última vez que eu vi o Michael. Foi em casa dele. A sua família tinha organizado um churrasco para se despedir de todos os vizinhos, e eu fui com os meus pais. A minha mãe fez as suas famosas barras de *cheesecake* e o Michael recebeu-nos à porta, oferecendo-nos bebidas, como se fosse um adulto.

A minha mãe disse que era a coisa mais adorável que tinha visto.

Naquela noite, os miúdos do bairro jogaram à bola na rua durante horas e os adultos até se juntaram a nós para uma partida. A certa altura, a minha mãe, de vestido florido e sandálias de cunha, deu um «mais cinco» ao Michael depois de marcar. Aquele momento estava impresso nas minhas recordações como uma fotografia amarelada num álbum antigo.

Acho que o Michael nunca desconfiou da paixão louca que eu sentia por ele. Eles partiram um mês antes de a minha mãe morrer, quebrando a ponta do meu coração que em breve havia de ficar despedaçado.

A Jocelyn olhou para mim como se soubesse exatamente o que eu estava a pensar.

— O Michael Young não é o teu «tipo de ir a correr para a estação». Percebeste?

Mas podia ser.

— Bem, tecnicamente, eles ainda não são oficiais, portanto...

Recomeçámos a andar, driblando corpos a caminho do cacifo dela. Provavelmente íamos chegar atrasadas devido ao nosso encontro inesperado com o Michael no corredor, mas tinha valido bem a pena.

— A sério. Não sejas assim. — Ela lançou-me o seu olhar de repreensão maternal. — Não penses que o Michael foi o teu reencontro de filme.

— Mas... — Eu nem queria dizê-lo porque não queria que ela deitasse a ideia abaixo. Ainda assim, quase guinchei quando perguntei: — E se foi?

— Oh, meu Deus. Eu sabia. Assim que soube que ele tinha voltado, percebi que te ias passar. — As sobranceiras dela desceram, bem como os cantos dos lábios, enquanto parava em frente do cacifo e o abria. — Tu já nem sequer conheces o tipo, Liz.

A voz grave do Michael ainda soava a dizer «loguinho», e o estômago apertou-se-me.

— Sei tudo o que preciso de saber.

Ela suspirou a retirou a mochila.

— Há alguma coisa que eu possa dizer para te arrancar a isso?

Inclinei a cabeça de lado.

— Hum... Ele detesta gatos, talvez?

Ela ergueu um dedo.

— É isso. Já me esquecia. Ele detesta gatos.

— Não detesta. — Sorri e suspirei, recordando: — Tinha dois gatos rabugentos que adorava. Devias ver como ele tratava aqueles bebês.

— Uf!

— Pois é, *hater* de gatos. — Sentia-me viva, a vibrar de excitação e possibilidades românticas. Encostei-me ao cacifo fechado contíguo ao dela. — O Michael Young está no mercado até eu ouvir uma proclamação oficial.

— Não consigo falar contigo quando estás assim.

— Feliz? Entusiasmada? Esperançosa? — Apetecia-me dançar pelo corredor fora a cantar «Paper Rings» aos gritos.

— Alucinada. — A Jocelyn olhou por um momento para o telefone e depois de novo para mim. — Olha, a minha mãe diz que pode levar-nos às compras para o baile amanhã à noite, se tu quiseres.

A minha mente ficou em branco. Tinha de dizer alguma coisa.

— Acho que tenho de trabalhar.

Ela estreitou os olhos.

— Sempre que falo nisto, tens de trabalhar. Não queres comprar o vestido?

— Claro. Quero. — Obriguei os meus cantos da boca a subir. — Com certeza. Mas a verdade é que não queria de todo.

O que me entusiasmava no vestido era a sua capacidade de inspirar romance, de tirar a fala ao nosso acompanhante. Se esse fator não estivesse em jogo, o vestido do baile de finalistas não passava de um desperdício dispendioso de tecido.

Além disso, havia o facto gritante de que ir comprar vestidos com a mãe da Jocelyn era um doloroso lembrete de que a minha mãe não se podia juntar a nós, o que tornava a saída muito pouco apetecível. A minha mãe não estaria presente para tirar fotografias e lacrimejar ao ver a sua bebé ir para o último baile da infância, e nada tornava isso mais pungente do que ver a mãe da Joss fazer essas coisas por ela. Para ser honesta, eu não estava emocionalmente preparada para o vazio que parecia acompanhar o meu ano de finalista, as muitas marcas da ausência da minha mãe. Fotografias oficiais, recepção aos antigos alunos, candidaturas às universidades, baile de finalistas, entrega de diplomas... Enquanto todos os meus conhecidos se entusiasmavam com estas etapas do secundário, eu tinha dores de cabeça devido ao

stress de nada ser como eu planeara que fosse.

Parecia tudo... solitário.

Porque, embora as atividades do último ano fossem divertidas, eram desprovidas de sentimento sem a minha mãe. O meu pai tentava envolver-se, tentava mesmo, mas não era um tipo emotivo, portanto parecia sempre que era o fotógrafo oficial enquanto eu atravessava os marcos sozinha.

A Jocelyn, por sua vez, não compreendia porque eu não me entusiasmava como ela com cada etapa do ano de finalistas. Zangou-se comigo durante três dias quando faltei à viagem à praia, nas férias da Páscoa; pareceu-me mais um exame que me apavorava do que uma diversão, e não fui capaz de ir.

Mas... encontrar um final feliz de comédia romântica como a minha mãe teria gostado — isso podia transformar todos os maus sentimentos em bons, não podia?

Sorri à Jocelyn.

— Vou ver a minha agenda e mando-te mensagem.

CAPÍTULO DOIS

«Uma amiga mulher. É espantoso. Deves ser a primeira mulher atraente com quem não quis dormir em toda a minha vida.»

Um Amor Inevitável

O Michael tinha voltado.

Pousei os pés na mesa da cozinha e enfiei a colher na embalagem de *Americone Dream*, ainda fora de mim de entontecida. Não teria imaginado o regresso do Michael Young nem nos meus sonhos mais loucos.

Pensava que nunca mais o veria.

Depois de ele ter partido, passei anos a sonhar acordada com o seu regresso. Costumava imaginar que ia passear num daqueles dias de outono de frio glorioso que anunciavam o inverno, em que o ar cheirava a neve. Teria vestido o meu *outfit* preferido — que mudava a cada imaginação, claro, porque esta fantasia começou na escola primária — e, ao virar a esquina, ali estava ele, a andar na minha direção. Acho que até havia uma corrida romântica. Claro, porque não?

Havia também nada menos do que cem entradas desgostosas sobre a saída dele da minha vida nos meus diários de infância. Tinha-os encontrado anos antes quando estávamos a arrumar a garagem, e as entradas eram surpreendentemente sombrias para uma miúda pequena.

Provavelmente porque a sua ausência da minha vida se deu tão perto da morte da minha mãe.

Acabei por aceitar que nenhum deles voltaria. Mas agora ele tinha regressado.

E era como recuperar um pedacinho de felicidade.

Eu não tinha aulas com ele, por isso, o destino não podia intervir e juntar-nos, o que era muito foleiro. Quero dizer, como era possível eu ter zero ocasiões de interação forçada? A Joss tinha uma aula com ele, e claramente o Wes também. Porque não eu? Como poderia mostrar-lhe que estávamos destinados a ir ao baile e apaixonarmo-nos e vivermos felizes para sempre, se nunca o via? Cantarolei ao som da Anna of the North nos meus auscultadores — a canção *sexy* do *jacuzzi* de *A Todos os Rapazes Que Amei* — e contemplei a chuva através da janela.

A única coisa a meu favor é que eu era uma espécie de perita em amor. Não

tinha diploma nem fiz qualquer curso, mas vi milhares de horas de comédias românticas na minha vida. E não me limitei a vê-las. Analisei-as com a acuidade de observação de uma psicóloga clínica.

Além disso, o amor estava-me nos genes. A minha mãe tinha sido argumentista e escreveu muitas e belas comédias românticas para o pequeno ecrã. O meu pai tinha cem por cento de certeza de que ela teria sido a sucessora da Norah Ephron se tivesse tido um pouco mais de tempo.

Assim, embora tivesse zero experiência, entre o conhecimento herdado e a minha pesquisa intensiva, eu sabia muito sobre o amor. E tudo o que sabia me levava à certeza de que, para que o Michael e eu acontecêssemos, eu tinha de ir à festa do Ryno.

O que não ia ser fácil, porque, além de não fazer ideia de quem era sequer o Ryno, eu tinha zero interesse em ir a uma festa cheia de sovacos suados e hálitos de cerveja.

Mas precisava de restabelecer a ligação com o Michael antes que uma certa loura horrível, *que não será nomeada*, lhe chegasse primeiro, e, portanto, tinha de arranjar uma maneira de conseguir ir.

Um relâmpago riscou o céu e iluminou o grande carro do Wes, aconchegado ao passeio em frente da minha casa, com a chuva a ricochetear no capô. Aquele cretino tinha ido mesmo atrás de mim até casa e, quando cheguei o carro à frente para estacionar como devia ser, meteu-se logo no Lugar.

Que tipo de monstro estacionava de frente num lugar de rua?

Buzinei e gritei através da chuvada torrencial, mas ele acenou-me e correu para dentro de casa. Acabei por ter de estacionar depois da curva, em frente do duplex da Sra. Scarapelli. Quando consegui entrar de rompante em casa, tinha o cabelo e o vestido ensopados.

E nem me perguntem pelos sapatos novos.

Lambi a colher e desejei que o Michael vivesse na casa ao lado em vez do Wes.

Então, atingiu-me.

— Cum caneco.

O Wes era o meu passe. O Wes, que tinha convidado o Michael para a festa, iria, com certeza. E se ele conseguisse meter-me lá?

Mas... ele não fazia nada que me ajudasse. Tipo, nunca. A alegria do Wes derivava da tortura, não da generosidade. Como poderia eu convencê-lo? O que poderia dar-lhe? Precisava de pensar em qualquer coisa — uma coisa tangível — que o levasse a ajudar-me e também a não abrir a boca.

Extraí mais uma colherada de gelado e meti-a na boca. Olhei pela janela.

Não tinha nada que saber.

— Ora, ora. — O Wes estava dentro de casa, por trás da porta de rede, a ver-me à chuva, com um sorriso escarninho. — A que devo esta honra?

— Deixa-me entrar. Preciso de falar contigo.

— Não sei... Se eu deixar, fazes-me mal?

— Vá lá — disse eu por entre os dentes, com a chuva a balear-me a cabeça. —

Estou a ficar ensopada.

— Eu sei, e lamento, mas receio seriamente que, se te deixar entrar, tu me esmures por te ter roubado o Lugar. — Abriu um pouco a porta, o bastante para me mostrar como estava quente e seco de calças de ganga e *T-shirt*, e disse: — Às vezes és um pouco assustadora, Liz.

— Wes! — A mãe do Wes surgiu atrás dele, com uma expressão horrorizada por me ver espedaçada à chuva. — Por amor de Deus, abre a porta à pobre pequena.

— Mas eu acho que ela veio cá matar-me.

Falou como um miudinho assustado e eu percebi que a mãe estava a tentar não sorrir.

— Entra, Liz. — A mãe do Wes agarrou-me no braço e puxou-me delicadamente para o interior, que estava quente e cheirava a amaciador de roupa. — O meu filho é irritante e pede desculpa.

— Não, não peço.

— Diz-me o que ele fez e eu ajudo-te a castigá-lo.

Afastei o cabelo da cara, olhei diretamente para ele e disse à mãe:

— Roubou-me o lugar quando eu estava a estacionar em paralelo.

— Oh, meu Deus, chibaste-te à minha mãe? — O Wes fechou a porta da rua e seguiu-nos para dentro. — Bem, se estamos numa de queixinhas, mãe, talvez seja melhor dizer-te que foi a Liz quem chamou a polícia por causa do meu carro quando eu tive pneumonia.

— Espera, o quê? — Parei e voltei-me. — Quando é que estiveste doente?

— Quando é que tu os chamaste? — Pôs ambas as mãos sobre o coração, fingiu que tossia e disse: — Estava tão doente que nem consegui tirar o carro.

— Para. — Eu não sabia se ele estava a gozar comigo ou não, mas desconfiava de que não, e senti-me um monstro, porque, por muito que gostasse de o vencer, não gostava da ideia de ele estar doente. — A sério que estiveste doente?

Os olhos escuros dele percorreram-me o rosto, e ele perguntou:

— A sério que te importava?

— Parem com isso, miúdos. — A mãe dele indicou que a seguíssemos até à sala de estar. — Sentem-se no sofá, comam umas bolachas e deixem-se de tolices.

Pousou na mesa de centro um prato de bolachas com pepitas de chocolate, foi buscar leite e dois copos, atirou-me uma toalha, lembrou o Wes de que tinha de ir buscar a irmã às seis e meia e a seguir deixou-nos a sós.

A mulher era uma força.

— Ohh. — *Kate e Leopold* estava a passar num daqueles canais de filmes antigos que só os velhos viam. Esfreguei a cabeça com a toalha enquanto a personagem da Meg Ryan tentava fugir aos encantos de um muito britânico Hugh Jackman. — Adoro este filme.

— Claro que adoras. — Ele dirigiu-me um sorriso que me incomodou, como se soubesse sobre mim coisas que eu não sabia que ele sabia; inclinou-se e pegou numa bolacha. — Então de que é que me queres falar?

As minhas faces aqueceram, sobretudo por eu ter um medo de morte de que ele troçasse de mim — e contasse ao Michael — quando eu lhe dissesse o que queria.

Sentei-me no sofá, pousei a toalha ao meu lado e disse:

— OK. É o seguinte. Eu preciso da tua ajuda. — Ele começou de imediato a sorrir. Eu levantei uma mão e disse: — Não. Ouve. Sei que não és de ajudar ninguém só por bondade, por isso, tenho uma proposta para ti.

— Ui. Parece que sou um mercenário ou assim. Isso magoa.

— Não, não magoa.

Ele encolheu os ombros, concedendo:

— Não, na verdade, não.

— Está bem. — Tive de me controlar muito para não revirar os olhos. — Mas, antes de te dizer para que preciso de ajuda, quero discutir os termos do acordo.

Ele cruzou os braços — quando é que o seu peito alargou tanto? — e inclinou a cabeça de lado.

— Continua.

— Muito bem. — Respirei fundo e ajeitei o cabelo atrás das orelhas. — Em primeiro lugar, tens de jurar segredo. Se contares seja a quem for do nosso acordo, este fica sem efeito e não serás pago. Segundo, se aceitares o acordo, tens de me ajudar mesmo. Não podes só fazer um pouco e depois deixar-me pendurada.

Calei-me e ele mirou-me de olhos semicerrados.

— Então? Qual é o pagamento?

— O pagamento será o acesso permanente e indisputável ao lugar de estacionamento durante todo o nosso acordo.

— Uau. — Ele aproximou-se e deixou-se cair na cadeira à minha frente. — Dás-me o Lugar de estacionamento?

Eu não queria nada fazê-lo, mas também sabia até que ponto o Wes o queria. Ele e o pai estavam sempre a mexericar naquele carro velho, sobretudo porque ele nunca pegava, e as caixas de ferramentas pareciam brutalmente pesadas sempre que eu ficava com o Lugar e eles tinham de as carregar até ao fim da rua para o pôr a trabalhar.

— Afirmativo.

O sorriso dele alargou-se.

— Alinho. Conta comigo. Sou o teu homem.

— Ainda não podes dizer isso. Nem sequer sabes qual é o acordo.

— Não importa. Faça o que for preciso.

— E se eu quiser que corras nu pelo átrio da escola durante a hora de almoço?

— Feito.

Peguei na manta que estava dobrada sobre o braço do sofá e pu-la à volta dos ombros.

— E se eu quiser que apareças no átrio na hora de almoço, todo nu e a fazer rodas, a cantar a banda sonora do *Hamilton*?

— É já. Adoro o *My Shot*.

— A sério? — Aquilo fez-me sorrir, embora não estivesse habituada a sorrir ao Wes. — Mas sabes ao menos fazer uma roda?

— Sei.

— Prova-o.

— És mesmo cansativa. — O Wes levantou-se, desviou a mesa de centro com o pé e fez a roda mais horrível que já vi. Dobrou as pernas e não girou de todo sobre a cabeça, mas fez a aterragem como um ginasta, de braços acima da cabeça e um sorriso confiante, antes de voltar a afundar-se na cadeira. — Vá, diz-me.

Deixei sair a gargalhada que estava a tentar conter e observei-lhe o rosto. Procurava honestidade, algum indício de que podia confiar nele, mas distraiu-me o facto de os seus olhos serem tão escuros e o maxilar, tão marcado. Pensei naquela vez, no sétimo ano, em que ele me deu seis dólares para tentar fazer-me parar de chorar.

A Helena e o meu pai tinham acabado de se casar e resolveram remodelar o piso térreo da casa. Antes disso, a Helena esvaziou armários e gavetas, e doou todas as coisas velhas. Incluindo a coleção de DVD da minha mãe.

Quando eu tive um colapso emocional e o meu pai lhe explicou a situação, a Helena sentiu-se horrível. Desculpou-se repetidamente enquanto eu chorava. Mas eu só conseguia pensar nas palavras do meu pai:

— Pensava que ninguém via aqueles filmes pirosos.

Eu sempre fui uma miúda expedita — ainda o era, como provava a minha presença em casa do Wes naquele momento — e bastou-me um telefonema para descobrir onde os filmes foram parar. Esgueirei-me, menti ao meu pai e disse que ia a casa da Jocelyn, e fui de bicicleta até à loja de artigos em segunda mão. Levava no bolso todo o meu dinheiro do *babysitting*, mas, quando lá cheguei, não era suficiente.

— Vamos vender isto como coleção, miúda. Não podes comprá-los individualmente.

Olhei para a etiqueta do preço e, por mais que contasse o dinheiro, faltavam-me seis dólares. O parvalhão da loja foi inabalável e eu voltei para casa a chorar, na minha bicicleta rosa-choque. Sentia que tinha voltado a perder a minha mãe.

Quando estava quase a chegar, vi o Wes a jogar com uma bola de basquete à porta de casa. Ele olhou-me com a sua expressão habitual, meio a sorrir, como se soubesse algum segredo sobre mim, mas depois parou de driblar.

— Então? — Largou a bola na relva do pátio da frente e veio ter comigo. — O que foi?

Lembro-me de não lhe querer dizer, porque sabia que ele ia achar-me ridícula, mas algo nos seus olhos me fez voltar a ir abaixo. Chorei como um bebé enquanto lhe contava o que tinha acontecido, mas, em vez de se rir de mim, ele escutou-me. Ficou calado durante todo o meu desabafo e, quando parei de falar e comecei a soluçar baixinho, inclinou-se e limpou-me as lágrimas com os polegares.

— Não chores, Liz. — Parecia triste ao dizê-lo, como se tivesse também vontade de chorar. Depois disse: — Espera aqui. — Ergueu um dedo, como se dissesse «um segundo», virou-se e correu para dentro de casa. Eu fiquei ali, exausta de tanto chorar e chocada pela sua simpatia. Quando voltou a sair de casa, o Wes deu-me uma nota de dez dólares. Lembro-me de levantar os olhos para ele e de pensar que os castanhos dele eram muito ternos, mas os meus pensamentos devem ter transparecido, porque o olhar dele se tornou hostil e ele disse: — Isto é só para te calar, porque não suporto ouvir essa choradeira nem mais um minuto. E quero o

troco.

A minha mente sacudiu-me, regressando à sala dele. O Michael. O Lugar. Precisar da ajuda do Wes.

O meu olhar percorreu-lhe o rosto. Sim, os olhos castanhos dele estavam exatamente iguais.

— Está bem. — Peguei numa bolacha e dei-lhe uma dentada. — Mas juro por tudo o que é sagrado que contrato um assassino se deres à língua sobre isto.

— Acredito plenamente. Agora desembucha.

Eu tinha de desviar o olhar da cara dele. Optei pelo meu colo. Olhando para a textura macia das minhas *leggings*, disse:

— Muito bem. É o seguinte: o Michael voltou para cá, e eu tenho esperanças de... percebes... retomar *o contacto* com ele. Éramos chegados antes de ele se ir embora, e eu quero recuperar isso.

— E como é que te posso ajudar nisso, exatamente?

Mantive os olhos baixos, seguindo a costura das calças com o indicador.

— Bem, eu não tenho nenhuma disciplina com ele, portanto não há maneira de lhe falar naturalmente. Mas tu e o Michael já são amigos. Convivem. Tu convidaste-o para uma festa. — Atrevi-me a olhá-lo e disse: — Tu tens a ligação que eu quero.

Ele atirou o resto da sua bolacha para a boca, mastigou e limpou as mãos nos joelhos das calças.

— Deixa-me ver se percebo. Tu continuas caidinha pelo Young e queres que eu te leve a reboque à festa do Ryno para conseguires que ele goste de ti.

Ponderei negá-lo, mas, em vez disso, confirmei:

— Basicamente.

Ele contraiu o maxilar.

— Ouvi dizer que ele está interessado na Laney.

Uf! Não. Independentemente do meu interesse pessoal na situação, a Laney Morgan era totalmente errada para o Michael. Aliás, levá-lo a apaixonar-se por mim seria fazer-lhe um favor só por o salvar «daquilo».

— Não te preocupes com isso — disse.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Que atitude tão escandalosa, Elizabeth.

— Cala-te.

Ele sorriu.

— Não penses que basta apareceres numa festa para que ele repare em ti. Vão estar lá montes de pessoas.

— Só preciso de uns minutos.

— Estamos muitos confiantes, não estamos?

— Eu estou. — Já tinha escrito um guião. — Tenho um plano.

— E o plano é?...

Dobrei as pernas por baixo de mim.

— Não te vou contar.

— Ná. — Ele levantou-se, dirigiu-se para o sofá e deixou-se cair ao meu lado.

— O teu plano não presta.

Aconcheguei melhor os ombros na manta.

— Como podes saber isso se não sabes o meu plano?

— Conheço-te desde os cinco anos, Liz. De certeza que o teu plano inclui um encontro forçado, páginas e páginas de ideias parvas, e alguém a cavalgar em direção ao pôr do sol.

Estava perto, mas eu disse:

— Estás muito enganado.

— Uma aposta. — Suspirei. — Então?

Eu só precisava de que o Lugar fosse mais importante para o Wes do que a determinação em contrariar-me. Ele cruzou os braços, muito satisfeito consigo próprio.

— Então?...

— Oh, meu Deus, estás a torturar-me de propósito. Ajudas-me ou não?

Ele coçou o queixo.

— Não sei bem se o Lugar vale esse preço.

— Qual preço? Permitires-me estar na tua presença durante umas horas? — Puxei um caracol molhado para trás da orelha. — Nem vais dar por eu estar lá.

— E se eu estiver a tentar engatar alguém? — A expressão do rosto dele era tão sinistra que não consegui evitar sorrir. — A tua presença pode estragar a minha onda.

— Acredita, nem vais dar por mim. Vou estar demasiado ocupada a fazer o Michael apaixonar-se loucamente por mim para tocar sequer na tua onda.

— Uf! Para lá de falar da minha onda, tarada.

Revirei os olhos e virei-me para ele.

— Vais dizer que sim ou quê?

Ele sorriu, trocista, e lançou os pés para cima da mesa de centro.

— Eu gosto *mesmo* de te ver fazer o caminho da vergonha desde a casa da senhora Scaparelli. É o meu novo passatempo preferido. Portanto, acho que te levo à pendura para a festa.

— Sim!

Contive-me para não lhe dar um «mais cinco» vitorioso.

— Vê se sossegas. — O Wes inclinou-se para a frente, pegou no comando, aumentou o volume da televisão e olhou-me como se eu cheirasse mal. — Espera... este filme? Gostas deste filme?

— Eu sei que a premissa é esquisita, mas juro-te que é bestial.

— Já o vi. É um lixo de filme. Estás a gozar comigo?

— Não é lixo. É sobre encontrar uma pessoa tão certa para nós que estamos dispostos a largar tudo e atravessar séculos por ela. Ela literalmente larga a sua vida e muda-se para 1876. Tal é a força deste amor. — Olhei para a televisão e o meu cérebro começou a acompanhar as falas do filme. — De certeza que viste este filme?

— Absoluta. — Ele abanou a cabeça e viu o Stuart implorar à enfermeira que o deixasse sair do hospital. — Este filme é um lixo estereotipado, cheio de *clichés* e encharcado em aspartame.

— Claro. — Porque esperaria eu que o Wes me surpreendesse? — Claro que o Wes Bennett é um snobe de comédias românticas. Não esperava menos.

— Não sou um «snobe de comédias românticas», o que quer que isso seja, mas um espectador criterioso que espera mais do que um enredo previsível com personagens previsíveis.

— Oh, por favor. — Pousei os pés na mesa de centro. — Prédios a explodir e perseguições a alta velocidade não são previsíveis?

— Estás a presumir que eu gosto de filmes de ação.

— Não gostas?

— Oh, gosto. — Atirou o comando para a mesa e pegou no copo. — Mas não devias presumir.

— Mas tinha razão.

— Não importa. — Ele acabou de beber o leite e pousou o copo. — O que importa é que os filmes para gajas são cómicos de tão irrealistas. Tipo, «oh, estes dois são tão diferentes e detestam-se tanto, mas... espera. Serão assim tão diferentes?»

— De inimigos a amantes. É um clássico.

— Oh, valha-me Deus, tu achas isso fantástico. — Ele estreitou os olhos, inclinou-se e deu-me uma palmadinha na cabeça. — Pobre apaixonadinha pelo amor. Diz-me que não pensas que este filme tem qualquer ligação, por remota que seja, à realidade.

Afastei a mão dele com uma palmada.

— Pois, porque acredito em viagens no tempo.

— Nisso não. — Ele gesticulou para a televisão. — A parte mais realista é provavelmente a da viagem no tempo. Falo das comédias românticas em geral. As relações nunca, mas nunca, funcionam assim.

— Funcionam, sim.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Funcionam?! Corrige-me se estiver enganado, mas não me parece que tenha funcionado assim com o Jeremiah Green nem com o Tad Miranda.

O seu conhecimento do meu historial romântico (ou da falta dele) apanhou-me um pouco de surpresa, mas calculei que fosse inevitável, andando nós no mesmo ano e na mesma escola.

— Mas podem funcionar. — Desviei da cara o cabelo ainda húmido. Não me surpreendia que o Wes pensasse assim. Nunca ouvi dizer que ele tivesse alguma coisa séria com uma rapariga, pelo que era seguro presumir que fosse o típico *player* desprendido. — E existem, mesmo que as pessoas enfastiadas e cínicas como tu sejam demasiado, hum... cínicas para acreditar nisso.

— Disseste «cínicas» duas vezes. — Suspiro. Ele sorriu com a minha irritação. — Então achas que dois inimigos, no mundo real, podem magicamente superar as suas diferenças e apaixonar-se loucamente?

— Acho.

— E achas que intrigar, conspirar e enganar não é muito grave se o objetivo é obter amor verdadeiro?

Mordi o lábio. O que estava ele a fazer? Seria um truque? A ideia deu-me um nó no estômago, mas eu ignorei-o. Não era isso que estava a acontecer ali. Disse:

— Estás de propósito a fazer com que pareça ridículo.

— Oh, não. É só ridículo.

— Ridículo és tu. — Apercebi-me de que estava a cerrar os dentes e relaxei o maxilar. Que importava o que o Wes pensava sobre o amor?

Ele sorriu, trocista, e disse:

— Já pensaste que, se essas tuas ideias sobre o amor forem válidas, então o Michael não é na verdade o homem para ti?

Não; ele era o homem para mim. Tinha de ser. Ainda assim, perguntei:

— O que é que queres dizer?

— Neste momento, tu e o Michael não estão zangados um com o outro, portanto estão condenados. Todas as comédias românticas têm duas pessoas que não se suportam no início, mas que acabam por se comer.

— Que nojo.

— A sério. *Você Tem Uma Mensagem, ABC da Sedução. Hum... Um Amor Inevitável, 10 Coisas Que Odeio em Ti, A Diva da Mo...*

— Em primeiro lugar, *A Diva da Moda* é o clássico «segunda hipótese de amor», burro.

— Ui... Peço desculpa.

— Em segundo lugar, o teu conhecimento de comédias românticas é um pouco impressionante, Bennett. De certeza que não és um adepto não assumido?

Ele lançou-me um olhar.

— Absoluta.

Eu estava de facto um pouco impressionada; adorava *O ABC da Sedução*.

— Eu não digo a ninguém se fores um fã secreto de filmes românticos.

— Cala-te. — Ele riu-se e abanou lentamente a cabeça. — Então qual é o *cliché* que funciona para ti e para o Michael? O do tipo «seguí-lo como um cãozinho mas agora ele vê o cãozinho como uma potencial namorada embora já tenha uma potencial namorada?»

— És um detestável *hater* do amor — foi tudo o que me ocorreu lançar-lhe, porque, de repente, o Wes tinha a surpreendente capacidade de me fazer rir. Tipo, mesmo quando ele fazia troça de mim, eu tinha de me obrigar a não soltar mais um risinho.

Mas tínhamos um acordo, por isso trocámos números de telefone, para que ele pudesse mandar-me mensagem depois de falar com o Michael, e decidimos que ele ia buscar-me para ir à festa às sete da tarde do dia seguinte.

Enquanto voltava para casa, sob a chuva, mal podia acreditar que ele tinha concordado. Sentia-me um pouco insegura ao ir fosse aonde fosse com o Wes, mas uma miúda fazia o que fosse preciso em nome do verdadeiro amor.

Não era fã de correr à chuva nem às escuras, pelo que fazer as duas coisas ao mesmo tempo foi bastante horrível. Quando entrei em casa, a Helena já tinha um esparguete pronto, e tive de aguentar um jantar de família tradicional — incluindo

conversas de «como foi o teu dia» — antes de poder bazar. O meu pai tentou convencer-me a usar a nova passadeira que ele tinha comprado na véspera, pois lá fora chovia a potes, mas a opção não era viável para mim.

A minha corrida diária não tinha nada que ver com exercício.

Puxei o cordão do capuz, baixei a cabeça e lancei-me para o passeio, com as minhas *Brooks* gastas a salpicar as *leggings* de água a cada passo. Estava frio e desagradável, e acelerei quando virei a esquina ao fundo da rua e avistei o cemitério através da chuva.

Não abrandei até transpor o portão e subir o caminho alcatroado, ultrapassando o ulmeiro torto; depois corri mais quinze passos para a esquerda.

— Que tempo horrível, mãe — disse, ao parar ao pé da lápide da minha mãe, pondo as mãos nas ancas e inspirando para acalmar a respiração. — A sério.

Agachei-me ao lado dela e passei a mão pelo mármore lustroso. Normalmente sentava-me na relva, mas esta estava demasiado molhada para isso. A chuva feroz fazia o cemitério sombrio parecer ainda mais escuro do que o habitual, mas eu conhecia aquele lugar de cor e aquilo não me incomodou.

De um modo estranho, este era o meu lugar feliz.

— O Michael voltou, como estou certa de que viste, e parece tão perfeito como sempre. Vou voltar a vê-lo amanhã. — Imaginei a cara dela, como fazia sempre quando ali estava, e disse: — Vais gostar de saber esta. — Mesmo tendo sido obrigada a pedir ajuda ao Wes. A minha mãe sempre achara o Wes amoroso, mas dado a brincadeiras brutas. — Parece uma coisa do destino, o modo como ele, tipo, me caiu no colo logo a seguir a eu ouvir «Someone Like You». Pode haver mais destino do que isto? A tua canção preferida, do nosso filme preferido, e o nosso ex-vizinho giro preferido aparece de repente? Sinto que, de onde te encontras, estás a escrever este «felizes para sempre»... — Fiz uma pausa e gesticulei para o céu. — Algures aí em cima.

Nem a chuva fria podia diminuir o meu entusiasmo ao descrever à minha mãe a pronúncia sulista do Michael e o seu «loguinho». Agachei-me ao pé do nome gravado e divaguei, como fazia diariamente, até soar o alarme do meu telefone. Este ritual tinha-se tornado uma espécie de diário oral ao longo dos anos, embora eu não o gravasse e ninguém me ouvisse. Bem, exceto... Esperava que a minha mãe estivesse a ouvir-me.

Estava na hora de voltar.

Pus-me de pé e dei umas palmadinhas na lápide.

— Até amanhã. Adoro-te.

Inspirei profundamente antes de me virar e correr colina abaixo. A chuva continuava a cair com força, mas a memória muscular permitiu-me manter a rota.

E, quando passei pela casa do Wes e virei para o carreiro da minha, percebi que estava excitada como há muito tempo não acontecia.

— Liz.

Desviei os olhos do trabalho de casa de Literatura e vi a Joss a entrar pela minha janela, seguida pela Kate e pela Cassidy. Tínhamos descoberto havia anos

que, subindo para o telhado da minha velha casa de brincar no jardim, conseguíamos à justa abrir a janela do meu quarto e entrar.

— Olá, malta. — Fiz estalar as costas e girei na cadeira de escritório, surpreendida por as ver. — O que se passa?

— Acabámos agora a reunião para a partida dos finalistas, mas não queremos ir ainda para casa porque o meu pai disse que eu podia ficar fora até às nove, e são só oito e quarenta.

A Cassidy, cujos pais eram muito severos, deixou-se cair na minha cama, bem como a Kate, enquanto a Joss sentava o rabo no banco da janela e dizia:

— Portanto, vamos esconder-nos aqui por mais vinte minutos. — Preparei-me para ser pressionada por elas sobre a partida dos finalistas. — Foi basicamente, tipo, umas trinta pessoas encafuadas no Burger King a gritar ideias de coisas a que acham graça. — A Joss soltou um risinho e prosseguiu: — O Tyler Beck diz que devíamos largar, tipo, vinte mil bolas saltitantes nos corredores, e conhece um gajo que as pode arranjar.

A Kate riu-se e disse:

— Juro, ele convenceu o grupo inteiro de que a ideia valia ouro. Até dizer que íamos precisar de dinheiro.

— Nós, os finalistas, somos divertidos, mas sovinas como o caraças. — A Cassidy recostou-se na minha cama e disse: — Pessoalmente, gostei da ideia do Joey Lee, de nos estarmos nas tintas e fazermos uma coisa horrível, como virar todas as estantes da biblioteca ou inundar a escola. Ele disse que era «ironicamente engraçado por ser terrivelmente sem graça» e que «nunca seria esquecido».

— Isso é definitivamente verdade — disse eu, soltando o rabo de cavalo e enterrando as mãos no cabelo. Não queria olhar para a Joss, porque sabia que lhe bastaria um olhar para saber que eu tinha andado a conspirar com o Wes. Portanto, não desviei os olhos da Cass.

— Devias ter estado lá, Liz — disse a Joss, e eu preparei-me para o que vinha a seguir. Um sermão sobre sermos finalistas do secundário apenas uma vez, talvez? Ela era muito boa nisso. «Vá lá, Liz. Só vamos ser finalistas durante mais uns meses.»

Mas, quando olhei para ela, sorriu e disse:

— Estávamos todos a dar ideias, e o Conner Abel disse: «Uma vez garfaram-me a casa.»

Eu fiquei de boca aberta.

— Não pode!

— Pode! — guinchou a Kate.

No ano passado, quando eu tinha um grande fraco pelo Conner, pensámos que teria graça garfar-lhe o quintal num sábado à noite. Não havia que fazer e estávamos todas a dormir na minha casa. Sim, foi uma tolice, éramos umas miudinhas sem noção. Mas, a meio da garfagem da meia-noite, o pai dele saiu para pôr o cão a fazer o que tinha a fazer. Desatámos a correr para o quintal vizinho, mas o cão ainda conseguiu abocanhar as calças do pijama da Joss, deixando as cuecas dela à vista de todos.

A Joss riu-se e disse:

— Foi hilariante porque, percebes, ele disse mesmo aquela cena bizarra: «A minha casa foi garfada.»

— Não posso acreditar que ele disse isso.

Ela abanou a cabeça e acrescentou:

— Mas também teve graça porque alguém lhe perguntou de que diabo estava a falar, e ouve só. Ele disse, e cito: «No ano passado, um bando de miúdas espetou montes de garfos no meu quintal, e a seguir uma mostrou-nos o rabo enquanto fugia. É a pura verdade, manos.»

— Cala-te! — Morri de riso ante a recordação daqueles belos tempos. Eram de certo modo puros, intocados pelas questões stressantes dos finalistas que tinham marcado as recordações deste ano. — Ficaste roída por não poderes reclamar a nossa autoria?

Ela assentiu, levantou-se e foi até ao meu guarda-fatos.

— E de que maneira. Mas sabia que, se confessasse, ficaríamos a parecer umas taradas.

Fiquei a vê-la a inspecionar os meus vestidos. Então, ela perguntou.

— Onde está o vestido vermelho aos quadrados?

— É xadrez, e está do outro lado. — Apontei e disse: — Com as camisolas casuais.

— Eu conheço a disposição, mas imaginava que estivesse com os vestidos.

— É demasiado casual.

— Claro. — Procurou do outro lado, encontrou o vestido, tirou-o do armário e dobrou-o sobre o braço. — O que é que fizeste esta noite? Só os trabalhos de casa?

Pestanejei, desorientada, mas a Cass e a Kate não estavam a prestar atenção, e a Joss olhava para o vestido. Aclarei a garganta e resmoneei rapidamente:

— Basicamente. Ei... sabes quantas páginas do *Gatsby* temos de ler para amanhã?

A Cass disse:

— Malta, temos de bazar.

Ao mesmo tempo, a Joss disse:

— O resto do livro.

— Obrigada — consegui dizer, enquanto as minhas amigas se dirigiam para a janela e saíam por onde tinham entrado. Prestes a lançar uma perna para fora, a Joss disse:

— O teu cabelo fica giríssimo assim, já agora. Fizeste caracóis?

Pensei na sala do Wes e no estado encharcado do meu cabelo à chegada.

— Não. Eu, hum, apanhei chuva a seguir às aulas.

Ela sorriu.

— Devias ter essa sorte todos os dias, hã?

— Pois. — Visualizei a roda do Wes e apeteceu-me revirar os olhos. — É verdade.

CAPÍTULO TRÊS

«Estás atrasada.» «Estás deslumbrante.» «Estás perdoada.»

Um Sonho de Mulher

Eram sete e um quarto e o Wes ainda não tinha aparecido.

— Se calhar devias ir até lá. — O meu pai tirou os olhos do livro e olhou diretamente para as minhas unhas tamborilantes. — Quero dizer, é o Wes.

— Tradução... — disse a Helena, com um sorriso irónico. — O teu tamborilar está a distraí-lo, e ele acha que o teu namorado é capaz de te esquecer completamente.

— Não somos namorados.

O meu pai ignorou o meu comentário, pousou o livro na mesa ao seu lado e sorriu para a Helena.

— Na verdade, o tamborilar está a distrair-me e o Wes Bennett é capaz de tudo.

O meu pai e a Helena começaram com a sua hilariante troca de graças na poltrona de namorados, e eu tive de me conter para não revirar os olhos. A Helena era fantástica — lembrava-me uma Lorelai Gilmore loura —, mas ela e o meu pai por vezes eram de mais.

Ele tinha-a conhecido num elevador avariado — a sério — exatamente um ano após a morte da minha mãe. Tinham passado duas horas num confinamento forçado, entre o oitavo e o nono andares do edifício First National, e tornaram-se inseparáveis desde então.

Era o cúmulo da ironia eles terem vivido o supremo encontro romântico e parecerem feitos um para o outro, porque ela era o oposto da minha mãe. A minha mãe era doce, paciente e adorável, como uma versão moderna da Doris Day. Adorava vestidos, pão feito em casa e flores frescas do seu jardim; tudo coisas pelas quais o meu pai se apaixonou loucamente.

Dizia que ela era encantadora.

A Helena, por outro lado, era sarcástica e linda. Era do tipo «calças de ganga e *T-shirt*», «vamos encomendar comida», «não gosto de comédias românticas», e, no entanto, o meu pai perdeu-se de amores por ela no momento em que aquele elevador de arranha-céu se avariou.

Num só instante, perdi o meu companheiro de desgosto e ganhei uma mulher que não era nada como a mãe por quem chorava toda a noite.

Foi muita coisa para uma Liz de onze anos.

Olhei para o telefone. Nenhuma mensagem do Wes. Estava quinze — não, dezassete — minutos atrasado e ainda não mandara uma única mensagem do tipo «desculpa, estou atrasado».

Para que me dei eu sequer ao trabalho de ficar pronta a tempo? Ele provavelmente tinha-se esquecido de mim e já estava na festa, e com uma cerveja na mão. Tinha-me mandado uma mensagem na véspera, dizendo que o Michael tinha ficado contente por saber que eu ia à festa, e eu tinha-me roído por não poder fazer todo o tipo de perguntas juvenis.

«Ele disse alguma coisa de mim? Diz-me as palavras exatas.»

Acabei por me conter, porque o Wes havia de usar tudo contra mim.

O meu telefone vibrou e eu tirei-o do bolso.

Jocelyn: O que estás a fazer?

Voltei a guardá-lo sem responder, com a culpa a revolver-me a barriga. Normalmente contava-lhe tudo, mas sabia que ela não ia aprovar a minha ida à festa. «Sabes ao menos quem é o Ryno? O Michael Young não é o teu “tipo de ir a correr para a estação”.» No momento em que ela o disse, percebi que não lhe passava pela cabeça a importância que isto tinha para mim.

Iria à festa e mandar-lhe-ia mensagem quando voltasse para casa.

O meu pai perguntou:

— Estás em casa à meia-noite?

— Sim.

— Nem um segundo mais tarde, percebeste? — Mais sério do que o habitual, acrescentou: — Depois da meia-noite, nunca acontece nada de bom.

— Já sei, já sei. — Ele dizia aquilo de todas as vezes que eu saía. — Eu ligo se...

— Não, não ligas. — O meu pai, sempre tão descontraído, abanou a cabeça e apontou-me o dedo. — Vais é dar prioridade a não chegar tarde. Entendido?

— Querido, tem calma. Ela sabe.

A Helena e eu trocámos olhares cúmplices. Ela apontou para a janela e começou a tagarelar com ele sobre a relva.

O meu pai só ficava tenso quando se tratava da hora de recolher, e isso devia-se unicamente à morte da minha mãe. Se eu me atrevia a opor-me, a sua frase preferida era: «Se a tua mãe não estivesse na rua à meia-noite, aquele condutor bêbado não a teria atropelado.»

Ele tinha razão. E era intenso. Portanto, eu basicamente calava-me.

Continuei a tamborilar com os dedos na mesa de apoio, sacudindo as pernas cruzadas devido aos nervos. Não estava nervosa por causa do Michael; essa parte entusiasmava-me. O que me enervava era ir a uma festa com a malta popular. Não conhecia ninguém além do Wes, e a minha pessoa desajeitada sabia ainda menos sobre como se comportar numa festa com álcool.

Porque nunca tinha ido a uma festa com álcool.

Era uma miúda mais para o discreto. Numa noite de sexta-feira típica, a Joss, a

Kate, a Cassidy e eu íamos ver um filme, ou passeávamos pela livraria, ou talvez fôssemos ao Applebee's para uns petiscos baratos. De vez em quando, íamos às compras e acabávamos no Denny's ou no Scooter's Coffee. E eu gostava da minha vida previsível. Compreendia-a, controlava-a, fazia sentido para mim. Na minha cabeça, a minha vida era uma comédia romântica e eu vivia-a como uma personagem tipo Meg Ryan. Vestidos giros, boas amigas e, por fim, a chegada de um rapaz que me achasse adorável. As festas com álcool não entravam no argumento. Condiçiam mais com uma vida tipo *O Superbaldas*, não era?

— E os pais estão em casa?

Revirei os olhos e o *Mr. Fitzpervert* saltou-me para o colo.

— Sim, pai, os pais estão em casa.

Spoiler: não estavam em casa.

Mas o meu pai e a Helena eram pais superdescontraídos. Confiavam em mim, sobretudo porque eu raramente saía e nunca me metia em sarilhos, e não sentiam necessidade de ligar e de me controlar quando eu estava fora de casa. Portanto, sim — senti-me um pouco culpada por mentir, mas, como não planeava fazer nada que eles desaprovassem (exceto num cenário ideal em que eu e o Michael nos beijávamos no alpendre traseiro sob um céu estrelado, «Ocean Eyes» da Billie Eilish em fundo, as mãos dele a emoldurar-me o rosto enquanto o meu pé direito se erguia no momento exato, como nos filmes), a minha culpa era uma mera fração do que podia ter sido.

Cocci o *Mr. Fitzpervert* atrás da orelha, o que o fez ronronar e morder-me a mão.

Era tão parvo.

Com o laço de algodão que lhe comprei no DapperTabby.com, estava catita de um modo «quero matar-te, mas como mais do que devo». O laço acentuava de facto o seu aumento de peso, pelo que não me zanguei com o desabafo dele.

Compreendia-o.

Pousei-o no chão e fui até à janela, e ali estava o Wes, como se os meus pensamentos o tivessem convocado. Desceu a saltitar os degraus do seu alpendre, vestido com umas calças de ganga e um *hoodie*, e começou a atravessar o nosso relvado fronteiro.

— Ele chegou. Adeus.

Peguei na mala e dirigi-me para a porta.

— Diverte-te, querida.

— Tens dinheiro para um telefone público? — perguntou a Helena. Lancei-lhe um olhar semicerrado e ela acrescentou, a encolher os ombros: — Quero dizer, nunca se sabe. Podes meter-te numa máquina do tempo, tipo *Regresso ao Futuro*, e precisar de uma cabina telefónica para regressar, e aí o que é que fazes?

Aí revirei mesmo os olhos.

— Sim, hum... Tenho de certeza dinheiro para voltar para esta década no caso de encontrarmos um buraco no contínuo espaço-tempo. Obrigada.

Ela assentiu e pôs os pés no colo do meu pai.

— Não tens de quê. Agora põe-te a andar, miúda.

Abri a porta da rua antes que o Wes pudesse bater e fechei-a rapidamente atrás de mim. Isso fez com que quase chocássemos um com o outro. Ele parou mesmo a tempo, com uma expressão algo surpreendida.

— Olá — disse eu.

— Olá. — Ele olhou para trás de mim e perguntou: — Não tenho de entrar para um sermão parental?

Durante um segundo, não consegui responder. Era um pouco chocante ver o Wes no meu alpendre ao entardecer, acabado de sair do duche e a cheirar ligeiramente a colónia almiscarada. Passou toda a vida na casa do lado, mas era surreal o facto de as nossas vidas paralelas nunca se terem cruzado.

— Ná — disse eu, já a meter as chaves na mala e a começar a andar para o carro dele, que estava, claro, no Lugar. — Eles sabem que não é uma saída de namorados.

Bastaram-lhe dois passos para me apanhar.

— Então e se eu quisesse declarar as minhas intenções ao teu pai?

— As tuas intenções? — Detive-me ao lado do carro dele. — Falas de como tencionas irritar-me durante várias horas seguidas esta noite?

Ele destrancou o carro e abriu-me a porta.

— Na verdade, falava de como tenciono borrifar-me na festa e usar o teu corpo como escudo humano no campo de *paintball*.

— Nem brinques sobre sujar este vestido com tinta fluorescente.

Ele fechou a minha porta, contornou o carro e sentou-se ao volante.

— Pois, qual é a cena do vestido? Imaginava que vestisses alguma coisa normal para uma festa.

— Isto é normal.

Apertei o cinto e abri o visor para verificar a maquilhagem. Como se o Wes soubesse alguma coisa de moda. Estava apaixonada pelo meu vestido-camisa cor de mostarda e com os seus botões em forma de flor. Ele ligou o carro e pô-lo em marcha.

— Para ti, talvez. Garanto-te que vais ser a única de vestido em casa do Ryno.

— O que fará com que o Michael repare em mim.

Levei a mão ao bolso — porque, claro que o meu vestido tinha bolsos — e abri o batom que lá estava. Tinha as mãos a tremer. Respirei fundo, a tentar descontraír. Mas era difícil, quando daí a minutos ia estar cara a cara com o rapaz com quem sonhei durante mais de metade da minha vida.

Respira fundo.

— Sim, lá isso é verdade. — Ele afastou-se do passeio e acrescentou, numa voz de *cowboy*: — «Olá, sócio. Quem é a potra de vestido que me está a tapar a vista das miúdas giras?»

— Oh, vá lá. O Michael não fala assim. — Funguei de riso, a contragosto, o que estragou a aplicação do batom. — Fala como o tipo inteligente e carismático que é.

— Como se tu soubesses. — Ele virou à esquerda na Teal Street, a dar no acelerador. — Da última vez que o viste, ele estava no quarto ano.

— Quinto. — Voltei a tapar o batom. — E dá para ver.

— Ah, dá para ver. — Fez um ruído que era o equivalente a chamar-me criança. — Tanto quanto sabes, ele pode ter passado os últimos anos a torturar esquilos bebés.

— Tanto quanto tu sabes — disse eu enquanto voltava a fechar a pala e me inclinava para ligar o rádio —, ele pode ter passado os últimos anos a dar biberões a esquilos bebés órfãos.

— Bem, quanto a mim, isso não é menos alarmante.

Revirei os olhos e sintonizei a estação, irritada por também ele me achar ridícula. Eles não compreendiam a que ponto este reaparecimento estava predestinado. Por conseguinte, ia ignorar aquela negatividade.

Adorava Jay-Z, mas estava a sentir-me poderosa com o meu vestido, e afastei-me do *rap* até encontrar uma estação que passava uma canção superantiga da Selena Gomez. O que me valeu mais um ruído desaprovador, e o Wes voltou a mudar para *PSA*.

— Ei... eu gostava daquela canção.

— Gostas de uma canção sobre a Selena Gomez a babar-se pelo Justin Bieber? Olhei para a expressão trocista dele.

— És seriamente repugnante.

— Tu é que gostas daquela canção seriamente repugnante.

Se a minha mãe tivesse razão com aquela regra de «os teus olhos vão ficar assim», conviver com o Wes ia deixar-me visualmente incapacitada para o resto da vida.

— Não bates à porta?

O Wes parou com a mão na maçaneta e olhou-me como se eu fosse de outro planeta.

— Porque o faria?

— Porque a casa não é tua?

— Mas é do Ryan; já cá estive montes de vezes. — Empurrou a porta da rua.

— E nós vamos para uma festa na cave, não a uma prova de vinhos no salão de jantar. Desta vez, o mordomo não precisa de anunciar a nossa chegada.

— Eu sei, cretino.

Ele sorriu e fez-me sinal para passar à sua frente.

Entreí no vestíbulo luxuoso, com chão de mármore e um lustre no teto, e estava tudo silencioso. Demasiado silencioso. Sentia um formigueiro no estômago, e em parte queria ir para casa, apesar de saber que o Michael já lá devia estar.

— Tem calma, Libby.

Ele olhava para mim como se soubesse a que ponto eu estava nervosa, e o tom da voz dele disse-me que estava realmente a tentar fazer-me sentir melhor. Mas isso parecia improvável; provavelmente estava só a pensar que o meu constrangimento era hilariante.

— Ninguém me trata por Libby.

A minha mãe tratava, mas, como já cá não estava, não podia contar, pois não?

— Oh... Então já tenho o diminutivo perfeito para ti.

— Não, detesto-o.

Nem sempre o detestei, mas agora detestava.

— Oh, não detestas nada. — Deu-me uma cotoveladinha no braço. — E podes chamar-me «Wessy», se quiseseres.

Era impossível não rir com aquilo; ele era ridículo.

— Não vou querer isso, tipo, nunca.

Ele dirigiu-se para uma porta, abriu-a e eu ouvi ruídos vindos da base das escadas.

— Estás pronta para a festa?

Nem por sombras.

— Ei... não me largues até eu encontrar o Michael, OK?

— Chama-me «Wessy» e não te largo.

Funguei de riso.

— Está bem. Se me largares, Wessy, esfaqueio-te com a torneira da cerveja.

— A minha Libby é uma selvagem.

— Onde é que ele está?

O Wes lançou-me um olhar, quase encostado ao barril da cerveja.

— Só estamos aqui há dez minutos. Tem calma. Está algures por aí.

Eu segurei o copo de plástico vermelho entre as mãos e olhei em redor. «Up All Night», de Mac Miller, seria a escolha perfeita se uma câmara percorresse a festa e captasse aquela energia. Porque havia muitas pessoas naquela cave tosca, e gritavam, riam-se e emborcavam cerveja morna. Havia um pequeno grupo sentado em redor de uma mesa a jogar *Presidents and Assholes*, um jogo que parecia incluir cartas, copos e gritos esporádicos de «Ooh-wee baby!».

Mas nada daquilo me interessava. Só queria ver o Michael. Queria o meu momento de «reencontro reconfortante» com ele, o nosso momento de «regresso à infância», e tudo o mais não passava de ruído de fundo.

— Se calhar devias desconstrair e tentar divertir-te. — O Wes tirou o telefone do bolso da frente, viu as mensagens e voltou a guardá-lo. — Sabes fazer isso, não sabes?

— Claro que sim — disse eu, dando um gole na cerveja e tentando não mostrar que a achava tão nojenta como de facto achava. Mas realmente não fazia ideia de como me divertir numa festa como aquela; ele tinha razão.

O Wes, porém, encaixava.

Desde o momento em que chegámos lá abaixo, o nome dele tinha sido gritado nada menos do que dez vezes. Todo o meu ano de secundário parecia adorar o meu vizinho irritante. Esquisito, não é? Mais esquisito ainda era o facto de, até ali, ele ainda não se ter transformado no «pintas» que eu imaginava que fosse num contexto de festa.

Não me deixou sozinha, não fez palhaçadas e não discutiu mamas e/ou rabos com os amigos à minha frente. Caramba, até recusou cerveja e estava a beber água porque ia conduzir, por amor de Deus. Quem era este tipo? O tipo que eu presumia que ele fosse beberia enquanto conduzisse.

Eram assim os amigos de bairro. Crescíamos com eles, a correr em passeios quentes e a gritar uns com os outros através de relvados cortados de fresco, mas, uma vez crescidos, tornavam-se conhecidos devido à proximidade, sem nada além de um nível superficial de conhecimento. Eu sabia que ele estacionava como um cretino, que praticava um desporto — basebol, talvez? —, e que estava sempre a rir e a fazer barulho quando o via na escola. Tinha a certeza de que ele sabia ainda menos sobre mim.

— Wesley! — guinchou uma miúda loura e bonita, e deu-lhe um grande abraço. Ele olhou-me sobre o ombro dela, que basicamente lhe saltava para cima, e eu revirei os olhos, o que o fez rir. Ela recuou e perguntou: — Porque demoraste tanto? Procurei-te por todo o lado.

— Tive de ir buscar a Liz.

Gesticulou na minha direção, mas ela nem se voltou. Estava, tipo, a três centímetros dele, e disse:

— Estás uma brasa esta noite.

Era assim que o escalão mais alto do meu género conseguia namorados na minha escola? Se fosse, eu não teria hipótese com o Michael, porque era uma grande adepta do espaço pessoal. Senti mesmo um pouco de pena do Wes quando ele engoliu em seco e recuou um passinho, dizendo:

— Eh, obrigado, Ash.

— Provavelmente não devia dizer-te isto. — Ela estava quase a gritar por cima do barulho, mas o Wes continuava a parecer constrangido, como se estivessem sozinhos numa sala às escuras e a porta estivesse trancada. — Mas que se lixe, não é?

Ela não deixava de invadir o espaço do Wes e eu toquei-lhe no ombro. Afinal de contas, ele era um amigo de infância; talvez fosse meu dever, como vizinha, salvá-lo pelo menos uma vez.

Ela voltou-se e sorriu.

— Olá.

— Olá. — Sorri e toquei-lhe no braço. — Ouve. — Inclinei-me e aproximei a boca do ouvido dela, e apeteceu-me rir ao ver a sobrançelha do Wes arquear-se como um ponto de interrogação. Disse à miúda: — Não digas a ninguém, mas o Wes e eu estamos, tipo... percebes...

— Juntos?! — Ela estreitou os olhos, confusa, e a seguir sorriu. Assentiu devagar. — Não fazia ideia. Peço muita desculpa!

— Chiu. — Ela falava muito alto. — Não há problema, mas não dissemos a ninguém.

— Quero dizer, eu estava mesmo a atirar-me. — Apontou para si mesma com ambos os indicadores e riu-se. — Não era minha intenção fazer-me ao teu homem!

Abanei a cabeça e, quando juntei as peças, desejei a máquina do tempo de que a Helena falou. Ela — a Ash — era a Ashley Sparks. Oh, meu Deus. Além de barulhenta, era superpopular e uma mexeriqueira do pior. Dali a dez minutos, era provável que toda a gente naquela casa pensasse que o Wes e eu estávamos juntos. Disse-lhe:

— Chiu... Não é grave. Ele ainda não é o meu homem, portanto...

— Mas vai ser, miúda. — Deu-me um pequeno encontrão com o ombro e sorriu para o Wes. — Vai-te a ele.

— Oh, meu Deus — resmoneei. — Chiu. Está bem.

Ela afastou-se e eu fechei os olhos com toda a força, pois não queria olhar para ele.

— Tu disseste-lhe que?...

Abri os olhos.

— Sim.

Ele dobrou os joelhos, para assim poder ficar cara a cara comigo, e semicerrou os olhos ao perguntar:

— Porque é que o fizeste?

Engoli em seco e baixei o olhar para a minha cerveja.

— Bem, estava a tentar salvar-te das, hum, garras amorosas dela.

Ele começou a rir. Muito. Ergui os olhos para a cara dele e não consegui impedir-me de o acompanhar, porque ele tinha um «daqueles» risos. Felizes, marotos, de miúdo pequeno; era contagioso. E era de facto ridículo eu ter tentado salvar o Wes, de um metro e noventa, da miúda gira que queria claramente envolver-se com ele. Quando conseguimos controlar-nos, eu tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Olá, malta.

O Michael surgiu ao lado do Wes e disse qualquer coisa sobre cerveja, mas o meu coração começou a bater tão depressa que desmaiar se tornou uma possibilidade, e não ouvi nada do que ele disse.

O barulho da festa reduziu-se a um zumbido murmurante e eu apertei o meu copo com os dedos, banhando o olhar no Michael. Ele era tudo o que eu recordava, mas melhor. O sorriso dele continuava a ser a arma poderosa que me fazia sentir maldisposta e ao mesmo tempo prestes a entrar em combustão espontânea.

O Wes e o Michael continuaram a falar, mas eu não ouvia as palavras; levei o copo aos lábios e desejei muito ter comigo os auscultadores. Porque «How Would You Feel», de Ed Sheeran, devia definitivamente estar a passar enquanto os meus olhos lhe percorriam o cabelo espesso, os olhos lindos e aqueles dentes perfeitos que revelava ao sorrir ao Wes.

Nota mental: cria a banda sonora do Michael e da Liz quando chegares a casa.

— Como tens passado, Liz? — A sua atenção virou-se para mim e as minhas entranhas fundiram-se quando ele sorriu. — Estás exatamente na mesma. Ter-te-ia reconhecido em qualquer sítio.

Por um segundo, a minha voz deixou de funcionar e o meu rosto incendiou-se, mas depois consegui murmurar a palavra:

— Igualmente.

— Então. Onde trabalhas?

— O quê?

Ele indicou o meu vestido.

— A farda?...

— Ah. — Oh, não. Ele pensou que o meu vestido adorável, aquele que

supostamente me faria sobressair da multidão para ele, era uma farda de empregada de mesa. *Quero morrer*. Olhei para o Wes, que me lançou um olhar de «vamos ver como te safas desta». Titubeei: — A farda. Pois. Hum, eh, faço de vez em quando umas horas no café.

— Qual café?

— O, eh, O Café.

A boca do Wes abriu-se num enorme sorriso.

— Eu adoro O Café.

Senti gotas de suor a formar-se na ponta do nariz ao mentir:

— Quase nem trabalho lá.

O Michael inclinou um pouco a cabeça de lado.

— Onde é exatamente?...

— Era bom que voltasses para a tua antiga casa, Young — interrompeu o Wes.

— Porque podíamos retomar o nosso último e épico jogo das escondidas.

Fiz uma nota mental para agradecer mais tarde ao Wes pela mudança de assunto.

O Michael sorriu e bebeu um gole do seu copo vermelho.

— Já imaginaste?

— Prefiro não o fazer. — Sorri-lhe e ignorei a gargalhada do Wes. — Quando os nossos jogos de escondidas se tornavam «épicos», normalmente queria dizer que o Wes e os gémeos estavam a aterrorizar-me.

— Quantas vezes achas que me esgueirei para te avisar? — Os olhos do Michael percorreram-me o rosto, como se ele estivesse a conciliar o passado com o presente. — Salvei-te de muitos insetos e rãs pela roupa abaixo.

O Wes disse:

— Os gémeos ficavam danados quando tu a ajudavas.

O Michael encolheu os ombros e a sua atenção regressou ao Wes.

— Não podia deixar-vos fazer aquilo à Liz.

Enquanto eu observava o Michael a rir-se com o Wes, o Ed Sheeran voltou à minha cabeça. Nós os três recuámos alguns anos até à infância, e isso sabia muito bem.

How would you feel

If I told you I loved you?

— Sempre que vejo um filme piroso na TV, lembro-me da Little Liz. — Só que, quando dizia isto, o Michael conseguia tornar *sexy* a palavra «little». «Lil.» Quando ele a dizia, parecia um rancheiro sonolento, por oposição a alguém que se referisse ao último *rapper* ininteligível, «Lil Liz». Ergueu o copo e bebeu o resto da cerveja. — Lembras-te de como ela passava a vida a ver *O Diário de Bridget Jones* e ficava furiosa connosco quando fazíamos troça?

Eles jamais haviam de saber que era porque o filme era o preferido da minha mãe.

— Temos mesmo de desenterrar o passado? — Puxei o cabelo para trás da orelha e tentei direcioná-los para um tópico que mostrasse ao Michael como eu agora era interessante. — Ouvi dizer...

— Podes tirar-me uma cerveja? — A Ashley estava de volta e estendeu o copo ao Michael, sorrindo como se fôssemos as melhores amigas. — Sou péssima com a torneira e acabo sempre com a boca cheia de espuma.

Uf! — ela disse isto «daquele» modo. Vocês sabem qual.

O Michael sorriu, mas não pareceu interessado quando disse:

— Claro.

Virou-nos as costas e pegou na torneira enquanto ela voltava a sua atenção para o Wes.

— Vais ao baile de finalistas, Bennett?

O Wes olhou para mim e arqueou uma sobrancelha, com um sorriso irónico.

— Ainda não decidi.

— Bem podes sonhar — grunhi, fazendo-o rir.

A Ashely prosseguiu, sem notar a nossa troca.

— Uns quantos de nós vão em grupo. — A sua fala estava pesada e arrastada. Comecei a pensar se devíamos procurar os amigos dela. — Vocês dois deviam vir. Vamos alugar uma limusina e tudo.

Olhei de relance para o Michael, mas ele parecia não ter ouvido o comentário, graças a Deus.

O Wes chegou-se mais a ela e perguntou:

— Ash, estivemos a beber antes da festa?

A Ash soltou um risinho e assentiu.

— Em casa do Benny. A mãe dele não estava.

— Compreendo. Que tal uma aguinha? — Tirou uma garrafa da geleira e dirigiu-lhe um sorriso simpático que, apercebi-me, nunca me tinha dirigido. Nem uma vez. Eu só recebia do meu vizinho sorrisos trocistas e escarninhos, e sobrancelhas arqueadas. — Bem, eu adoro limusinas, portanto vou pensar no baile de finalistas.

O Michael voltou-se.

— Quando é o baile de finalistas?

Tudo parou para mim enquanto o Wes aceitava a cerveja que o Michael servira para a Ashley e a punha de lado. Ela nem notou. O Wes disse:

— Daqui a duas semanas.

Totalmente em câmara lenta. «Daaquiii aaa duuuuaas seemaanaas.»

O Michael disse ao Wes:

— É mesmo estranho mudar de escola duas semanas antes de acabar o ano. O baile de finalistas é supostamente uma coisa muito importante, mas eu ainda nem conheço quaisquer miúdas além da Laney.

Conheces-me a mim! Leva-me a mim, meu belo Michael, e não a maldosa e insípida Laney! Teria de explicar à Joss a mudança de planos, mas podia fazê-la compreender que o rapaz dos meus sonhos se tinha chegado à frente.

O Michael apontou para o Wes e para mim e perguntou:

— Vocês vão?

— Nós?! — A minha voz saiu aguda e agitei loucamente uma mão entre o Wes e eu enquanto fazia uma careta exagerada, grata pelo facto de a Ashley ter

desaparecido na multidão. — O Wes e eu? Oh, meu Deus, não! Estás a gozar?

— Pois. — O Wes abanou a cabeça e fez um gesto de corte com a mão. — Nós não vamos juntos a lado nenhum. Acredita. Eu com esta nem ia à bomba de gasolina.

— Pois eu não te convidaria para a bomba de gasolina, portanto podes fechar essa bocarra — disse eu com um sorriso, seguido de um murro fingido no braço. — Acredita.

O Michael olhou para nós como se tivéssemos graça.

— Ah. Pareceu-me ouvir que vocês estavam juntos.

— Bem, ouviste mal — disse eu, horrorizada por perceber que fui eu quem iniciou o boato. Sobre mim própria.

Céus. A mexeriqueira da Ash era mesmo rápida. Sinceramente, se não estivesse preocupada com a possibilidade de ela estragar tudo, teria ficado impressionada.

— Nem pensar, mano. — O Wes despenteou-me o cabelo e disse: — Nada de Little Liz para mim.

Eu dei-lhe uma palmada na mão.

— Pois não.

— Ah. — O Michael assentiu lentamente em consideração e depois olhou para mim. — Duas semanas, há? — «Duuuaas. Seeemaaaanaas. Hãããããã?» Os meus braços ficaram em pele de galinha e o Sheeran voltou a pairar na minha cabeça. — Contem-me lá o que aconteceu desde que me fui embora. — Pelos vistos, o Michael já tinha parado de pensar que o Wes e eu estávamos juntos e também tinha parado de me provocar tonturas ao pronunciar «baile de finalistas» na minha presença. — Ainda convivem muito? E os gémeos e a Jocelyn?

O Wes e eu entreolhámo-nos antes de eu tomar a iniciativa, sobretudo por não querer que ele dissesse coisas embaraçosas ou desagradáveis sobre mim.

— O Wes e eu vemo-nos o suficiente para disputar o lugar de estacionamento em frente das nossas casas, mas basicamente é isso. E a Joss agora é a minha melhor amiga, o que até eu acho difícil de acreditar.

Isto fê-lo sorrir. Tinha um daqueles sorrisos que nos faziam sentir que tínhamos feito bem alguma coisa. Um milhão de terminais nervosos felizes vibravam no meu corpo; queria banhar-me naquele sorriso e retê-lo para sempre.

A Ashley reapareceu e disse qualquer coisa ao Wes, fazendo com que ele nos virasse as costas para falar com ela. Por mim, tudo bem, porque assim o Michael e eu podíamos conversar a dois. Eu disse:

— Os gémeos, por outro lado, andam agora na Horizon High. Foram mandados para o ensino alternativo depois de terem ido para o reformatório pelo roubo de um carro.

— O quê? — O Michael abriu a boca, mas os seus olhos continuaram a sorrir. — A mãe deles era super-religiosa, não era?

— Sim. — Dei mais um gole na cerveja morna e fiz os possíveis para não me agoniar. — Ainda dá catequese todas as quartas-feiras à noite em St. Patrick, mas tem de usar uma letra escarlate na jardineira de ganga.

— Que escândalo. — A cabeça dele aproximou-se. — Isto é incrível. Ainda

nem acreditado que és tu. A Little Liz, tão crescida.

— Eu sei. E quem imaginaria que o Michael lá da rua voltaria? — As minhas faces estavam quentes; também eu me aproximei para que ele me ouvisse acima do barulho da festa. Tinha o coração aos pulos ao recapitular mentalmente uma e outra vez as palavras, como fizera nas últimas horas. O tempo passava, portanto precisava de saltar a pés juntos. Disse: — Não sei se sabias, mas, quando éramos pequenos, eu tinha um enorme fraquinho por ti.

Os lábios dele distenderam-se num sorriso encantador.

— Bem, para ser franco, eu tinha...

Não sei se o Michael acabou a frase ou não, porque, enquanto sofria um minúsculo aneurisma de prazer pelas possibilidades da frase seguinte, ouvi um ruído. Tipo o gorgolejar que uma mangueira de jardim faz quando a ligamos, mas a água ainda não jorrou para fora. Olhei na direção do som. A Ashley abriu a boca e expeliu um vômito castanho aos pedaços para cima de mim, do decote do vestido até às minhas rótulas expostas.

Oh. Meu. Deus.

OhMeuDeus! Olhei para baixo e vi que estava coberta dos restos líquidos do estômago da Ashley. Eram quentes e espessos, e estavam espalhados pela minha roupa, encharcando de tal modo a parte de cima do vestido que este se me colava à pele. No meu campo periférico de visão, vi que havia pedaços molhados no meu cabelo, do lado esquerdo, por cima da orelha, mas não consegui concentrar-me nisso porque sentia um rasto de vômito quente a escorrer-me pela perna.

A escorrer-me pela perna.

Não sei bem se produzi sons ou se parecia apenas uma desgraçada ali de pé, com os braços estendidos, mas o Wes entregou rapidamente a loura vomitada a uma das raparigas na assistência e voltou para junto de mim.

— Tenho roupas lavadas no porta-bagagem, Liz. Vamos até à casa de banho. Podes limpar-te enquanto eu vou a correr ao carro buscá-las.

Eu nem conseguia formular palavras. Limitei-me a assentir e deixei que ele me agarrasse no cotovelo e me guiasse por entre a multidão pasmada — que parecia considerar simultaneamente o meu estado nojento e hilariante — subindo as escadas. Eu combatia o meu reflexo de vômito e tentava não inalar aquele cheiro horrendo, morta de humilhação.

Não só era o bombo da festa, coberta de vômito, como o Michael tinha assistido a toda aquela provação monstruosa.

Era o oposto total de um reencontro romântico.

Eu ia decerto morrer de vergonha. Sem dúvida. Isso era de facto real. A minha morte estava iminente.

Quando chegámos ao alto das escadas, o Wes guiou-me para uma casa de banho logo à saída da cozinha. Acendeu a luz, guiou-me lá para dentro e dobrou os joelhos para ficar à minha altura. Olhou-me nos olhos de modo que eu só o visse a ele e disse:

— Despe essa roupa e lava-te. Eu já volto, está bem?

Eu continuava a não conseguir articular palavras. Assenti.

O Michael surgiu no alto das escadas, olhando-me com o seu nariz perfeito todo torcido, como se também estivesse prestes a vomitar, mas mostrando compaixão. Disse:

— Pelo menos, estavas de farda e não com roupas tuas.

Agora queria eu vomitar — e desaparecer —, pelo que me limitei a dizer:

— Pois.

— Posso ajudar-te de alguma maneira? — Tinha ar de estar nauseado com a minha visão, mas ainda assim dirigiu-me um sorriso e perguntou, com a fala arrastada do Sul: — Precisas que te traga alguma coisinha?

«Coisinha.» Uh.

Abanei a cabeça, mas senti — oh, meu Deus — uma coisa húmida a colar-se-me ao pescoço.

Cerrei os dentes e disse:

— Não, mas obrigada.

Fechei a porta e corri o trinco. Olhei em volta e amaldiçoei quem tinha construído aquela casa por não equipar com chuveiro a casa de banho das visitas.

— Só podem estar a gozar comigo!

Lancei um olhar ao lavatório. E pedi desculpa ao Ryno — quem quer que ele fosse — pelo que estava prestes a fazer à sua casa de banho.

Primeiro, arranquei todas as peças de roupa que tinha vestidas, incluindo as cuecas, deixando-as cair numa pilha nojenta no chão de mármore branco. A seguir, abri a torneira e comecei a enfiar partes do corpo debaixo da água quente. Perna esquerda, perna direita. Braço esquerdo, braço direito. Tive de fazer quase uma ponte para lavar o pescoço e o tronco, espalhando água por toda a bancada e pelo chão, e a seguir enfiei a cabeça diretamente debaixo a torneira.

Que grande ideia, Liz, vir a uma festa de cerveja com o Wes.

Que falta de discernimento.

Ao lavar o cabelo com um sabonete, vi os pedaços a encalhar no ralo; tinha de ter cuidado e manter a cabeça suficientemente alta para evitar voltar a contaminar o cabelo com porcarias.

Endireitei-me, molhei uma das toalhas, ensaboei-a com outro sabonete fino e dei a mim própria um banho de esponja de corpo inteiro. Vi-me de relance no espelho salpicado de água, a esfregar loucamente a minha pessoa nua na casa de banho de um estranho, enquanto soltava gemidos de repulsa, e o meu cérebro acrescentou a faixa seguinte ao álbum.

«Hello Operator», dos White Stripes.

A letra não encaixava especialmente na minha situação mais do que horrível, mas os *riffs* de guitarra enquanto eu, maníaca e nua, me esfregava, teriam sido perfeitos.

— Liz? — Era o Wes à porta da casa de banho. — Queres que te passe o saco pela porta ou devo deixá-lo aqui no chão e voltar lá para baixo?

— Se pudesses deixá-lo, seria ótimo. — A casa de banho parecia uma atração de feira, com grandes espelhos por todo o lado. Eu não ia abrir a porta com o Wes ali fora. Acabaria de certeza por lhe mostrar as minhas partes. — Obrigada.

— Tudo bem. — Ele aclarou a garganta. — Estão todos lá em baixo. Se meteres a mão pela porta e pegares no saco, ninguém vai ver nada.

— OK.

— Há um saco de supermercado no bolso lateral, podes pôr lá a roupa suja. E tenho a tua mala lá em baixo. Precisas dela?

— Não. — Esqueci-me completamente de que tinha uma mala. — Hum, obrigada. Muito obrigada, Wes.

Ele estava a ser muito simpático comigo, nada à Wes. Ou pelo menos nada do que eu pensava ser à Wes. Talvez na realidade já não soubesse quem ele era. Quero dizer, desde a nossa chegada à festa, ele tinha sido na verdade... bestial.

— Sem problema. Vou lá para baixo, então.

Ouvi remexer ao pé da porta, e depois silêncio. Tapei a minha parte da frente com outra toalha — não cobria grande coisa, já agora —, agachei-me, entreabri a porta e estiquei a mão pela abertura.

Fiz imediatamente contacto com o saco de *nylon*, graças a Deus. Puxei-o para dentro da casa de banho, e a seguir fechei e tranquei a porta. Tinha de me despachar e vestir-me, se queria conseguir mais um minuto a sós com o Michael antes de a Laney aparecer e estragar tudo. Estávamos a ter um momento perfeito de filme antes de a loura me regar com a sua comida regurgitada, e eu não ia deixar aquele momento fugir de modo algum.

Puxei as roupas para fora do saco.

Oh, caramba, Wes.

Não sei o que esperava que ele tivesse no porta-bagagem do carro, mas ia parecer uma pateta nas suas roupas de desporto. Meti-me nas calças de fato de treino cinzentas e puxei-as para cima, mas ficavam-me enormes. Tive de enrolar o cós para baixo duas vezes a fim de não tropeçar nelas, e mesmo assim corria perigo, pois o mínimo puxão fá-las-ia ir parar aos tornozelos.

Enfieei a *sweatshirt*, que dizia EMERSON BASEBALL, pela cabeça molhada. Mais uma vez enorme, mas cheirava a amaciador de roupa e parecia uma manta. E talvez eu, tipo, gostasse um pouco dela.

Um risinho horrorizado escapou-me quando vi o meu reflexo — um *marshmallow* naquele conjunto enorme cinzento, macio e inchado. Os meus sapatos *mary jane*, pastel e de saltos quadrados, iam ficar fantásticos com a roupa, especialmente porque também estavam salpicados de vomitado castanho.

Suspirei e puxei o cabelo para fora do capuz da camisola. Teria de mandar uma mensagem ao Wes dizendo que tínhamos de ir embora e que esperava por ele no carro. Detestava deixar o Michael e o nosso Grande Momento potencial, mas a minha figura era demasiado ridícula para ficar.

Mas... Onde?... *Nãããã!*

O meu telefone estava na mala. O meu telefone estava na mala, que estava lá em baixo com o Wes e o Michael, para não falar dos restantes convivas.

Enrolei os lábios para dentro e expirei pelo nariz.

Estaria num qualquer programa de apanhados?

Respirei fundo e abri a porta de acesso às escadas da cave. Tinha largado o *hoodie* do Wes, optando em vez disso por dar um nó numa *T-shirt* descomunal que encontrei no fundo do saco dele, toda amarrotada. Uma vez que ser sofisticada e adorável já não estava nas cartas para mim, tentei uma *vibe cool* e casual, do tipo «fico gira com as roupas grandes do meu namorado».

Provavelmente era mais uma *vibe* do tipo «miúda da escola com a roupa usada do irmão», mas, dado que não tinha mais opções, preferia ser otimista. Não tinha muito tempo até ao baile de finalistas. Ia ter de aguentar e fazer o Michael apaixonar-se por mim, e que se lixasse o vomitado.

Os degraus eram frios e poeirentos sob os meus pés; mal cheguei à cave apinhada, olhei em redor em busca do Wes, desesperada por sair dali antes que alguém desse por mim. Ouvia-se algo dos AC/DC aos berros, mas não suficientemente alto para se perceber a letra por cima dos sons da festa.

— Miúda vomitada! — Um tipo grande como um urso, com uma camisola dos Lakers demasiado apertada, sorriu para mim. — Voltaste!

Porquê? Em nome de Deus, porque havia de ser eu a «miúda vomitada»? A Ashley é que devia ser a miúda vomitada, raio.

Olhei para trás do tipo e divisei o Wes. A minha mala pendia-lhe do cotovelo, e ele falava com o Michael ao pé do barril; obriguei-me a ignorar todos os olhares de que estava a ser alvo como recém-coroadas Miúda Vomitada e acenei com a mão na direção dele.

Quase instantaneamente, o seu olhar encontrou o meu. Os olhos dele percorreram rapidamente o meu conjunto de *T-shirt* e calças largueironas, e as sobrancelhas baixaram; aproximou-se de mim e tirou as chaves do bolso.

— Presumo que te queiras ir embora.

— Sim. — O meu olhar virou-se para o Michael, que tinha seguido o Wes, e passei nervosamente a mão pelo cabelo húmido. Mas os olhos dele estavam fixados no meu umbigo, não no meu cabelo. Oh, céus. As enormes calças de fato de treino estavam tão descidas nas minhas ancas que eu acabei por exhibir grande parte do estômago à festa inteira. Puxei a *T-shirt* para baixo, mas já era tarde.

Ele lançou-me um sorriso que me liquefez as entranhas e disse:

— Gosto muito da tua tatuagem.

Meu Deus. Ele viu a tatuagem.

Pelo menos tinha dito aquilo num tom nada galã-machola.

— Oh. Obrigada.

Resisti à tentação de voltar a puxar a camisola, esperando desesperadamente que ele não estivesse a ser sarcástico.

O Wes lançou-me um olhar irritado e o seu maxilar contraiu-se.

— Pronta?

Antes que eu pudesse responder, o Wes agarrou numa porção do meu cós e enrolou-a na mão, puxando-a para cima para assim cobrir totalmente a barriga.

— As roupas da Liz estão a cair. Está na hora de irmos embora.

Fiquei paralisada ao sentir a mão do Wes na minha pele. Olhei para a cara dele e ele baixou o olhar para mim, e eu senti-me... alvoroçada. Não sabia bem se era uma

reação ao seu toque ou ao seu protecionismo de homem das cavernas.

Também não sabia bem porque isto não me irritava.

Fiquei presa à mão esquerda do Wes enquanto ele e o Michael davam um aperto de mão de manos, trocando palavras que eu não conseguia ouvir por cima do barulho. Quando se separaram, o Michael ergueu para mim o seu copo e sorriu docemente antes de se virar e de se afastar.

— Adeus — sussurrei em surdina, vendo-o desaparecer entre os foliões.

— Vamos, Buxbaum. — O Wes pôs-me a mala ao ombro, passou-me a mão-cheia de tecido das calças e tomou a dianteira escada acima. — Toca a ir para casa antes que te exibas perante mais alguém.

CAPÍTULO QUATRO

«Não és tão vil como pensava que eras.»

10 Coisas Que Odeio em Ti

— Então? — Olhei pelo vidro enquanto ele se afastava da casa, na rua ladeada de carros de ambos os lados. Ocorreu-me naquele momento que o Wes e os amigos viviam completamente a vida do *Superbaldas*. — Ele disse alguma coisa sobre mim enquanto eu estava a mudar de roupa?

— Por acaso, disse. — Ele ligou o pisca-pisca e virou na esquina. — E provavelmente vai irritar-te.

— Oh, céus. — Olhei para o perfil do Wes e aguardei pela horrível notícia. — O que é?

Ele acelerou e mudou de faixa.

— É muito claro que ele ainda pensa em ti como Little Liz.

— O que quer isso dizer?

A boca dele curvou-se um pouco, mas manteve os olhos na estrada.

— Oh, vá lá.

— A sério. O que é? Tipo, ele pensa que ainda ando no primeiro ciclo?

Ele fez um sorriso de «eu não devia estar a sorrir» e disse:

— Tipo, ainda pensa que és uma crominha simpática.

— Oh, meu Deus... Estás a gozar comigo? — Olhei para o sorriso dele e apeteceu-me esmurrá-lo. — Porque há de ele pensar que sou croma agora? Fui charmosa como tudo até a tua namorada me vomitar para cima.

— Não é isso. — O seu sorriso vacilou e ele olhou-me de relance. — É que ele presume que és a mesma pessoa que eras, porque esteve ausente.

— Eu não era «uma crominha simpática».

O sorriso voltou.

— Oh, vá lá, Buxbaum.

Recordei os velhos tempos no bairro.

— Não era.

— Eras, sim. Estavas sempre a inventar canções acerca de tudo. Canções horríveis, que nem sequer rimavam.

— Era criativa. — Sim, era menos atlética e mais dramática do que eles, mas

não era croma. — E aquela canção era o meu tema.

— Passavas o tempo a mentir sobre namorados.

Era verdade.

— Não sabes se eles não eram reais.

— O príncipe Harry?

Uff — tinha-me esquecido desse.

— Podia ter sido meu namorado; não havia maneira de ter a certeza.

Ele riu-se e acelerou.

— E as peças, Liz. Lembras-te daquelas peças todas? Eras uma Broadway ambulante todos os dias da semana.

Uau — também me tinha esquecido completamente das peças. Eu adorava criar peças e pôr todo o bairro a representar. Podia ser a instigadora, mas os outros alinhavam sempre. Por isso, também gostavam.

— O teatro é uma vocação nobre e, se vocês eram demasiado incultos para o reconhecer, então dão-me pena.

O riso dele acentuou-se.

— Imploraste ao Michael que fosse o Romeu da tua Julieta e, quando ele recusou, subiste a uma árvore e fingiste que choravas durante uma hora.

— E vocês atiraram-me bolotas, a ver se me deitavam abaixo!

— O que quero dizer é que ele te considera diferente das outras miúdas por causa do teu passado.

Olhei para ele e interroguei-me. Santo Deus, eu fui uma crominha?

— Então vou ser sempre uma croma para ele e não há nada que possa fazer?

Ele aclarou a garganta.

— Bem, talvez não. Mas...

Parecia culpado, e eu perguntei:

— O que é que fizeste, Wes?

— Eu não fiz nada, Buxbaum. Tu é que fizeste. — Parou num sinal vermelho e encarou-me. — O Michael e eu estávamos a dizer que tinha sido horrível teres levado com vômito e ele fez um comentário sobre a tua farda feia.

As minhas faces aqueceram quando me lembrei da minha roupa linda, agora estragada.

— E então?

— Então disse uma coisa qualquer sobre como era típico da Liz ir a uma festa com uma farda de empregada de mesa, e que não tinhas mudado nadinha.

Suspirei e olhei pelo vidro. Perdi de repente qualquer esperança de ter uma hipótese com o Michael.

— Fantástico.

— Eu disse-lhe que agora estás totalmente diferente.

Lancei um olhar através da escuridão do banco da frente.

— Disseste?

— Sim. Disse-lhe que agora cantavas menos e que na escola eras considerada uma miúda gira.

Senti calor na minha cabeça de croma.

— Sou considerada uma miúda gira?

— Provavelmente. Isto é, não és feia, portanto, é possível. Não sei. — O Wes fixou o olhar na estrada, e parecia irritado. — Não tenho por hábito falar de ti a não ser num contexto, o «adivinhaoquefezapatetadaminhavizinha». Por isso, não faço ideia. Estava só a tentar mudar a impressão que ele tinha de ti. — Revirei os olhos, ridiculamente chateada por ele ter inventado tal coisa. — Mas eis o teu problema... — Ligou o pisca-pisca e abrandou enquanto nos aproximávamos de um sinal amarelo. — Fiz os possíveis por convencê-lo de que já não és uma crominha, mas ele interpretou tudo mal e disse, tipo: «Então tu GOSTAS da Liz. Eu sabia.»

— Oh, não!

Merda, merda, merda!

— Oh, sim. — Ele parou no sinal vermelho e olhou para mim. — Ele acha que gostamos um do outro.

— Não! — Deixei cair a cabeça para trás e imaginei a cara do Michael a sorrir, a olhar para mim e para o Wes. Ele pensava que eu gostava do Wes, e a culpa era inteiramente minha. Eu é que iniciei o boato, por amor de Deus. — Ele nunca me vai convidar para o baile se pensar que tu gostas de mim.

— É provável que não.

— Uf! — Pestanejei depressa, para não me emocionar, mas não pude evitá-lo ao imaginar a cara dele. O Michael devia ser o meu destino, raios, e agora a Laney ia tê-lo nas suas garras antes do meu beijo de levantar o pé.

E tinha apanhado com vômito.

— Ele disse uma coisa sobre ti quando estávamos a sair, se isso te fizer sentir melhor.

— O quê? Quando? O que é que ele disse?

Ele virou na esquina a acelerar e assim continuou.

— Só disse: «Não posso acreditar que a Liz tem uma tatuagem», quando eu lhe disse que nos íamos embora.

Engoli ar.

— Mas como é que ele disse isso?

Ele lançou-me um olhar.

— A sério?

— Sim, disse como quem sentia nojo ou, tipo... como se pensasse que até tinha estilo?

Ele fixou os olhos na estrada e disse:

— Nojo não sentia, de certeza.

— Bem, ao menos isso.

Olhei pelo vidro e vi que as luzes do nosso bairro se aproximavam.

O que vou eu fazer? Se fosse outro rapaz, talvez tivesse desistido, considerando a chuva de vômito um sinal.

Mas era o Michael Young. Não podia desistir.

Honestamente, só a ideia fazia-me sentir um aperto no coração.

Tinha de haver uma maneira.

Passei os dentes pelo lábio inferior e ponderei. Tecnicamente, apesar do boato

autoinfligido sobre o Wes e eu, o Michael mostrara-se interessado ao ver a minha tatuagem. Não era muito, mas era alguma coisa, certo? Provava que era possível alterar a sua impressão de «crominha».

Eu só precisava de uma oportunidade para lhe dar a ver todas as coisas que tinham mudado em mim.

Senti de novo a esperança a borbulhar. Isto é, não precisaria de muito para lhe abrir os olhos se conseguisse algum tempo com ele, pois não? Tempo e talvez alguma ajuda.

Hummm.

— Vais muito calada. Buxbaum. Até tenho algum medo do que estás a pensar.

— Wesley. — Virei-me para ele no assento. Com o meu sorriso mais conquistador, disse: — Meu amigo. Tenho uma ideia do MELHOR.

— Deus me ajude. — Arrumou o carro no Lugar, tirou a chave da ignição e disse, com um vago sorriso: — Que ideia horrível é essa?

— Bem... — comecei, a olhar para baixo e sem me mexer para sair do carro. — Ouve até ao fim antes de dizeres que não.

— Outra vez isto? Estás a assustar-me.

— Chiu. — Inspirei profundamente e disse: — E se levássemos as pessoas a pensar que namoramos, mas só, tipo, por uma semana?

As minhas faces ardiam. Fiquei à espera das suas palavras de troça. Os seus olhos estreitaram-se e ele olhou-me durante um longo segundo antes de perguntar:

— O que resolveria isso ao certo?

— Ainda estou a afinar isto. Dá-me tempo. Mas se fingíssemos, tipo, gostar um do outro durante uma semana, isso poderia ajudar o Michael a ver que eu já não sou a Little Liz. Ele já pensa que saímos juntos. Porque não usar isso para lhe mostrar que sou uma opção romântica perfeitamente viável?

Ele tamborilou os dedos longos no volante.

— Porque é que isto é tão importante para ti?

Pestanejei e esfreguei o sobrolho com o dedo indicador. Como havia de responder a tal pergunta? Como podia dizer-lhe que o Universo me tinha devolvido o Michael?

Detestei a espessura da minha voz quando disse:

— Para ser franca, não faço ideia. Só sei que, por alguma razão, é mesmo muito importante. Parece-te uma parvoíce?

Ele fixou o para-brisas à sua frente com uma expressão invulgarmente séria. Após uns segundos, pensei que talvez não me tivesse ouvido, mas então ele disse:

— A parvoíce é que não parece.

— A sério?

— A sério. — Aclarou a garganta e virou-se para olhar para mim, com o sorriso escarninho de Wes. — E o que é que eu ganho se alinhar nisso? Além de te juntar com o mano que tu queres comer, claro.

— Que nojo. — Aclarei a garganta, contente por ele ter voltado a ser o chico-esperto que eu conhecia. Disse: — Podes ficar com o Lugar durante mais de uma semana.

— Isso não me parece suficiente. Quero dizer, esperas que volte a levar-te a sair?

— Bem, isso ajudava, sim.

Arrumei o cabelo atrás das orelhas, hiperconsciente do silêncio que reinava no carro.

O Wes cruzou os braços e na sua boca desenhou-se um sorriso ufano de autossatisfação.

— Já sei. Tenho um plano brilhante.

— Duvido.

— Chiu. — Estendeu o braço e colocou a palma da mão, que cheirava a sabonete, sobre a minha cara. Depois voltou a recostar-se no lugar do condutor. — Vou fingir que estou a tentar ter alguma coisa contigo, embora tu não estejas muito interessada em mim.

— OK...

— Além disso, vou tentar ativamente ajudar-te a apanhar o Michael. Gabar as tuas muitas virtudes.

Embora eu soubesse que tinha de haver um reverso, era giro ver o Wes aderir à ideia. Perguntei:

— O que ganhas com isso?

— Se conseguires que ele te convide para o baile de finalistas como resultado da minha assistência, eu fico com o Lugar para sempre.

Eu estendi a mão para a maçaneta da porta.

— Para sempre? Nem penses.

— Não estás a ouvir. Falo de te oferecer a minha perícia para o levar a convidar-te. O nosso acordo era apenas deixar-te ir comigo a uma festa. Agora falo de te dar informações privilegiadas, de trabalhar o Michael em teu favor, de te dar dicas úteis, conselhos de moda, etc.

— Conselhos de moda?

Funguei de riso.

— Exatamente, conselhos de moda. Etc. Por exemplo, se fores a uma festa e quiseses que o Michael pense que és gira, veste-te para isso, não como a Doris Day em empregada de mesa.

— Para tua informação, a Doris Day em empregada de mesa parece-me uma estética excelente, mas, para ser franca, estou pasmada com o facto de tu saberes quem é a Doris Day.

— O que é? A minha avó gosta do *Conversa de Travesseiro*. — Eu adorava aquele filme. Talvez ainda houvesse esperança para o Wes. — Também gosta de pezinhos de porco e de tentar fugir da casa de repouso. — Ah. Cá estava ele. Girou as chaves à volta do dedo. — Então?... Alinhas?

Respirei fundo. Se ele pudesse ajudar-me com o Michael, eu dar-lhe-ia o Lugar, juntamente com a Lua e as estrelas, e possivelmente um rim. Inspirei e disse:

— Alinho.

— Linda menina. — Saiu do carro, bateu com a porta e deu a volta quando eu estava a fechar a minha. — Já agora, vou adorar o meu Lugar Eterno.

Revirei os olhos. Que rapaz incorrigível.

— Não tens de me acompanhar à porta, Wes.

Mesmo assim, ele tirou-me o saco da mão.

— Vá lá. Não é todos os dias que um tipo tem a oportunidade de levar um saco cheio de roupas vomitadas até à porta de uma miúda.

— É verdade. — Aquilo fez-me sorrir até quase gargalhar. — Mas espero conseguir segurar as calças cá em cima sem a tua ajuda.

— Duvido que consigas. Salvei-te literalmente a pele na festa.

Seguiu ao meu lado até casa e eu senti o aroma da sua água-de-colónia. O cheiro era bom e fresco, e um executivo de publicidade provavelmente diria que tinha «notas de pinho», mas quase tropecei ao aperceber-me de que o reconhecia como dele. Era pura e simplesmente o cheiro do Wes. Quando ocorrera tal conhecimento? Devia tê-lo notado subconscientemente durante as nossas guerras pelo estacionamento, ou talvez ele o usasse desde a puberdade.

Mas quando chegámos ao alpendre e ele me deu o saco, eu levantei o olhar para o seu rosto e fui assoberbada pela sensação de que estava a acordar de um sonho ou coisa parecida. De outro modo, que sentido fazia eu ter saído de uma festa de cerveja na mansão de um dos populares e o Wes Bennett estar agora no meu alpendre — e não estarmos a discutir?

Mas a parte mais surreal daquilo — de longe — era que não me parecia necessariamente errado. Parecia uma espécie de começo de alguma coisa.

Eu disse:

— Obrigada pelas roupas e... bem, por tudo. Foste muito mais fixe do que eu esperava.

— Claro que fui. — E depois dirigiu-me um sorriso, um sorriso diferente de todos os que alguma vez me dirigiu. Era um sorriso bom, genuíno, como o que usou com os amigos na festa. Não me importava de ser olhada assim por ele. Disse: — Não te esqueças de lavar a farda antes do próximo turno. Imagino que O Café tenha muito brio no aspeto dos seus empregados.

Devolvi-lhe o sorriso.

— Se alguma vez falares, mato-te.

— A minha boca é um túmulo, Libby.

No dia seguinte, no trabalho, enquanto recapitulava mentalmente a saída, senti-me positiva. Quero dizer, sim — levei com vomitado, o Sr. Certo pensou que o meu vestido adorável era uma farda de trabalho e, ah, sim, também pensou que eu era ainda uma «crominha» (esperava que fosse um termo pessoal do Wes e que nunca tivesse saído dos lábios do Michael em referência a mim) —, mas esses eram os únicos pontos negativos.

Sim, eu tinha uma natureza escandalosamente otimista. O Michael também parecera bastante interessado em ir ao baile de finalistas. Contas feitas, ainda tinha hipóteses. Especialmente com o Wes a ajudar-me a iluminar a Liz «não croma, antes uma lagarta mas agora uma bela borboleta».

— Jeff? — disse o nome em voz alta, e um cliente de cabelo branco,

suspensórios vermelhos e sapatilhas vermelhas a condizer dirigiu-se a mim com dois livros na mão.

Parou no balcão e mostrou o seu talão de requisição.

Peguei nele e disse:

— Podemos dar-lhe vinte e quatro dólares pelos seus discos.

As suas sobranceiras hirsutas uniram-se como duas lagartas e ele achatou os lábios.

— Vinte e quatro dólares. Tenho conhecimento de que só o álbum do Humperdinck vale pelo menos isso.

— É provável que tenha razão — comecei, querendo desesperadamente revirar os olhos. Os velhos dos discos eram os piores. Sabiam sempre o que os seus LP valiam para outros velhos dos discos, e discutiam sempre comigo quando lhes oferecia metade do preço pelo qual podíamos vendê-los. — Mas, nesta loja, só poderemos conseguir uma pequena parte disso por ele. Tem todo o direito de o conservar, se achar que pode vendê-lo *online* por mais.

Ele olhou-me com hostilidade, sem dizer palavra. Ficou só ali a fixar-me, como se o seu olhar potente fosse fazer-me encolher e começar a atirar-lhe dinheiro para cima. Eu trabalhava havia três anos na Dick's Used Books e era capaz de ver uma pessoa entrar na loja e saber se ia tentar regatear ou não.

Devolvi o olhar com um sorriso, claro, e esperei que ele se cansasse dos seus jogos de Grande Homem. Passaram bem vinte segundos até ele dizer por fim:

— Não preciso de duas cópias. Acho que aceito a vossa oferta.

Sim, eu sabia que ele ia aceitar.

Estava a registar o seu crédito quando soou a campainha da porta da loja.

— Bom dia — disse, sem levantar os olhos da caixa registadora.

— Pode dizer-me onde estão os livros de peidos?

Ergui o olhar, e ali estava o Wes, sério como um ataque cardíaco. O velho Jeff oscilou o olhar na direção do dele.

— Desculpe?

Tive de torcer o rosto para conseguir não rir.

Não ia sorrir ante a sua infantilidade. Pelo menos não em frente de um cliente.

O Wes trazia uns calções de basebol e um *hoodie* que dizia SURELY NOT EVERYBODY WAS KUNG FU FIGHTING. O cabelo escuro saía espetado pela frente, como se ele tivesse tomado duche e passado a mão por ele, em vez de usar uma escova. Eu não sabia bem quando se tornara tão alto, delgado e musculado, mas, honestamente, tinha bom aspeto.

Para quem apreciava tipos como o Wes.

— Os vossos livros de peidos. Então? — Disse-o com grande impaciência, como se eu é que estivesse a agir de modo estranho só por olhar para ele. — Preciso de algum alívio, minha senhora. Onde estão os livros para emergências gastrointestinais?

Entreguei ao velho Jeff o dinheiro e o recibo.

— Muito obrigada. Tenha um ótimo dia.

Ele grunhiu e guardou o dinheiro na carteira antes de sair da loja. Lancei um

olhar ao Wes e abanei a cabeça.

— Qual é o teu problema?

Ele encolheu os ombros.

— Ter piada?

— Não, não me parece que seja isso. Porque estás aqui?

— Porque gosto de livros e... — Ele virou-se e olhou para a loja atrás de si. —

Discos.

— Ai sim? Qual é o teu disco preferido?

Apontou o álbum que eu acabara de comprar ao velho Jeff.

— Aquele. Engelbert Humperdinck.

— A sério?

— Sim. No *rap*, não há como o Dink. Era capaz de ouvir o Engelbert, ou, como gosto de lhe chamar, Big E, cuspir todo o dia.

— A sério, porque estás aqui?

Ele parou mais perto do balcão.

— Precisava de falar contigo, e a tua madrastra disse que estavas aqui.

«Madrastra.» Para mim seria normal pensar na Helena naqueles termos e chamar-lhe isso, mas, por alguma razão, nunca conseguia. Era «o meu pai e a Helena» ou «a mulher do meu pai». Já vivia com ela há anos, mas continuava a ser apenas Helena para mim.

— O que há?

— O Michael mandou-me uma mensagem esta manhã.

— Mandou? — Fiquei de boca aberta e soltei um guincho que me devia ter embaraçado, mas não o fez, porque era só o Wes. Bati palminhas e perguntei: — O que é que ele disse? Falou de mim? O que é que disse?

Ele sorriu e abanou a cabeça como se eu fosse um miúdo com excesso de açúcar.

— Vamos em grupo ver o jogo à noite.

— Será porventura um jogo de baseball?

Ajuste-i a pistola dos preços para os três dólares e comecei a marcar os livros em promoção. Dissera à Joss que iria comprar vestidos naquela noite, sobretudo porque queria criar uma abertura para falar da festa antes que ela soubesse do incidente do vômito na escola, na segunda-feira. Se conseguisse apaziguá-la com o vestido, talvez ela não me chateasse muito por causa da festa.

— Basquetebol, idiota.

— Como é que eu havia de saber?

— Porque é época de basquetebol e estamos nos *playoffs*? — Encolhi os ombros e continuei a etiquetar, o que o fez sorrir. — Enfim, eu, o Michael e mais uns rapazes vamos, e achei que podia ser uma maneira casual de tu estares por perto sem outras miúdas a ofuscarem-te.

Parei de etiquetar.

— Acabaste de insinuar que eu sou invisível se houver outras miúdas na equação?

— Não. Céus, que picuinhas. Eu...

— Não sou picuinhas.

— Não és?

Pousei a pistola e levei as mãos às ancas.

— Não, definitivamente não sou picuinhas.

Ele ergueu um dos cantos da boca.

— Estás de vestido numa loja de livros em segunda mão, a tua agenda é assustadoramente organizada e todas as tuas etiquetas estão perfeitamente direitas. Picuinhas.

Semicerrei os olhos enquanto fechava a agenda elaboradamente organizada por cores e cheia de autocolantes.

— Isto é uma saia e uma camisola, não um vestido.

Eu adorava a minha saia escocesa, a camisola de malha com folhos e os meus *mary janes* em pele, quase novos e nunca vomitados.

— É a mesma coisa. Quando toda a gente usa calças de ganga, tu usas saias.

Revirei os olhos.

— Gostar de vestidos e ser organizada não quer dizer que seja picuinhas.

— Claro que não.

Peguei na pistola e comecei a etiquetar mais depressa, irritada por ele parecer desdenhar tudo o que eu era.

— Acaba lá de me contar do basquetebol antes que eu te magoe.

— É basicamente isto. Se fores connosco, terás tempo para mostrar que és *cool* a caminho do jogo.

Parei de novo de etiquetar e imaginei o Michael e eu, perdidos em sorrisos e conversas profundas na intimidade do banco traseiro de um carro.

— Um pequeno *tête-à-tête* com a Liz, hã?

— Valha-nos Deus.

Passei um dedo pela pistola e perguntei:

— Não seria estranho tu lebares-me?

Ele encolheu os ombros, despreocupado.

— Ná. É super na boa.

— Então, hum, sim. — Endireitei-me e voltei a pousar a pistola, excitada com esta oportunidade inesperada. — Completamente. Conta comigo.

— Mas há uma coisa, Liz. — Ele tirou do bolso o porta-chaves e começou a girá-lo no dedo. — Não fiques toda danada comigo por dizer isto, mas gostava de te ajudar no visual.

— Desculpa? — Inclinei a cabeça para o lado, mal podendo acreditar que ele me dissera tal coisa. — Acho que me oriento, mas obrigada.

— A sério, precisas de me dar ouvidos.

— Se é sobre moda, a sério que não. Sem ofensa.

— Ofende um bocadinho, mas não se trata disso. Trata-se do facto de ninguém ir na conversa de que estás casualmente a ver uns cestos se usares um vestido de folhos e sapatos às flores.

Soprei a franja da frente dos olhos.

— Bennett... eu tenho um par de calças de ganga, sabes?

— Para mim, é surpresa. — Pousou as mãos na secretária e apoiou-se nos braços. O seu rosto estava mais próximo, e eu distraí-me com as ligeiríssimas sardas que nunca tinha notado e com o facto de as suas pestanas serem, além de longas, perfeitamente enroladas. — Mas aposto que nem eles são normais. Tipo... hum, devem ser daquelas calças de ganga *trendy* de cintura esquisita, não? Ou calças de ganga com vincos engomados e dobras na bainha?

— Não.

— Bem — disse ele, a suspirar, como se aquilo fosse importante —, eu acho que, se levas a sério esta cena do Michael, precisas de expandir o teu guarda-roupa.

— Estás a gozar comigo, *hoodie* de *kung fu*?

Ele sorriu como se eu tivesse acabado de lhe elogiar o visual e passou a mão sobre a legenda da camisola.

— Ouve-me bem. Eu sei o que usam as miúdas da nossa escola. Miúdas como a Laney Morgan. Sim, lembras-te dela?

Como se pudesse esquecê-la. Boa pele, boa audiência no Instagram, bom historial de namorados e uma mãe dedicada. Invejável e inesquecível.

— Estás a ranger os dentes, Liz?

Relaxe o maxilar e disse:

— Não. Continua com os teus disparates.

— Se queres caçar o teu homem, tens de parar de ser teimosa e deixar-me ajudar-te.

— Não me parece que sejas capaz.

— De te treinar para a vitória ou de escolher as tuas roupas?

— As roupas, isso é certo. — Baixei-me e retirei uma pilha de livros do fundo do carrinho. A dúvida instalava-se. Ele falava como se estivessemos oficialmente a planear alguma coisa. O que estava eu a fazer? A tentar fazer uma versão pessoal de *Ela É Demais*?

No entanto, para ser franca, a parte de mim que adorava comédias românticas de transformação estava um pouco interessada.

Mas eu gostava de mim. Gostava da minha roupa.

Não era uma crominha e não precisava da assistência do Wes em moda.

— Ouve. — Pegou numa folha de papel que estava em cima do balcão e disse: — E se dermos uma volta pelo centro comercial e eu te apontar as coisas que são *cool*? Estarás comigo, por isso não tens de comprar nada de que não gostes. Mas não te fazia mal pareceres uma aluna do secundário quando estás a tentar encantar o teu amor há muito perdido, pois não? Nada berrante nem chungu, apenas alguma coisa que não te faça parecer uma bibliotecária.

Eu estava claramente a enlouquecer porque, de repente, pareceu-me que talvez não fosse má ideia ir com o Wes e ver o que ele achava que eu devia vestir. Não estava disposta a mudar a minha imagem por um rapaz — maldita fosse essa ideia —, mas se ele pudesse indicar-me uma roupa de que eu gostasse e que ele achasse que me fazia parecer menos picuinhas, isso não seria mau, pois não?

— Neste momento, estou bastante falida, não posso fazer de miúda gira e rica. Há algum modo de compor uma imagem de «miúda remediada e moderadamente

atraente»?

Ele dirigiu-me um sorriso aberto, o sorriso de quem tinha acabado de vencer alguém.

— Confia em mim, Buxbaum. Eu ajudo-te.

Mal ele saiu, mandei uma mensagem à Joss.

Uf! Parece que tenho de fazer dois turnos. Podemos comprar os vestidos amanhã?

DESCULPA!

Sentia-me uma porcaria de amiga. Sabia que tinha de parar de adiar e comprar o raio do vestido, mas estava a ser mesmo difícil obrigar-me a levar aquilo por diante.

Talvez amanhã.

CAPÍTULO CINCO

«Só porque ela gosta de coisas esquisitas, isso não quer dizer que não seja a tua alma gémea.»

(500) Dias com Summer

— A sério, Wes? — Dei uma volta à loja com os olhos, sem conseguir livrar-me da culpa. Uma coisa era baldar-me a fazer compras com a minha melhor amiga para fazer outra atividade, mas baldar-me a fazer compras com a minha melhor amiga para fazer compras com outra pessoa? Parecia-me estar a cruzar uma linha importante. — És ridículo.

Ele tirou uma túnica vermelha de um expositor e atirou-a para o carro.

— Ridiculamente esperto. Agora só tens de ir uma vez ao provador.

Olhei para o carro atafalhado e perguntei a mim mesma se ele sabia que só se podia levar seis peças de uma vez. Mas não disse nada, porque o homem estava em missão. Foi-me buscar à livraria no final do turno, acelerou pelos dois quarteirões até ao centro comercial e quase me desencaixava o braço sempre que eu não acompanhava o seu ritmo decidido.

Pelos vistos, o Wes detestava fazer compras.

Estávamos na Devlish, o «*franchise* mundial e *trendy* para jovens» que eu normalmente evitava. Gostava de comprar roupas *vintage online* ou procurar nas lojas de segunda mão as peças perfeitas; a Devlish não era a minha cena. Quando entrámos na loja de três pisos, o Wes perguntou-me o meu tamanho e depois começou a atirar peças para o carro como se estivesse num concurso de compras em velocidade.

Fizemos por fim uma pausa no meio de um corredor, entre os vestidos formais com lantejoulas e os fatos de tipo executivo. O Wes vasculhou o conteúdo do carro, pegou em algumas peças e reconsiderou-as, a acenar com a cabeça ou a abaná-la pensativamente. Por fim, disse:

— Provavelmente já temos as suficientes.

Tentei não parecer sarcástica ao dizer:

— Provavelmente.

Ele apontou-me um dedo e disse:

— Mas conheço-te suficientemente bem para saber que esta é a minha única

hipótese.

— É verdade. — Ele tinha escolhido calças de ganga, *T-shirts*, alguns *tops* supergiros, alguns *tops* não tão giros; o rapaz estava definitivamente a cobrir todas as possibilidades. — Mas porquê tanto branco?

Ele empurrou o carro para um enorme expositor de camisolas dobradas e disse:

— As pessoas de cabelo ruivo ficam bem de branco. Não devias saber isso?

Limitei-me a segui-lo, a tentar não sorrir perante a confiança dele nas suas crenças de moda.

— Não recebi esse memorando.

Ele pegou numa mão-cheia de camisolas e acrescentou-as ao nosso monte.

— Branco e verde, mana. São as tuas cores.

Não consegui conter o riso. «Mana.»

— Anotado.

Ele parou um momento com o frenesi das compras, baixou o olhar para mim e sorriu. Os seus olhos eram ternos ao percorrer-me o rosto. Lembrou-me do olhar que o Rhett dirigia à Scarlett em *E Tudo o Vento Levou*, quando tentava apertar-lhe as fitas da touca nova. Era um olhar que admitia que ele não sabia nada sobre o que estava a fazer e que sabia que parecia um tolo.

Mas não se importava, porque estava a divertir-se.

Era estranho, mas uma parte de mim pensava que podia ser o caso do Wes. Não era que ele gostasse-de-gostar de mim, mas eu sentia que ele gostava das nossas disputas verbais. Honestamente, eu também gostava, quando ele não dizia coisas que me davam vontade de o esganar.

Estendeu o braço e retirou do cabide uma camisa de flanela aos quadrados. Aquilo não ia funcionar na primavera, mas eu não disse nada. Puxei o cabelo para trás das orelhas e deixei-o acabar. Não escapou à minha atenção que a nossa expedição de compras de transformação era exatamente como eu tinha imaginado, mas mais *ABC da Sedução* do que *Ela é Demais*. Fazia tanto lembrar o Mike a levar a Abby às compras que quase tinha graça, só que o Wes não era o protagonista e eu não estava a apaixonar-me por ele.

— Achas que devíamos ir andando para o provador? — perguntou.

— Oh, Deus seja louvado, finalmente acabaste. Sim.

Ele carregou em direção ao provador, apoiando o grande corpo no carro, e eu senti-me um pouco impressionada pelo seu foco. Não tinha olhado para ninguém desde a nossa entrada na loja, e havia montes de miúdas naquele sítio. Miúdas *trendy* que eram mesmo o tipo dele.

Mas só lhe interessavam as compras.

— Liz?

Levantei os olhos e — o quê?! — ali estava a Joss, a sair de uma cabina. A JOSS?! *Merda, merda, merda* — como era possível? Com todas as lojas que havia... Não tinha onde me esconder, onde esconder o Wes. Ela olhou para mim com uma expressão confusa.

— Pensava que estavas a trabalhar. — Aproximou-se e olhou para o Wes antes de dizer: — Dois turnos, não era?

Merda. Sentia-me como se tivesse sido apanhada a copiar, e quis desaparecer.

Mas, ao mesmo tempo, olhei para ela e percebi que preferia estar a comprar disparates com o Wes a estar a comprar vestidos com ela.

Porque com o Wes não havia laços, não havia ligações a nada doloroso. Comprar vestidos para o baile de finalistas, pelo contrário, estava envolvido em laços de melancolia que me faziam sentir um mundo de coisas que eu não queria sentir.

Primeiro, ao ver a Joss e a mãe às compras juntas, eu ficava demasiado focada no facto de a minha mãe não estar presente para fazer compras comigo. Depois, o acontecimento que motivava as compras fazia-me mergulhar na realidade de a minha mãe não estar presente na noite do baile de finalistas para me ajudar a preparar nem para tirar demasiadas fotografias.

E por fim, claro, havia o vestido em si. A minha mãe fora uma apaixonada por roupas formais, e experimentar vestidos com ela teria sido um desfile de moda de proporções épicas, a que não faltariam *lookbooks* caseiros e joias a condizer.

— Saí mais cedo. — Eu era uma pessoa horrível. Vi-a olhar para o carrinho a transbordar e disse: — Quando cheguei a casa, o carro do Wes não pegava e ele pediu-me se lhe podia dar uma boleia até ao centro comercial. Veio comprar um presente para a mãe.

O que estava a acontecer? Era alarmante o modo como as mentiras me jorravam da boca.

— Eu sei falar, Buxbaum. Credo. — Ele lançou-me um olhar e a seguir abanou a cabeça para a Joss, enquanto o meu coração acelerava. Perguntou-lhe: — Tens alguma ideia do que posso oferecer à minha mãe como presente de aniversário? A Liz encheu um carro com roupas, mas não me está a convencer.

— Se fosse a ti, confiava nela. — A Joss dobrou sobre o braço a camisola que transportava e disse-lhe: — Ninguém sabe dar presentes como a Liz.

— Tens a certeza? — Ele olhou-me de lado. — Ela está a usar um *kilt*, Joss.

Ela começou a rir-se e eu senti que talvez me pudesse safar. Ela disse ao Wes:

— A Liz tem o seu estilo interessante, mas é por escolha. Estás bem entregue.

— Se tu o dizes.

Ela ajeitou a camisola que lhe pendia do braço e disse:

— Liga-me mais logo, Liz. Quero fazer a cena dos vestidos amanhã, e juro por Deus que me zango a sério se voltas a dar-me nega.

— Não dou.

— Prometes?

Sentia-me tão grata por ela não estar zangada pela minha ida às compras com o Wes que disse com sinceridade:

— Prometo.

Ela despediu-se e dirigiu-se para a caixa, e mal saiu do nosso campo de audição, o Wes disse:

— O teu nariz chega à porta.

— Cala-te.

— Pensava que vocês eram as melhores amigas.

— E somos. — Revirei os olhos e fiz-lhe sinal para empurrar o carro até aos

provedores. — É complicado.

Ele não se mexeu e perguntou:

— Porquê?

— O quê?

Apetecia-me empurrá-lo e pôr aquele grande corpo a andar, já que ele continuava sem se mexer.

— É complicado porquê?

Parecia genuinamente interessado. Podia isto realmente importar ao Wes?

Eu suspirei e rosnei baixinho, passando a mão pelo cabelo. Uma parte de mim queria dizer-lhe tudo, mas o Wes, tal como a Joss, não compreenderia o meu desgosto.

— Não sei. Às vezes, guardo coisas para mim e isso provoca tensão.

Ele inclinou a cabeça de lado.

— Está tudo bem? Isto é, tu estás bem?

O semblante dele estava — não sei — ternamente preocupado? Era um pouco enervante o ponto a que ele parecia sincero, e algo dentro de mim não o detestou. Agitei uma mão e disse:

— Vai ficar bem. E obrigada por alinhares na cena.

— Conta comigo, Buxbaum. — Observou-me por um minuto, como se estivesse à espera de mais, mas depois piscou o olho e apoiou-se no carrinho. — Agora estás na minha equipa.

— Valha-me Deus.

Ele lá acabou por entrar com o carrinho na zona dos provedores e deixou-se cair numa das cadeiras de espera. Estendeu as pernas à sua frente e cruzou os braços.

— O que estás a fazer?

Os olhos dele estreitaram-se um tudo-nada.

— Estou sentado.

— Mas porquê? Não vou provar as roupas para ti.

— Oh, vá lá, Liz. Se sou responsável por te transformar, tenho de...

— Oh, meu Deus, tu não me vais transformar. Estás a falar a sério? — Por vezes ele era para lá de exasperante. — Vou levar a tua opinião em conta, mas não sou patética e não preciso que o Wes «Broseph» Bennett me transforme.

Ele ergueu para mim um olhar risonho.

— Acho que o Michael tinha razão sobre seres muito rígida.

— És impossível. Por favor, vai para outro sítio.

— Como é que vais saber como te ficam se eu não estiver aqui?

— Tenho olhos.

— Olhos que aprovaram uma farda de empregada de mesa para uma festa, lembras-te?

— Era um vestido adorável.

— Discutível. E o uso do pretérito imperfeito significa que ficou irrecuperável?

— Sim, tinha vomitado nos bolsos. Despedi-me dele ontem à noite.

Isto fê-lo sorrir, e os cantos dos seus olhos negros enrugaram-se.

— Ora, lamento. Era um vestido feio, mas não merecia morrer.

Revirei os olhos, e a assistente dos provadores apareceu, vinda do fundo.

— Quantas?

— Algumas — grunhiu o Wes, ao mesmo tempo que eu dizia:

— Quantas posso levar de uma vez?

— Oito.

— Só oito? — A voz do West ecoava na pequena zona dos provadores. — Vá lá, isso vai demorar séculos.

Ignorei-o e levei oito peças para um provador. O terceiro *top* que experimentei, uma coisinha mole de malha que descaía de um ombro e que ficaria adorável com um cai-cai por baixo, era realmente giro. Combinei-o com umas calças de ganga desbotadas e cheias de rasgões, e fiquei contente com a sugestão do Wes.

Ele tinha conseguido encontrar uma coisa *trendy* ao meu gosto; eu não podia acreditar.

No momento em que estava a vestir uma camisola verde-esmeralda, ouvi-o dizer:

— Achas que podes mudar de roupa mais depressa? Estou aqui quase a adormecer.

— Não tens compras para fazer enquanto esperas por mim? Acho que vi em promoção umas roupas para latagões parvos.

— Au. — Ele assobiou. — És tão má.

— Dá-me dois minutos e termino.

— A sério?

Ele parecia chocado.

— A sério.

— Mas ainda só vais nas primeiras oito.

Despi a camisola verde e vesti a minha, e enfiei os pés nos sapatos enquanto compunha o cabelo ao espelho.

— Já tenho o que preciso, portanto não vale a pena continuar. — Quando saí, a sua expressão era de dúvida, como se não confiasse na minha resposta, mas, quando chegámos à caixa, pareceu aprovar as peças que eu tinha selecionado. — Ainda não consigo acreditar que estou a seguir os teus conselhos de moda. Sinto que isto é o fundo do poço. — Entreguei o meu cartão de débito à funcionária e olhei para a pequena pilha de roupa no balcão. Apontei para a caixa de sapatos pousada ao pé das minhas roupas. — Isto não é meu.

— Eu tenho muito bom gosto. Sou tipo o teu fado-padrinho pessoal. — O Wes indicou os sapatos. — E esta é a minha contribuição.

— O quê?

Ele apoiou um braço no balcão e lançou à funcionária um sorriso que dizia: «Vê o que tenho de aturar?»

— Sei que não tens uns *Chucks*, Libby, e precisas definitivamente de um par.

— Compraste-me sapatilhas.

— Sapatilhas não, *Chuck Taylors*.

Olhei para o seu sorrisinho sem fazer ideia de como reagir, portanto estendi o braço e abri a caixa.

O Wes Bennett tinha-me comprado umas sapatilhas.

Nunca nenhum rapaz me comprou fosse o que fosse, e no entanto ali estava o Wes, o vizinho antagonista, a gastar do seu dinheiro porque pensava que eu precisava de umas *Chucks*. Toquei na tela branca.

— Quando tiveste sequer tempo para isso?

— Quando estavas no provador. — Baixou para mim o olhar terno e disse: — Pedi à Claire que tratasse disso.

— Quem é a Claire?

— A assistente dos provadores. Tens de prestar atenção.

A funcionária entregou-me o talão e o meu saco, e eu continuava sem saber como reagir. Era muito querido e atencioso, e tão nada o Wes.

— Hum, obrigada pelas sapatilhas. Eu...

— Deixa-te lá de entusiasmos, Buxbaum. — Ele sorriu tanto que os olhos se lhe semicerraram. — É embaraçoso.

Sáímos da loja e, antes de chegarmos à porta do centro comercial, obriguei-o a entrar comigo na Ava Sun, a minha loja preferida. Tinha roupa cheia de estilo, mas de preço acessível, sobretudo vestidos, saias e acessórios delicados.

— Cum caneco, é como uma versão gigante do teu guarda-fatos.

Eu sabia que a intenção dele era lançar uma farpa, mas, ao dirigir-me para os expositores das promoções, disse:

— Obrigada.

— Queria dizer que isto parece um pesadelo. — Ignorei-o e continuei a revistar os cabides. — Um verdadeiro pesadelo. Monstros e gnomos e horríveis vestidos às flores.

— Chiu. Estou a tentar fazer compras.

Encontrei uma prateleira de promoções e comecei a vasculhar enquanto ele se encostava à parede e olhava para o telefone. Uma parte de mim gostava de saber se a sua troça incessante era um modo de *flirt*. Quero dizer, em qualquer outro rapaz seria, mas este era o Wes. Sempre gozou comigo e me atormentou. Porque havia eu de interpretar aquilo de outra maneira?

Ele era assim.

— Uau. Aquele vestido é tão Liz Buxbaum.

— Hummm?

Ergui o olhar e vi-o apontar para um manequim.

— Aquele vestido. É a tua cara.

Segui o dedo dele até ao manequim e fiquei de boca aberta. Porque, esclareço, ele não estava a apontar para um manequim qualquer. Estava a apontar para o meu manequim, o que vestia o meu *pied-de-poule*, o vestido pelo qual me apaixonei no momento em que cheguei à loja, duas semanas antes.

Aquele que procurei *online* pelo menos vinte vezes desde então.

Era carote. Ia ter de esperar até poder pedi-lo ao meu pai como presente de aniversário; mas havia algo no facto de o Wes ter olhado para ele e de achar que era «eu» que era... qualquer coisa. Fazia-me feliz.

— Realmente, adoro aquele vestido.

— Vês? Sou um fado-padrinho incrivelmente intuitivo.

Ajustei a alça da minha mala e disse:

— Vamos embora, antes que eu te vomite na farda.

Mal entrei no carro dele, o meu telefone vibrou. Era uma notificação e dizia que o novo álbum dos Insipid Creation tinha acabado de sair. Devo ter feito um ruído de entusiasmo, porque o Wes perguntou:

— O que é?

— Nada. Vi agora que o álbum que pré-encomendei vai ser enviado hoje.

— Enviado, avozinha? — Ele meteu a chave na ignição e perguntou: — Não usas o *streaming*, como os jovens?

Fechei a porta.

— Claro que uso, mas há coisas que têm de ser ouvidas em vinil.

Ele ligou o carro e lançou-me um olhar, e eu pus o cinto de segurança.

— Sempre gostaste assim tanto de música? Quero dizer, eu vejo-te quase sempre de auscultadores.

— Bastante. — Enfie o telefone na mala e olhei pelo vidro. — A minha mãe pôs-me nas aulas de piano quando eu tinha quatro anos, e apaixonei-me; também jogava um jogo comigo em que criávamos bandas sonoras para tudo.

— A sério?

O Wes olhou por cima do ombro antes de recuar para fora do lugar de estacionamento.

— Sim. Passávamos horas e horas a escolher as canções perfeitas para acompanhar qualquer acontecimento que estivéssemos a musicar.

Ao dizer aquilo em voz alta dentro do carro dele, apercebi-me de que nunca tinha contado a ninguém. Era uma memória que pertencera apenas a ela e a mim, e eu sempre tinha achado tremendamente triste ser a única pessoa no planeta a conhecê-la.

Até agora, pelos vistos.

Sorri, mas a minha voz parecia a de uma rã quando disse:

— Fiz uma para o campo de férias, para as férias de Natal, para o curso de natação de seis semanas que detestei e que nunca passei; tudo merecia uma banda sonora.

O Wes afastou os olhos da estrada o suficiente para me olhar, e foi como se sentisse que eu não queria falar mais da minha mãe.

— Então era isso! — A boca dele abriu-se num sorriso. — Inventaste uma banda sonora para ti e para o Michael.

— O quê?! — Virei-me um pouco no assento, corada. — De que estás a falar? *Oh, meu Deus, como sabia ele disto?*

— Tem calma, Miss Love. O teu segredo está seguro comigo.

— Não faço ideia do que...

— Eu vi o papel. — O Wes parecia estar a tentar não se rir, mas todo o seu rosto sorria. — Vi o papel, portanto não vale a pena negares. Estava pousado na tua agenda esta manhã e dizia «Banda Sonora de M&L». Oh, meu Deus, Buxbaum, é mesmo adorável, caraças.

Eu ri-me, embora me sentisse mortificada.

— Cala-te, Wes.

— Que canções tens?

— A sério.

— A sério, quero saber. São temas da pesada, como Ginuwine e Nine Inch Nails, ou pirocises românticas? A Taylor Swift estava na lista?

— Desde quando é que os Nine Inch Nails são da pesada?

— Quem faz as perguntas sou eu. — Suspirei e olhei pela janela. — Podemos fazer uma banda sonora para nós?

— Odeio-te.

Ele disse:

— Oh, vá lá.

— Não tens nada para fazer melhor do que isto? — Gesticulei para o espaço entre nós, a brincar, mas também um pouco interessada na resposta dele. Era tudo por causa do Lugar ou era também um pouco por causa de mim? — A sério?

— Com certeza, mas era capaz de vender a minha avó pelo Lugar. «Isto» — disse, a imitar o meu gesto — é para pôr o carro do Wessy mais perto do Wessy.

E ali estava a minha resposta.

— Que diminutivo horrível.

Mantive o olhar fixo no para-brisas, mas senti o sorriso na sua voz quando ele disse:

— Voltando à banda sonora de W&L. O que devemos pôr nela?

— És um cretino.

— Não conheço essa cançoneta, mas a melómana aqui és tu, não eu. Estava a pensar mais no tema de amor do *Titanic*.

— Se nós fizéssemos uma banda sonora — disse eu, a apontar-lhe para a cara —, e não vamos fazê-la, seria toda sobre a guerra do estacionamento.

— Ah, sim, a guerra do estacionamento. — Ele ligou o pisca-pisca e parou no sinal vermelho. — Que canção acompanharia essa gloriosa batalha?

— Não a do *Titanic*.

— Está bem, então...

— Humm. — Fechei os olhos e pus-me a pensar, sem me importar com o facto de ele estar a ser sarcástico. Isto era o que eu mais gostava de fazer no mundo. — Primeiro temos de decidir se queremos que a canção seja o acompanhamento da cena ou se queremos que seja uma justaposição.

Ele não respondeu e, quando eu abri os olhos, vi-o a observar-me. Engoliu em seco e disse:

— Justaposição, claro.

— Está bem. — Ignorei-o e prossegui. — Então, se estivermos a pensar no dia em que me tapaste o para-brisas todo como um herege, eu seleccionaria algo que te celebrasse. Percebes? Porque foste notavelmente indigno de celebração.

— «Isn't She Lovely», do Stevie Wonder? — sugeri.

— Ooh, gosto! — Cantarolei as primeiras notas e depois disse: — Ou... Os Rose Pigeons têm uma canção chamada «He's So Pretty, It Hurts My Eyes», que

descreve como um tipo é adorável e fantástico. Isso é a justaposição perfeita para ti na guerra do estacionamento, certo?

— Fiz o que tinha de fazer. No amor e no estacionamento, vale tudo.

Quando ele parou em frente da livraria para eu passar para o meu carro, agradeceu-lhe e peguei nos meus sacos. Ele disse que ia mandar mensagem ao Michael e dizer que eu iria, e também disse que juntaria uns elogios sobre mim. Eu queria ajudá-lo a encontrar os adjetivos perfeitos, mas contive-me. Saí do carro e, no momento em que ia fechar a porta, ele disse:

— Se calhar devias esticar o cabelo para logo à noite.

— Desculpa. Pareceu-me ouvir-te dizer como devo arranjar o meu cabelo. — Sabia que ele estava a tentar ajudar-me a conquistar o Michael, mas dar-se-ia conta de que me fazia sentir uma merda quando falava do meu estilo como uma piada? Eu estava cem por cento em paz com as minhas escolhas de moda — vestia-me única e exclusivamente para mim —, mas mesmo assim era desagradável saber que ele não gostava da minha aparência. Naquele momento, tinha o cabelo apanhado numa trança. Embora não fosse particularmente *cool*, também não era como se tivesse cabelo até aos calcanhares e nunca tivesse usado uma escova. — Como só pode ser engano, o que é que realmente disseste?

Ele levantou uma mão.

— Isto soou mal. Eu só queria dizer que, em vez de mudares apenas de roupa, devias fazer para o Michael o tratamento completo de miúda gira. Ele ainda pensa em ti como Little Liz, mas se lhe apareceres com o aspeto das raparigas com quem namorou desde que se foi embora, podia ser um bom começo.

Continuava a não me agradar, mas ele tinha alguma razão.

— Então, qual é o plano para logo?

— Vou buscar-te por volta das cinco.

— Está bem.

— Calça as *Chucks*.

— Tu não mandas em mim. — Disse isto a fingir um amuo infantil, mas continuava perplexa quanto ao que o levava a comprar-me as sapatilhas. Todas as outras coisas que ele tinha escolhido a dedo para o meu guarda-roupa de «nova Liz» foram pagas por mim. Porque se deu ele ao trabalho de as pagar enquanto eu provava as roupas? Porque as pagou sequer?

Ele juntou as mãos como quem reza.

— Podes, por favor, por favor, calçar as *Chucks*?

— Veremos.

CAPÍTULO SEIS

«Quando estou contigo, sinto que consumi drogas. Não é que eu consuma drogas. A menos que tu consumas drogas. Nesse caso, eu passo a vida a consumi-las. Todas.»

Scott Pilgrim Contra o Mundo

Às quatro e quarenta e cinco, ataco as minhas *Chucks* — que, tinha de admitir, ficavam bem giras com o meu conjunto desportivo — e desci as escadas. Eram confortáveis, e algo nelas fazia com que eu amolecasse, mas não ia perder nem um minuto a tentar perceber porquê.

O meu pai tinha levado o meu avô ao campo de golfe. A casa estava em silêncio. A Helena estava ali, algures, mas eu não sabia bem onde.

A campanha tocou, para minha incredulidade. O Wes vinha adiantado?

Dirigi-me à porta, mas, quando a abri, era a Jocelyn, não o Wes.

— Oh. Olá. — Estou certa de que a minha cara revelou o choque ao vê-la em vez de ao Wes, e fiz os possíveis para não parecer abalada. — O que estás a fazer aqui?

Ela ficou de boca aberta por um segundo e olhou-me de cima a baixo.

— Oh, meu Deus, quem te fez isto?

Baixei o olhar para as minhas roupas.

— Hum...

— Quero dar-lhe um beijo de língua. Estás incrível! — Entrou, e o meu cérebro estava a mil ao fechar a porta atrás dela. Ainda não lhe tinha contado da festa, nem do jogo, nem do Michael, nem do Wes, nem de todas as coisas questionáveis que andava a fazer com a minha vida pessoal. E o Wes ia chegar a qualquer momento. *Merda*. — Compraste isso quando estavas com o Wes?

Continuava a sorrir. Portanto, não estava danada comigo.

Ainda.

— Sim. Aquele parvo descobriu umas peças giras. — As minhas faces ardiam e eu senti que tinha a culpa estampada na cara. — Imagina.

— Oh, olá, Joss. — A Helena saiu da cozinha, muito mais *cool* do que eu, de calças de ganga e uma camisola de hóquei. — Pareceu-me ouvir a porta. Queres beber alguma coisa?

Céus, o Wes e a sua grande boca iam chegar a qualquer momento. *Não bebas!*

— Não, obrigada. Só tenho um segundo. Vou buscar a minha irmã ao futebol, mas, como a Liz não respondia às minhas mensagens, passei por aqui.

Bolas.

A Helena sorriu e disse:

— Ela é terrível, não é?

A Jocelyn sorriu para a Helena, mas também me lançou um olhar destruidor.

— É.

— Eu, hum, também estou quase a sair. — Engoli em seco e esperei pô-la dali para fora rapidamente. — Daqui a cinco minutos.

— Aonde vais?

Tinha sido a Helena a fazer a pergunta, mas ficaram ali as duas a olhar para mim enquanto eu tentava inventar alguma coisa.

— Hum, o Wes, aqui do lado, vai ao jogo de basquete e, hum, perguntou-me se queria ir. Quero dizer, é uma coisa casual, sem grande importância. Eu estava aborrecida e pareceu-me que seria menos aborrecido, percebem? Não me apetece nada ir, mas disse que ia. Pronto.

As sobrancelhas da Jocelyn arquearam-se.

— Tu vais a um jogo de basquetebol. — Falou como se eu me tivesse declarado um *Triceratops*. — Com o Wes. Bennett.

A Helena cruzou os braços sobre o peito.

— Não chamaste a polícia por causa dele há uns dias?

— Não, eu, hum, eu disse que quase chamei. — Cuspi um péssimo riso fingido e encolhi os ombros. — Pois. Sinceramente, não faço ideia do porquê de ter dito que ia com ele.

Sabia exatamente porquê.

— O Bennett também te obrigou a comprar essas *Chucks*? — A Jocelyn estava de olhos postos nos meus pés. — É que tu detestas essas sapatilhas.

Era verdade. Sempre pensara que as *Converse* de cano alto eram feias e não davam qualquer apoio à planta do pé. Agora sentia por elas uma estranha afinidade que me fazia pôr em causa a minha estabilidade mental.

— Estavam em saldo, o que me levou a pensar «que se lixe». — Outra vez a péssima gargalhada. — Porque não comprar umas *Chucks*, não é?

A Jocelyn abanou ligeiramente a cabeça, como se não fizesse ideia daquilo a que estava a assistir.

Somos duas, miúda. Somos duas.

— Bem, pessoa que eu conhecia, só passei por aqui porque a minha mãe precisa de saber em que dia da próxima semana vamos comprar os vestidos.

Por ironia, depois de eu anteriormente já ter concordado em ir às compras com elas, a mãe da Joss teve de adiar para outro dia. A princípio fiquei aliviada por adiar mais, mas agora parecia-me que o Universo só me queria torturar. Por esta altura, já quase esperava que alguém enfiasse um vestido no meu guarda-fatos para poder deixar de ouvir a expressão «comprar vestidos».

— Ooh, eu adoro comprar vestidos. — A Helena inclinou a cabeça de lado e

acrescentou: — É raro usá-los porque sentar-me como uma senhora é uma seca, mas todas as primaveras desejo pilhas e pilhas de vestidos floridos.

— São os vestidos para o baile de finalistas. — A Jocelyn continuou a olhar para as minhas roupas e disse: — A Liz e eu vamos juntas, e a minha mãe disse que nos podia levar a comprar os vestidos.

— Ah.

A Helena pestanejou e olhou-me de relance, e eu senti-me um monstro.

Ela tinha dito várias vezes que achava que eu devia ir ao baile de finalistas porque me ia arrepender se não fosse, e também tinha dito várias vezes que me podia levar a comprar o vestido e que podíamos «fazer uma saída especial».

Pensou que ia ser muito divertido.

Mas isso foi, tipo, há um mês, e eu tinha-me mais ou menos esquecido.

Mais ou menos.

O meus sentimentos sobre a Helena fazer as coisas que a minha mãe devia estar ali para fazer eram complicados e, durante grande parte do tempo, eu limitava-me a evitá-los até se irem embora.

Ou até isto acontecer.

— Bem, tenho a certeza de que vai ser o máximo. — Os seus olhos estavam tristes, mas disse: — Mas não comprem nada demasiado descarado, está bem, meninas?

A Jocelyn sorriu.

— Vamos fazer os possíveis, mas não prometemos nada.

A campainha tocou — desta vez tinha de ser o Wes, certo? — e eu senti náuseas quando as duas pousaram o olhar em mim.

Espremi-me pelo meio delas e dirigi-me para a porta.

— Deve ser o Wes. — Os meus dedos envolveram a maçaneta e preparei-me. Quais eram as probabilidades de o Wes ficar de boca fechada e não atihar a Jocelyn e a Helena contra mim ao revelar-lhes a nossa aliança? Abri a porta. E tentei comunicar a situação apenas com os meus olhos. Esperava que estes dissessem «não piores isto», mas provavelmente parecia só agitada. — Olá — disse.

O Wes sorria, mas, ao olhar para mim, o sorriso transformou-se numa coisa estranha, como no sorriso de alguém que acabou de descobrir algo. Depois passou a um sorriso enorme, e ele disse:

— Tu sabes ouvir.

Bati com a porta.

— Hã? — A Joss apertou os lábios e a Helena franziu o sobrolho. — Qual é o teu plano?

Com um suspiro, voltei a abrir a porta e levantei uma mão.

— Não fales. A sério. Podes não dizer uma palavra até estarmos no carro? Ou, talvez, tipo, nunca?

— Olá, Wes. — A Helena fez-lhe um breve aceno com a mão. — Já sei que encontrei a Liz esta manhã.

Ele lançou-me um olhar que era o equivalente a mostrar-me a língua e sorriu à Helena.

— É verdade. Obrigado. Não me parece que a Liz tenha apreciado a minha presença no seu local de trabalho, mas cheguei lá na mesma.

A Jocelyn inclinou a cabeça de lado.

— Então tu foste ao trabalho dela convidá-la para ir contigo ao jogo logo à noite?

— Fui.

Uma observação casual: o Wes tinha-se transformado num tipo bastante atraente. Isto é, pessoalmente não me sentia atraída por ele, mas a *T-shirt* desbotada que vestia revelava uns bíceps bem definidos. Combinando os músculos com o sorriso maroto e os olhos escuros e pestanudos, estava mesmo muito bem.

Só não era de todo o meu tipo.

— Liz? — A Joss dirigiu-me um olhar carregado de intenção. — Posso dar-te uma palavra na casa de banho?

Nem pensar.

— Na verdade, temos mesmo de ir, mas de certeza que...

— Eu espero. — O Wes entrou por completo no vestíbulo e fez girar as chaves à volta do dedo. — Não há pressa.

A Jocelyn agarrou-me no cotovelo e puxou-me até à casa de banho minúscula que havia logo a seguir à cozinha. Assim que a porta se fechou atrás de nós, disse:

— Pensava que o carro do Wes estava avariado esta manhã.

— O quê?

— Ela suspirou.

— Disseste-me que ele precisou de boleia para o centro comercial porque o carro dele tinha avariado. Mas a Helena acabou de dizer que ele foi de carro até ao Dick's para falar contigo.

O quê?! A Helena disse isso? Estaria eu tão absorta no Wes que deixei totalmente de as ouvir? *Booooolas*. Aclarei a garganta e disse:

— Não, o carro dele avariou-se no Dick's.

— Não foi isso que me disseste no centro comercial.

Como podia eu lembrar-me do que dissera fosse a quem fosse? Além de ser uma coisa muito foleira, a mentira era difícil de manter.

— Foi, sim.

Ela suspirou.

— Não importa. O que importa é que estás prestes a ir num encontro com o Wes Bennett, miúda.

— Na verdade, é mais...

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Para alguém que adora o amor e essas merdas, és um bocado totó. Ouve-me bem. O Wes veio a tua casa esta manhã e, quando não te encontrou, meteu-se no carro e foi ao teu trabalho para te convidar para ires com ele ao jogo, quando sabe que não percebes nada de desportos.

Oh, não — *não, não, não*. Ela ficou com a ideia errada e, se ouvisse o boato que eu, enfim, pus a circular na festa e que não tive ainda coragem de lhe contar, eu estaria lixada.

— Eh...

— Tu sabes que é verdade, Liz. E a seguir fingiu que precisava da tua ajuda para fazer compras. Isto é um encontro, Liz. Um encontro amoroso.

Eu queria dizer-lhe o que realmente se passava, mas era uma cobarde. Sabia que ela reagiria como se eu fosse uma *stalker* obcecada pelo Michael e eu não podia ouvir isso. Aliás, gostava mais da descrição do Wes: o Michael era o meu amor há muito perdido. Disse:

— Não é um encontro, mas concordo que tem potencial para isso.

Por fim, algo que não era mentira. Tinha realmente potencial para encontro.

Só que não com o Wes.

— Então e queres isso?

Se eu me tivesse referido a um rapaz de um modo que fosse facilmente mal interpretado, bem, a culpa não seria minha, pois não? Encolhi os ombros e disse:

— Não sei. Quero dizer, ele é lindo e divertido às vezes, sabes?

— Bem, sim, claro que sei. Toda a gente adora o Wes. Mas pensava que tu o odiavas.

Seria verdade? Toda a gente adorava o Wes? Isto é, na festa parecia que todos eram loucos por ele, mas não me ocorreu que isso fosse além do seu círculo social. Eu vivia na casa do lado e andávamos na mesma escola. Seria possível ele ser amado universalmente sem que eu nunca soubesse?

Disse:

— Oh, e odeio. Mas às vezes é divertido odiá-lo. Pronto.

Isto fê-la rir-se. Abriu a porta.

— Não percebo, e amanhã vamos ter de falar sobre este teu novo *look*, mas queria certificar-me de que não estás a dar a impressão errada ao nosso Wesley.

Quando voltámos para junto da porta da rua, a Helen estava a fazer rir o Wes ao falar da final, na noite anterior, de um *reality show* de namoros.

— Quero dizer, a mulher disse com todas as letras: «Quero um homem que todas as noites ponha pétalas de rosa na minha cama se pensar que isso me faz feliz.» Se isto não é alarmante, não sei o que é.

— Quem quereria tal coisa, não é? — O Wes dirigiu à Helena um dos seus melhores sorrisos. — Alguém tem de limpar aquilo tudo.

— Obrigada, Wes. — A Helena lançou os braços ao ar, grata pela comisseração dele. — E não seria preciso tirar as pétalas da cama antes de se deitarem? Quero dizer, ninguém deseja pétalas de flores a colarem-se-lhe às partes, não achas?

O Wes disse:

— Eu não ia gostar nada.

A Joss desmanchou-se e o Wes riu-se; na verdade, tinha bastante graça. Mas a Helena estava deliberadamente a passar por cima da declaração romântica. Sim, talvez fosse um pouco piroso, mas um gesto grandioso tinha o seu mérito.

A minha mãe teria compreendido.

— Estás pronta para ir, Buxbaum? — A atenção do Wes voltou-se para mim, e o meu rosto aqueceu quando os olhos dele me examinaram o cabelo e as roupas. Detestava o modo como a minha cútis mostrava sempre ao mundo o que eu estava a sentir e desejei desesperadamente que houvesse maneira de baixar a temperatura nas

minhas faces. Infelizmente, não tinha essa sorte. — Pareces definitivamente pronta para uns cestos — disse ele, a arquear uma sobranceira —, mas ainda não sei bem se serás capaz.

— Eu voto no «não». A Jocelyn inclinou-se e baixou a voz. — Vamos a uma aposta, Bennett?

— Vocês são hilariantes. «Ah, ah, ah, a Liz não percebe nada de desporto.» — Abri a porta da rua. — Bem, vou ver a equipa fazer uns entorses. Vens ou não, Wes?

— É «sofrer umas entorses». — Lançou à Jocelyn e à Helena um olhar cético que as fez rir e disse: — Estou a ir.

A Helena disse:

— Não te esqueças de que o teu pai e eu vamos ao cinema logo à noite e voltamos tarde.

— Está bem. — Fechei a porta atrás de nós, stressada sobre que diabo estaria a Joss a pensar agora, e disse ao Wes: — Céus, tens de ter calma com o charme, está bem?

Ele arqueou as sobranceiras.

— Desculpa?

— Tive de dar a entender à Joss que talvez goste de ti. Portanto, tem calma. Aquelas duas são o teu público-alvo: adoram a tua *vibe* de rapaz maroto. — Lancei-lhe um olhar de «deixa-te lá disso» e apontei-lhe o dedo enquanto nos aproximávamos do carro. — Por isso, por amor de Deus, contém-te, senão elas vão massacrar-me para andar mesmo contigo.

Ele abriu-me a porta e apoiou os braços no alto da janela enquanto eu entrava.

— Isso seria o pior, certo?

— Absolutamente o pior. — O Wes fechou a porta e eu apertei o cinto de segurança enquanto ele contornava o carro. Entrou, ligou o motor, e não pude deixar de notar que ele cheirava muito, muito bem. Não conseguia parar de inspirar. — Isso é sabonete ou desodorizante?

A sua grande mão pousou na alavanca das mudanças e ele franziu o sobrolho ao olhar para mim.

— Perdão?

— Cheiras muito bem, mas não é o teu cheiro habitual.

Ele não meteu a mudança. Em vez disso, ficou a olhar para mim.

— O meu cheiro habitual?

— Não finjas que sou esquisita. A tua colónia normal é tipo amadeirada, mas hoje cheiras mais a... não sei... especiarias.

A imagem dele de tronco nu a aplicar desodorizante acendeu-se-me na cabeça. Aclarei a garganta, mandando-a embora.

A sua voz era grave e algo gutural quando soltou uma gargalhada.

— Cum carças, a Liz Buxbaum conhece o meu cheiro.

— Sabes que mais? Esquece. — Fiquei contente por ele meter a mudança e afastar-se do passeio, porque, se olhasse para mim, veria decerto que as minhas faces estavam escarlates. — Cheiras a cu.

Isto fê-lo rir abertamente.

— Cu amadeirado com especiarias, queres dizer.

— Que graça.

Virei-me para o rádio na esperança de uma mudança de assunto.

Aparentemente, funcionou, porque ele disse:

— Nem acredito que vestiste mesmo as roupas. — Ligou o pisca-pisca e abrandou para fazer a curva. — Estava mesmo à espera de chegar e encontrar-te num vestido de avozinha.

— Gastei dinheiro nelas. Claro que as vou usar.

Ele voltou a olhar diretamente para a minha indumentária antes de focar a atenção na estrada.

Que diabo? Brinquei com um fio das minhas calças de ganga rasgadas e fiquei a matutar: o que pensaria ele? Não é que estivesse ansiosa por um elogio do Wes Bennett — porque não estava —, mas não se podia olhar diretamente para a indumentária de uma pessoa e não se comentar a dita indumentária, pois não?

Era totalmente desconcertante. Não me ficava bem?

Cocei os rasgões cruzados e disse:

— Acho que te devo um agradecimento. Não por tentares «transformar-me», idiota, mas...

— Vejo que ainda não superaste isso.

— Porque gosto desta roupa. Nunca a teria notado no expositor, mas gosto dela.

— Vês? Eu sou bom...

— Não. — Inclinei-me para a frente e comecei a passar em revista as estações de rádio. — Não vais ouvir mais elogios meus hoje. A menos que queiras que eu vomite como a tua amiga loura.

— Não, obrigado.

Olhei para o vazio do assento de trás.

— Onde estão os rapazes?

— Estão em casa do Adam. Vamos todos numa carrinha conduzida por ele.

O meu estômago transformou-se instantaneamente numa bola de nervos. O facto de não conhecer os amigos dele já era suficientemente stressante, mas a ideia de ir no banco traseiro de uma carrinha com o Michael fez emergir todas as preocupações.

Porque eu queria — tanto! — que ele visse que eu já não era a Little Liz.

— É tudo malta porreira, não te preocupes. — Foi como se ele lesse os meus pensamentos; antes que eu pudesse pensar muito nisso, disse: — Ooh, gosto desta canção.

— Eu também. — Parei de procurar, surpreendida por o Wes e eu concordarmos nalguma coisa. Era «Paradise», do Bazzi, bastante antiga e bastante *pop*. Mas era uma daquelas canções que provocavam sensações, como se, a par das notas, recebêssemos também uma dose saudável de sol estival a beijar-nos os ombros enquanto caminhávamos na cidade ao entardecer.

Naquele momento, o telefone dele vibrou e ambos baixámos o olhar para onde ele estava, no suporte para copos. A caixa de notificações dizia «Michael Young».

— Parece que o teu rapaz está a mandar uma mensagem.

— Oh, meu Deus!

Visualizei a cara o Michael e o meu ritmo cardíaco acelerou.

— Vê tu. Eu não troco mensagens enquanto conduzo.

— Isso é muito responsável da tua parte — disse eu, pegando no *iPhone* dele. Segurá-lo parecia estranhamente pessoal, como se tivesse nas mãos o livro da sua vida social. Gostava de saber quem estaria guardado nos seus favoritos, com quem ele comunicava regularmente e — valha-me Deus — que imagens viveriam no arquivo da sua câmara.

— Nem por isso. É só que detesto a morte e a prisão.

— É compreensível, mas devo dizer-te que me fascina uma pessoa tão preocupada por ver o seu telefone nas mãos de outrem.

— Não tenho segredos — disse ele, e perguntei a mim mesma se seria verdade.

— Senha, por favor. — O ecrã de bloqueio era uma fotografia do cão dele, o *Otis*, que era bastante adorável. Ele tinha aquele velho *golden retriever* desde que eu me lembrava.

— Zero-cinco-zero-quatro-dois-um.

— Obrigada.

Abri as mensagens e li a que o Michael enviara.

Michael: Então, convenceste a Liz a ir?

— Uau! Ele perguntou se eu ia! — Baixei o volume do rádio e perguntei ao Wes: — Isto quer dizer que ele quer que eu vá, é?

— Uma vez que a mensagem é para mim — resmoneou, olhando-me de lado e contraindo o maxilar —, eu diria que não.

— Pode querer. — Aquela resposta não me agradava. — Não sabes.

— Parece-me que ele está só a contar as pessoas, Liz. — Olhou para mim e apontou para o telefone. — Queres responder-lhe?

— A sério?

Ele encolheu os ombros.

— Porque não?

Eu inspirei.

— Hum, está bem. Eh...

— És patética. — O Wes virou para uma rua ladeada de árvores. — Acho que uma sólida resposta seria «sim». Tu não?

Enquanto ele falava, eu escrevi: «Sim. Estamos a chegar.»

Enviar.

Estava prestes a pousar o telefone do Wes no suporte para copos quando ele vibrou nas minhas mãos.

Michael: Boa. Vão dar uma palavrinha a teu favor.

Wes (eu): Boa, mano.

Olhei para o Wes e acrescentei:

Já agora, adoro o teu cabelo. Tens de me dizer que produto usas.

Mordi o lábio para conter o sorriso.

Michael: Estás a gozar, certo?

Voltei a lançar um olhar ao Wes antes de acrescentar rapidamente:

Muito a sério. És o meu herói capilar. Até já.

Pousei o telefone no suporte e dirigi ao Wes um sorriso aberto quando ele parou em frente de uma casa e olhou para mim.

— É aqui — disse ao estacionar. Os olhos dele subiram até ao meu cabelo e regressaram ao meu rosto. — Estás pronta?

— Pronta como um ataque cardíaco.

— Sabes que não se diz assim, não sabes?

— Sei. — Por vezes, esquecia-me de que nem toda a gente vivia na minha cabeça. — Gosto de misturar metáforas.

Um dos lados da boca arrepanhou-se-lhe.

— Que grande rebeldia a tua, Elizabeth.

Limitei-me a revirar os olhos e saí do carro.

Não chegámos a ir até à porta. O Wes contornou a casa e abriu o portão da vedação.

Mas deteve-se antes de entrar para o quintal, fazendo-me chocar com as suas costas.

— Céus, Wes. — Senti-me ridícula e constrangida ao bater com os peitos nas costas dele. — O que estás a fazer?

Ele virou-se e olhou para mim, com um levíssimo vestígio de sorriso nos lábios. Havia algo no sorriso dele, no modo de revelar dentes perfeitos e também de dar um brilho divertido aos seus olhos negros, que tornava impossível não sorrir também.

— Só quero lembrar-te que o Michael pensa que eu estou a tentar conquistar-te. Portanto, se ele não parecer interessado em ti, não leves a mal. É bom tipo, pelo que vai tentar manter-se à distância até saber que não estamos juntos. *OK?*

Eu não sabia se era resultado da brisa ligeira ou do facto de ele estar tão próximo, mas a sua colónia masculina (ou desodorizante — ele não chegou a responder à minha pergunta) não me largava as narinas, tornando-as muito felizes. Voltei a inspirar e ajustei o cabelo atrás das orelhas.

— Estás a tentar tranquilizar-me?

Ele estreitou os olhos como que com vontade de sorrir, mas em vez disso abanou a cabeça.

— Céus, não. Em termos emocionais, estás por tua conta. Eu só estou nisto pelo Lugar Eterno.

O sorriso invadiu-me os lábios, independente da minha vontade.

— *OK*, ainda bem.

Despenteou-me o cabelo como se eu fosse uma miudinha — o estúpido — e depois começou a andar para a garagem independente, nas traseiras. A sua súbita fisicalidade tinha sido chocante — ao mesmo tempo familiar e estranha —, e levei um minuto a recuperar por completo. Vi três pessoas de pé junto da primeira porta e pentei-me rapidamente com os dedos enquanto o seguia. A minha pulsação acelerou e os nervos de «eu não conheço estas pessoas» serpentearam por mim acima.

Respirei fundo; ali estava o Michael a conversar, encostado a uma carrinha

metalizada e enferrujada, de calças de ganga e um blusão preto que lhe destacava os olhos azul-bebé. *Tão, tão lindo.*

— Não estejas nervosa — disse o Wes pelo canto da boca. Empurrou-me com o ombro e lançou-se de imediato nas apresentações: — Estes são o Noah, o Adam, e já conheces o Michael.

— Olá — disse eu, com a cara a arder e todos a olharem para mim.

Era péssima com nomes, mas com alcunhas iria lá. Memorizei o Sorrisinho (o Noah), o Camisa Havaiana (o Adam) e o Sr. Certo com o Rabo Perfeito (o Michael, claro). Eram todos bastante amistosos. O Camisa Havaiana disse que se lembrava de mim do segundo ciclo porque tínhamos a mesma diretora de turma, e depois ele e o Noah começaram a discutir como a Sra. Brand era simpática na leitura, no sétimo ano.

Era tudo muito insípido e desinteressante, e ignorei a conversa e tentei olhar para tudo menos para o Michael. Tentei e falhei. Independentemente do que dissesse ao meu cérebro, as pupilas buscavam-no constantemente e passeavam pela sua cara perfeita.

O Wes estava a topar tudo e, quando os nossos olhares se cruzaram, abanou a cabeça.

O que me fez pôr a língua de fora.

O Sorrisinho inclinou a cabeça de lado — tinha visto a língua —, mas o Wes salvou-me, dizendo:

— Vamos ou quê?

Entrámos todos para a carrinha e, quando eu ia sentar-me na fila do meio, o Wes empurrou-me para a de trás e grunhiu:

— Confia em mim.

Desviou-me e sentou-se à esquerda, à janela, o que deixava livre para mim o lugar entre ele e o Michael. Sentei-me e olhei para ele; o Wes arqueou a sobrancelha, como quem diz «aproveita», o que me fez sentir calor no nariz. O Adam ligou a carrinha e saiu do carro.

O Wes começou a falar com os tipos da frente, inclinando-se para alcançar a segunda fila, tipo a dar alguma privacidade ao Michael e a mim. Eu aclarei a garganta, superconsciente da proximidade entre a perna dele e a minha. *O que dizer?* A minha cabeça estava totalmente em branco, como uma linha rasa de eletrocardiograma, e a minha boca deixou de funcionar.

Hora da morte: 17h05.

De todas as vezes que imaginei os nossos primeiros momentos mágicos, nunca considerei que ia ficar constrangida a olhar para os joelhos, completamente muda, à espera de confirmar que aquilo que cheirava a bolor no carro não fosse eu, enquanto uma canção horrível dos Florida Georgia Line soava nas colunas atrás das nossas cabeças.

O Michael estava a olhar para o telefone e eu sabia que estava a ficar sem tempo. *Diz qualquer coisa inteligente, Liz.* Abri a boca e quase disse algo sobre a festa, mas voltei a fechá-la quando percebi que recordar-lhe o incidente do vomitado — e conjurar a imagem da minha pessoa toda suja — era uma ideia péssima.

Oh, meu Deus! Diz qualquer coisa, falhada!

Então...

— Liz.

Os meus olhos dispararam para o rosto dele, mas olhá-lo provocava-me voltas no estômago, e fixei o olhar no fecho de correr do blusão dele para acalmar os nervos. Embora tivesse a cara a arder e quase a certeza de que havia gotas de suor na ponta do meu nariz, tentei parecer descontraída e irônica ao dizer:

— Michael.

Ele sorriu.

— Posso dizer-te uma coisa?

Oh, céus.

O que ia ele dizer? O que poderia sequer dizer, tendo voltado há dias apenas? Preparei-me para o ouvir confessar que o meu perfume o agoniava, ou que tinha uma coisa nojenta a sair do nariz.

— Claro que sim.

Os olhos dele subiram para o meu cabelo por um segundo antes de pousarem nos meus, e ele disse:

— Agora estás mesmo um pouco parecida com a tua mãe.

Seria possível sentir-se parar o próprio coração? Provavelmente não, mas o peito prendeu-se-me ao visualizar o rosto da minha mãe e aperceber-me de que o Michael também se lembrava do rosto dela. Ele ainda conseguia visualizá-la. Tive de pestanejar depressa para me dominar, porque, em toda a minha existência, aquele foi o elogio mais importante que alguma vez recebi. A minha voz ficou rouca e trémula quando disse:

— Achas que sim?

— Acho mesmo. — Ele sorriu, mas parecia algo inseguro, hesitante, como as pessoas pareciam sempre quando não sabiam se tinham errado ao mencionar a existência da minha mãe. — Desculpa por, hum...

— Obrigada, Michael. — Cruzei as pernas, virando-me para ficar um pouco mais de frente para ele. A verdade era que eu gostava de falar da minha mãe. Referi-la numa conversa casual, lançar para o Universo palavras sobre ela, fazia-me sentir que guardava aqui comigo um pouco dela, embora tivesse partido há já tanto tempo. — Ela sempre gostou de ti. Quero dizer, provavelmente seria porque tu eras a única pessoa que não se escondia debaixo da fonte dos pássaros nem pisava os malmequeres a jogar às escondidas, mas isso conta.

Os olhos azuis dele sugaram-me, e ele sorriu, soltando uma gargalhada incrivelmente agradável e profunda.

— Aceito. É disso que fala a tua tatuagem? Dos malmequeres da tua mãe?

Áí o meu coração parou de certeza, e só consegui assentir em resposta. Lágrimas felizes jorraram-me dos cantos dos olhos.

Virei a cabeça para o outro lado, pestanejando algumas vezes. Ele tinha visto a minha tatuagem e, sem qualquer explicação, entendeu-a. Podia não saber que a minha mãe adorava a fala em *Você Tem Uma Mensagem* sobre os malmequeres serem a flor mais amistosa, mas as flores tinham-no feito pensar nela.

O Wes olhou para mim e, franzindo o sobrolho, ia para falar, mas eu abanei a cabeça. Por alguma razão, a carrinha começou a abrandar, embora só estivéssemos na estrada há uns minutos.

— Porque paramos? — perguntou o Wes ao Adam.

— Esta é a casa da Laney.

A minha cabeça virou-se de supetão para a esquerda. Para lá da cara do Wes, vi a Laney, através do vidro, a sair de uma grande casa branca de estilo colonial. Desceu os degraus a saltitar com o seu fato de dança, uma malha preta cintilante que teria iluminado as minhas falhas, mas que não as detetava nela, e senti-me nauseada ao vê-la abrir a porta de correr da carrinha.

Então era por isso que havia um lugar vago.

O meu momento com o Michael e as memórias felizes da minha mãe desapareceram quando a Laney entrou para a carrinha e fechou a porta. Teria sido convidada pelo Michael? Queria ele que eu mudasse de lugar para que ela se sentasse ao seu lado? Seria ela, tipo, o par dele? E seria eu o do Wes?

— Muito obrigada por terem vindo buscar-me. — Ela sentou-se no lugar à frente do Michael e o seu perfume subtil flutuou até onde eu estava, um lembrete olfativo de que ela era fantástica até ao mínimo pormenor. Olhou de relance para trás e disse-me:

— Oh, olá, Liz. Não sabia que vinhas. Imaginava que não gostasses de desporto.

Forcei um sorriso, mas não me pareceu que os meus lábios estivessem suficientemente distendidos, pois fervia por dentro. Ela tinha razão, claro, mas porque imaginaria isso sobre mim? Porque não usava um blusão tolo com letras? E tinha quase a certeza de que ela estava deliberadamente a comentar isto à frente do Michael. Tentei parecer ligeira pela segunda vez naquela noite, e disse:

— E no entanto cá estou eu.

E — raios! — ela fez-me esquecer de ver como era a casa do Michael.

A Laney virou-se de novo e disse aos tipos da frente:

— Bem, era impossível eu estar pronta à hora a que o Michael saiu, mas, em minha defesa, ele não teve de se maquilhar nem de vestir um figurino.

Todos se riram — claro —, e a Laney lançou-se numa diatribe adorável sobre o que implicava preparar-se para dançar.

— Eu não fazia ideia de que ela vinha — disse o Wes, para minha surpresa. A boca dele estava tão perto da minha orelha que eu literalmente estremeci. — Juro.

O que quer que o Wes dissesse sobre o Lugar Eterno, naquele momento não consegui deixar de pensar que também estava a ajudar-me por ser genuinamente simpático. As palavras da Joss ecoaram-me na cabeça. «Toda a gente adora o Wes.»

Eu começava a perceber porquê.

Aproximei-me mais dele para me fazer ouvir quando murmurei:

— Mas tinhas razão sobre a cena do ofuscar. Neste momento, sou realmente invisível.

Ele olhou-me como quem diz «não és nada», mas eu não ia sequer tentar convencer-me do contrário. A Laney tinha-se virado no assento e estava a seduzir

diretamente o Michael, e uma ligeira náusea instalou-se-me no estômago. Era muito injusto. A miúda estava toda maquilhada, com uma malha de brilhantes, e um laço enorme e ridículo no alto da cabeça. Devia parecer a Rainha dos Palhaços.

Mas estava gira.

E o pior é que era incredivelmente charmosa. Conseguia de algum modo enterrar a sua alma rançosa e transmitir inteiramente que era um ser humano adorável.

Aquilo era feitiçaria.

Era impossível competir com aquele espetáculo de perfeição, e por isso desisti e saquei do meu telefone para ler. Tinha começado um livro muito bom naquela manhã; peguei onde tinha ficado e tentei perder-me na alegria da Helen Hoang.

Um minuto depois, a Joss enviou-me uma mensagem.

Joss: Olá. Foste à festa do Ryno?

Merda. O meu estômago deu uma volta, e eu escrevi:

O Wes convidou-me à última hora e foi um pesadelo. Ia contar-te há bocado, mas a Helena interrompeu.

Joss: Que raio?... Eu convido-te sempre para as minhas coisas.

Eu: Pensei nisso, mas disseste que as festas do Ryno eram parvoíces imaturas, portanto sabia que não ias querer ir.

Joss: Só acho esquisito não me teres dito que ias. De repente andas estranha.

Ergui o olhar do telefone em busca de desculpas, mas só obtive a impressão de que a Laney estava a fazer uma lavagem ao cérebro a todos os rapazes para que entrassem para a sua seita de adorabilidade. Nada que me salvasse do facto de estar a ser uma péssima amiga.

Eu: Estava só a tentar poupar-te a uma noite horrível.

Joss: Deixa. Agora tenho de ir trabalhar.

Suspirei, dizendo a mim mesma que havia de a compensar, e voltei à leitura. Mas só tinha lido uns três parágrafos quando o Wes disse:

— Importas-te que eu leia por cima do teu ombro? Estou aborrecido.

Olhei-o de lado.

— Não ias gostar disto. Acredita.

— Podes calar-te para eu poder ler?

A minha boca queria sorrir, mas aclarei a garganta e disse:

— Desculpa.

Tentei voltar a focar-me na leitura, mas estava hiperconsciente de que ele também estava a ler cada parágrafo daquele livro sedutor, *sexy* e terno. Continuei a fazer *scroll*, mas agora as palavras estavam diferentes, faziam rodas umas por cima das outras com um contexto novo e agitado, em que as personagens principais começavam a ter uma conversa ligeiramente sexual.

Quando elas entraram juntas num quarto, desliguei o telefone.

— Tens as faces tão vermelhas — disse ele baixinho, com a sua voz grave cheia de riso contido. — Porque paraste de ler?

Soltei uma gargalhada tossida e encarei-o; os seus olhos negros tinham um brilho traquina, e ele dirigiu-me um sorriso entendido.

— Isto abana muito para se ler aqui dentro.

— Ah, sim. — Ele assentiu lentamente e abriu o sorriso. — Foram os abanões que te fizeram parar de ler.

— Se não tiveres cuidado, posso enjoar e vomitar-te para cima.

— Ah, Liz! — A Laney inclinou-se no espaço entre os dois bancos e disse: — Eu soube disso, da Ash te vomitar para cima. É tão horrível. Ela sente-se tããã mal.

O meu sorriso desvaneceu-se; ela pousou a mão sobre o coração e fez um beicinho de empatia. Estaria a puxar o assunto de propósito para me dar mau aspeto? Encolhi os ombros e disse:

— O que é uma festa se não nos vomitarem em cima?

Ouvi o Michael rir-se ao meu lado e senti que tinha ganhado o ponto. A Laney saltou de imediato para a sua tagarelice incessante e eu pus os auriculares para que os sons dos Wicked Faces afogassem os disparates dela. Antes de carregar no «play», parei e ofereci um deles ao Wes. Ele aceitou e ouvimos ambos em silêncio até entrarmos no parque de estacionamento da escola.

Quando o Adam estava a estacionar, a Laney disse finalmente uma coisa que me fez feliz. Abriu a porta de correr da carrinha e disse:

— Mais uma vez, obrigada pela boleia, Adam. Tenho de ir procurar a equipa. E não te esqueças: no regresso, vou no autocarro.

Isto significava que eu teria o jogo inteiro para falar com o Michael — sem a distração de temer a viagem de regresso. Ninguém assistia mesmo aos jogos como desafios desportivos, pois não?

O Wes devolveu-me o auricular, mas quando tentei captar-lhe o olhar para lhe comunicar silenciosamente a minha alegria pela boa notícia, ele estava demasiado ocupado a trocar mensagens com alguém para reparar.

Como vim a descobrir, os jogos escolares de basquetebol são incrivelmente barulhentos.

Sentei-me entre o Michael e o Wes, e os outros sentaram-se na fila à nossa frente. A banda de apoio estava à nossa esquerda, e pareciam todos imbuídos de um entusiasmo ensurdecador. Expeliam um fluxo contínuo de músicas que impossibilitava qualquer conversa. Parecia que a esperança de fazer ver ao Michael o verdadeiro eu teria de esperar até depois do jogo.

Mas não me importei muito com isso, porque gostava da onda do ginásio. O recinto transbordava de energia, como se cada pessoa estivesse prestes a explodir numa excitação incontrolável. A equipa estava a aquecer, e parecia que algo grandioso estava prestes a acontecer.

As bolas ressaltavam, os alunos subiam os degraus das bancadas em busca dos amigos, os minutos passavam no quadro gigante e as chefes de claque dançavam ao som da banda. Olhei para a Laney em busca de enganos, mas claro que não havia nenhuns. Ela fazia cada movimento coreografado como se o tivesse criado, de sorriso inabalável enquanto lançava a perna, girava e gritava numa perfeição uníssona com as outras miúdas.

Desanimador.

Olhei de relance para o Michael, mas felizmente ele estava a falar com o tipo ao seu lado.

O Wes deu-me um empurrãozinho com o ombro.

— Estás a divertir-te? — gritou-me aos ouvidos. — Um bocadinho?

Ri-me para o ouvido dele.

— A banda já vai na terceira rendição de «Uptown Funk», portanto, pressinto que vai ser uma noite mesmo especial.

Isto fê-lo sorrir. Aproximou-se mais, mas o seu rosto manteve-se virado para o campo de jogo.

— Muito bem, Buxbaum. Vamos tornar isto interessante. Se aquele tipo ali — disse, a apontar para o número 51 da nossa equipa — pontuar mais do que o número vinte e três da outra equipa, ganhas cinquenta paus.

— O quê?! Porquê?

— Sem perguntas. Queres os cinquenta ou não?

— Eh, claro. — Afinal de contas, faltavam-me cinquenta dólares para O vestido. — E se ele não conseguir?

— Aí, lavas o meu carro.

Visualizei o carro dele.

— O teu carro parecia bastante limpo há bocado. Qual é o esquema?

— Não há esquema. — Com um pequeno encolher de ombros, ele cruzou os braços compridos e disse: — Isto é, posso ir ou não participar num todo-o-terreno em Springfield amanhã, mas não chamaria a isso um esquema.

— És tão batoteiro. — Ele olhou-me com uma expressão gozona quando a banda começou a tocar «Hit Me with Your Best Shot», e eu disse: — Mas apostamos. Como se chama o cinquenta e um?

— Matt Kirk.

Vi o número 51 lançar de trás da linha branca e virei-me para sorrir ao Wes. Mas ele não estava a olhar para o campo. Estava a olhar para mim. A sorrir, na verdade, de um modo que me provocou um gaguejo no estômago. Pestanejei, virando-me de novo para o campo, e esperei que ele não notasse o que quer que fosse aquela perturbação. Depois a campainha soou, fazendo-me — felizmente — regressar do lugar estranho que aquele momento tinha sido.

— Não fazia ideia de que gostavas tanto de basquetebol.

O Michael parecia um pouco impressionado com o meu entusiasmo enquanto passávamos pelo bar e percorríamos o corredor, seguindo o Wes, o Noah e o Adam.

Eu devia um enorme agradecimento ao Wes pela aposta dos cinquenta dólares, porque, além de me levar a interessar-me pelo jogo de basquetebol a ponto de me esquecer da Laney e de tudo o mais no mundo, tinha aparentemente aumentado o meu valor aos olhos do Michael.

— Bem, hum, são os *playoffs*.

Sabia que o Wes sorriria se me ouvisse usar as palavras dele. Era intervalo e estávamos prestes a esgueirar-nos para o ginásio de treinos da Lincoln, onde íamos fazer uns cestos até o jogo recomeçar. Quando digo «íamos», quero dizer todos menos eu.

— Deduzo que sejas bastante amiga do Matt.

— Quem?

Ele pareceu confuso, embora continuasse a sorrir.

— O número cinquenta e um? Estavas em cima do jogo dele.

Duh.

— Ah, sim. O Matt. Somos... compinchas. — *Compinchas? A sério? Diz uma coisa cool uma vez na vida! Algo que te eleve acima da Little Liz.* Aclarei a garganta e acrescentei: — Andámos por um tempo, mas acabámos por decidir que era melhor sermos amigos.

Sim, mentir melhora realmente as coisas.

Para ser sincera, eu já nem sabia o que estava a fazer com tanta mentira. Sempre me tinha considerado uma pessoa bastante verdadeira, mas agora já tinha mentido à Joss, à Helena e ao Michael. Quando iria isto parar?

O Wes era a única pessoa a quem não mentira nos últimos tempos, e isso porque não estava a tentar agradar-lhe ou impressioná-lo. Ele sabia o novelo que eu era; portanto, não era preciso.

— Sim, eu percebo isso. — O ombro do Michael chocou com o meu de modo casual, porém, com noventa e nove por cento de certeza, propositado. Tive quase a certeza de que a minha mentira desnecessária tinha acabado de me valer um ponto. — Já tive namoradas assim.

— Venham. — O Noah segurava uma porta aberta, gesticulando para que nos despachássemos. — Entrem, antes que alguém nos veja.

Seguimo-lo e entrámos no ginásio. O Adam encontrou uma bola junto ao bebedouro do canto, enquanto os outros decidiam as equipas.

— Tu jogas, Buxbaum? — O olhar do Wes dizia-me que devia aceitar, mas eu sabia que o meu nível de competência nada faria a meu favor.

— Fico a ver, mas obrigada.

Tirei os auriculares do bolso da frente — tinha sempre comigo pelo menos três pares — e preparei-me para ligar a minha música. Sentei-me de pernas cruzadas no chão, coloquei os auriculares e fiquei a ver os rapazes a jogar.

E, em menos de nada, estavam todos absortos no seu jogo de intervalo. O Wes e o Noah eram uma equipa; o Michael e o Adam eram a outra. O Noah não parava de dizer disparates, e a sua batalha verbal com o Michael e o Adam fazia-me rir, porque era brutal, gabarola e hilariante.

O Michael fez uns lançamentos, mas foi ofuscado pelo Wes, que parecia ser mesmo muito bom no basquetebol.

Isto ia ser divertido.

Eu nunca tinha criado uma banda sonora para um evento desportivo — e as minhas *playlists* de corrida não contavam —, mas sempre pensei que estas possuíam uma magia própria. Quero dizer, a banda sonora de *Duelo de Titãs*? Totalmente fabulosa. O responsável conseguira uma obra-prima que alterava as canções para todas as pessoas que tinham visto o filme.

Quem conseguia ouvir «Ain't no Mountain High Enough» sem visualizar o Blue a cantar no balneário após aquele treino de pesadelo no acampamento? E «Fire

and Rain», de James Taylor, sofreu uma reencarnação total com aquele filme. Não me conseguia lembrar do que imaginava quando ouvia aquela canção antes de ver o filme, mas, para o resto da vida, iria sempre visualizar o acidente de carro que deixou o Bertier paralisado.

Observei o Noah a driblar pelo campo. Batia a bola com a confiança de quem sabia que esta não lhe seria roubada. Inspirada, procurei um tema alto, porque o jogo a que estava a assistir era todo ele barulho. Era uma cacofonia de vozes, grunhidos, chiados de sapatilhas e ressaltos.

Escolhi «Sabotage», dos Beastie Boys. Não era original, mas era perfeito. Continuei a aumentar o volume enquanto o Ad-Rock compunha o fundo perfeito para esta partida suada. O Noah sorria ao fintar o Adam e, logo a seguir à primeira sequência de riscos em discos, recuou e fez um lançamento que desenhou um arco perfeito no ar e aterrou no cesto. Só tocou na rede.

So-so-so-so listen up 'cause you can't say nothin'

O Michael passou a bola ao Adam, que era rápido e correu até ao canto, mas o Wes já lá estava de mãos levantadas. O Adam devolveu-a ao Michael, que driblou sob o cesto e meteu-a lá dentro, como se fosse fácil.

Listen all y'all it's a sabotage...

O Adam passou a bola precisamente no grito do meio da canção, e eu vibrei, viva como só me sentia quando conseguia a combinação perfeitamente exata. Se a vida era um filme, esta canção estava destinada para este momento.

A música tornava tudo melhor.

Quando o Noah fez um lançamento de três pontos e ganhou o jogo, endireitei-me e gritei. Mas estava feliz pela minha pequena vitória, não pela deles.

Todos descontraíram instantaneamente mal o jogo acabou, falando e atirando casualmente ao cesto. Eu fiz *scroll* até «Feelin' Alright», do Joe Cocker, enquanto admirava o desportivismo à minha frente. O Noah discutia — ruidosamente — com o Adam, e os dois riam-se. O Wes estava a fazer um qualquer passo de dança desastroso ao lado deles, também a rir-se.

Havia algo de terno no modo como passavam de adversários a amigos, de atletas rivais a simples rapazes adolescentes, no momento em que soava o metafórico apito final.

— Porque estás a sorrir?

Saltei e levei a mão ao coração antes de arrancar os auriculares dos ouvidos.

Virei a cabeça num ângulo incómodo e vi o Michael de pé, ao meu lado, de olhos postos em mim.

— Assustaste-me!

— Desculpa. — Dirigiu-me um ligeiro sorriso e o meu estômago fez o pino. O seu cabelo louro estava suado nas madeixas exteriores, mas era como se o suor fizesse de gel e fixasse todas as partes pontiagudas. Os seus olhos eram calorosos, e ele disse: — Parecias mesmo feliz, aqui sentada com os teus auriculares. Não te devia ter perturbado.

— Oh, não faz mal. — Puxei o cabelo para trás das orelhas e disse: — Eu, hum, adoro...

Sabe Deus que não gostava de desporto, e pus-me a gesticular com as mãos em redor do ginásio, esperando que bastasse e me salvasse de mais uma mentira.

— Queres bater umas bolas?

Sorria para mim, e notei que de facto ele tinha um ótimo cabelo. Podia realmente ser um herói capilar, se tal coisa existisse.

— Sou horivelmente descoordenada — disse, e captei um vislumbre do Wes na minha visão periférica.

Fiz a asneira de virar a cabeça na sua direção e ele mostrou-me dois polegares erguidos, com um sorriso piroso e uma dança de sobrancelhas.

Oh, por amor da santa.

O Michael driblou e disse:

— Não podes ser assim tão má.

Voltei de novo a minha atenção para ele e disse:

— Acredita que posso.

— Vá lá. — Ele parou de driblar e estendeu uma mão para me ajudar a levantar. — Eu ajudo-te a lançar. — Peguei na mão dele e o calor disparou por todas as minhas moléculas enquanto ele me erguia até ficar de pé. Segui-o enquanto ele driblava até ao cesto; assim que nos aproximámos, fez um lançamento e encestou. Eu apanhei a bola e ele disse: — Vamos ver esse lançamento.

Ocorreu-me naquele segundo que podíamos estar prestes a ter um momento de filme.

— Cá vai disto.

Sem ser chamado, «Paradise», do Bazzi, começou a passar na minha cabeça.

This shit felt like Friday nights

This shit make me feel alive...

Lancei e vi a minha bola falhar espetacularmente. Tipo, a bola ficou a muitos, MUITOS metros do cesto, em distância e altura. Quando me comecei a rir, o Michael limitou-se a sorrir, e a expressão do seu rosto era tão encantadora que me fez querer escrever um poema.

Em vez disso, disse:

— Estás a morder a parte de dentro da bochecha para não te rires?

Ele estreitou os olhos.

— Consegues ver isso?

— Eu vejo tudo, Young Michael.

Ele lançou-me um olhar adorável e brincalhão, e disse:

— Na verdade, é Michael Young.

— Ah, sim — disse eu. — Pois é.

— Bem. — Ele foi buscar a bola e fê-la saltar por entre as pernas, dirigindo-me um meio-sorriso que me fez sentir um pouco tonta. — Se vês tudo, provavelmente consegues ver que o Wesley tem, tipo, um fraquinho por ti.

A canção parou com um guincho da agulha.

— Pft... O quêêê? Não — empatei.

Embora soubesse que este era o cenário combinado, visualizei o Wes no dia em que tinha arrastado um velho para-lamas de furgoneta para o Lugar só para me

impedir de estacionar lá. O Michael não sabia da missa a metade.

— Estou a dizer-te, Liz. — Passou-me a bola e eu apanhei-a mesmo. — O rapaz disse-me.

Ui. De repente, a mentira não era tão fácil de gerir como eu pensei que seria. O Wes já tinha falado com ele? O que devia eu dizer agora? Ressaltei a bola, focada em não perder o controlo sobre ela.

— Oh. Hum. Eu gosto do Wes, mas só como amigo.

— Devias reconsiderar. Ele é um tipo muito porreiro.

Sorri-lhe, a tentar não me arregarhar como uma tola apaixonada por ele, ali de pé e semelhante ao modelo de tudo o que eu alguma vez quis.

— Vá lá, Michael. O Wes não é um «tipo muito porreiro». É... — Parei de driblar. — O Wes é divertido, imprevisível e a alma das festas. Tem boas qualidades, mas não é porreiro.

Mas, ao dizer isto, já não o sentia verdadeiramente. Foi assim que sempre pensei nele, mas foi-se tornando claro que ou o Wes tinha mudado ou eu sempre estive enganada.

O Michael assentiu ligeiramente, como que a reconhecer a minha razão.

— Ainda assim.

Levantei a bola para lançar, mas o Michael veio por trás de mim e mexeu-me nas mãos, para que eu segurasse na bola de outra maneira. Parecia que os dedos dele me gravavam sulcos na pele e foi-me difícil recordar sequer como usar as extremidades. As suas mãos bronzeadas estavam abertas em redor dos meus dedos pálidos e do verniz turquesa estalado, e, apesar desta imagem algo romântica, consegui largar a bola e acertar mesmo no cesto.

— Foste tu que lhe ensinaste isto, Young? — Virei as costas ao cesto, e ali estava o Wes, a dirigir-se para mais perto do Michael. — É que ela dantes não sabia fazer isso.

Peguei na bola.

— Sabes lá tu.

— Eu sei tudo, Buxbaum.

Revirei os olhos e driblei na outra direção.

— Posso ter-lhe dado umas dicas, mas este lançamento foi todo da Liz — ouvi o Michael dizer. Encolhi-me. — E, já agora, quanto ao meu cabelo... — Parei de driblar e olhei por cima do ombro. O sobrolho do Wes estava franzido, como se ele estivesse simultaneamente confuso e interessado no que estava prestes a seguir-se. — Uso creme de pentear *leate* à frente, para que fique firme sem parecer rígido, e depois ponho um pouco de gel dos lados.

— Compreendo. — Os cantos da boca do Wes pareciam querer sorrir, mas eu percebi que ele não sabia se o Michael estava a falar seriamente do cabelo ou se estava a armar-se em esperto.

— Era provável que o teu cabelo fizesse a mesma coisa, sinceramente, se o deixasses crescer e fizesse um bom corte.

Quase me ri ao ver a mudança de expressão do Wes ao perceber que o Michael estava sério.

— Achas mesmo que sim? — perguntou o Wes.

— Com certeza. — O Michael deu ao Wes uma palmadinha no ombro, fez um sorriso adorável e disse: — Podes ser o teu próprio herói capilar.

Oh-oh.

— Hum, Michael?

Tive de intervir e parar com aquilo.

— Sim?

Bolas, tinha de dizer qualquer coisa.

— Hã... Voltaste a pensar no baile de finalistas? Se vais com alguém? Talvez uma amiga ou assim? — Oh, por amor da Nora Ephron, isto era demasiado descarado. Aclarei a garganta e acrescentei: — E tu, Wes? Vais? É que parece que muita gente vai faltar este ano. Ouvi dizer.

Os olhos do Michael estavam postos em mim, como se me considerasse para o cargo, e eu senti-me elétrica. Ele disse:

— Ainda estou...

No mesmo instante, ouvi o Noah gritar:

— Atenção!

Foi meio segundo antes de uma bola de basquetebol em voo embater na minha cara e me fazer cair de cu.

— Peço muita desculpa!

Tentei olhar para o Noah, mas não consegui vê-lo através da camisola amachucada sobre o meu nariz e devido ao modo como tinha a cabeça estava inclinada toda para trás. Não conseguia ver senão camisola e teto.

— Deixa lá de pedir desculpa, não faz mal.

Fazia mal. Isto é, não fazia, e eu não estava zangada com o Noah. Aparentemente, ele estava na brincadeira e tentou fazer um violento passe de peito para o Adam, que não percebeu e saiu da frente no momento mais inoportuno.

As coisas estavam a correr mesmo bem com o Michael antes de a bola me atingir no nariz. Num minuto, estávamos prestes a ter um potencial momento de filme, e, no seguinte, tinha sangue a esguichar-me da cara.

E não podia ser só um pouco de sangue no nariz. Não. Não para mim, não à frente do Michael. No momento em que a bola embateu, foi como se alguém tivesse aberto uma torneira. O Wes despiu a camisola, pressionou-a sobre o meu nariz e ajudou-me a endireitar, enquanto o Michael se acorrava ao meu lado, cheio de preocupação no olhar, e me perguntava se estava bem.

A minha camisola branca, nova, estava coberta de sangue, e as calças de ganga estavam também bastante salpicadas. Ainda bem que não tinha um espelho; estava certa de que havia de morrer de vergonha se me pudesse ver. Nunca ninguém no mundo pareceu atraente com sangue a jorrar-lhe de um orifício.

Ninguém.

Ali sentada, a sangrar, não pude deixar de perguntar com os meus botões se o Universo estava a mandar-me uma mensagem. Isto é, eu era mais otimista do que a maioria e acreditava convictamente no destino, mas estaria a mentir se dissesse que

não havia sinais de alarme.

Porque tanto o vomitado como o sangue tinham acontecido precisamente quando estava a ter momentos com o Michael. Das duas vezes, senti que estávamos a conectar-nos, e, então, *BOOM*. Fluidos corporais.

— Continuas bem, Buxbaum?

Não conseguia ver a cara do Wes, mas a sua voz grave descontraíu-me. Provavelmente porque o conhecia melhor do que aos restantes. Ele sentou-se no chão ao meu lado depois de pressionar a camisola contra a minha cara, e o seu cheiro, combinado com o seu lado inesperadamente solícito, manteve-me calma.

— Noah, partiste a cara à miúda.

— Se tivesses apanhado o passe, idiota, a pobre Liz não estaria na lista para transplantes.

Começava a reconhecer ligeiramente as vozes, porque eles nunca se calavam.

O Adam disse:

— Como podia apanhar uma coisa se não sabia que aí vinha?

— Como é que não pudeste?! — exclamou o Noah a fungar de riso. — Chama-se instinto.

— Os transplantes de nariz existem? — Parecia ser de novo o Adam. — Estou só curioso.

— Olha que belas perguntas. — O Michael parecia estar a rir-se e a ressaltar a bola. — Porque isso é realmente relevante para esta situação.

Não vou mentir, era algo alarmante o modo como o Michael se mostrava calmo e descontraído enquanto eu praticamente me esvaía em sangue.

O Adam disse:

— Nada a fazer, sou um rapaz curioso.

— És mesmo *nerd*.

O Noah também parecia estar a rir-se.

— Continuo a precisar de uma resposta — disse o Adam.

— Acho que sim. — A minha voz saiu esquisita e abafada por trás da camisola. — Houve uma mulher, a quem um macaco arrancou a cara inteira, que recebeu um transplante facial.

— A sério? — O Adam parecia fascinado. — A cara inteira?

— Tenho quase a certeza.

A conversa de chacha era uma distração agradável da minha ansiedade perante uma potencial lesão nasal. Quero dizer, não era verdade que as pessoas que partiam os narizes acabavam com uns grandes altos? O meu nariz estaria partido?

Tentei franzi-lo e doeu-me pra caraças. *Merda*.

O rosto do Wes surgiu na minha linha de visão, algo para olhar além do teto do ginásio.

— Estás bem?

Parecia realmente preocupado e, por alguma razão, senti-me compelida a tranquilizá-lo. Procurei às cegas a mão dele e apertei-a.

— Acho que não há crise. Assim que a hemorragia parar, devo ficar bem.

— Ela é bem mais rija do que tu, Bennett — disse o Adam.

— Podes crer. — O Wes ajeitou um lado da camisola para eu poder ver um pouco melhor, e senti a mão grande e quente dele fechar-se sobre a minha. — Eu estaria aos gritos.

O Michael acrescentou:

— *Idem.*

— Oh, meu Deus, o que aconteceu? — Uma adulta apareceu na minha linha de visão, uma mulher loura com um carrapito severo, que olhava preocupada para a minha cara. — Estás bem, querida?

Eu repeti o que tinha dito ao Wes e ela sugeriu que eu tentasse retirar a camisola. Disse, numa voz entendida:

— Aposto que o sangue já quase parou.

Enquanto ela dava um sermão aos rapazes sobre não deverem estar no ginásio, eu preparei-me para retirar a camisola. Embora soubesse que era muito prematuro, uma parte de mim não queria fazê-lo, porque decerto haveria manchas de sangue na minha cara. E uf, não é? Não queria que o Michael — nem ninguém — me visse assim.

Mas respirei fundo e baixei a camisola do Wes, erguendo o olhar para todos eles.

E... as expressões nas caras dos rapazes não eram boas.

O Michael tossicou e disse:

— Bem, parece que já não está a sangrar.

Olhei para o Wes. Ele era desprovido de tato e eu sabia que seria honesto comigo.

— O que foi?

Fiquei a olhar para ele, à espera. Estava de tronco nu, tendo doado a sua camisa ao meu nariz em sangue, e a visão do peito dele distraiu-me momentaneamente. Isto é, não tenho por hábito babar-me pelo físico de ninguém, mas o meu vizinho tinha uma definição pecadora.

— Não me interpretes mal — disse o Adam, respondendo antes do Wes e arrancando-me do meu devaneio peitoral —, mas o teu nariz parece, tipo... o nariz da senhora Cabeça-de-Batata.

— Cum caraças, é isso! — O Noah assentiu enfaticamente. — O resto não, mas o nariz é tal qual.

O Michael nem sequer escondeu o riso, mas pelo menos era um riso caloroso e amável.

— Parece mesmo um nariz de batata. E está outra vez a sangrar.

Ele tinha razão — eu sentia um líquido quente acima do lábio.

— Oh, meu Deus!

Voltei a tapar o nariz.

— Não, não parece; não lhes dês ouvidos. — O Wes levantou-me o queixo com o polegar e o indicador, e os seus olhos desceram até ao meu nariz tapado. — O teu nariz está só um bocadinho inchado.

O Noah resmoneou:

— Um bocadinho?!

Ao mesmo tempo, a senhora disse:

— Provavelmente devias ir às Urgências, querida. Só para te certificares de que não está partido.

As Urgências, a sério? Então e a minha viagem de regresso com o Michael, sem a Laney? Murmurei:

— Hum...

Mas o Wes interrompeu-me:

— Não, nada de objeções. Vou levar-te às Urgências e podes ligar aos teus pais pelo caminho. OK?

O Adam disse:

— Mano, não vieste a conduzir. E deixa lá de ser tão mandão com a miúda.

O meu nariz estava a pulsar, mas não consegui deixar de sorrir. Os amigos do Wes eram ridículos.

— Não preciso que me leves ao hospital. Ligo ao meu pai.

— Mas a Helena disse que ia ao cinema com ele. — O Wes parecia preocupado, o que me fazia sentir quentinha e mimada. O que queria dizer que eu provavelmente tinha uma concussão. Ele consultou algo no seu telefone e disse: — O hospital é literalmente aqui na rua.

— Ah, sim.

Ele tinha razão sobre o meu pai e a Helena, e provavelmente também sobre o hospital.

— De certeza que podem vir ter connosco, se tu lhes ligares. — O Wes estendeu a mão para me ajudar a levantar. — Consegues pôr-te de pé?

— Claro.

Deixei que ele me puxasse para cima.

— É melhor vestires-te, meu. — O Adam fez uma careta. — Pareces um tarado só de calças de ganga, como um *stripper* menor de idade.

Eu pressionei a camisola com mais força contra a cara, e o Wes apanhou o casaco do chão e vestiu-o sobre o peito nu. As minhas faces estavam em fogo — sentia-me como se estivesse a ver uma coisa proibida — e consegui dizer, trémula:

— Vamos lá, tarado.

Mas, ao sairmos do ginásio, ocorreu-me que o Wes já me doara duas vezes as suas roupas. Ou eu estava num programa de apanhados e o Wes estava a pregar-me partidas, ou ele era do mais simpático que havia.

— Herói capilar. Oh, meu Deus, nem tenho palavras. — O rosto do Wes estava sério enquanto ele me ajudava a descer os degraus da saída lateral da escola, mas o seu olhar tinha aquela centelha marota que nunca se apagava. — Achas que tens muita graça, não achas?

— Bem, sim, acho que sou uma pessoa bastante divertida.

Agarrei-me ao corrimão de metal e perguntei a mim mesma como tinha acabado sozinha com o Wes no final desta noite, em vez de fazer magia com o Michael. Surpreendia-me um pouco o facto de não me sentir mais desiludida, mas talvez fosse o mecanismo de defesa do meu corpo para me impedir de morrer de

vergonha.

— E se o Michael disser a toda a gente que é o meu herói capilar?

Sorrir doía-me, mas sorri na mesma. O Wes estava a agir como se o meu nariz não tivesse acabado de explodir à frente do meu fraquinho de sempre, e adorei-o por isso. Estava a pegar exatamente onde a nossa conversa teria ido parar se não fosse o meu acidente.

— Não diz.

— É que eu arranjava muito melhor. — Começou a nomear pessoas enquanto caminhávamos na escuridão do passeio. — Tipo, o Todd Simon. O gajo tem um belo cabelo. E o Barton Brown; podíamos perder-nos na guedelha lustrosa do Barton. São tipos dignos de heroísmo capilar. São dignos de adoração folicular. Mas o Michael Young? Por favor...

— Nunca conseguirias o Barton Brown; sê realista.

— Podia completamente conseguir o Barton Brown. O mais certo era ele perder a cabeça se eu lhe pedisse para ser o meu herói capilar.

— Nunca lho pedirias, Wes, e sabes que não. Ele está noutra liga capilar.

— Porque me estás a magoar assim?

— Desculpa. — Tentei não olhar para ele quando passámos sob um candeeiro, mas apercebi-me, ao olhar, que a cara dele era sempre divertida. Quase nunca tinha ar zangado, nem parvalhão, e eu não conseguia imaginá-lo verdadeiramente zangado. — Acho que estou a projetar.

Ele olhou para mim e fez uma careta de pena com a boca fechada.

— Como está a sentir-se a penca?

— Agora não dói muito. Exceto quando lhe toco.

— Então não lhe toques.

— A sério?

Ele encolheu os ombros e meteu as mãos nos bolsos do casaco.

— Parece-me lógico.

Eu estava farta de segurar aquela camisola por cima do nariz. Saquei do telefone e virei a câmara para fazer um espelho. Depois parei de andar e retirei lentamente a camisola da cara.

— Oh, meu Deus, sou mesmo a senhora Cabeça-de-Batata.

A cana do nariz estava tão inchada que todo ele parecia ter alargado. Era como se o nariz se fundisse com o resto da cara.

A boa notícia: quando inclinei a cabeça para trás, não me pareceu que houvesse mais sangue para sair.

Tudo aquilo era repugnante.

— Eu parti o nariz duas vezes. Vai sarar depressa. — Ele pousou o dedo no ecrã do meu telefone e minimizou a câmara, para que eu deixasse de me ver. — Podes parecer um brinquedo de criança por um dia, mas depois é quase impercetível.

Olhei de relance para o seu perfil na escuridão e não vi nele quaisquer altos ou nós no nariz.

Mas disse:

— Define «quase».

Ele ignorou-me e disse:

— Liga ao teu pai.

— Ah, sim. — Saí da câmara e fui para o telefone. — Obrigada. — Liguei ao meu pai enquanto o Wes, ao meu lado no passeio, fazia *scroll* no seu telefone. Depois de eu dizer ao meu pai o que acontecera e de ele contar à Helena, eles disseram que iam para o hospital e que nos encontraríamos lá. — Já agora, muito obrigada. — Meti o telefone no bolso, pendurei a camisola nojenta na alça da mala e recomecemos a andar. A cada passo, tentava compreender de onde vinha a súbita simpatia do Wes. Pelos vistos, o tipo estava mesmo empenhado em conseguir o lugar de estacionamento. — Não era preciso acompanhares-me.

Ele roçou o ombro no meu e troçou:

— A sorte de tu te esvaíres em sangue, e depois a culpa, não me deixariam gozar o Lugar Eterno.

— Espera... ficarias com ele, mesmo depois de contribuíres para a minha morte prematura?

Tentei dar-lhe um murro a brincar, mas ele apanhou-me o pulso com a mão enorme. Sorriu com o barulhinho que soltei e largou-me.

— Bem, ele está mesmo ali, Buxbaum. Como é que podia não o aproveitar?

Parámos num sinal vermelho ao chegarmos à esquina e ele virou-se para olhar para mim. Ficámos em silêncio por um momento. Os nossos sorrisos fervilharam lentamente e ele perguntou, com a voz profunda e séria:

— Então, estavas a fazer progressos com o Young antes de seres derrubada?

Não sei porquê, mas durante um segundo hesitei em dizer-lhe. Estávamos a divertir-nos e eu não queria conversas sérias. Mas depois lembrei-me de que era o Wes, o meu companheiro na equipa «vamos-apanhar-o-Michael». Porque não lhe diria?

— Sabes, acho que estava. Ele estava a ser um pouco sedutor antes de tu chegares lá e deslocou-me fisicamente o braço para me ajudar a lançar melhor.

— Deus do Céu, ele tocou-te?

Os olhos dele arregalaram-se como se fosse um acontecimento.

— Tocou.

Empinei o queixo, orgulhosa.

— Tipo, como é que ele te tocou? Como um treinador, clínico ou?...

— Foi assim. — Estendi os braços e movi-lhe os cotovelos da posição caída, erguendo-os uns centímetros no ar. — Só que talvez mais leve e Tateado.

— Cum caneco, Liz. — Ele abanou ligeiramente a cabeça, de boca aberta. — Isso é incrível.

Os meus lábios subiram no maior sorriso *geek* de sempre, apesar da pontada de dor no nariz.

— Achas?

— Oh, meu Deus, não. Não acho. — O Wes meteu as mãos nos bolsos e fez-me sinal para que andasse, pois o sinal estava verde. — Foi sarcasmo. Pensei que tinhas percebido, mas depois falaste em «tateado».

— Oh. — Aclarei a garganta e disse: — Bem, a mim pareceu-me incrível.

— Tipo incrivelmente tateado?

Enquanto ele troçava das minhas palavras e da minha obsessão pelo Michael, ocorreu-me que estava tudo mal. Quem estava a acompanhar-me ao hospital era o Wes, e foi a camisola do Wes que estancou a hemorragia do meu rosto.

Não devia ser o Michael?

Ele voltou a olhar para mim com uma expressão indecifrável enquanto nos aproximávamos da entrada das Urgências. Imediatamente antes de as portas se abrirem, observou:

— Não pensas realmente que o tatear dele tinha significado, pois não?

— Como é que hei de saber? — Estremeci de frio e perguntei cá comigo porque seria que o Wes parecia de repente um pouco cínico. — Podia ter.

Ele emitiu um ruído que era um cruzamento entre um suspiro e um gemido.

— Como é que podes ser tão má a ler sinais?

— O qu?...

— Liz. — O meu pai surgiu à porta do hospital e correu para mim, de rosto franzido de preocupação. — Estávamos literalmente no cinema do outro lado da rua. Como está o nariz?

Transpusemos as portas, e a Helena, que esperava junto do balcão das admissões, olhou para o Wes e dirigiu-me um sorriso estranho.

Aquilo, de par com tudo o resto, stressou-me de imediato. A última coisa que eu queria era que o meu pai fosse arrastado para a falsa narrativa de haver algo entre mim e o Wes.

O Wes foi simpático comigo e fez um pouco de conversa de sala, mas nem sequer olhou mais para mim. Quando se foi embora, disse:

— Tchau, Buxbaum.

E levantou o braço num aceno antes de desaparecer.

Eu não sabia bem o que pensar. Ele não podia estar zangado comigo, pois não? Porquê a atitude estranha? Estava tudo na minha cabeça?

Enquanto esperávamos pelo médico, mandei à Joss uma mensagem sobre o meu nariz (deixando de fora todas as referências ao Michael, claro), porque sabia que ela gostaria da história ridícula. A sua resposta:

Joss: O Wes Bennett levou-te ao hospital??

Eu: Sim, mas ele era a minha boleia, portanto, não foi nada de especial.

Sabia bem falar-lhe do meu nariz, talvez por ser um território seguro. Não tinha nada que ver com a classe de finalistas — a obsessão dela — e nada que ver com o esquema do Michael.

Joss: E ENTÃO?? OMD! Acho que o senhor Bennett está apaixonado...

Lá se ia o seguro. Sabia que era estranho, mas, ali sentada na marquesa forrada a papel, senti a falta da minha melhor amiga antes de sermos finalistas. Tinha saudades de ser tola e parvinha e cem por cento eu própria sem ter de me esquivar a conversas emotivas inoportunas.

Eu: Cala-te. Tenho de ir.

Joss: Na segunda não há aulas. Podemos ir comprar os vestidos?

Veem? Tinha saudades de conseguir escrever mais do que uma frase sem que o

stresse e o conflito entrassem nas nossas conversas. Senti-me péssima, mas isso não me impediu de escrever:

Eu: Acho que tenho de trabalhar. A SÉRIO. Não te zangues.

Joss: Cala-te. Tenho de ir, totó.

Uf! Tinha mesmo de despachar as compras antes de a magoar a sério. A Joss era uma pessoa forte, com muitas opiniões, mas, por baixo da sua obstinação, era querida e extremamente sentimental.

Era por isso que normalmente nos dávamos tão bem — éramos parecidas.

A médica apareceu e, depois de palpar e de revirar a minha penca dorida, determinou que esta não estava partida. Disse que ficaria normal dali a um dia ou dois, portanto eu não ia ser a senhora Cabeça-de-Batata por muito mais tempo. Quando chegámos a casa, já eram onze horas, e eu estava exausta. Tomei um duche, enfi-me sob os cobertores e estava quase a adormecer quando o telefone vibrou. Virei-me e olhei para o ecrã. Era uma mensagem de um número que eu não conhecia.

Desconhecido: Olá, Liz, é o Michael. Só queria saber como estavas.

— Oh, meu Deus.

Tatei em busca dos óculos e acendi o candeeiro. *Oh, meu Deus!* Olhei fixamente para o telefone. O Michael Young tinha-me mandado uma mensagem para saber se eu estava bem. Cum carações! Respirei fundo, trémula, e tentei pensar numa resposta que não me fizesse parecer uma chata.

Eu: Bem, o nariz da senhora Cabeça-de-Batata não se partiu, portanto, está tudo bem. 😊

Ele: Ah! Ah! Ainda bem. O Wes disse-me que recusaste todos os analgésicos no hospital porque és uma valente, e calculei que fosse o caso.

Nota mental: *agradecer esta ao Wes.* Sorri e deitei-me de barriga. Era como se ouvisse a voz dele, encorpada e arrastada, a ler as mensagens em voz alta. Deu-me vontade de rebolar na cama e dar pontapés no ar como quando a Julia Roberts se passou por causa dos três mil dólares em *Um Sonho de Mulher*.

Eu: Ele tem razão sobre a minha valentia, já agora.

Ele: Hum, acho que me lembro de uma miúda que chorava quando se molhava.

Revirei os olhos e desejei que ele conseguisse esquecer aquela miúda.

Eu: Essa miúda ficou para trás há MUITO tempo. Acredita, não te quererias meter com a nova Liz. 😊

Ele: Ai não?

Oh, céus. Ele estava a flirtar? O Michael Young estava mesmo a flirtar comigo? Sorri de orelha a orelha, como a *nerd* que sempre fui, ao escrever:

Eu: Definitivamente, não.

Ele: Bem, parece que vou ter de conhecer esta nova Liz.

Morri. Não sei como consegui teclar do além-túmulo, mas fi-lo.

Eu: Acho que talvez seja preciso, sim. Se achas que tens cocos para isso.

Ele: O quê?

Oh, caramba. «O quê» porquê? Os cocos? Eu era tão desajeitada nas mensagens.

Eu: Queria dizer talvez seja preciso, se achas que te interessa.

Ele: Certo.

Eu não queria estragar a oportunidade de ter uma conversa de texto com o Michael, mas, mais uma vez, estava a ficar totalmente em branco quanto a temas de conversa. Escola, basquetebol, nariz... hum.

Eu: O que estás a fazer agora?

Ele: A trocar mensagens contigo.

Bem, aquilo não era grande ajuda.

Eu: Parece interessante.

Ele: O quê?

Isto era real? Eu era assim tão horrível em conversas de texto? Merda.

Eu: Nada. Nada a propósito, estou esfomeada. Envia comida. SOS.

Ele: Tenho de ir tirar a minha piza do forno, porque o alarme de incêndio está quase a disparar e vai acordar os meus pais, mas guarda-me nos contactos. Vou mandar-te mais mensagens.

Eu ia desmaiar.

Eu: Está bem.

Ele: Boa noite, Liz.

Pousei lentamente o telefone na mesa de cabeceira. Hum... Estava excitada, era quase certo. Mas o que significava isso? Estava de novo na competição? Não tinha a certeza, mas ele interessara-se o suficiente para arranjar o meu número — pelo Wes, calculei — e mandar pessoalmente uma mensagem a perguntar como eu me sentia.

Portanto, embora tivesse sido esquisito, continuava a ser um bom sinal, certo? De repente, o tema de amor que eu tinha escrito aos sete anos voltou em força. *Liz and Michael, amor tão amável, sensível e terno de verão ou de inverno.*

Depois de ter saído da minha montanha-russa emocional, fiquei de novo cansada e o meu nariz começou a pulsar.

E comecei a preocupar-me.

É que não fazia ideia do que acontecera com o Wes no hospital. Num minuto, estávamos a andar para lá, a fazer o nosso número habitual, e, no seguinte, parecia que ele estava zangado.

E eu detestava a ideia de ele estar zangado comigo, especialmente depois de ter sido tão simpático a partir do momento em que me veio buscar à tarde.

Voltei a pegar no telefone e digitei o número dele, inexplicavelmente nervosa ao ouvir o toque de chamada. Pensava que iria para *voicemail* quando, ao quinto toque, ele atendeu.

— Olá, Libby Loo. — O Wes parecia cansado, ou alguém que não usara a voz há algum tempo. Tinha aquela ressonância rouca. — O que há?

Puxei as cobertas para debaixo das axilas e percorri com o dedo as costuras do edredão.

— Fiz alguma coisa que te aborrecesse no hospital?

— O quê? — Ouvi-o aclarar a garganta antes de dizer: — Não.

— É que me pareceste... hum, brusco?... Quando te foste embora. — Eu parecia uma miudinha nervosa a falar, e virei-me de lado. — Desculpa se disse

alguma coisa que te irritou.

— Uau. — O sorriso era audível na sua voz. — Não fazia ideia de que te importava tanto fazeres-me feliz.

— OK, para lá com isso. — Ri-me, o que me fez doer o nariz, e disse: — Só queria certificar-me de que estamos bem.

— Estamos bem, Lib. — A voz dele era profunda quando disse: — Juro.

Virei-me para o outro lado, a tentar ficar confortável.

— Já agora, deste o meu número de telefone ao Michael?

— Sim, dei. Ele queria saber de ti.

— E queria mesmo! — Estava de novo a sorrir e a guinchar um pouco. — Mandou-me uma mensagem para saber como eu estava.

— E... como está a narigueta?

— Está bem. — Rolei até ficar de costas e olhei para a ventoinha do teto. — Dorida, mas viva. Ainda pareço um monstro, mas a médica disse que o inchaço vai passar em breve.

— Ainda bem. — O Wes aclarou a garganta e disse: — Se eu te disser uma coisa, tens de prometer que não me fazes mais de três perguntas.

Oh, céus. O que poderia ele querer dizer-me que não permitisse um interrogatório completo?

— Estás a falar de quê?

Ele suspirou. Ouvia-se um televisor em fundo.

— Promete, Buxbaum, e eu juro que vais adormecer a sorrir.

Não percebi porquê, mas algo no facto de o Wes dizer aquelas palavras me fez adejar o estômago. Engoli em seco.

— Está bem, prometo.

— Está bem. Quando estávamos a jogar basquetebol, o Michael comentou o teu visual.

— O que é que ele disse? — Quase gritei, enquanto me endireitava na cama.

— O que é que ele disse?

— Não me lembro exatamente das palavras...

— Vá lá, Wes, tens uma missão, e é...

— ...mas essencialmente disse que percebia porque eras tão popular.

Oh, meu Deus. Lancei um olhar ao *Fritz*, ao canto, enroscado sobre um saco amarrado da Barnes and Noble, e esperei que não fosse tudo devido ao meu visual.

— O que é que ele disse exatamente?

— Já te disse que não me lembro das palavras exatas, pateta. Mas o sentimento geral era que ele percebeu. Já não és a Little Liz.

— Ah. — Deixei-me cair de costas, com sentimentos contraditórios. Uma parte minúscula de mim estava pouco à vontade com isto. Tipo, antes de eu esticar o cabelo e vestir uma roupa justa, ele não percebia como podia o Wes estar interessado em mim? Quando eu tinha o aspeto de gostava de ter, era inconcebível para ele que o Wes me achasse atraente? Isso doía um bocado.

Visualizei o Michael e disse a mim própria para não pensar muito nisso. O que interessava era que ele tinha reparado em mim.

— Disse-o de um modo querido, tipo, «ooh, mano, agora percebo completamente», ou foi mais casual?

— Estávamos a jogar basquetebol. Ele estava a ofegar e a grunhir.

— És péssimo nisto.

— Não, tu é que és esquisita.

— Porque é que não me contaste mais cedo? — Olhei para a janela, de onde só podia ver a fachada lateral da casa dele no meio da escuridão. Era um pouco surreal falar com o Wes como se ele fosse um amigo, quando tinha sido sempre o meu arqui-inimigo do bairro. — Houve muito tempo enquanto foste comigo para o hospital.

— Estava absorto com a tua cara de Cabeça-de-Batata e com a preocupação por poderes perder os sentidos devido à falta de sangue. — Aclarou a garganta. — Assim que a imagem do teu nariz descomunal me saiu da cabeça, lembrei-me de te dizer.

Tentei visualizá-lo na outra extremidade da linha. Estaria ainda completamente vestido ou usava um pijama adorável e estava enroscado com o cão?

— Onde é o teu quarto?

— O quê?

Endireitei-me e cruzei as pernas.

— É totalmente por curiosidade. Vejo a tua casa da minha janela e apercebi-me agora de que nunca subi as escadas. Portanto, não sei de que lado fica o teu quarto.

— Podes guardar o binóculo, porque o meu quarto dá para as traseiras. Não tens hipótese de te armar em mirone.

— Pois, porque era isso que eu queria. — De imediato, a minha mente conjurou a imagem do seu corpo meio nu no ginásio. Quando ele tirou a camisola, eu quase engoli a língua. Percebem, enquanto me esvaía em sangue.

— E não estou no meu quarto. Estou na sala, a ver televisão.

Levantei-me e fui até à janela. O meu quarto era o único com uma janela na fachada lateral da casa, e, quando olhei para baixo, vi a luz a brilhar na janela da sala de estar deles.

— Estou a ver a tua luz.

— Que tarada.

Isto fez-me sorrir.

— O que é que estás a ver?

— Acho que a fala certa é «O que é que tens vestido?»

Eu não conseguia parar de sorrir — aquilo era tão incrivelmente do Wes. Era estranho o facto de falar com ele ser tão fácil — muito mais fácil do que trocar mensagens com o Michael. Não sabia bem se era por conhecer melhor o Wes ou talvez fosse porque o Wes me conhecia melhor. Ele sabia que eu não era *cool* — sempre o soube —, e talvez fosse por isso que era tão simples.

Eu não tinha de tentar.

Disse:

— Talvez fosse, se isso me importasse, mas tenho mesmo é curiosidade sobre o que estás a ver.

— Adivinha.

Cruzei os braços e encostei-me à parede, a olhar para a fachada lateral da casa dele. Havia arbustos em flor a ondear na brisa sob a janela iluminada da sala de estar.

— Provavelmente um jogo qualquer. Basquetebol?

— Errado.

— Está bem. É um filme ou um programa de TV?

— Filme.

— Humm. — Puxei o meu pufe para a frente da janela. Sentia que precisava de olhar para a casa dele. Deixei-me cair e perguntei: — Então preciso de saber: seleccionaste-o ou encontraste-o por acaso enquanto fazias *zapping*?

— Encontrei no *zapping*.

— Hum. Isso complica as coisas. — O *Mr. Fitzpervert* saltou-me para o colo e colocou as patas da frente no meu peito, para que eu lhe coçasse a cabeça. Aprovei o laço florido que a Helena devia ter escolhido para ele, pois eu deixei-o sem laço ao sair à pressa de manhã. — Hum... *Em Parte Incerta*?

— Não. Mas foi um bom palpite. Achei que a Emily Ratajkowski estava brilhante nesse filme. A cena dela com o Affleck ainda me está gravada no cérebro.

— És repugnante.

Havia riso na sua voz quando disse:

— Estou só a brincar porque sabia que compreenderias do que estava a falar. É tão fácil irritar a minha pequena Libby.

Ignorei aquele comentário. O rapaz era incorrigível.

— Bem, o livro era fantástico, mesmo sem os atributos de *Miss Ratajkowski*.

— Concordo.

— OK. — Tentei pensar no que levaria o Wes a parar e a ver. — Hum, talvez *A Ressaca*?

— Não.

— *American Pie*?

— Nem lá perto.

— Em que época — comecei, a perguntar para comigo se o tinha julgado mesmo mal — estreou essa obra-prima cinematográfica?

— Sinto que presumes que eu só gosto de filmes com mamas.

— Hum. — A presunção dele sobre a minha presunção estava certa, mas agora eu tinha dúvidas. Quanto mais sabia do Wes, mais ele contrariava as minhas noções preconcebidas. — Sim, basicamente é isso.

— Estou a ver *Miss Detetive*.

— O quê?! — Quase deixei cair o telefone. — Mas, Bennett... Isso é uma comédia romântica.

— É.

— E?...

— E parei aqui porque me pareceu divertido.

— E?...

— E é.

— Adoro esse filme. Em que canal?

— Trinta e três. Espera, os teus pais também ainda têm cabo?

— Sim. O meu pai tem medo de cancelar, porque não sabe se vai apanhar os bons jogos de boxe se mudar para o *streaming*. — Liguei a minha TV e sintonizei o filme. Estava no início, quando a Sandra Bullock comia um bife num restaurante com o Michael Caine. — A ideia de os perder aterroriza-o.

— O meu pai é com o futebol. Está convencido de que no Hulu só se pode ver filmes e programas da NBC.

Aquilo fez-me sorrir. O pai do Wes era professor universitário, *supernerd*, e eu nunca o imaginaria fã de desporto.

— Achas que, quando formos velhos, também vamos ser deficientes tecnológicos?

— Oh, de certeza. Tu provavelmente vais ser daquelas velhas que nem sequer têm televisor. Todos os dias vão ser iguais. Vais tocar piano, beber chá e ouvir discos durante horas, e depois vais de autocarro até ao cinema.

— Fazes com que envelhecer pareça incrível. Quero essa vida já.

— Tu cantas quando tocas?

— O quê?

— Sempre quis saber. Quando tocas piano, cantas?

«Sempre» tinha querido saber? Queria dizer que pensou nisso muitas vezes?

Quando éramos miúdos e eu praticava de janelas abertas, ele uivava como se fosse um cão e eu lhe fizesse doer os ouvidos. Pelos vistos, não me tinha apercebido de que ele sabia que eu ainda tocava. Não o ouvia uivar há muitos anos.

— Depende daquilo que estiver a tocar. — Partilhar isto com ele parecia incrivelmente pessoal, mas também não me parecia mal. Provavelmente porque o conhecia há tanto tempo. Olhei para o livro de partituras que estava sobre a minha secretária. — Não canto quando estou a fazer escalas ou aquecimentos, e definitivamente não canto quando estou a tocar uma peça superdifícil. Mas quando toco por prazer, cuidado!

Ele disse, com uma gargalhada:

— Diz-me uma canção que te faça berrar.

— Humm...

Soltei um risinho. Não podia evitá-lo. Partilhar coisas pessoais sobre mim ali sentada no escuro fazia-me sentir... alguma coisa. De uma certa maneira.

Talvez estivesse apenas a sentir-me pensativa, porque — do nada — me apercebi de que a minha vida nos últimos dias me pareceu diferente. De repente, estava a viver o estereótipo da vida no secundário. Tinha ido a uma festa com álcool e na noite seguinte tinha-me metido num carro com um monte de gente para ir ver um desafio desportivo escolar.

E o meu alvo amoroso tinha-me mandado mensagens.

Além disso, estava a falar pelo telefone com o rapaz da casa do lado como se isso fosse corriqueiro.

Eram coisas normais, mas não para mim.

E tudo aquilo era divertido. Tudo. Mesmo com o vomitado e o nariz a sangrar. E fazia-me, de certo modo, perguntar o que me tinha passado ao lado. Na maior

parte do tempo, preferia ficar em casa e ver filmes. Era o meu lugar feliz. A Joss tinha as colegas de softbol, com quem saía, e, embora me convidasse sempre, eu preferia sempre ficar em casa com as minhas comédias românticas.

Mas agora estava a pôr em causa essa decisão.

O Wes sacudiu-me para fora da minha cabeça.

— Humm, não é resposta, cretina.

— Eu sei, eu sei, eu sei. — Ri-me, e confessei: — Na verdade, transformo-me basicamente na Adele quando toco «Someone Like You».

— Não pode ser. — Agora ele ria às gargalhadas. — A sério? Isso é canção para uma grande voz.

— A quem o dizes. — Puxei o cobertor da minha cama, ergui o *Fitz* do colo e embrulhei-nos. — Mas quando não está ninguém em casa, é fantástico partir os vidros com os meus berros.

— Eu pagava para ouvir isso.

O *Fitz* soltou um profundo miado-rosnado e correu pelo meu corpo acima. Saltou-me do ombro e fugiu do quarto. Eu disse:

— Nunca mais te fartavas. — Ele fez um comentário, mas eu não percebi o que disse, distraída pelo facto de a luz da sala de estar dele se ter apagado. Estaria ele ainda lá? Estaria a aconchegar-se no sofá? Não me parecia que estivesse a andar. — Porque é que apagaste a luz?

A mão subiu-me à boca por hábito — foi uma pergunta metedicha que devia envergonhar-me —, mas depois lembrei-me de que era apenas o Wes. Eu podia dizer-lhe estas coisas sem filtro, porque isso não lhe importava. O Wes Bennett sabia como no fundo eu era desequilibrada, e havia alguma alegria em saber que ele via a verdadeira Liz.

Liberdade.

Eu nunca perguntaria ao Michael porque tinha ele apagado a luz (se vivesse na casa do lado). Seria uma atitude supersinistra.

— Eu sabia que estavas a olhar para as minhas janelas, Buxbaum. — O Wes soltou uma gargalhada profunda que me fez rir também. — Nunca teria imaginado que uma pessoa tão rígida pudesse ser tão tarada.

Olhei para a sua janela às escuras.

— Fica sabendo que não sou assim tão rígida.

— Devo admitir que foste impecável quanto aos desastres que te aconteceram desde que começaste a perseguir o Michael.

— Hum... obrigada? E não estou a «persegui-lo». Estou só a tentar... — Pestanejei. O que estava eu a tentar fazer ao certo? O Michael era «o tal». Exatamente como no livro que estávamos a ler em Literatura, *O Grande Gatsby*, ele era a luz verde do outro lado da baía, o símbolo do sonho, o amor em que o fim se une ao princípio que a minha mãe escrevera em todos os seus guiões. Acho que estava a tentar colocar um final feliz no meu guião, por assim dizer. Disse: — Só preciso de ter a certeza de que o «felizes para sempre» existe mesmo.

Ele ficou calado por um minuto e depois disse:

— Acho que o teu gato está no meu quintal.

Agradei pela mudança de assunto.

— Não é o *Fitz*. Esse nunca sai de casa.

— É esperto. O meu cão ia usá-lo como brinquedo de roer.

— Como se o *Fitzpervert* deixasse. — Voltei a olhar pela janela e tentar ver um gato, mas só consegui vislumbrar um quintal às escuras e as flores brancas nos arbustos da minha mãe. — Onde é que estás, afinal? Foste para a cama ou estás sentado no escuro tipo Patrick Bateman?

— Oh, meu Deus, és tão obceca...

— Podes calar-te e dizer-me? — Eu estava às gargalhadas, o que fazia com que o meu nariz pulsasse um pouco. — Tenho de ir para a cama.

— E só consegues adormecer depois de saberes onde estou. Estou a ver.

— Estás a delirar. Esquece.

A cara doía-me literalmente de sorrir e, do nada, perguntei cá comigo como seriam as coisas entre mim e o Wes quando o nosso acordo terminasse. Voltaria ele a considerar-me apenas a vizinha esquisita, reparando em mim apenas quando lhe apetecesse meter-se comigo? Voltaríamos a ser apenas colegas que não gostavam particularmente um do outro?

Esta ideia fez-me sentir um peso no estômago. Não me agradava.

Ele riu-se, e a luz piscou na sua sala de estar. Liga/desliga, liga/desliga.

— Ainda aqui estou, Liz. Estou só a meter-me contigo.

— Está bem, então boa noi...

— Agora tu.

— Hã?

— Pisca a tua luz. É a minha vez de saber onde tu estás.

Era justo. Inclinei-me e pisquei o candeeiro da secretária, curiosa porsaber se ele ia aparecer à janela a fim de poder olhar para o meu quarto.

— Então é aí o teu quarto, hã?

Pelos vistos, sim.

— É.

Conseguiria ele ver-me? Parecia-me que não — o meu pufe era baixinho —, mas mesmo assim senti-me exposta.

— Uau. — Ele soltou um assobio baixinho. — Tenho de confessar que há qualquer coisa em saber que é aí que dorme a senhora Cabeça-de-Batata. Isto é, raios, percebes?

Inclinei-me para a frente e acenei para a escuridão.

— Raios, mesmo. Boa noite, cretino.

Ele soltou uma gargalhada grave e arrastada, mas não disse nada sobre o aceno.

— Boa noite, Elizabeth.

Em vez de voltar para a cama, fui até à cómoda e peguei no álbum fotográfico cor-de-rosa. Falar de finais felizes e olhar para os arbustos preferidos da minha mãe tinha-me dado saudades dela.

Mas, ultimamente, tudo me dava saudades dela.

Passei a hora seguinte a olhar para fotografias da minha mãe: as fotos do casamento, dela comigo ao colo quando eu era bebé, e as cómicas fotos-surpresa que

o meu pai gostava de tirar quando ela não estava à espera.

Quando cheguei às fotografias de um dos piqueniques do bairro, semicerrei os olhos e sorri para a de grupo. A minha mãe tinha um vestido florido e um colar de pérolas, enquanto todos os outros pareciam uns desleixados descalços. Era mesmo dela, certo?

Os meus olhos percorreram a primeira fila, onde nós, os miúdos — provavelmente com sete anos na altura —, nos parecíamos estranhamente com o que somos agora. Não no aspeto, mas na expressão. Os gémeos não olhavam para a câmara e estavam de bocas escancaradas, claramente a tramar alguma. O Michael sorria como um perfeito modelito e eu sorria para ele em vez de olhar para o fotógrafo. A Joss fazia uma caretazinha adorável, e o Wes — claro — tinha a língua toda de fora.

Havia algo naquela imagem que me fazia sentir bem relativamente ao presente, mas estava a ficar cansada de mais para a analisar. Além disso, o meu nariz de Cabeça-de-Batata estava a doer-me. Guardei as fotografias, apaguei a luz, pus o telefone a carregar e voltei para a cama. Mas, antes de adormecer, recebi mais uma mensagem.

Wes: Lembra-te de incluir «Someone Like You» à playlist do Wes e da Liz.

CAPÍTULO SETE

«Prefiro discutir contigo a fazer amor com outra pessoa.»

Um Homem de Sonho

— Bom dia, alegria.

Grunhi e fui direita à máquina de café. Adorava o meu pai, mas a visão do seu rosto sorridente e olhar brilhante a espreitar de trás do jornal era um pouco de mais. Os meus olhos não se queriam abrir e eu definitivamente não queria participar numa animada conversa matinal depois de passar a noite em branco com um nariz dorido.

— Como está a narigueta?

Sorri — foi o que o Wes lhe chamou — e carreguei no botão de aquecer a água.

— Dorida, mas vou sobreviver.

— Hoje, vais trabalhar?

— Sim. Sou a sortuda que abre a loja.

Ele fechou o jornal e começou a dobrá-lo.

— Preencheste os formulários da residência que mandei para o teu *e-mail*?

Bolas.

— Esqueci-me. Preencho hoje.

— Tens de parar de adiar. Se tens idade para ir estudar do outro lado do país, tens idade para preencher uns documentos.

Suspirei.

— Certo.

Arquivar com o título *Mais Uma Coisa Que a Liz Estava a Evitar*. Eu estava morta por partir e começar a estudar na UCLA. Até estava ansiosa pelos estudos em si. Aulas de curadoria de música não pareceriam trabalho, pois não? Mas sempre que pensava em viver lá, formava-se-me uma enorme bola de pavor no estômago que não tinha nada que ver com a Califórnia e sim com deixar o único lugar onde vivi com a minha mãe.

E das poucas vezes que me permiti ponderar a realidade de que não poderia mais simplesmente calçar as sapatilhas e ir vê-la ao cemitério, a minha visão enevoava-se instantaneamente de lágrimas e a garganta ameaçava fechar-se-me.

Portanto, sim. Tinha algumas questões para resolver.

Ele lançou-me um olhar de pai.

— Deixa de procrastinar. Quem madruga consegue o melhor quarto da residência, Little Liz.

— Ei. Por falar nisso. — Meti a cápsula na máquina e fechei o tampo. — Eu era uma crominha simpática quando era miúda?

Ele arqueou uma sobancelha.

— Desculpa?

Carreguei no botão e a máquina começou a ronronar.

— O Wes disse que antigamente eu era uma «crominha simpática», e eu não me lembro de ser assim. É verdade?

O rosto do meu pai abriu-se num amplo sorriso.

— Não te lembras de ser assim?

— De modo algum. — Fiquei a ver o café a jorrar para a minha chávena. — Isto é, podia não ser *supercool*, mas...

— Eras definitivamente uma miudinha estranha.

— O quê?! — Olhei para o sorriso dele, dividida entre rir-me e aborrecer-me. — Não era nada.

— Quando tinhas sete anos, transformaste o nosso deque numa capela de casamentos; lembras-te disso? Passaste dias a armá-la com flores roubadas ao jardim da tua mãe e lençóis brancos. Ataste uma fiada de latas de milho vazias à coleira do *Fitz*.

— E então? Isso demonstra uma criatividade notável.

Ele soltou um risinho enquanto eu me sentava à mesa.

— Nem mais. Essa parte foi gira. A parte esquisita foi quando convenceste aquele miúdo que morava à esquina, o Conner qualquer coisa, para que fingisse que se casava contigo. Ele deixou-te dar-lhe ordens até lhe dizeres que aquilo era legal e que estava casado contigo para sempre. Então tentou ir para casa, mas tu placaste-o e disseste-lhe que não podia ir-se embora antes de transpor o umbral contigo ao colo.

— Uma expectativa razoável para uma noiva.

— Ele chorou até nós finalmente ouvirmos os seus berros através da porta de rede, Liz.

Eu soprei o meu café.

— Continuo à espera da parte crominha.

— Partiste os óculos na refrega, e mesmo assim não o largaste.

— Ele devia ter ficado quieto, como um bom marido.

Ele começou a rir-se e eu também. Sim, talvez eu tenha sido um pouco croma.

— Desculpe, trabalha aqui?

Revirei os olhos. Queria acabar de mudar a fila de baixo de ficção infantil para a prateleira do lado. Sobrevivi a uma manhã inteira de «o que aconteceu ao teu nariz?», na caixa, e passei para a arrumação dos últimos lançamentos na esperança de evitar mais contactos com humanos.

Pus-me de pé e virei-me.

E quase engoli a língua ao ver o Michael.

— Oh, meu Deus. Olá.

— Olá, Liz. — No seu rosto abriu-se um grande sorriso. — Não sabia que trabalhavas aqui.

— Pois. — Queria tanto tapar o meu nariz horrendo e talvez desaparecer. O Michael foi o instigador da nossa conversa na noite anterior, mas eu sentia-me constrangida por ter sido tão desajeitada.

— Estou impressionado. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e disse: — Dois empregos e as aulas?

— O quê?

— Não acredito que serves às mesas e trabalhas aqui, ao passo que eu agora nem sequer tenho emprego.

Uf! «O» Café. As minhas mentiras começavam a ser mesmo difíceis de gerir.

— O que posso dizer? Gosto de dinheiro.

Senti comichões na respiração ao olhar para ele. Vestia uma camisa aos quadrados — não era de flanela casual, atenção, era, tipo, uma camisa boa. E combinava com calças perfeitas e uns sapatos de pele que pareciam ideais para um barco de luxo. Estava bonito e cheio de classe, como alguém capaz de ganhar uma discussão sem levantar a voz.

Mordi o lábio inferior e tentei não ficar fixada no seu rosto perfeito.

— Posso ajudar-te a encontrar alguma coisa?

A expressão dele transformou-se numa careta autodepreciativa e envergonhada.

— Estou à procura de um livro. Apareceu como disponível *online*, mas não está na secção.

— Qual é o livro?

Ele parecia não ter vontade de me dizer. Meteu as mãos nos bolsos e disse:

— *OK*, não te rias. Procuo *A Outra Miss Bridgerton*, de Julia Quinn.

Rolei os lábios para dentro e inclinei a cabeça, a tentar lembrar-me de qual era a história. Eu tinha-o lido — li todos os romances da série *Bridgerton* —, mas os romances históricos eram tipicamente lidos por mulheres.

— Porque riria? É um livro ótimo.

Ele estreitou os olhos.

— Estás a ser sarcástica?

— De modo algum. Adoro todos os livros da Quinn.

A boca dele descontraíu-se um pouco, de alívio.

— Mas vais julgar-me por lê-los sendo um rapaz, não vais?

Hummm... vejamos. Um tipo que lê ficção romântica — ficção romântica mesmo, mesmo boa? Alguém que não se importa com rótulos e que se perde em livros sobre heroínas inteligentes e divertidas e os homens que apreciam a individualidade delas?

Nenhum juízo. Um pouco de encantamento aéreo, talvez, mas nenhum juízo.

Pousei casualmente a mão sobre o nariz horrível e disse:

— De maneira nenhuma. Tenho alguma curiosidade sobre como começaste a

lê-los, mas acho sinceramente que estão ao nível da Jane Austen.

Fez um sorriso trocista.

— Não achas que te estás a esticar?

— Acredita, Michael, é melhor não discutires isto comigo. Tenho quatro horas de turno pela frente e um amor obsessivo por livros românticos. Não me podes ganhar.

Ele deu uma gargalhada que lhe chegou aos olhos, semicerrando-os de uma forma calorosa.

— Tomo nota. E, já agora, tudo começou com uma aposta.

— Como começam todas as coisas boas.

Antes de a última palavra me sair da boca, surgiu-me na mente uma imagem do Wes. Passei o dia a recapitular a nossa conversa telefónica, a sonolência rouca da voz dele enquanto víamos *Miss Detetive* juntos em casas separadas.

O Michael riu-se de novo e eu voltei instantaneamente ao presente, em que ambos sorriámos um para o outro ao pé da secção dos livros usados da Judy Blume.

— Há uns anos, uma amiga desafiou-me a ler *O Duque e Eu*. Apostou dinheiro na ideia de que, se eu o lesse, ia gostar.

Eu adorava aquele livro.

— E foi assim?

— Foi assim. — Dirigiu-me um sorriso envergonhado e disse: — Aliás, o que pode ser melhor do que uma história que começa com uma relação fingida?

Todas as fibras do meu ser tiveram vontade de soltar um riso maníaco perante o que ele tinha acabado de dizer, mas assenti e disse:

— Concordo inteiramente.

— Sabes que a tua mão não está a fazer nada para te tapar o nariz, não sabes? Eu continuo a vê-lo.

Revirei os olhos, o que o fez sorrir. Baixei a mão e disse:

— É que é tão atroz que não consigo deixar de tentar tapá-lo, percebes?

— Percebo, mas não está nada mal, comparado com ontem à noite. Talvez um pouco inchado, mas mais nada.

— Obrigada. Percebes, por me mentires. — Eu tinha um espelho, portanto as suas palavras só serviam para confirmar que ele era do mais simpático que havia. E o sotaque? Oh, caramba. Fiz-lhe sinal para que me seguisse. Sabia exatamente onde encontrar o livro que ele procurava, e era do outro lado da loja. — Acho que está a desinchar, embora continue abatatado.

— Concordo.

— Então, como estão os teus pais? — Olhei por cima do ombro. — Atualiza-me.

— Bem, os velhotes estão bem — começou, e eu perguntei para comigo se os pais dele continuavam a ser supersérios. Tinha umas recordações desfocadas de óculos grossos e bocas franzidas.

— Ainda tens os gatos? — Eu adorara o facto de ele gostar mais de gatos do que de cães. Foi mais uma razão para parecer mais inteligente do que os restantes miúdos do bairro. — O *Purrrkins* e o *Mr. Squishy*?

— Não acredito que te lembras dos nomes deles. — Ele sorria de novo, com o tipo de felicidade que me dava vontade de lhe comer a cara. — O *Squish* agora vive com a minha avó, mas o *Purrrkins* continua connosco, e atormenta-nos diariamente com a sua péssima atitude felina.

— A sua «gatitude». — Parei em frente da secção de livros em corpo catorze. — Lindo menino.

A minha mente viajou até ao Wes, porque, ao falarmos pelo telefone na noite anterior, ele tinha-me perguntado se o meu gato estava lá fora. Demorei uma eternidade a adormecer depois de me deitar, sobretudo devido ao sorriso incessante que me atacou ao recordar a nossa conversa.

O som rosnado da voz dele quando disse, por gozo: «E só consegues adormecer depois de saberes onde eu estou. Estou a ver.»

O Michael disse:

— Por falar no Wes...

— O quê?... Não falei nele — balbuciei, a pestanejar com rapidez, a tentar perceber que diabo me tinha escapado e que palavras tinha dito quando me alheei.

O Michael franziu a cara, olhou-me de modo estranho e disse:

— Acho mesmo que devias dar-lhe uma hipótese.

Espera, o quê?!

O Michael já tinha cumprido o seu dever casamenteiro ao falar-me nele no campo de basquetebol, certo? Claro, eram amigos, mas se ele pensasse em mim em termos que fossem além da amizade, parecia-me que não estaria a insistir tanto.

Mas tinha-me mandado mensagens, e tinha sido ele o brincalhão. O que significaria isto? Por esta altura, eu já precisava de um quadro de avisos e de um fio. Quando chegámos à secção da Quinn, eu disse:

— Uma «hipótese». O que constitui ao certo uma «hipótese»?

Ele estendeu o braço e retirou o livro da prateleira.

— Tenta conhecê-lo.

— Já o conheço.

— O Wes de agora, não o Wes dos jogos das escondidas. — Abriu o livro e folheou as páginas. — Uau. Que palavras tão grandes.

— Lamento, só temos a edição em corpo catorze.

— Enfim — prosseguiu, fazendo comigo o contacto visual suficiente para me inquietar. — Ele gosta de ti, Liz. A sério. Só estou cá há uns dias e ele não para de falar de ti.

O que andava o Wes a dizer exatamente na minha ausência? Estaria a exagerar? É que, se assim fosse, o plano podia sair pela culatra. Disse:

— Ele nem sequer me conhece. Conhece a Liz dos jogos das escondidas.

— Tenta. Só te peço isso. Sai com ele e tenta.

Olhei para o Michael e mordi o canto do lábio.

— Estás a convidar-me para sair em nome dele? — *Como diabo vamos, eu e o Wes, sair disto?*

Isto provocou-lhe novo sorriso.

— De modo algum. Mas vou convidar umas pessoas na quarta-feira à noite

para ver filmes lá em casa, porque os finalistas entram tarde na quinta-feira. Vocês deviam vir.

Engoli em seco e perguntei, em tom de brincadeira:

— Juntos, queres tu dizer?

Isto fê-lo sorrir.

— Vai de boleia com o Wes. Por favor?

Céus, esta coisa toda estava a ficar descontrolada. Agora o Michael organizava noites para o Wes se atirar a mim. Mas o Wes estava só a fingir considerar-me fabulosa para mostrar ao Michael como eu era fabulosa. Eu estava a sofrer as consequências do meu próprio plano. Tinha de acabar com aquilo rapidamente. Perguntei:

— E se, depois de tudo, eu continuar a gostar dele apenas como amigo? O que acontece?

— Não acontece nada. — O olhar dele percorreu-me o rosto, no que parecia ser um momento. Parecia que estava mesmo a ver-me, ou a ponderar algo sobre mim, e eu fiquei a remoer sobre qual seria o aspeto real do meu nariz.

— Está bem — disse. Talvez ele estivesse a dar ao amigo uma última oportunidade antes de avançar. Disse: — Eu dou-lhe uma hipótese.

— Boa! — Ele sorriu-me e avançou para um «choca aí» com o punho. — Agora, se me dás licença, vou levar o meu livro romântico para casa e lê-lo num banho de espuma bem quente.

Eu ri-me.

— Mima-te, rapaz.

— Foi simplesmente adorável, mãe.

Recostei-me na lápide e cruzei os tornozelos, a inalar o cheiro a erva acabada de cortar.

Por vezes, o mês de abril demorava a chegar ao Nebraska, com um ou outro nevão tardio a cair, destruindo a promessa de primavera, mas não este ano.

Os pássaros trinavam nas folhas que rompiam das árvores altas do cemitério, o sol do final da tarde era (quase) quente, e aquela sensação primaveril de antecipação pairava no ar, assim como o cheiro das cerejeiras-da-virgínia em flor.

— Além de comprar um livro romântico que nenhum típico macho inseguro admitiria alguma vez ler, foi engraçado, encantador e, aqui entre nós, sedutor com o olhar. Sedutor com o olhar, e foi de certeza sedutor com as mensagens de ontem à noite. Acho que ele pensa... Não sei, não quero dizer que ele me considera *cool*, mas talvez divertida?... Sim, tenho quase a certeza de que ele pensa que sou divertida. Voltei a visualizar a sua cara risonha pela, tipo, vigésima dez desde que ele saiu da livraria, e apeteceu-me guinchar. — Juro por Deus, havias de gostar muito dele.

Mesmo. Ele era maduro, educado, encantador e inteligente, totalmente o tipo de homem que ela transformava no herói de todos os seus argumentos. Em todos os giões que escreveu, o giração sólido e confiável conquistava o seu amor.

Era por isso que eu queria tanto que ele me convidasse para o baile de finalistas. De algum modo, ir ao baile com alguém que ela conheceu — que a

conheceu o bastante para conhecer e recordar os seus malmequeres —, parecia crucialmente importante. Como se me fizesse sentir que ela estava de algum modo envolvida no meu ano de finalista.

Ridículo, não é?

Mas eu só queria que o buraco vazio na minha vida encolhesse um bocadinho. Seria pedir muito? Estava sempre à espera da «conformação» que devia sentir, mas começava a pensar que ela nunca viria.

A cerejeira-da-virgínia para onde eu estive a olhar ficou desfocada, e eu engoli a pontada na garganta.

— O pai e a Helena estão sempre a fazer perguntas sobre o baile de finalistas: se vou, se preciso de um vestido... Acontece que não quero a ajuda deles para nada. É egoísta, e eles não o merecem, mas, se não posso ter-te a ti a fazer essas coisas comigo, não quero mais ninguém.

— Estás a falar sozinha?

Dei um pulo e bati com a cabeça na lápide da minha mãe. Depois virei-me e vi o Wes. Estava ali, de pé, em roupa de treino, com o sobrolho transpirado. Pus a mão em cima do coração acelerado e exclamei:

— Meu Deus! O que fazes aqui?

A boca murchou-lhe e ele franziu as sobrancelhas, como se estivesse confuso.

— Ah. Desculpa. Não queria assustar-te.

Por alguma razão, o facto de ele ter aparecido irritou-me. Sabia que devia sentir vergonha por ter sido apanhada a falar com um pedaço de mármore, ou preocupada pelo que ele pudesse ter ouvido ao certo, mas só conseguia pensar no facto de ele estar naquele espaço. Era o meu espaço — da minha mãe e meu —, e ele não devia estar ali.

Levantei-me, apressada.

— Wes, seguiste-me até aqui? Qual é o teu problema?

— Ah. — O sorriso desapareceu-lhe e ele lançou um olhar à sepultura da minha mãe. Agora que eu me desviara, o nome dela era visível. Disse: — Merda. Já estava a correr quando te vi virar para aqui. Pensava que estavas só a cortar caminho.

— Pois bem, não estava, *OK*? — Pestanejei rapidamente, a tentar impedir que as minhas emoções se precipitassem para qualquer saída para onde se estivesse a dirigir. — Talvez seja melhor não correres atrás das pessoas sem elas saberem. Seria provavelmente a opção mais acertada.

Ele engoliu em seco

— Eu não sabia, Liz.

Revirei os olhos e tirei os auriculares do bolso.

— Pois, pronto, agora já sabes. Já sabes que a crominha da Little Liz é uma aberração que não consegue superar a morte da mãe. Bestial.

— Não. Ouve. — Ele aproximou-se e colocou as mãos nos meus braços, apertando-os suavemente. Os seus olhos escuros e intensos percorreram o meu rosto como se ele estivesse desesperado por me convencer. — Eu agora vou-me embora e tu ficas. Esquece que alguma vez me viste.

— Tarde de mais. — Inspirei pelo nariz e rangi os dentes, afastando-me dele e

das suas mãos. — Fica, se quiseres, não me importa.

Enfie os auriculares nos ouvidos e liguei a música. Pus os Foo Fighters tão alto que não ouvia o que quer que o Wes estivesse a dizer-me; virei-lhe as costas e comecei a correr pelo caminho abaixo, embora soubesse que ele estava a gritar o meu nome.

Corri para casa a uma velocidade recorde, a tentar pensar em coisas prosaicas, como os trabalhos de casa, numa fraca tentativa de calar as emoções.

Precisava de escrever um ensaio sobre o patriarcado na literatura, e não conseguia decidir se devia usar *The Yellow Wallpaper* ou *A História de Uma Hora*. Gostava mais do segundo, mas o primeiro tinha mais material.

Transpus a porta a correr, e estava quase a chegar à segurança do meu quarto quando o meu pai me chamou.

— Sim?

— Chega aqui por um segundo.

Percorri o corredor até ao meu quarto e empurrei a porta, ainda ofegante do exercício.

— Sim?

Ele estava recostado na cama a ler um livro, enquanto na TV passava um episódio de *Friends*. Nem sequer ergueu os olhos da edição de bolso quando perguntou:

— Já foste comprar o vestido para o baile de finalistas com a Jocelyn?

— Ainda não. A mãe dela teve de adiar, e não me apetecia ir, por causa do nariz.

— Ah, sim. Como te sentes, já agora?

Eu encolhi os ombros e pensei em como gostava de assistir às repetições de *Friends* no quarto do meu pai. Ele e a minha mãe tinham visto aquela série tantas vezes na cama que esta se tinha tornado uma canção de embalar para mim, um som que evocava as visões e os cheiros da infância.

— Acho que estou melhor.

— Folgo em saber. — Baixou o volume da televisão até ao zero e olhou finalmente para mim. — Ouve, uma vez que ainda não foste, talvez pudesses ver se a Helena quer ir convosco. Sei que ela adoraria participar, e tenho quase a certeza de que pagaria o balúrdio do vestido.

Oh, que sentido de oportunidade. Eu não queria que ela fosse, e muito menos queria que pagasse o meu vestido. Senti um salto ansioso nos batimentos cardíacos e disse, a medo:

— Acho que ela deve estar demasiado...

— Vá lá, Libby Loo. — O meu pai tirou os óculos de leitura. — Ela quer muito fazer isto contigo. É pedir assim tanto?

Engoli em seco.

— Não é.

— Não? Eu ouvi-a duas ou três vezes dizer que teria gosto em levar-te às compras, e, no entanto, tu fizeste planos com outra pessoa.

— Eu resolvo o assunto.

Porque não podiam ele e a Helena esquecer o tema? Porque tinham de contribuir para a pressão do baile de finalistas? Parecia que toda a gente queria que eu fizesse alguma coisa, múltiplas coisas, que não queria fazer.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Vais convidá-la? Sem dizer que foi uma ideia minha?

Eu sentia a garganta apertada, mas disse:

— Claro.

Ele começou a falar de outra coisa, mas eu não ouvi nada. Porque tinha eu de ir comprar o vestido com a Helena? Durante o resto da nossa conversa e todo o duche que tomei a seguir, o meu cérebro gritou argumentos ao grande desconhecido. Sentia-me sufocada pela ideia de a Helena tomar o lugar da minha mãe, mergulhada naquele desespero impotente que faz com que as unhas deixem pequenas meias-luas nas palmas das mãos. *Eu não a quero lá. Porque sou obrigada a isso? Porque é que os desejos dela valem mais do que os meus?* Os argumentos fervilhavam em mim enquanto escovava os dentes e preparava as roupas, e, quando apaguei a luz e me meti na cama, estava exausta.

Eu totalmente inundada de culpa por ter sido uma cabra com o Wes no cemitério. Ele não fez nada de mal, mas a visão dele naquele lugar estranhamente sagrado fez com que me passasse. Acho que foi porque aquele era o único sítio onde ainda a sentia. O resto do mundo — e a minha vida — tinha seguido caminho, mas, num lugar, nada tinha mudado desde a sua morte.

Eu era patética.

Liguei a televisão e inseri o DVD de *Amor sem Aviso*. Era mais um filme em que o Hugh Grant representava um aldrabão, mas os diálogos entre ele e a Sandra Bullock compensavam largamente esse facto, chegando mesmo a torná-lo perdoável. Puxei as mantas até ao queixo enquanto a personagem da Sandra Bullock pedia demasiada comida chinesa. Quando peguei no telefone para o pôr a carregar, vi que tinha perdido uma mensagem.

Do Wes.

Wes: Desculpa. Não sabia que a tua mãe estava ali, senão nunca te teria seguido. Sei que me achas um cretino, mas juro que nunca me intrometeria em tal coisa.

Sentei-me e endireitei-me na cama. Estava muito envergonhada. Como poderia sequer explicar-me? Nenhuma pessoa normal alguma vez entenderia.

E, espera — ele achava que eu o achava um cretino?

Eu: Esquece. Eu é que devia pedir desculpa, porque tu não fizeste nada de mal. Apanhaste-me num mau momento e eu passei-me. A culpa não é tua.

Wes: Não, eu percebo. A minha avó não era minha mãe, e eu sei que não é a mesma coisa, mas era muito chegado a ela. Sempre que vamos ao Minnesota, a primeira coisa que faço é ir ao cemitério falar com ela.

Desviei o olhar do telefone e pestanejei. Depois teclei:

Eu: A sério?

Wes: A sério.

Assenti na escuridão e pestanejei com força enquanto os meus polegares voavam sobre o teclado.

Eu: Eu comecei a «correr» para poder ir falar com ela sem ter de me explicar.

Wes: Incrível. Foi por isso que começaste a correr?

Ouvi o Fitz a miar à porta, e levantei-me e fui abri-la.

Eu: Não é pretérito. É por isso que corro.

Wes: Espera aí. Estás a dizer-me que todos os dias, quando arrancas e eu presumo que estás a treinar para o apuramento olímpico, na verdade vais só até Oak Lawn para falar com a tua mãe? 😊

O Mr. Fitzpervert ergueu o olhar para mim, miou e afastou-se. Aquilo, sim, era um cretino. Fechei a porta.

Eu: Bingo. Mas juro por Deus que te esventro com um descascador de batatas se disseres a alguém.

Wes: O teu segredo está seguro comigo, Buxbaum.

Fui até à janela.

Eu: A tua casa está às escuras. Estás no teu quarto?

Wes: Alguma vez paras de me espiar, tarada? E, antes que perguntes, estou vestido com umas calças apertadas, uma camisola de pirata e uma boina preta.

Ri-me no silêncio do meu quarto.

Eu: Não ia perguntar, mas isso parece-me escaldante.

Wes: E é. É o resultado de um escaldão.

Olhei para o seu quintal fronteiro, onde alguém tinha deixado uma bola de futebol americano perto das hortênsias.

Wes: E a resposta à tua pergunta é que estou cá atrás, na Área Secreta.

A Área Secreta. Não pensava nela há anos. A casa do Wes tinha, por trás da vedação, uma extensão de terreno que nunca tinha sido urbanizada. Assim, enquanto as restantes casas desta rua davam para outros pátios, a do Wes tinha uma floresta minúscula por trás.

Na escola primária, no auge dos dias dos jogos das escondidas, tínhamos-lhe chamado «A Área Secreta». Era onde explorávamos, fingíamos, acendíamos fogueiras proibidas... Tinha sido incrível. Eu não voltara lá desde o verão anterior ao segundo ciclo.

Eu: Porquê?

Wes: Vem ver porquê.

Ele queria mesmo que fosse ter com ele? Os dois sozinhos, sem ter nada que ver com o Michael? A minha mãe tinha-me advertido contra namorar com rapazes volúveis, mas não fazia mal ser-se amiga deles, pois não? Teclei:

Eu: O meu pai e a Helena já estão a dormir.

Wes: Então sai às escondidas.

Revirei os olhos — era mesmo típico.

Eu: Ao contrário de ti, nunca saí às escondidas. Parece-me pouco sensato.

Não era real, mas uma parte de mim sentia que conseguia ouvi-lo rir com a minha resposta. Após cerca de um minuto, o meu telefone vibrou.

Wes: «Pouco sensato.» Buxbaum, consegues sempre fazer-me rir.

Eu: Obrigada.

Wes: Não é um elogio. MAS. Estás a ver isto do modo errado.

Eu: Sim? E qual é o modo certo?

Wes: Tu, uma adolescente muito bem-comportada, queres simplesmente passar alguns minutos a apanhar ar fresco e primaveril e a olhar para as estrelas. Em vez de acordares os teus pais, decides esgueirar-te silenciosamente por algum tempo.

Eu: És um sociopata.

Wes: Desafio-te.

Olhei na direção do corredor. Aquelas letras — «desafio-te» — traziam-me tantas recordações do Wes a picar-me para fazer coisas que não devia, como subir ao telhado da Brenda Bucholtz e tocar à campainha da casa do Sr. Levine e fugir.

Antes que pudesse responder, ele teclou:

Wes: Vou desligar o telefone para não ler as tuas desculpas. Até daqui a cinco minutos.

CAPÍTULO OITO

«Gosto muito de ti. Tal como és.»

O Diário de Bridget Jones

Não podia acreditar no que estava a fazer. Atravessei o corredor, cujo soalho rangia, e dirigi-me silenciosamente para a janela de correr da sala de jantar. Era arriscado, mas, por alguma razão, precisava de o fazer.

Queria estar com o Wes.

Talvez a sua compreensão do meu desgosto me desse uma sensação de camaradagem com ele. Sempre senti que as minhas visitas à minha mãe eram uma aberração, mas também sentia que algo se quebraria dentro de mim se tivesse de as abandonar.

Mas esta teoria seria posta à prova no outono, não era verdade?

Independentemente disso, partilhar isto com alguém parecia-me quase uma libertação. Não fazia sentido que fosse ele — de todas as pessoas — aquele com quem o partilhava, mas começava a deixar de pôr isso em causa.

Também era agradável não discutir com o Wes, para variar. O que era estranho, porque a nossa cena era essa: ele metia-se comigo e eu zangava-me. Sempre a mesma história, desde a infância. Mas agora estava a descobrir que ele era hilariante e simpático, e que parecia mais divertido do que praticamente todas as pessoas que eu conhecia.

Abri lentamente a porta, atenta a quaisquer sons vindos da outra ponta da casa, e o *Mr. Fitzpervert* serpenteou por entre os meus pés calçados apenas com meias.

Deslizei para o deque e fechei devagarinho a porta atrás de mim. A noite estava gelada, com um céu limpo e uma Lua brilhante e cheia que iluminava a cidade. Havia sombras lunares por todo o lado, lindas e misteriosas ao mesmo tempo.

Desci os degraus e, uma vez na relva fria, corri pelo pátio das traseiras até à vedação de arame farpado que separava os nossos quintais. De repente, parecia que tinham passado apenas dias — não anos — desde que andava a saltar a vedação, em miúda, e chegava ao quintal dele em segundos.

As sombras eram sinistras, e continuei a correr até ao portão, esquecendo

qualquer aparência de calma ou compostura. Puxei o trinco, abri o portão e chamei, num grito sussurrado:

— Wes?

— Estou aqui.

Eu mal conseguia ver, porque as árvores espessas bloqueavam o luar, mas caminhei na direção da voz dele. Contornei um arbusto em flor e um abeto amplo, e ali estava ele.

— Oh, meu Deus, Wes. — Olhei em redor, deslumbrada. Milhares de luzes cintilantes pendiam de um grupo de árvores que rodeavam quatro espreguiçadeiras de madeira, e o Wes estava sentado numa delas. No centro de tudo estava uma fogueira circular, e por trás dele havia uma cascata sobre pedras. O espaço tinha uma folhagem tão espessa que mais parecia um lugar selvagem e escondido do que um quintal suburbano. — Isto é incrível. Foi a tua mãe que fez tudo?

— Ná. — Ele encolheu os ombros e pareceu constrangido. O Wes Bennett parecia pouco à vontade, possivelmente pela primeira vez na vida, e ficou ali sentado com as longas pernas estendidas à sua frente, a olhar para o céu. — Este é o meu lugar preferido e, portanto, fiz isto.

— Não. — Sentei-me na cadeira à frente dele. — Tu não fizeste isto. Não pode ser.

— Ai pode, pode. — Continuou a olhar para cima e disse: — Há três verões, trabalhei para uma empresa de jardinagem e fiz aqui tudo aquilo por que cobrávamos fortunas aos clientes. Muros de retenção, quedas de água, o lago; é tudo fácil e barato, se soubermos o que estamos a fazer.

Quem era este tipo?

Dobrei as pernas debaixo do corpo, puxei as mangas sobre os dedos e olhei para o céu. Estava limpo, e havia estrelas por todo o lado. «Bella Luna» — uma canção muito antiga do Jason Mraz — era o número musical mais acertado para servir de fundo a este surpreendente oásis ao luar.

Bella luna, my beautiful, beautiful moon

How you swoon me like no other

Parei a música na minha cabeça e disse:

— Olha, hoje vi o Michael.

— Eu sei.

Estreitei os olhos, a tentar ver melhor o seu rosto na escuridão, em busca de alguma pista. Mas ele limitou-se a manter o olhar apontado ao céu.

— Ele disse-te?

— Disse. — Olhei para o perfil do Wes. Os seus lábios mal se mexeram quando ele disse, em voz baixa: — Mandou-me mensagem. Disse que te tinha encontrado por acaso e, Liz... disse que eras divertida.

— Disse?! — Apeteceu-me uivar. Eu sabia. — O que é que ele disse exatamente?

— Disse: «Ela é bastante divertida.» E depois falou num encontro em casa dele.

— Sim. Eu disse que te daria uma hipótese. — Olhei para a fogueira.

Engraçado. Ele disse que eu era divertida. Isso era bom, não era? Devia querer dizer que a minha mensagem parva dos «cocos» não me tinha tirado da competição. — Mas uma parte de mim receia que eu esteja a destruir as minhas hipóteses com esta nossa versão de namoro a fingir.

Isto fez com que os seus olhos regressassem à minha cara.

— Queres desistir?

Encolhi os ombros e perguntei para comigo o que estaria ele a pensar. É que, por muito divertido que isto fosse, e apesar do facto de estar basicamente a funcionar, eu estava farta de mentir. Disse:

— Eu penso sempre que sei o que faço, mas, e se tu tiveres razão sobre os meus planos? E se eu estiver a dar cabo das nossas vidas amorosas?

E a pôr em perigo a minha amizade com a Joss, e também a afundar-me numa vida de desonestidade quotidiana.

— Então, vou ter de te matar. Namorar é tudo para mim.

— Espertinho.

Revirei os olhos porque, apesar de ele ser popular, eu só tinha sabido de poucos relacionamentos seus, nenhum dos quais se transformara em algo sério.

Passei os dentes pelo meu lábio inferior e disse:

— Se calhar devias levar-me a casa do Michael, e aí devíamos decidir que não somos certos um para o outro. E, não sei, mandar uma mensagem de grupo?

Pestanejei com força e tentei perceber porque a ideia de pôr fim ao nosso plano me fazia sentir o coração a bater no pescoço.

Então ele olhou para mim, e a suavidade do seu sorriso surpreendeu-me. Parecia quase terno quando disse:

— Não posso acreditar que o teu plano ridículo está a funcionar.

— *É incrível.*

Ele riu-se um pouco, e eu também, antes de dizer:

— Peço muita desculpa por hoje à tarde, já agora.

Agitei uma mão.

— Não é grave.

— Fiz-te chorar. — Ele virou a cara, mas eu vi de relance o seu maxilar contraído. Era quase como se lhe importasse o facto de me ter transtornado. E, à luz da Lua, senti algo pelo Wes que nunca tinha sentido até então. Tive vontade de me aproximar dele.

Engoli em seco e recompus-me. Que influxo era este de carinho pelo Wes? Devia derivar do facto de me ter divertido tanto com ele durante o nosso acordo, e de isso estar a chegar ao fim.

Era isso.

Assim, em vez de seguir o instinto absurdo de me aproximar, disse apenas:

— Céus, és mesmo arrogante, Bennett. Eu já estava a chorar quando apareceste. Nem tudo gira à tua volta, sabes?

Mas na verdade foi aquele momento, aquele momento do choro, que forjou uma qualquer espécie de ligação entre mim e o Wes.

E era uma boa ligação.

Vi a maçã de Adão do Wes mover-se como se ele engolissem em seco e contemplei a sua silhueta. Ele ergueu o olhar e perguntou:

— Juras?

— Uf! Sim. — Meu Deus, ele estava a matar-me com a sua preocupação. — Já estou bem, portanto esquece o que viste.

— Já esqueci.

Ficámos sentados em silêncio durante alguns minutos, ambos perdidos no céu estrelado, mas sem constrangimentos. Pela primeira vez na minha vida, não me sentia compelida a encher o espaço vazio com uma tagarelice constante.

— Ainda consigo vê-la perfeitamente, sabes? — disse ele.

— Hum? — disse eu. Estava confusa, e devia ter ar disso, porque ele acrescentou:

— A tua mãe.

— A sério?

Enrosquei-me mais na cadeira, a abraçar as pernas e a visualizar o rosto dela. Nem eu tinha a certeza de ainda me lembrar exatamente das suas feições. Isso partia-me um pouco o coração.

— Com certeza. — A voz dele era afetuosa, como se contivesse um sorriso, e fez estalar os nós dos dedos ao dizer: — Ela era tão... Humm... Qual é a palavra? Charmosa, talvez?

Eu sorri.

— Encantadora.

— Perfeito. — Dirigiu-me um sorriso de menino pequeno e disse: — Houve um dia em que passei a correr pela vossa casa e me espalhei ao comprido. Esfolei o joelho todo no passeio. A tua mãe estava lá fora a podar as roseiras e eu tentei levantar-me logo e parecer valente. Percebes, porque tinha, tipo, oito anos e a tua mãe era superbonita.

Eu sorri e lembrei-me de como ela gostava de cuidar do seu jardim.

— Em vez de me tratar como um miúdo, cortou uma das suas rosas e fingiu magoar-se no dedo. Soltou um pequeno «au» e disse: «Wesley, podes dar-me uma ajuda?» Eu só queria enrolar-me num canto e morrer das minhas horrendas feridas de batalha. Mas se a senhora Buxbaum precisava de mim, tinha de a ajudar. — O Wes estava a sorrir, e eu não podia senão fazer o mesmo. Não ouvia uma nova história sobre a minha mãe havia tanto tempo que as palavras dele foram oxigénio, e eu inspirei-as com um desespero de vida ou morte. — Assim, fui a coxear até ela e segui-a para dentro da vossa casa, que, já agora, cheirava sempre a baunilha. — Eram velas de baunilha. Eu ainda as comprava do mesmo aroma. — Enfim, deixou-me ajudá-la a pôr-lhe um penso rápido no dedo como se não conseguisse fazê-lo sozinha. Eu sentia-me um herói, com ela a agradecer-me imenso e a dizer-me como estava crescido. — Agora eu sorria como uma tonta. — Então ela «reparou» no meu joelho ferido e disse que eu devia estar tão preocupado em ajudá-la que nem me tinha apercebido de que estava a sangrar. Limpou a ferida, pôs-lhe um penso e deu-me um gelado. Fez-me sentir um herói por ter dado um tralho no passeio.

Eu ri-me e olhei para o céu, de coração cheio.

— Essa história é mesmo a cara da minha mãe.

— Sempre que vejo um cardeal a voar no teu pátio, penso que é ela.

Olhei para o seu rosto envolto em sombras e quase me apeteceu rir, pois nunca teria imaginado o Wes a ter uma ideia tão fantasiosa.

— Pensas?

— Quero dizer, há aquela lenda de que os cardeais são...

— Pessoas mortas?

Ele franziu as sobrancelhas, encolhendo-se um pouco.

— Estava em busca de uma formulação um pouco mais delicada do que essa, mas sim.

— Não sei se vou na conversa de as pessoas mortas voltarem como pássaros, mas é uma ideia bonita.

E era. Muito bonita. Mas eu sempre senti que, se me permitisse acreditar nessas coisas, nunca superaria a sua morte, porque decerto passaria cada segundo da minha vida em lágrimas e a observar aves.

— Tens muitas saudades dela? — Ele aclarou a garganta e fez um pequeno ruído, como se a sua própria pergunta o envergonhasse. — Isto é, claro que tens. Mas... ao menos é mais fácil agora do que era?

Inclinei-me para a frente e estendi as mãos para a fogueira.

— Sinto muito a falta dela. Tipo, o tempo todo. Mas nos últimos tempos parece diferente. Não sei.

Calei-me e olhei para as chamas. Ele queria saber se era mais fácil? Eu sentia que não podia responder àquela pergunta, porque me recusava a deixar que fosse mais fácil. Pensava muito nela — todos os dias —, e se comesse a pensar menos, decerto seria mais fácil.

Mas quanto mais fácil se tornasse, mais ela desapareceria, certo?

Ele coçou a face e perguntou:

— Diferente como?

— Pior, talvez? — Encolhi os ombros e vi a parte de baixo do toro aquecer a ponto de ficar quase branco. Não sabia bem como explicar uma coisa que eu própria não entendia. — Não sei. Na verdade, é muito esquisito. Acho que parece que estou mesmo a perdê-la este ano. Estão a acontecer todos estes marcos, como o baile de finalistas, as candidaturas às universidades, e ela não está aqui. A minha vida está a mudar e a avançar, e ela está a ficar para trás, juntamente com a minha infância. Faz sentido?

— Cum carças, Liz. — O Wes endireitou-se mais na cadeira e passou as mãos pelo alto da cabeça, despenteando-se. Os seus olhos sérios encontraram os meus à luz das chamas. — Isso faz todo o sentido, e também é horrível.

— Estás a mentir? — Estreitei os olhos na escuridão, mas o tremeluzir do fogo não me deixava decifrar bem a sua expressão. — É que eu sei que sou esquisita em relação à minha mãe.

— Onde é que isso é esquisito? — A brisa levantou-lhe o cabelo escuro e despenteou-o um pouco. — Faz todo o sentido.

Eu não sabia se fazia ou não, mas fui invadida por uma onda de emoção e tive

de contrair os lábios e pestanejar com força para a conter. Havia algo na sua confirmação casual da minha saúde mental, da minha normalidade, que sarava um pedacinho de mim.

Provavelmente o pedaço que nunca discutira a minha mãe com ninguém além do meu pai.

— Ora, obrigada, Bennett. — Sorri e pousei os pés no rebordo da fogueira. — A outra coisa que está a mexer comigo é que a Helena e o meu pai estão sempre a tentar inseri-la em todas as coisas em que devia estar a minha mãe. Sinto-me a má da fita, porque não quero a Helena lá. Não preciso de uma substituta.

— Isso é chato.

— Não é?

— Mas, pelo menos, a Helena é superfixe. Quero dizer, seria pior se a tua madrasta fosse um pesadelo, não?

Eu tinha essa dúvida constantemente.

— Talvez. Mas às vezes penso que o facto de ela ser fixe torna tudo mais difícil. Ninguém compreenderia porque me sinto assim tendo por perto uma pessoa tão fixe.

— Bem, não podes incluí-la sem substituíres a tua mãe? Parece-me que podes na mesma guardar as tuas memórias, ainda que a Helena esteja contigo. Certo?

— Não é assim tão fácil. — Quem me dera que fosse, mas não me parecia que houvesse espaço para as duas. Se a Helena fosse comprar o vestido comigo e nos divertíssemos imenso, essa memória ficaria gravada para sempre sem que a minha mãe fizesse parte dela.

— Queres um charuto?

Isto interrompeu o curso do meu pensamento.

— O quê?

Vi os lábios dele arreganharem-se na escuridão, e ele disse:

— Antes de tu chegares, estava prestes a saborear um *Swisher Sweet* cá fora.

Isto fez-me rir: o imaturo Wes a saborear um charuto de gasoleira no quintal, como se fosse um homem crescido.

— Ooh, é só classe.

— Sou muito sofisticado. Aliás, sabe a cereja.

— Oh, bem, se é cereja, alinho já.

— A sério?

— Não, de todo. — Revirei os olhos perante tanta Wessice. — Acho que não apreciaria o cilindro mortífero com sabor a cereja, mas obrigada pela oferta.

— Eu sabia que a tua resposta seria essa.

— Não sabias nada.

— Pensava que ias dizer cilindro cancerígeno, mas no resto acertei.

Pus a cabeça de lado.

— Sou assim tão previsível? — Ele limitou-se a arquear uma sobrancelha. — Está bem. — Estendi a mão. — Passa para cá um dos teus elegantes cilindros nojentos com sabor a cereja para que eu possa acender e inalar o seu fumo mortífero para os meus pulmões.

Ele arqueou o sobrolho, surpreso.

— A sério?

Encolhi os ombros.

— Porque não?

— Tu devias escrever os anúncios para a *Swisher*, já agora.

— Como sabes que não o faço?

— Bem, se os escrevesse, saberias que os charutos não se inalam.

— Não?

— Não.

— Então... damos uma passa e aguentamo-la na boca como um esquilo inchado?

— De modo algum. Basta inalarmos menos do que com um cigarro.

— És, tipo, fumador profissional ou coisa assim?

— Não.

— Bem, parece-me que, se vens para aqui fumar sozinho depois de um dia longo e difícil, podes ter um problema.

— Anda cá.

Ele deu uma palmadinha na cadeira ao seu lado.

— Uf! Não — disse eu num tom trocista; sentia-me de algum modo «apanhada», pois já tinha pensado em mudar-me para mais perto dele.

— Tem calma. Eu só ia acender o teu cilindro nojento.

— Ah. — Levantei-me e sentei-me na cadeira ao lado da dele. — Desculpa.

— É a primeira vez que dizes isso, não é?

— Acho que sim.

Ele riu-se e abriu a embalagem. Eu não sabia bem porque estava a fazer aquilo, especialmente com o Wes Bennett, mas sabia que não estava preparada para ir para dentro. Estava a ser divertido.

— Alguma vez fumaste?

— Sim.

— A sério?

O Wes pôs um charuto na boca e acendeu o isqueiro.

— Fumei com a Joss numa festa, no verão passado.

Ele sorriu e puxou o fumo até o *Swisher* se acender.

— Teria adorado ver isso. A pequena Libby Loo a deitar os pulmões pela boca enquanto a Jocelyn se ria, provavelmente a soprar círculos perfeitos de fumo.

— Não te enganas muito.

A Jocelyn era enjoativamente boa em tudo. Eu nunca a vi falhar em nada. Não em miúdas, e certamente não desde que tínhamos ficado amigas. Para ser franca — e nunca diria isto em voz alta —, aquilo chateava-me a valer.

Não por ela ser boa nas coisas. Com isso sabia eu lidar. Era mais ela ser boa nas coisas sem tentar muito nem se importar muito com elas. Pairava pela vida fora sem nunca parecer tropeçar como eu tropeçava de hora a hora.

— Toma. — Ele passou-me o charuto e acendeu o outro. Eu peguei nele e recostei-me no cadeirão, estendendo casualmente as pernas enquanto olhava para as

estrelas. Parecia importante assumir uma atitude de charuto.

Dei uma passa. A cereja era agradável, e aquela coisa não era tão nojenta como um cigarro, mas mesmo assim sabia a cu.

O Wes observava-me com um meio-sorriso, o que me levou a dizer, enquanto o fumo me saía da boca:

— Sabe mesmo bem voltar a sentir o sabor das coisas. — Ele começou a gargalhar. Acrescentei: — Adoro um bom charuto.

Isto deu cabo dele. Era impossível não o acompanhar enquanto ria com a cabeça toda inclinada para trás. Quando finalmente parou, deu uma passa e disse:

— Já podes apagá-lo, Buxbaum.

— Oh, graças a Deus. — Apaguei o charuto, esmagando-o cuidadosamente no rebordo da fogueira. — Mas foram dez segundos muito relaxantes. Ajudaram-me mesmo a descontraír.

— A-hã.

— Já agora, ouvi dizer que a Alex Benedetti tem um fraquinho por ti.

Tinha ouvido aquilo em Química, e a minha resposta inicial foi que podiam fazer um bom par. Eram ambos atléticos e atraentes, por conseguinte, decerto ideais um para o outro, não?

Imaginei a Alex ali com o Wes em vez de mim, e não gostei. Tinha começado a apreciar a nossa estranha camaradagem e, embora isso me custasse a aceitar, achava que ele era uma pessoa simpática.

Ele puxou uma passa do charuto sem que a sua expressão se alterasse.

— Também ouvi dizer.

E?...

— Ela é gira.

Ele baixou a cabeça.

— Sim, é possível. Só que não é o meu tipo.

— Hã? Porquê?

A Alex era uma chefe de claqué deslumbrante com um monte de amigos, o tipo de rapariga que, presumia eu, fazia os rapazes como ele babar-se. Além disso, era genuinamente simpática e muito inteligente. Inteligente do tipo de querer ser dentista.

— Não sei. A Alex é bestial, mas...

Olhou para mim e encolheu os ombros como se isso explicasse tudo.

Tirei o elástico do pulso e puxei o cabelo para trás. Sentia-me em dívida para com o Wes, pois ele tinha passado muito tempo a ajudar-me com o Michael. Sim, ainda havia uma hipótese de ele ficar com o Lugar, mas algo no ar noturno da Área Secreta me dava vontade de fazer uma coisa simpática por ele.

— Eu sei que a química tem um grande papel na atração, mas ela é linda. Não posso acreditar que não agarres esta oportunidade.

— É realmente linda. — Ele sacudiu a cinza da ponta do charuto e lançou-me o tipo de olhar que obriga a ouvir. — Mas, tipo, o que é que isso quer dizer, afinal? A menos que o meu objetivo seja ficar sentado a olhar para ela como alguém olharia para um oceano ou uma cadeia montanhosa, a beleza é uma coisa apenas visual.

Eu arregalei os olhos e tapei a boca com ambas as mãos.

— Oh, valha-me Deus, conta-me mais, Wesley.

— Cala-te. — Esticou-me o dedo médio da mão livre e disse: — Estou só a dizer que gosto de uma miúda que me faça rir, nada mais. Alguém com quem me divirta independentemente do que estivermos a fazer.

Recostei-me na cadeira e cruzei os braços sobre o peito. Inclinei a cabeça de lado, franzi o sobrolho e disse:

— Não me interpretes mal, mas és diferente do que sempre pensei que fosses.

Os olhos dele cintilaram carinhosamente, e ele disse:

— Estás chocada por eu ter saído da fase de decapitação de gnomos, não estás?

— Mais ou menos. — Soltei um risinho e abanei a cabeça. — Mas também pensei que agarrarias a oportunidade de, hum, te afiambrares.

Isto fê-lo sorrir e olhar-me, arqueando uma das sobrancelhas escuras.

— Isso é repugnante, Buxbaum.

— É, não é?

— Foi a primeira vez que disseste essa palavra?

Eu ri-me e assenti, o que o fez soltar uma grande gargalhada.

Depois ficámos ali sentados, a falar de tudo e de nada, até ele terminar o *Swisher*.

— Vais fumar outro? — perguntei.

Ele atirou a ponta para o lume, agarrando num grande galho para revirar a madeira.

— Porquê? Queres um?

— Céus, não. — Levei o cabelo ao nariz e disse: — Essas coisas fazem com que o meu cabelo cheire a lixeira.

Ele encostou o pau ao lado do lume e pegou no balde que repousava por trás da sua cadeira.

— Na verdade, tenho de me levantar cedo amanhã, portanto talvez seja melhor apagar isto, se estiveres pronta para ir para dentro.

Havia algo na suavidade do seu rosto naquele momento — calmo, feliz, acariciado pela luz do fogo — que me fez sentir afortunada por ter descoberto a pessoa em quem ele se tornara.

— Sim, estou pronta.

Ele mergulhou o balde no lago e derramou-o sobre o lume, provocando uma nuvem de fumo. Enquanto passávamos da Área Secreta para o quintal, ele disse que me mandaria mensagem quando o Michael lhe dissesse a que horas seria a noite de cinema.

Fui para a cama a sentir-me feliz, embora não soubesse ao certo qual era a razão disso. Ou, melhor, quem. Fiquei ali deitada, numa descontração vibrante, até que o cheiro a fumo no cabelo me irritou tanto que tive de tomar um duche noturno e trocar a fronha da almofada.

Então, sim, fui para a cama feliz.

CAPÍTULO NOVE

«O amor é paciente, o amor é bom, o amor significa enlouquecer lentamente.»

Vestida para Casar

— Olá, miúda. — A Helena olhou para mim da porta que dava para a cozinha enquanto eu praticava piano na sala de estar. Eu gostava de tocar de manhã, e gostava de tocar com o meu requintado pijama às flores e os chinelos de seda a condizer. Fazia com que praticar parecesse um passatempo elegante, como se eu fosse uma personagem da Jane Austen a apurar uma das competências que fariam de mim «uma visão destemida». — Tens fome? Queres que te prepare uma *Pop-Tart* ou assim?

— Não, obrigada. — Tentei continuar a tocar enquanto falava com ela, mas nunca tinha conseguido realizar tal proeza. Se praticasse mais do que uma hora ou duas por semana — como a minha mãe fazia —, provavelmente não pareceria tão difícil. Ela tocava todos os dias sem falhar, e isso via-se. — Já comi uma banana.

— Certo.

Ela virou-se para entrar na cozinha e eu obriguei-me a fazê-lo. Disse:

— Helena. Espera.

Ela inclinou a cabeça de lado.

— Sim?

— Eu sei que é em cima da hora — titubeei, preparando-me para os sentimentos quando lhe fizesse o convite —, mas, humm, a Jocelyn mandou-me uma mensagem a dizer que a mãe dela pode levar-nos ao fim da manhã a comprar os vestidos para o baile de finalistas, porque é dia de reunião de professores. Queres vir?

A Helena ergueu o queixo e baixou as sobranceiras, puxando o cabelo para trás das orelhas.

— Depende. Porque estás a convidar-me?

— Hum, porque pensei que podias querer vir?...

A expressão dela era a de quem estava a ver tudo.

— O teu pai não te disse para o fazeres?

Uma parte de mim queria ser honesta, mas, em vez disso, disse:

— Não. Devia fazê-lo, ou coisa assim?

Ela pestanejou, olhou-me por mais um segundo e a seguir o rosto brilhou-lhe de felicidade.

— Adorava ir, querida. Oh, meu Deus. Acho que primeiro devíamos ir ao Starbucks, onde podemos adivinhar os cafés que as pessoas vão pedir pelo que têm vestido. Depois podemos fazer a cena do vestido, e talvez ir ao Eastman almoçar, incluindo aquele *petit gâteau* da sobremesa que dizem que é de morrer. Quero dizer, eu sou doida pelas tabletes de *caramello*, mas nunca daria a vida por uma.

Estava a ser faladora e sarcástica como sempre, mas senti que a tinha feito mesmo feliz.

— E gelado? — Estendi a mão direita e dedilhei uma canção de carrinha de gelados, feliz por a ter convidado. — Também pode ser considerado de morrer.

— Nem sequer é um sólido. Se me vou matar por uma refeição, não será uma refeição que esteja a pairar algures entre dois estados químicos.

— Bem pensado. — Parei de tocar. — Devemos considerar o teu amado bolo de banana?

— É digno de roubo, talvez, mas não de morte. Era capaz de o roubar ao próprio presidente, mas também não daria a vida pela sua fofura deliciosa.

— Mas, se roubasses o presidente, serias morta pelos serviços secretos, o que iria dar ao mesmo, não?

— Ora, não vou ser apanhada, claro.

— Pois, com certeza.

Fui lá acima arranjar-me e, quando fiquei pronta, a Helena já estava à minha espera na sala de estar. Vestia um blusão de pele todo artilhado que condizia perfeitamente com as calças de ganga, e maravilhei-me mais uma vez pelo facto de ela ter a idade do meu pai.

— Estás pronta para isto? Estou a pensar em comprarmos um vestido a fingir só para pregarmos um susto ao teu pai. Tipo, compramos um vestido deslumbrante, mas também uma pecinha chungosa só para lhe dar um ataque cardíaco.

— Queres mesmo ficar a tratar dele depois de um *bypass* triplo?

— Bem pensado. Ele é um verdadeiro bebé quando não se sente bem. — Ela pegou nas chaves e meteu o telefone no bolso. — Mando-lhe só uma fotografia para lhe pregar um susto.

Segui a Helena até à garagem e entrei no carro dela. Ela tinha um *Challenger* preto-mate, uma bisarma de carro que trovejava tão alto que só conseguíamos ouvir o rádio no volume máximo. Uma vez, um tipo na oficina perguntou-lhe porque queria ela conduzir um carro que era claramente apropriado para um homem, e que devia ter demasiada potência para as suas capacidades, e eu nunca esquecerei a resposta.

— Foi amor, Ted. Olhei, vi este tipo e perdi completamente a cabeça. Sei que é bruto e inconveniente, mas, sempre que olho para ele, vou-me abaixo das canetas. E, quando o conduzo... esquece. É rápido, selvagem e um pouco rebelde, e eu sinto os seus rugidos guturais por todo o corpo quando carrego no acelerador. Esta fera faz-me desprezar para sempre todos os outros veículos.

O Ted ficou perplexo, enquanto a Helena lhe sorria como se não fizesse ideia

do que tinha feito. Exercia o seu poder como uma deusa e, apesar da complexidade do que sentia por ela e pelo seu lugar na minha vida, eu tinha-lhe um enorme respeito por isso.

— *Latte* com abóbora e especiarias.

— A sério? É esse o teu palpite? — Revirei os olhos e dei um gole no meu *frappuccino*. Parece que nem estás a tentar. Pensa, Helena. É abril. O Starbucks nem sequer tem essa bebida em abril.

— Achas que não sei? — Os seus lábios mal se mexiam enquanto observava a rapariga a aproximar-se da caixa. A cliente em causa era jovem, provavelmente caloiira, e vestia-se como uma modelo da *Gap*. — É uma bebé, portanto não conhece as regras. Só sabe que a irmã mais velha lhe deu uma vez um a provar e que era o máááximo.

Eu soltei um risinho.

A miúda abriu a boca e disse:

— Pode dar-me um *latte* de bolacha de gengibre, por favor?

Ao que o *barista* respondeu:

— Desculpe, mas isso é uma bebida sazonal.

Olhei para a Helena com uma boca escancarada em «O».

— Quase acertaste!

— São muitos anos, miúda. — Ela encolheu os ombros e deu um gole no seu *espresso*. — Tens ali um Saco a Tiracolo. — Não me desiludas.

Olhei para o tipo com o saco a tiracolo, que estava de olhos fixos no telefone. O saco dele era manteiga, pele da boa, gasta na perfeição, como só os sacos caros podiam ficar gastos. Os óculos de massa davam-lhe um ar inteligente, mas também estiloso, e a pulseira do relógio condizia perfeitamente com o cinto e os sapatos.

— *Americano venti* gelado com leite de soja. — Recostei-me no lugar e cruzei os braços. — Está a acolher a primavera ao escolher uma bebida fria, mas não consegue despedir-se da seriedade do sabor do *americano*.

— Isso é excelente, minha aluna.

O Saco a Tiracolo olhou para o *barista* e disse:

— Dê-me só um café gelado.

— Ooh, tão perto — resmoneei, tirando o telefone do bolso do vestido para ver se tinha mensagens. Não havia razão para que o Wes me mandasse mensagem, mas, depois de termos estado tão bem na noite anterior, parecia-me uma possibilidade.

— E pode pôr um pingó de soja, por favor?

— *Boom!* — A Helena bateu na mesa. — Estiveste mesmo perto, Liz.

— Nós hoje estamos em brasa.

Ela assentiu e perguntou:

— Por falar em brasa, o que é que há com o Wes?

— O que tem ele que ver com brasas?

Ela encolheu os ombros.

— Nada. Estou demasiado impaciente para aguardar por um bom pretexto.

— Ah. — Aclarei a garganta e vi que o Saco a Tiracolo pagava o seu café e se sentava a uma mesa com mais três Sacos a Tiracolo. — Não há nada com o Wes.

— Tens a certeza? É que ontem à noite passaste pelo menos uma hora lá fora com ele. — Os meus olhos dispararam na direção dos dela, mas, em vez de parecer irritada, a Helena dirigiu-me um sorriso de «apanhei-te». — Não te preocupes. Fiquei a saber puramente por acaso. Acontece que olhei pela janela no preciso momento em que atravessaste o quintal a correr como se tivesses fogo no rabo e saltaste a vedação dele.

— O meu pai sabe?

— Porque havia de acordá-lo, quando foste lá fora só para olhar as estrelas?

Encolhi os ombros e contive o sorriso. Por muito que não quisesse cair no feitiço de «ela é tão fixe» em que caíam todos os que conheciam a Helena, por vezes ela conseguia ser mesmo inacreditavelmente fixe.

— Não sei. Obrigada por não lhe dizeres. Não foi nada, mas acho que para ele seria muito.

— Oh, seria de certeza. — Ela levantou o copo e brincou com a tampa. — Mas ele confia em ti. Ambos confiamos.

— Eu sei. — Cruzei as pernas e segui um dos sulcos dos meus colãs com o dedo. — E o Wes e eu somos só amigos, já agora. Ele está, tipo, a ajudar-me numa coisa.

— O quê? — Ela balançou a perna para trás e para a frente no lado do assento. — Da última vez que me lembro, vocês andavam a guerrear por aquele lugar de estacionamento. Agora, de repente, são amigos e ele dá-te assistência? Como diabo aconteceu isso?

— É um bocado complicado.

— Era o mínimo que eu imaginava. — Olhou pelo orifício da tampa e fez girar o copo. — Mas tens de estar um pouco atraída pelo Wes. Quero dizer, além de ser lindo e musculado, o tipo é hilariante. Se eu fosse adolescente, ficava caidinha por ele. — Antes que eu pudesse emitir um som, ela interrompeu-se com: — Oh, meu Deus, por favor, esquece o que eu disse. Pareço uma daquelas professoras que mandam fotografias das suas partes aos alunos. Tu sabes que não era essa a minha intenção, não sabes?

Isto fez-me sorrir.

— Claro.

— Acho o Wes adorável do mesmo modo como se acha adorável um cachorrinho com patas enormes.

— Tem calma. Eu sei.

— Oh, graças a Deus.

— E concordo. Até há pouco tempo, não tinha reparado no Wes. Mas, agora que passámos algum tempo juntos, vejo perfeitamente porque é que uma rapariga podia gostar dele.

— Os ombros, não é? São largos como tudo.

Semicerrei os olhos.

— São?

— Não tinhas reparado?

— Na verdade, não. Mas não se trata disso. O que eu ia dizer era que percebo porque é que uma rapariga podia gostar dele, porque é bastante atencioso para... — Como podia sequer categorizar o Wes agora? Os meus rótulos anteriores não pareciam apropriados. — Para o Wes.

Visualizei-o na festa do Ryno, a salvar-me da humilhação certa puxando para cima as calças que me tinha emprestado. Santo Deus, o Wes Bennett era um bom achado, não era? Ouvia bem, fazia telefonemas tardios, construía belos fossos para fogueiras que pareciam saídos de revistas de decoração. O Wes era um pouco de sonho.

— Mas não para ti.

— Não. — Independentemente do que estava a descobrir sobre o Wes, qualquer relacionamento sério com ele acabaria decerto em desastre. E, como se precisasse de me convencer naquele momento, apeteceu-me contar-lhe. — Eis o que está a acontecer. Mas isto é supersecreto, *OK*? Tipo, nem a Jocelyn sabe.

— Oh, meu Deus, adoro estar por dentro. — Ela sorriu e inclinou-se mais para mim. — Conta-me tudo, sua malandra matreira. — E eu contei. Falei-lhe do Michael, e ela fez um coração no ar quando o descrevi a ele e à sua reentrada inesperada na minha vida. (Embora tivesse deixado de fora a ligação à minha mãe.) contei-lhe do Wes e do meu plano, e ela riu-se e chamou-me génio maligno. Chorou lágrimas verdadeiras quando descrevi terem-me vomitado em cima e fungou de riso enquanto chorava quando lhe contei os pormenores do acidente do nariz com a bola de básquete. Limpou os olhos e disse: — Oh, meu Deus, é como se o destino estivesse a fazer tudo para te manter afastada dele. — O quê? Não era nada assim, pois não? Eram apenas coincidências infelizes. — Sempre que estás quase a ter um momento com o Michael, parece que o Universo o impede com uma bola na cara ou vomitado na roupa. Acho que o Universo gosta mais do Wes.

Tenho quase a certeza de que a olhei como se ela tivesse uma cobra a sair-lhe da boca.

— Não, não parece. Aquelas coisas foram casos fortuitos. Quando muito, diria que o azar nos segue no encalço do Wes. O facto de eu estar perto dele deve ter sido o que fez zangar o destino.

As sobranceiras dela arquearam-se.

— Tudo bem, Liz. Como quiseres.

«O Universo gosta mais do Wes.»

Enquanto nos dirigíamos para o carro e íamos até ao centro comercial, o meu cérebro fritava com aquela única e solitária frase. O Universo gostaria mais do Wes?

— Vou vomitar. — Abanei a cabeça e contemplei a Jocelyn, que olhava para o seu reflexo no espelho. Envergava um vestido comprido cor de laranja e parecia mais uma estrela na passarela vermelha dos Óscares do que uma aluna do secundário a experimentar um vestido para o baile de finalistas. — Há alguma coisa que te fique mal?

A mãe da Joss exclamou:

— É demasiado adulto. Despe-o.

A mãe dela era daquelas progenitoras simpáticas, mas intimidantes. Sempre fora superquerida para mim, mas, quando se zangava com a Joss, enervava-me. Era minúscula — pouco mais de metro e meio —, mas havia comando em cada centímetro.

Era advogada, e eu sempre presumi que era fantástica no que fazia, porque ainda estava para ver a Joss a ganhar uma discussão com ela.

A Jocelyn rolou os olhos e resmoneou algo sobre sacudir a mãe até lhe desfazer o carrapito, o que me fez rir, mas também me fez pensar no modo como o Wes estava sempre a despentear-me. Era superirritante, mas algo naquele gesto me fazia sorrir em todas as ocasiões.

Aclarei a garganta e franzi a cara, só para me certificar que não estava a sorrir para o espaço como uma idiota.

O que podia estragar tudo.

É que, até ali, a Joss e eu estávamos a divertir-nos como numa normal ida às compras. A irritação dela pela minha reticência perante as atividades dos finalistas e a minha irritação pela sua insistência ainda não tinham dado sinal de vida.

Estávamos bem, e eu não queria que as minhas mentiras por causa de um rapaz dessem cabo disso.

Íamos na terceira loja, e estava a correr como tinha corrido em todas as paragens. Eu experimentei uma mão-cheia de vestidos que eram mais ou menos, e a Jocelyn ficava maravilhosa com todos os que vestia. Estava a ter dificuldade em escolher só um, e eu estava a ter dificuldade encontrar sequer um.

— Não é que eu seja gira; estou é a experimentar vestidos lindos. — A Jocelyn olhou para mim pelo espelho. — Tu, por outro lado, não paras de experimentar coisas *retro* e às flores que nem sequer parecem vestidos de baile. Já sei que tens aquela cena da *vibe* romântica, mas experimenta o raio de um vestido de baile até aos pés, por amor de Deus.

— Ela tem razão, Liz. — A Helena estava a comer um *corn dog* comprado no centro comercial, sentada numa cadeira e a ver-nos provar vestidos. — Pega num monte e começa.

— Sai da tua zona de conforto — disse a mãe da Jocelyn, com um sorriso maternal e um aceno de cabeça tranquilizador. Depois gritou à Joss: — Esse é muito apertado e o decote é de mais. Passa ao próximo.

Eu olhei para os varões, sem vontade de procurar mais.

— Uf!

— Já sei. Espera. — A Jocelyn empinou um dedo. — Vai para o provador e espera por mim. Vou levar-te dez vestidos para experimentares. Confia em mim.

— Mas tu não...

— Confia em mim.

Eu suspirei e lá voltei para os provadores, já farta daquela ida às compras. Deixei-me cair no banco e senti o telefone vibrar. Tirei-o e vi uma mensagem do Wes.

Wes: O que aconteceu ao teu carro?

No momento em que vi que a mensagem era do Wes, senti... qualquer coisa. Uma coisa boa e também confusa, que atribuí a estar relacionada com o Michael. Ele podia estar a escrever por causa do Michael — tinha de ser essa a razão da minha reação.

A pergunta dele fez-me rir, porque era claro que o Wes ia reparar. O meu pai, o homem cujo nome estava no livrete, não reparou nos estragos que eu fiz ao passar por uma cabina de *drive-thru* no dia anterior, mas o Wes Bennett notou.

Eu: Não abras a boca, se sabes o que te convém.

Wes: Estás a ameaçar-me?

Eu: Só se voltares a abordar o tópico do meu carro.

Wes: Então... hum... está um lindo dia, hã? O que estás a fazer?

Eu: A comprar o vestido para o baile de finalistas. É horrível.

Wes: Pior do que fazer compras comigo?

Pensei nisto durante um segundo.

Eu: Por acaso, sim. Tu pelo menos estavas com pressa. Estas senhoras só querem demorar-se e eu só quero fugir. Acho que era capaz de rastejar para fora deste provador sem ser detetada...

Wes: Com quem vais ao baile? Pensava que o objetivo era o Michael.

O meu cérebro produziu uma imagem do Wes de *smoking*, e apaguei-a rapidamente. O Michael é que era o objetivo.

— OK. — A Jocelyn apareceu à entrada com uma braçada de vestidos. — Promete-me que os vais experimentar todos. Mesmo que não pareçam coisas que normalmente escolherias, faz-me a vontade e experimenta-os, por nós. Combinado?

Pousei o telefone no banco.

— Combinado.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Com quem estavas a trocar mensagens?

Franzi também as sobrancelhas.

— Porquê?

— A sério?

Eu encolhi os ombros, sentindo-me como se tivesse sido apanhada a olhar para fotos porcas.

— Com o Wes, OK? Ele mandou-me mensagem por causa da pintura do lado do meu carro.

A Jocelyn sabia da pintura porque eu lhe tinha mandado mensagem quando bati no poste, portanto a revelação não a alterou. Mas o seu rosto iluminou-se e ela disse:

— Tu e o Wes agora trocam mensagens?

— Nem por isso. — Aclarei a garganta e tentei lembrar-me do que lhe disse antes da ida ao jogo de basquetebol. — Foram só umas duas vezes, e é completamente casual.

— Sim, pois. A mim não me enganas, já agora. — Pendurou os vestidos num gancho e pousou as mãos nas ancas. — Podes estar armada em *cool*, mas gostas a sério do Wes Bennett.

— Não gosto nada.

Não gostava! As minhas reações emotivas ao Wes derivavam da ligação dele à minha mãe e do facto de sermos parceiros no crime.

Nada mais.

— Oh, isso é que gostas. Passaste o dia toda sonhadora sempre que experimentavas um vestido. — Os olhos dela estreitaram-se e ela disse: — Oh, meu Deus. É bom que não me abandones pelo Wes.

— Cala-te. — O meu estômago apertou-se quando ela me deu aquela pequena antevisão de como ficaria descontente se o Michael me convidasse para o baile. — Não te vou abandonar pelo Wes.

Mas posso fazê-lo pelo Michael. Céus, eu era uma porcaria de amiga.

— Bem, terás algum rapaz em mente. Se não é o querido Wesley, então quem é?

Uma parte de mim queria pôr tudo em pratos limpos e contar-lhe. Que importava se ela pensasse que o meu plano era uma má ideia? Talvez fosse o momento.

Mas, precisamente quando pensei nisto, ouvi a Helena e a mãe da Joss a rir lá fora, ao pé do espelho grande. Pareciam duas mães a ajudar alegremente as filhas, o que fez com que todas as minhas emoções perturbadas voltassem em turbilhão.

Não. Não conseguia reunir coragem para um desacordo, não aqui, no provador da Ralph's Department Store. Não seria assim tão mau insistir na cena do Wes, pois não? Isto é, tecnicamente tinha sido ele a povoar-me a cabeça todo o dia. Era completamente plausível eu ter um pequeno fraquinho pelo Wes que acabasse por não dar em nada, não era?

Passei uma mão pelo cabelo.

— Ainda estou a tentar perceber, OK? Divirto-me imenso quando estou com o Wes, mas também ele não é o meu tipo e...

— Como assim, não é o teu tipo? É por não ser uma personagem que escreve poesia e sabe qual é a tua flor preferida?

Detestava quando ela fazia isto. Quando me reduzia a uma criança apaixonada e de cabeça oca. Disse:

— Nem sequer interessa, porque estamos só a falar, está bem?

— Está bem. — Dirigiu-me um sorriso esquisito, e a montanha-russa emocional onde eu tinha passado os últimos três minutos não foi detetada. — Mas eu cá aposto no Bennett. Se alguém pode dar um abanão nas tuas ideias românticas, esse alguém é o Wes.

Revirei os olhos e lembrei-me do que a Helena tinha dito pouco antes.

— Acho que estás a ver muitas coisas que não existem.

— Veremos. Agora experimenta os vestidos.

Fechou a porta atrás de si e eu fiz deslizar o trinco. Antes de provar os vestidos, peguei no telefone e respondi à mensagem anterior, sabendo que a minha resposta era uma mentira.

Eu: A Jocelyn e eu tínhamos planeado ir juntas, mas estou certa de que ela compreenderá se eu for convidada por alguém de quem goste.

Exprimi-lo pelo Universo podia fazer com que se realizasse, certo?

Enfie o primeiro vestido, uma peça vermelha, comprida e cintilante, que provavelmente podia ser vista do espaço, e ri-me do meu reflexo. Parecia uma concorrente a misse que tinha perdido os materiais de maquilhagem e o cabelo. Dos ombros para baixo — bem. Dos ombros para cima — nem por isso.

O meu cabelo ruivo chocava totalmente com o vestido.

Saí para me ver no vestido trifacetado e dei uma volta para as minhas fãs, que concordaram.

— Mas o estilo é muito melhor do que os outros que experimentaste. — A Helena juntou as mãos como se estivesse a rezar. — Jesus seja louvado, sinto que estamos a aproximar-nos.

Quando voltei para o provador, olhei de relance para o telefone antes de nova prova.

Wes: Porque não gostas de ir comprar vestidos? Parece ser a tua cena.

Abri o fecho do vestido e sacudi-me para fora dele enquanto teclava.

Eu: As minhas preferências não condizem exatamente com as tendências dos bailes, e isso não interessa às pessoas com quem estou.

Wes: Ah. Tu queres flores, bolsos e folhos de velhinha, e elas querem que tu vistas algo sexy.

Porque é que a atitude dele perante quase tudo — mesmo quando estava a gozar comigo — me fazia rir? Sorri e peguei no vestido preto. Era curto à frente e comprido atrás, com uma parte de cima que se atava no pescoço. Estava prestes a enfiá-lo quando o meu telefone vibrou.

Wes: Não te esqueças de que o branco é a tua cor, miúda.

OK — isto fez-me rir alto. Olhei para os vestidos, e estava lá um branco. Larguei o preto e peguei nele. E, uau!

Era realmente... maravilhoso.

Era sem alças, com um corpo simples de seda que terminava num cinto branco de contas e uma saia rodada até aos pés. O mais espantoso era o facto de setenta e cinco por cento do vestido ser simples e discreto, e depois, ao longo da bainha, haver um padrão de flores silvestres e coloridas.

Enverguei-o e sustive a respiração enquanto puxava o fecho lateral. E quando olhei para o meu reflexo...

Peguei no telefone.

Eu: És capaz de ter razão, Bennett. O único vestido de que gostei até agora é branco. Que raio de cena é essa de acertares no meu estilo?

Puxei o cabelo para cima e virei-me de lado, para ver a parte de trás. E quando passei as mãos pelos lados, encontrei bolsos.

Wes: Porque duvidas de mim?

Eu: Bom senso. Experiência.

Wes: Fotografia, por favor.

«O quê?», disse para comigo, e saiu-me uma fungadela de riso nervoso ao pensar no melhor ângulo. Céus, porque estava a pensar nisso quando era o Wes a pedir? Resmoneei uma torrente de obscenidades — *merda, merda, merda* — por

entre os dentes antes de acabar por responder com:

Eu: Hum, a resposta é não.

Wes: Está bem, então manda-me uma fotografia de outra coisa só para eu me sentir incluído.

Olhei em redor do provador em busca de alguma coisa cómica para lhe mandar, e depois pensei «que se lixe». Tirei uma foto do vestido ao espelho e enviei-lha.

Eu fiz mesmo aquilo? Mandeí mesmo ao Wes Bennett uma *selfie* com um vestido de baile de finalistas? Cum caneeee...

— Liz! Tens algum vestido posto? — gritou a Jocelyn do seu posto na galeria. — Tens de nos deixar ver, porque, mesmo que não sejam do teu estilo, um deles há de funcionar, caramba.

Larguei o telefone e saí para me dirigir ao espelho grande. Como se estivéssemos no *Say Yes to the Dress* ou coisa assim, a Jocelyn e a Helena soltaram uma exclamação e taparam as bocas com as mãos quando lhes apareci à frente. A mãe da Jocelyn limitou-se a sorrir.

— Esse vestido foi feito para ti. — A Jocelyn cruzou os braços. — Por favor, não me digas que o detestas. É impossível.

— Estás incrível. — A Helena estava de pé, a sorrir, como que à beira das lágrimas. — Gostas dele?

Encolhi os ombros.

— Tem bolsos. E flores. Basicamente, tenho de ficar com ele, não é?

Olhei para o meu reflexo no espelho e soube — soube mesmo — que a minha mãe teria adorado aquele vestido. Ela teria escolhido aquele vestido para mim. Raios, ela própria teria usado aquele vestido se lhe surgisse uma ocasião formal. Podia não estar ali a fazer compras comigo, mas encontrar aquele vestido era significativo, não era?

— Oh, Libby, mal posso esperar por o teu pai te ver com esse vestido.

A cabeça da Helena estava inclinada para o lado, e ela estava a sorrir, mas as suas palavras foram como um balde de água fria e fizeram-me regressar ao meu presente de órfã.

É que o que a Helena tinha acabado de dizer era exatamente o que a minha mãe teria dito se ali estivesse. Aliás, eu conseguia ouvir perfeitamente a sua vozinha a dizer aquelas palavras.

Mas a Helena não era a minha mãe, mesmo que estivesse de repente a chamar-me «Libby», como se fosse.

Cruzei os braços. Precisava de sair JÁ daquele vestido.

— Vou mudar de roupa.

— Não estás excitada? — Ela lançou-me um olhar entusiasmado e entendido, e um «choca aí» fingido que provavelmente me teria feito rir uma hora antes. — Encontraste o teu vestido.

— Claro. — Vi que o sorriso se lhe desvanecia, mas não consegui conter-me. Uma parte de mim acreditava que, se não resistisse, ela ia apagar o facto de a minha mãe alguma vez ter existido. Pensei no dia inteiro que a Helena tinha planeado. Só

me apetecia estar sozinha. — Já agora, não tenho fome, portanto podemos ir para casa depois disto?

A Helena lançou um olhar à Jocelyn e à mãe, que felizmente estavam a falar uma com a outra e não nos prestavam atenção, e disse:

— Claro, se é isso que tu queres.

Depois de mudar de roupa, em vez de me juntar a elas perto do espelho grande, levei o vestido à caixa e paguei antes de a Helena poder fazê-lo. Quando me juntei ao grupo com o meu vestido já embalado e pendurado no braço, todas me olharam, confusas.

— Já o compraste? — Os olhos da Jocelyn arregalaram-se e ela pôs ao ombro a alça do seu saco a tiracolo, a resmonear, sarcástica: — Pois, isso não é mesmo nada esquisito.

Eu ergui o vestido e fingi que estava tudo bem. Cheguei mesmo a sorrir.

— Como temos de voltar à última loja para comprar o teu, achei melhor acelerar as coisas.

A Joss lançou-me um olhar que dizia que ela sabia qual era a minha ideia.

— Bem pensado, Liz.

Uma atmosfera constrangedora pairava sobre nós enquanto conversávamos com uma alegria falsa e nos dirigíamos para a saída. A Jocelyn e a mãe sabiam o que se passava, a Helena sabia o que se passava e também que as outras sabiam o que se passava; portanto, todas fizemos o melhor possível para fingir que eu não tinha estragado completamente o dia.

No carro, depois de fechar o cinto, coloquei os auriculares e pus rapidamente uma canção antes que a Helena pudesse abordar o que tinha acontecido.

Depois, reparei numa mensagem no telefone.

Wes: Compra esse vestido. Imploro-te.

O meu estômago deu uma volta. Ouvia a sua voz profunda a pronunciar aquelas palavras. Ainda assim, era o Wes. Decerto a sua intenção não era o que parecia ser.

Vacilei sobre a minha resposta. Olhava para o telefone que tinha na mão e havia visões do Wes Bennett a dançar-me na cabeça. Comecei a escrever mais do que uma resposta *cool*, mas acabei por ceder às minhas patéticas carências.

Eu: Gostas dele?

Os pontinhos apareceram, como se ele estivesse a teclar, mas desapareceram após alguns minutos. Esperei, e por fim eles voltaram a aparecer.

Wes: O Michael vai adorar. Acredita.

Comecei a responder, tipo, cinco vezes diferentes ao longo do dia, mas acabei por não dizer nada. Porque... o que havia a dizer? Tinha sido um pouco levada pela representação do Wes, tropeçara no seu charme, mas a resposta dele lembrara-me do meu objetivo.

Eu. O Michael.

O baile de finalistas.

Boom.

CAPÍTULO DEZ

«Mas sobretudo odeio o modo como não te odeio. Nem lá perto, nem um bocadinho, nem de modo algum.»

10 Coisas Que Odeio em Ti

Wes: Filme em casa do Michael amanhã. Continuas a querer ir?

Tirei os olhos do telefone para me certificar de que a professora continuava a falar, e não a olhar para mim e a ver-me quebrar as regras. O meu pé chutou acidentalmente a cadeira da Joss, à minha frente, e eu baixei o telefone para o colo e teclei:

Eu: Com certeza.

Wes: Vão buscar-te às 6, para podermos comer qualquer coisa pelo caminho.

Ergui o olhar por um segundo. Tinha estado a recapitular mentalmente as minhas interações recentes com o Wes, e precisava de reforçar os nossos limites. Todos os momentos agradáveis dos últimos tempos estavam a turvar as águas e eu precisava de atinar e de me concentrar no meu objetivo.

A última coisa que queria era estragar tudo levando-o a interpretar mal um *flirt* tolo.

Eu: Não é um encontro, pois não?

Wes: Uf! Liz.

Eu: Só para saber. Não posso deixar que te afeições.

Wes: Por incrível que pareça, não está a ser difícil combater os sentimentos, crominha querida.

Isto fez-me soltar um riso fungado.

— Oh, meu Deus.

Ergui o olhar; a Jocelyn estava toda virada para trás no lugar e olhava-me com um enorme sorriso na cara. Sussurrou:

— Estás a mandar-lhe mensagens, não estás?

Aclarei a garganta.

— A quem?

— Tu sabes a quem. — Olhou para a professora antes de se virar para trás e dizer: — Ao Bennett.

Eu inspirei pelo nariz e disse:

— Sim, mas estamos só na brincadeira. Cenas completamente platónicas.

— Quando é que vais admitir que gostas dele? Não estou a dizer que seja amor, ou o que quer que descrevas no teu diário secreto, mas tens um genuíno gosto pelo rapaz.

— Gosto pelo Rapaz. Nome de banda, inventei agora.

— Raios te partam.

Ela soltou um risinho e voltou-se de novo para a frente.

Mais um ponto para mim no jogo que disputávamos havia mais de um ano.

Olhei para a nuca dela, sentindo o estômago a encher-se do sentimento de culpa que já me era familiar. Quero dizer, tecnicamente, ela não se enganava; o Wes estava a agradar-me. De um modo amigável, ia-se rapidamente a tornando uma das minhas pessoas preferidas.

Mas de certo modo incomodava-me não saber o que iria acontecer depois da noite seguinte. Continuaríamos amigos quando tudo isto chegasse ao fim? Ele teria sequer algum interesse nisso?

Nesse preciso segundo, o meu telefone vibrou. Como se ele soubesse que eu estava a pensar nele.

Wes: Chuva de meteoros esta noite, se estiveres interessada. Tenho Swishers, já agora.

Apertei os lábios, a tentar não sorrir, mas foi em vão.

Eu: quero lá saber da chuva de meteoros. Se lebares os charutos de cereja, estou lá caída.

Wes: És tão merdosa. Até logo.

— Ia só escondê-lo entre os teus livros de *nerd* para não ser apanhado. Não ia assustar-te.

— Não acredito nisso. — Virei o meu espeto para que o meu *marshmallow* girasse no lume. — Em primeiro lugar, não tinhas nenhuma necessidade de decapitar o querubim. Em segundo, puseste-lhe tinta vermelha *à volta* da boca e dos olhos, e colocaste a cabeça de modo que ficasse a olhar fixamente para qualquer pessoa, nomeadamente eu, que se atrevesse a aceder à Minibiblioteca Gratuita.

— Esqueci-me da tinta. — Ele sorriu e pousou os grandes pés no rebordo da fogueira. — Pode ter havido alguma intenção de aterrorizar.

— Achas? — Retirei os *marshmallows* do lume e soprei-os antes de retirar um do espeto. — O tempo suavizou a tua memória do que eras. Acreditas, a menos que estejas a fingir à descarada, que não passavas de um rapaz turbulento sem qualquer má vontade contra mim. E isso é categoricamente falso. — Os seus olhos seguiram a guloseima amolecida que enfiei na boca. Enquanto mastigava, percebi que não tinha qualquer tipo de inibição estando ao pé dele. Em vez de recear parecer uma porca, disse, com a boca cheia de *marshmallow*: — Admite.

Ele ficou a ver-me encher a boca durante mais uns segundos. Depois disse:

— Não farei tal coisa. Admito, porém, que era muito divertido pregar-te partidas. E ainda é.

— Bem, naquele tempo eu não gostava, mas agora... agora chego para ti na

boa.

— Por favor, não te gaves. — Ele pegou no saco de minichocolates *Hershey*, desembulhou um e atirou-o na minha direção. — Tu não chegas, nem nunca chegarás, para mim. Pelo menos no que toca a partidas.

Apanhei o chocolate e enfiiei-o, juntamente com o outro *marshmallow*, entre duas bolachas. Tinha na mão o *s'more* mais perfeito do mundo.

— De certeza que não queres que eu faça um para ti?

— Não, obrigado, mas a tua forma é notável.

— Tenho muita prática, miúdo. — Sorri e dei uma grande dentada. — Humm... tão bom.

O Wes soltou uma das suas gargalhadas profundas e ergueu o olhar para as estrelas. Não tinha puxado de nenhum charuto desde que eu chegara; eu não sabia se já não lhe apetecia ou se estava a conter-se por consideração para comigo. Tinha feito pouco da minha braçada de ingredientes para *s'mores* quando eu chegara, mas também já tinha comido uns dez dos meus minichocolates.

Ouvi as primeiras notas de «Forrest Gump», do Frank Ocean, a sair da coluna *Bluetooth* do Wes, e sorri. Que bela canção para ouvir sob as estrelas. Cantarolei juntamente com a introdução, sentindo-me entontecida de primavera enquanto a letra se derramava sobre mim como a luz das estrelas.

My fingertips and my lips

They burn from the cigarettes

— Quais são os teus planos para o próximo ano, Buxbaum?

Ele continuava a contemplar o céu e os meus olhos demoraram-se no seu perfil. Ainda que não fosse o meu tipo, aquele maxilar forte, a maçã de Adão proeminente, o cabelo espesso, compunham um retrato muito bonito.

Ignorei o nó do estômago à menção do ano seguinte.

— UCLA. E tu?

Isto fê-lo olhar para mim como se eu fosse doida.

— A sério?

— Hum... sim?

— Porquê a UCLA?

Inclinei a cabeça.

— Tens algum problema com a UCLA?

O seu rosto tinha uma expressão esquisita.

— Não. De modo algum. Foi só... muito inesperado.

Estreitei os olhos para ele na escuridão.

— Estás a reagir de uma maneira muito esquisita.

— Desculpa. — Nos seus lábios desenhou-se um entressorriso. — A UCLA é uma ótima escola. O que é que queres estudar? Filmes românticos irrealistas?

Revirei os olhos e ele lançou-me um sorriso algo ufano.

— Achas-te mais engraçado do que realmente és.

— Não me parece. — Gesticulou para que eu avançasse. — Plano de estudo, por favor.

Aclarei a garganta. Detestava estragar o ambiente da noite a falar da faculdade.

Falar do ano seguinte deixava-me sempre arrasada, porque sabia em primeira mão como tudo mudava depressa. A vida avançava a uma velocidade ardente, que fazia esquecer com rapidez os pormenores preciosamente guardados.

Depois de me ir embora, nunca mais nada voltaria a ser o mesmo. O meu pai, a casa, as roseiras *dela*, as nossas conversas diárias; todas essas coisas estariam diferentes quando voltasse. Haviam de desvanecer-se no passado antes que eu tivesse sequer oportunidade de reparar nisso, e não haveria maneira de as recuperar.

Até o Wes. Ele estivera ali desde o início, a viver a sua vida paralela à minha, mas no ano seguinte seria diferente. Pela primeira vez, não estaria na porta do lado.

Aclarei a garganta e disse:

— Musicologia.

— Parece uma coisa inventada.

— Não é? — Parecia-me que tinha o catálogo da UCLA decorado depois de o ler tantas vezes. — Mas existe, e é um programa mesmo muito bom. Posso licenciar-me em Indústria Musical e tirar uma pós-graduação em Supervisão Musical.

— Que emprego vais arranjar com isso depois da faculdade?

— Quero ser supervisora musical. — Normalmente, quando dizia aquilo, deparava com uma cara franzida e o monossílabo «hã?». Mas o Wes ficou ali sentado a ouvir. — Basicamente, quer dizer que quero organizar música para bandas sonoras.

— Uau! — Ele abanou um pouco a cabeça. — Em primeiro lugar, eu não fazia ideia de que isso existia. Mas, em segundo... é o trabalho perfeito para ti. Cum caneco, é o que tu já estás sempre a fazer.

— Sim. — Dei mais uma dentada no meu *s'more* e lambi o *marshmallow* que me pingava para os dedos. — E tu não fazes ideia; tenho prateleiras cheias de blocos com bandas sonoras. Mal posso esperar por começar.

— Raios. — Ele lançou-me um olhar grave, que senti na minha barriga. A sua voz era tão profunda na Área Secreta que tudo o que não fosse tolice parecia íntimo. — Tu sempre fizeste a tua cena, Liz, e isso é do mais *cool* que há.

Seria esquisito o facto de o cumprimento dele me produzir calor desde as pontas dos pés até às fendas dos olhos? Todo o stresse foi afastado por aquele comentário do «mais *cool* que há».

— Obrigada, Wes.

— Trata-me por Wessy.

— Pois. Não.

O momento quebrou-se, mas o calor sob o meu esterno ficou, deixando-me descontraída, contente por conversar sem cuidados.

— E tu? Para onde é que o rapaz-modelo da América vai estudar?

— Não faço ideia. — Inclinou-se para a frente e remexeu nas brasas com o espeto do *s'more*. — O baseball está a começar, portanto, ainda não sei.

— Ah. Então queres ser atleta universitário?

— Sim, senhora.

— E és suficientemente bom?...

— Sim, sou suficientemente bom, Liz. — Ele tossiu uma gargalhada. — Bem,

espero ser.

— Não era minha intenção deitar-te abaixo, já agora. É só que nunca fui a um jogo. Tu és o quê, batedor ou coisa assim?

— *OK...* não vamos falar de basebol até tu teres visto um jogo. Isso agora deu pena.

— Eu sei. — Apoiei as pernas no assento e envolvi-as com os braços. — E então, achas que vais estudar para fora ou ficas por aqui?

— Para fora. — Ele olhou para o lume e as sombras das chamas dançaram-lhe no rosto. — Já tive ofertas de escolas da Florida, do Texas, da Califórnia e da Carolina do Sul. Porque havia eu de querer ficar no Nebraska?

— Uau. — Ele era assim tão bom? E embora eu estivesse a planear partir, porque é que a ideia de o Wes não estar aqui, para sempre na casa do lado, me provocava uma dorzinha no coração? — A UNL não tem uma ótima equipa de basebol?

— Tem. Não posso acreditar que saibas isso, já agora. — Ele sorriu, mas não até aos olhos, e não desviou o olhar da fogueira. — Eu é que estou pronto para deixar o Nebraska para trás. Não há nada para mim aqui, percebes?

— Não, não percebo. — Libertei as pernas dos braços e voltei a pousar os pés no chão, incomodada pelo que ele tinha acabado de dizer. — Detesto ter de deixar isto para trás, mas os meus sonhos estão todos ou na Califórnia ou em Nova Iorque.

Ele fixou-me, de olhos semicerrados.

— Estás zangada?

— Não. — Talvez? Revirei os olhos. — Quero dizer, tu fazes o que quiseses. Eu só não percebo...

— Libby? — A minha cabeça virou-se de supetão ao som da voz do meu pai. Ali estava ele, de pé na clareira, em calças de pijama e com uma *T-shirt* do Dinker's Hamburgers, a olhar para mim como se eu estivesse nua, a fazer *break-dance* por cima das chamas. — Por amor de Deus, o que fazes aqui às onze e meia numa noite de escola?

Lembrei-me da história original do Wes para a escapadela.

— Vim cá fora para ver a chuva de meteoros, e depois o Wes chamou-me por cima da vedação para vir até aqui.

— Ahhh! Esqueci-me da chuva de meteoros. — Ele aproximou-se e sentou-se na cadeira vazia entre mim e o Wes, deixando-se cair na almofada e coçando distraidamente o alto do cabelo encaracolado.

— Que tal é?

O Wes e eu entreolhámo-nos, porque nenhum de nós se tinha lembrado da chuva de meteoros depois de chegarmos ali. Eu disse:

— É fantástica.

— Passa-me um *marshmallow*, passas, querida? Não como um *s'more* há anos.

A quarta-feira arrastou-se, sobretudo porque passei o dia obcecada com duas coisas. Primeiro, ainda estava aborrecida com o comentário do Wes na noite anterior. «Não há nada para mim aqui.» Porque disse ele aquilo? Era como se

sentia? Eu continuava a não saber muito sobre a vida dele, mas, por alguma razão, aquilo feriu os meus sentimentos.

Talvez fosse porque me tinha divertido a conhecê-lo e pensasse que ele sentia o mesmo.

Mas quando me obriguei a parar de pensar no assunto, fiquei superexcitada com a noite que aí vinha. Enquanto ouvia o Sr. Cooney a perorar em Trigonometria, decidi que ia usar o *top* verde que tinha comprado com o Wes, e esticar o cabelo. Na verdade, falara do assunto à Joss — uma honestidade matreira —, pelo que podia pedir-lhe a opinião sobre o meu visual. Enquanto a Sra. Adams encorajava a turma a explorar os seus escritores interiores, coloquei os auriculares e explorei a minha fantasia interior. Pus «Electric», de Alina Baraz e Khalid, em *repeat*, a canção perfeita para acompanhar as minhas expectativas sobre a noite.

Darker than the ocean, deeper than the sea

You got everything, you got what I need

O problema era que a canção me fazia pensar no Wes em vez de no Michael, o que me frustrou, caraças. Por muitas vezes que comesse a pensar no que a noite traria, o meu cérebro dava-lhes a volta e eu pensava no jantar com o Wes.

É que nunca tinha tido uma refeição com ele. Bem, não desde que as nossas mães tinham dado a ambos sanduíches de fiambre no piquenique anual do bairro de Parkview Heights, mas isso não contava, tal como os nossos *s'mores* na noite anterior não contavam.

Comeria ele muito? Seria todo cavalheiresco e puxaria as cadeiras das suas companheiras de jantar?

O facto de a Joss estar entusiasmada por eu ir sair com o Wes não ajudava. Ao almoço, falei de como ia maquilhar-me, e a sua cumplicidade fez-me sentir como se eu estivesse entusiasmada sobre sair com o Wes.

Era óbvio que a falta de sono na noite anterior estava a confundir-me.

Assim que soou o último toque, quase corri para o carro. Enquanto atravessava o parque de estacionamento, o meu telefone vibrou.

Wes: OK, pergunta estranha.

Eu: Todas as tuas perguntas são estranhas.

Wes: Vou ignorar isso. Na verdade, tenho duas perguntas. Primeira, fiz-te zangar ontem à noite?

Tipo, sim, mas eu não queria estragar a noite que se aproximava, e respondi:

Eu: Não.

Wes: Mentirosa. Diz-me.

Como se quisesse mesmo saber. Só queria deixar tudo para trás porque aqui não havia nada para ele. Revirei os olhos e teclei:

Eu: Faz lá a pergunta, Bennett.

Wes: Está bem. Gostas de tascas com boa comida? Quer-me parecer que és muito fina para hambúrgueres gordurosos em guardanapos.

Destranquei o carro e abri a porta.

Eu: Obrigada por me chamares fina, mas na verdade sou uma carnívora sem vergonha que venderia a alma por um bom hambúrguer.

Wes: Graças a Deus. Está-me a apetecer ir ao Stella's e achei que te podia apetecer.

Ele tinha acabado de transformar uma noite já apetecível em deliciosa e de criar água na boca. Eu ADORAVA o Stella's!

Wes: Vou buscar-te às 6. E, já agora, «fina» não era um elogio.

Eu sorri e entrei no carro. Claro que não.

Quando cheguei a casa, livre-me do visual da escola — um vestido supergiro todo coberto de papoilas vermelho-vivas — e tomei o segundo duche do dia. Depois de enxotar o Fitz de cima das minhas roupas, sequei e passei uma eternidade a alisar o cabelo, que estava destinado a ser para sempre encaracolado. Até me demorei a desenhar um *eyeliner* pontiagudo.

Quando o Wes mandou mensagem a dizer que estava prestes a tocar à campainha, pareceu-me que estava bastante bem, num estilo que se assemelhava ao de toda a gente. Teclei rapidamente:

Eu: Não toques. Saio daqui a um minuto.

Wes: Sinto que tens vergonha de mim.

Eu: E muita.

Wes: Se não saíres daqui a trinta segundos, vou começar a tocar a buzina.

Abri de rompante a porta do quarto, corri pelo corredor a apertar o fecho da mala a tiracolo e voei pelas escadas abaixo.

— Ooh. Alguém está com pressa.

Parei na base das escadas e olhei para a Helena, que estava a ler um livro no sofá da sala e a sorrir como se me achasse graça.

O ambiente estava superconstrangedor desde a compra do vestido, mas, no dia anterior, foi como se ela tivesse decidido esquecer tudo. Escolheu piza para o jantar e agiu como se a minha parvoíce nunca tivesse acontecido. Graças a Deus, porque eu sentia-me mesmo mal, mas não sabia bem como pedir desculpa sem provocar mais discussões.

Eu disse:

— Já disse ao meu pai que vou a casa do Michael com o Wes. Para vermos filmes. Não estavas em casa quando falámos nisso.

Ela virou o livro e pousou-o na mesa de apoio.

— Ele disse-me. Então... o Wes continua a ajudar-te para agarrares o Michael, hã?

Li claramente no seu rosto que ela pensava que se passava alguma coisa — emocionalmente — com o Wes.

Ela olhou para o relógio.

— É muito cedo para uma noite de cinema, não é?

— O Wes e eu vamos ao Stella's antes de seguirmos para lá.

Não sorri, mas senti que ela conseguia ver a verdade transmutada nos meus olhos. Aguardei por um comentário.

— Ora, mas que delícia.

Ela sorriu, e tivemos, tipo, toda uma conversa só com os rostos antes de eu dizer:

— És um emplastro. — Passei a mão pelo meu cabelo liso e disse: — Tens

inveja porque eu vou ao Stella's e tu não.

— Céus, agora lambia o chão por um daqueles hambúrgueres.

Eu ri-me.

— Eu percebo.

— A sério, se alguém dissesse que eu podia comer um hambúrguer do Stella's neste momento se lambesse o chão da cozinha, nem hesitava.

Isto fez-me fungar de riso e perguntar-lhe:

— Queres que te traga um mais logo?

— Oh, meu Deus, sim, por favor! — Levantou-se de um salto e correu para a sua mala, no aparador. — A sério?

— Sim... — Comecei a responder quando ouvi a primeira buzina. Oh, santo Deus, o Wes estava a buzinar. — A sério. Mas vai estar frio quando chegarmos a casa.

Sabia-me bem fazer alguma coisa por ela depois de toda a estranheza de segunda-feira, mas de certo modo desejava que ela me tivesse logo pedido para o comprar. Sentiria que não podia fazê-lo? Se fosse o caso, eu sentia-me mal, e uma grande parte de mim desejava que fôssemos mais próximas.

Eu era uma salada mesmo contraditória.

Ela sacou de uma nota de vinte e estendeu-ma.

— Não faz mal. Traz-me um duplo com todos os acompanhamentos.

— É impossível conseguires comer tudo.

— Apostamos.

Abanei a cabeça e aceitei o dinheiro.

— Chego a casa às onze e meia, meia-noite, OK?

— Porta-te bem, miúda. — O Wes buzinou com força e a Helena disse: — Ele está a fazer de propósito, não está?

Olhei para ela por cima do ombro e visualizei o Wes a empurrar-me para o assento, certificando-me de que ficava ao lado do Michael na carrinha.

— Tenho quase a certeza de que ele faz tudo de propósito. — Corri para a porta e entrei no carro do Wes. — Não posso acreditar que buzinaste.

— Não podes? — Ele sorriu-me e esperou enquanto eu punha o cinto de segurança. — Até parece que não me conheces. Bela camisola, já agora.

— Obrigada. — Apertei o cinto e puxei o cabelo para trás das orelhas. — Alguém me disse que o verde era a minha segunda melhor cor.

— Isso faz sentido, com esse cabelo ruivo.

Voltei a revirar os olhos.

— Isso não quer dizer nada.

— Como podes não conhecer as regras? Quero dizer, é o básico do estilo.

— E como é que tu sabes, senhor Atleta?

— Sei porque sou inteligente. — A boca desenhou um sorriso enquanto ele engatava a marcha-atrás e saía do carreiro. — Como é óbvio.

— E fazes isso porquê? — perguntou o Wes.

Eu sorri, enquanto escrevia as minhas iniciais com *ketchup* no guardanapo,

rodeando-as com um grande coração.

— Por tradição. Ao crescer, quando aqui vínhamos, escrevia sempre coisas com *ketchup* nos guardanapos enquanto esperávamos pela comida.

— Que esquisito.

— Não é nada. — Rodeei o coração grande com corações mais pequenos. — Tens de experimentar. Há algo de fantástico no esguicho do *ketchup*.

— Hum, não é preciso, mas obrigado.

— Oh, meu Deus, és demasiado *cool* para escreveres com *ketchup*?

— Bem, sim. Com certeza que sou. — Estendeu o braço sobre a mesa e tirou-me o frasco de molho da mão. — Mas, para ser um bom companheiro de jantar, vou experimentar o teu passatempo infantil.

— Ótimo. — Retirei alguns guardanapos do suporte e estendi-os na mesa, à frente dele. — E não é desperdício, porque podes molhar aí as batatas.

— Não gosto de *ketchup* nas batatas.

— Nem sequer te compreendo, Wes.

Ele começou a fazer qualquer coisa no guardanapo e eu notei que a *Roda da Sorte* estava a dar na TV atrás do balcão e que a versão do Tom Jones de «Kiss» saía da *jukebox* antiquada. O Stella's era uma tasca gordurosa que já tinha sido uma casa, e, embora ali servissem os hambúrgueres em guardanapos e não houvesse qualquer atmosfera, era uma sorte conseguir-se uma mesa durante a hora de almoço.

A minha cidade apreciava bons hambúrgueres e batatas cortadas à mão.

Voltei a olhar para o guardanapo do Wes e ele tinha desenhado um fulaninho de cartune. Era uma cara em *ketchup*, bem melhor do que as letras infantis que eu tinha feito.

— Como foi o basebol hoje?

Ele continuou a trabalhar com o *ketchup*.

— Porque me perguntas isso?

Observei o seu rosto enquanto ele se concentrava. O comprimento das suas pestanas era uma tremenda injustiça.

— Porque sei que é importante. Tipo, não é um passatempo. Então... fizeste um «homer»? Ou chegaste à quinta base?

Os lábios dele arreganharam-se.

— Para.

— Ou és um lançador? Lançaste uma bola curva?

— Tens de parar, Buxbaum. — Lançou-me um sorriso bom e os dedos dos pés enrolaram-se-me nos botins castanhos. — Ou aprendes alguma coisa sobre o jogo ou nunca mais falas dele.

A empregada chegou com a nossa comida (e a da Helena numa caixa para levar) e nós assemelhámo-nos no modo como nos focámos inteiramente nas oferendas gordurosas. Acabaram-se as conversas, as provocações. Só tínhamos olhos para a comida.

— Oh meu Deus isto está tão bom. — Engoli a primeira dentada de hambúrguer e peguei no refrigerante. — Deus te abençoe por me teres trazido aqui.

— Sou egoísta. Apetecia-me. Tu não passas de um efeito secundário.

— Quero lá saber. — Molhei duas batatas e enfiei-as na boca. — O que interessa é que a minha boca tem estas delícias dentro dela.

— Uf!

Aquilo fez-me fungar de riso.

— Não é?

— Não fungues enquanto comes. Se aspirares comida, podes contrair uma infeção pulmonar e morrer.

Eu engoli.

— Não faço ideia de como responder a essa observação.

Ele disse:

— «Muito obrigada, Wessy, por te preocupares comigo.» Essa é a resposta perfeita.

Peguei noutra batata.

— Muito obrigada, Wessy, por me entreteres com a tua conversa tola enquanto comemos. Isto não tem nada de maçador.

— Ora, isso é bom.

— É, não é?

Ficámos em silêncio enquanto comíamos, mas era um silêncio confortável. Eu continuei absorta na comida até que ele disse:

— Não interpretes isto mal, mas comes como um homem.

— Nada sexista.

— Deixa-me reformular. — Aclarou a garganta, limpou as mãos no guardanapo, empinou um dedo e prosseguiu: — A sociedade, erradamente, espera que uma rapariga bonita coma uma salada e pique na comida, mas tu enfardas o hambúrguer como uma pessoa que não comia há semanas. E que provavelmente foi criada por lobos.

Era ridículo o facto de ele usar a palavra «bonita» me ter posto os nervos em franja. Ele pensava que eu era bonita?

— Gosto de comida. Processa-me.

Ele recostou-se um pouco na cadeira e fez estalar os nós dos dedos da mão esquerda.

— Então, qual é o teu plano esta noite? Como vais conquistar o Mikey se eu vos arranjar um *tête-à-tête*?

Alto aí — o Wes gostava de estalar os dedos, não gostava?

Estalar os dedos era uma daquelas coisas a que eu não chamaria um ódio de estimação, mas que, sempre que ouvia, me fazia entrar num estado canino de alerta: olhava em redor para ver de onde vinha o som. Normalmente enervava-me.

— Bem... — disse, limpando a boca com um guardanapo e pegando em mais uma batata. — Vou dar-lhe o golpe duplo. Começo por lhe acariciar as emoções, evocando o canto das cigarras da infância com as minhas reminiscências nostálgicas.

— Nada mau — disse ele, e estalou os dedos da mão direita. — Acariciar é sempre bom.

Olhei para o seu meio-sorriso e fiquei curiosa por saber o porquê de o seu estalar de dedos me parecer certo. Tipo, de algum modo combinava com o rosto

dele ou coisa assim.

— Sabes, vou guardar o resto para mim.

— Oh, vá lá. — Ele estendeu uma mão e puxou a ponta de cabelo junto do meu rosto que recusava teimosamente deixar-se alisar. — Eu porto-me bem.

Porque seria que a sua natureza física e o modo como ele não tinha problema com o contacto próximo — o despentear, os pequenos puxões e cotoveladas — me faziam sempre enlouquecer o estômago? Bati-lhe na mão e peguei numa das suas batatas, dizendo, com muita calma:

— Não, obrigada.

Mas, por dentro, estava a ficar superpassada. Que diabo estava a acontecer? O estalar de dedos era um modo infalível de me provocar uma repugnância e a certeza de que aquilo não era para mim; nunca falhava. Era o botão de ejeção automática de qualquer potencial relação romântica. Mas ali estava eu, a escassa distância do Wes e dos seus nós dos dedos, e quase achava o seu hábito... enternecedor? Tipo, ele até era adorável quando sorria e estalava?

Isto estava muito, muito errado.

É que (A) o Wes era o tipo errado, (B) a minha mãe tinha-me advertido sobre apaixonar-me por tipos como ele, e (C) ele não tinha qualquer interesse em mim, daí o comentário «não há nada para mim aqui» na noite anterior. Que diabo estava eu a fazer às minhas emoções?

— Oh, meu Deus, venceste-me.

— O quê?

Olhei em redor, sem saber a que se referia.

O Wes engoliu e pegou num guardanapo.

— Já acabaste de comer.

Ele tinha razão. O meu olhar deslocou-se do meu prato — completamente limpo exceto umas poças de gordura, manchas de *ketchup* e minúsculos grãos de sal — para o dele, que ainda continha três pedaços de hambúrguer e um pequeno grupo de batatas.

— E então?

— Então, fónix, comes depressa.

— Ou, fónix, tu comes como um octogenário.

Isto fê-lo estreitar os olhos.

— Queres o resto das minhas batatas?

Eu olhei para as batatas gordurosas e cortadas à mão.

— Não as vais comer?

Ele empurrou para mim o cesto de plástico com as batatas fritas.

— Aqui o velhinho está cheio.

Peguei em quatro batatas e mergulhei-as no *ketchup* dele.

— Bem, então obrigada, avô.

Enquanto devorava as batatas, era-me impossível ignorar o facto de não ter pressa de que o jantar acabasse. Estava a divertir-me com o Wes. Tinha sorrido o tempo todo (quando não estive a revirar os olhos) e, mesmo sabendo que o Michael estava à espera, não estava pronta para ir. Mas era só porque as coisas eram tão fáceis

entre nós — tinha de ser isso a ter-me confundido. A nossa amizade era tão confortável que turvava as águas. *Boom*. Fez-me lembrar *Um Amor Inevitável*. Menos a parte do acabarem juntos.

— Achas que homens e mulheres podem ser amigos, Bennett?

Ele pegou na sua água.

— Claro. Isto é, nós somos, não somos?

— Acho que sim, somos.

Eu aparentava calma — ele não fazia ideia do que a sua amizade ao longo da última semana significara para mim. Também não me tinha apercebido, para ser franca. Mas o facto de termos tido algumas conversas seriamente incríveis centradas na minha mãe tornava esta relação diferente de todas as outras na minha vida.

— É esquisito, não é? — Ele deu um gole, sem que os seus olhos me largassem enquanto engolia. — Nunca pensaste que esta merda pudesse acontecer, pois não?

— Realmente, não. — Engoli as batatas e peguei em mais. — Mas muitas pessoas dizem que não resulta. Que...

— Isto é aquela cena do Harry e da Sally?

— Como é que conheces isso?

— A minha mãe adora esse filme. Eu vi-o algumas vezes.

— «Algumas» vezes? Vês? Eu sabia que tu gostavas de comédias românticas!

— Oh, por amor de Deus, não. — Ele abanou a cabeça como se eu fosse ridícula. — Gosto é do Billy Crystal. Se ele consegue fazer de Mike Wazowski, consegue fazer tudo. É um filme divertido e nada mais.

— E não achas que ele tem razão? O facto de eles ficarem juntos no fim prova basicamente a teoria dele, não?

— Talvez. Não sei. — Encolheu ligeiramente os ombros, o que fez com que eu reparasse neles. *Raios te partam, Helena*. Ele disse: — Acho que ele tem alguns argumentos válidos, mas isso é irrelevante para nós.

— É?

— Claro. — Coçou a bochecha e disse, de um modo superfactual: — Nós somos a exceção porque eu não sou teu amigo; sou o teu fado-padrinho do amor.

— Que coisa nojenta.

Fiz a graça, mas não me agradava que ele tivesse dito que não era meu amigo.

Ele ignorou a graça e disse:

— Mas é verdade. Somos como amigos por agora, mas o fado-padrinho serve para te ajudar a ter o que queres. Quando a magia começar a acontecer, ele não fica para assistir ao fim do conto de fadas. Quero dizer, isso seria mesmo sinistro.

— Mesmo sinistro?

Soltei um riso fingido, como se estivéssemos em sintonia.

Mas estaria ele a dizer que, se eu ficasse com o Michael, então já não poderíamos ser amigos? Que na verdade não éramos nada amigos agora, mas apenas personagens para fazer realizar o meu desejo?

Depois do que ele disse na noite anterior, fazia sentido.

— Nem mais, Buxbaum. — Ele estendeu a mão sobre a mesa e tocou-me na ponta do nariz com o dedo. — Sinistro como tudo. — Eu estava com dificuldades

em acompanhá-lo, em processar o que ele dizia e o que significava para nós, enquanto também analisava em excesso o facto de ele me tocar no nariz me enlouquecer o estômago, quando a boca dele formou um sorriso e disse: — Agora acaba as batatas, para eu te poder levar a casa do teu Michael.

— Já está. — Enfie a última batata frita na boca e recuei a cadeira; precisava de sair e de apanhar ar fresco antes que o meu cérebro explodisse. — Vamos lá, fadpadrinho.

CAPÍTULO ONZE

«Se o procurarmos, temos uma sensação subtil de que o amor, na verdade, está por todo o lado.»

O Amor Acontece

— Olha, é a senhora Cabeça-de-Batata!

Segui o Wes e transpui a porta da cozinha, e sorri quando vi o Adam de pé, encostado à ilha central, a encher um prato com *Pizza Rolls*. Fiz-lhe um aceno com o queixo e disse:

— Sou eu.

— A tua cara está muito melhor, já agora. Já não estás nada abatada.

— Oh, obrigada.

— O Noah ficou na merda por te partir a cara, portanto vê se o fazes sentir supermal. — Pegou no prato e numa lata de *Coca-Cola*. — Ele merece.

O Wes e eu entrámos atrás dele na sala de estar, e tornou-se óbvio que tínhamos sido os últimos a chegar. Na sala estavam as pessoas do jogo de basquetebol e mais três: a Ashley, que me tinha vomitado em cima; a Laney (uf!); e a Alex, a que gostava do Wes.

Aquilo é que era um trio de pesadelo, há?

— Liz, lamento muito pelo teu nariz. — O Noah estava sentado no sofá entre o Alex e a Ashley, e apontou-me para a cara. — Mas agora tem um ótimo aspeto.

Aquilo fez-me sorrir.

— Obrigada. E não te preocupes mais.

O Adam disse:

— Então, Cabeça-de-Batata? Tinhas uma missão.

— Eu sei, desculpa. — A Laney, que estava esparramada na poltrona extensível, sorriu para nós. — Não sabia que vocês vinham.

O meu cérebro imitou-a numa voz aguda de Muppet Baby. Limitei-me a dizer:

— Pois.

— Olá, malta. Há comida na cozinha, e o filme está quase a começar.

O Michael surgiu de onde estava deitado no chão e fez-nos um pequeno aceno.

— Ainda bem — disse o Wes atrás de mim. — Porque acho que a Liz deve estar a ficar com fome.

— A-hã. — Voltei-me e a cara dele voltou a fazer aquela coisa ao meu estômago, o que me enfureceu, porque ele nem sequer me considerava sua amiga. — Eu como muito; és hilariante.

— Eu sei.

Não havia maneira de me afastar do Wes sem causar estranheza, portanto sentámo-nos juntos no chão, e todos nos calámos quando o filme começou. Era um *thriller* bastante intenso, e ficámos em silêncio para não perdermos nada de importante. Mas eu não conseguia concentrar-me no filme porque estava a tentar perceber porque é que o Wes estava a tornar-me irracionalmente emotiva.

Também não conseguia concentrar-me porque a minha coxa estava a tocar na coxa do Wes.

Tínhamos ambos as pernas estendidas à nossa frente, e estávamos recostados para trás, apoiados nas palmas das mãos; a nossa posição não tinha nada de íntimo. Mas era como se o ponto em que a minha coxa direita tocava na coxa esquerda dele estivesse inflamado e eu fosse incapaz de o ignorar. Cada molécula minúscula da minha existência estava concentrada naquele ponto isolado.

Estava calor naquela casa?

Os meus olhos observaram o homem na televisão, vítima de um assassino em série, que lhe enfiou a cabeça na hélice de uma lancha a motor, mas a minha cabeça estava no Wes. No Wes e no facto de, se ele e eu estivéssemos um pouco mais recostados, apoiados nos cotovelos, lhe bastar inclinar o corpo na minha direção, suspenso sobre mim, para ficar na posição perfeita para me beijar. Baixaria para os meus lábios aqueles olhos negros e engoliria de modo visível aquela maçã de Adão saliente que me distraía sempre por uma qualquer razão, e depois...

— Buxbaum.

— Hã?

Virei a cabeça para a direita e olhei para ele, um tudo-nada ofegante, sentindo que tinha sido despertada de um sonho. Que diabo estava eu a fazer?

O meu rosto estava quente e ele inclinou-se um pouco mais, a ponto de o seu ombro roçar no meu. Dirigiu-me um sorriso de olhos semicerrados e segredou:

— Estou um pouco incomodado com o nível de atenção que acabaste de dar àquele assassínio. Acho que nem pestanejaste.

Nesse momento, pestanejei e as minhas faces aqueceram ainda mais — se é que tal era possível —, pelo facto de ele estar a segredar-me no escuro. A minha boca arreganhou-se num sorriso incontroável e sussurrei-lhe de volta:

— Deixa de me espiar, tarado.

E então o momento terminou.

Uma pausa.

Uma suspensão.

O sorriso dele desapareceu e o rosto tornou-se intenso. Ele contraiu o maxilar e eu mal conseguia respirar ao olhá-lo; o meu coração galopava e deixei-me ser óbvia, olhando para a sua boca durante um brevíssimo segundo.

A boca dele estava mesmo incrivelmente próxima da minha.

Quando voltei a olhá-lo nos olhos, soube sem qualquer dúvida que, se

estivéssemos em qualquer outro sítio — sozinhos — ele me beijaria. O Wes engoliu em seco e os meus olhos desceram à sua garganta antes de voltarem a subir pelo queixo forte, pelo nariz e pelos olhos castanhos, escuros como a noite.

Ele arqueou uma sobranceira numa interrogação muda e eu percebi, naquele momento, que o queria. Queria o Wes. O Michael tinha sido o meu objetivo, mas já não me importava com isso.

Não ia pôr-me a correr por uma estação de comboios pelo Michael. Mas fá-lo-ia pelo Wes.

Caraças!

No gesto de se encolher, o meu ombro direito roçou no dele, um toque entre o meu algodão e o polar dele.

— Cheguem-se para lá. — O Noah deixou-se cair ao meu lado e disse: — Estou a ficar surdo ao pé daquela gritaria.

Nããão!

Endireitei-me e aproximei-me um cabelo do Wes, tendo o cuidado de não olhar para ele enquanto me deslocava. O momento tinha sido quebrado, e uma parte de mim estava desiludida por termos sido interrompidos, enquanto a outra parte estava embaraçada e muitíssimo confusa sobre se o que eu pensava que tinha acabado de acontecer tinha de facto acontecido.

Olhei para a TV, inexpressiva, durante o que pareceu uma eternidade, até que o Wes sussurrou:

— Vou buscar uma bebida. Também queres?

Inspirei profundamente — *por favor, não estejas a gozar* — e virei-me para o encarar. Mas em vez da expressão gozona que era habitual no Wes, ele dirigiu-me um sorriso esperançoso e devastador enquanto esperava pela minha resposta.

Engoli em seco e senti-me trémula ao devolver-lhe o sorriso.

— Seria ótimo. Obrigada.

— *Coca-Cola Diet*, certo?

Assenti e tive de me concentrar em não transpirar depois de ele se levantar e sair da sala.

Que diabo era aquilo?!

Quando regresssei da casa de banho, o Wes ainda não tinha voltado para o seu lugar no chão. Olhei em redor da sala escurecida e reparei que ele estava lá fora, no deque. A princípio não consegui perceber com quem estava a falar, mas depois vi que era a Alex.

Foi como levar com um copo de água gelada na cara.

O meu vizinho do lado estava lá fora com aquela miúda bonita, sabendo que ela gostava dele, enquanto eu estava à beira do vómito devido às coisas confusas que pensava sobre ele. Era como se se abrisse um abismo entre nós.

Mordi o lábio e estreitei os olhos, a tentar vê-los melhor. O Wes tinha dito que não estava interessado nela, e eu acreditei que o tinha dito a sério, mas isso não queria dizer que ele não pudesse mudar, pois não? E se eu tivesse andado sempre a interpretar mal todas as pequenas coisas entre mim e o Wes?

O meu fado-padrinho podia estar apenas interessado em encontrar o amor para mim e não comigo, certo?

Teria eu imaginado inteiramente o momento no chão?

Retomei o meu lugar e vi o resto do filme, mas agora a minha atenção estava nas duas pessoas que captava na minha visão periférica. De que estariam eles a falar? Porque estariam lá fora? Desconcentrei-me por completo e fiquei contente quando o filme acabou e eles voltaram para dentro.

Precisava de alinhar as ideias. As pessoas que me rodeavam começaram a falar umas com as outras e eu senti-me constrangida e deslocada. E senti a falta da Jocelyn. Todos os dias trocávamos mensagens, como sempre, mas ultimamente não tinha passado tempo algum de qualidade com ela. Estar com todas estas pessoas que eram amigas íntimas umas das outras dava-me saudades dela; precisava de ir lá depois de voltar para casa.

Aliás, já devia estar na hora de eu lhe dizer toda a verdade.

— Sabias que o pai do Michael tem um piano de cauda? — O Wes baixou o olhar para mim, com o grande corpo sentado nas costas do sofá, e estendeu uma mão para me ajudar a subir. — Está lá em cima, numa sala de acústica especial.

Peguei na mão dele e pus-me de pé, e, valha-me Deus, pareceu um daqueles gestos do Mr. Darcy na melhor versão de *Orgulho e Preconceito*. O mundo parou de girar por um segundo quando a grande mão dele envolveu a minha.

Mas depois, com a mesma rapidez, a rotação voltou e dei por mim perante o Wes e toda a minha confusão. Olhei para o seu rosto — e depois para o Michael, em quem nem sequer tinha notado até ali — e apercebi-me de que aguardavam uma resposta minha.

A propósito de quê, de novo? O que eram palavras? Como era falar?

— Uau. — *Pai. Piano. Sala. Certo.* — A sério?

— Acho que ele está convencido de que podia ter sido pianista clássico se tivesse tido aquela sala quando era mais novo. — O Michael cruzou os braços e disse: — É obcecado por ela.

— A nossa Little Liz toca piano. — O Wes lançou-me um olhar e disse ao Michael: — É muito boa.

Eu disse:

— Não, não sou...

E, ao mesmo tempo, o Michael disse-me:

— Queres ir vê-lo?

Pestanejei.

— Adorava.

— Então queira seguir-me, Miz Liz.

O Michael dirigiu-se para as escadas e eu segui-o, mas quase tropecei quando olhei de relance para trás e vi que o Wes não vinha connosco. Estava a rir-se de algo que o Adam estava a dizer. Respirei fundo e fui lá para cima, assoberbada pelos meus pensamentos enquanto subia os degraus.

Seria alguma espécie de sinal? Entregar-me literalmente ao Michael seria o seu modo figurativo de me entregar e de se ir embora?

Caramba, provavelmente teria graça se estivesse a acontecer a outra pessoa. Ali estava o meu belo Michael, a convidar-me — a mim, não à Laney — para ver uma sala de música de sonho, e eu só queria que ele se fosse embora para poder estar com o Wes.

Estaria certo? Eu estava com dificuldade em acompanhar os pensamentos.

Como teria a minha mãe escrito esta parte? Teria visto o lado bom no «mau rapaz», dando uma reviravolta ao enredo?

Raios.

Deixa de pensar, Liz.

— Onde estão os teus pais? — Aclarei a garganta e calei o meu discurso interior. — Não os vejo há, tipo, um milhão de anos.

— Foram ao cinema — disse o Michael, subindo os degraus dois a dois. — Mas a minha mãe ia adorar ver-te.

Quando chegámos ao alto das escadas, guiou-me até uma porta fechada que parecia ser de mais um quarto. Abriu-a e...

— Oh, meu Deus.

A sala tinha um soalho de madeira brilhante. Um tapete espesso jazia sob o piano de meia cauda que estava posicionado em diagonal num dos lados do espaço. O Michael começou a falar-me de reflexo, difusão e absorção, de como as decorações da sala estavam dispostas estrategicamente para um som de melhor qualidade, mas eu não o ouvia.

Aquele piano era muito belo. Aproximei-me dele e sentei-me no banco. Queria tocá-lo — queria muito —, mas claramente era muito importante para o pai dele, e eu era uma executante da treta. O Wes gostava de fingir que eu era boa por ser a única pessoa da nossa idade que ainda tinha aulas uma vez por semana, mas, no máximo, era decente.

Mas gostei muito do piano. Gostei mesmo. Estava certa de que a obsessão da minha mãe pelo instrumento tinha algo que ver com isso, mas não havia nada que se parecesse com fechar os olhos e perder-me numa canção que já tinha tocado cem vezes, alterar o tempo e a paixão, à escuta das diferenças minúsculas que tinha tentado criar.

— Podes tocar, Liz — disse o Michael, dirigindo-se para a porta. — O meu pai mandou insonorizar a sala para ninguém ouvir lá em baixo se a porta estiver fechada.

— É demasiado bom... Não posso. — O piano preto não tinha um grão de poeira em cima. Como era possível? — E é o instrumento do teu pai. Mais ninguém deve tocar-lhe.

— Ele tem estado a preparar tudo para tocar, mas não o fez desde que viemos para aqui. Toca.

Eu levantei a tampa do teclado, aclarei a garganta e disse:

— Prepara-te para uma desilusão.

O Michael sorriu.

— Considera-me preparado.

Sorri e comecei a tocar a introdução de «Someone Like You», da Adele,

recordando o Wes a dizer-me que a adicionasse à nossa banda sonora depois da conversa telefónica, na noite da bolada no nariz.

O sorriso do Michael abriu-se ainda mais.

— Sabe-la de cor?

— Na verdade, é bastante fácil. — Sentia-me constrangida ao percorrer as teclas com os dedos. — É quase sempre a repetição de quatro acordes. Qualquer pessoa consegue tocá-la.

— Eu não conseguia, de certeza.

Os meus olhos ergueram-se para ele, reclinado contra o piano, baixando o olhar para mim. Era muito bonito, com o mesmo sorriso com que me encantou logo na escola primária, mas eu não conseguia deixar de perguntar para comigo o que estaria o Wes a fazer lá em baixo. Mal tinha começado a canção quando a porta se abriu de rompante e apareceram todos... menos o Wes e a Alex.

As mãos saltaram-me para o colo e eu senti-me a maior croma do mundo. Os amigos do Wes olhavam para mim, e estou certa de que me achavam uma aberração por tocar piano enquanto toda a gente convivia.

E era óbvio que conviviam muito, porque todo o grupo retomou o que tinha deixado lá em baixo — falavam e riam como se fossem os melhores dos amigos.

A Laney aproximou-se e deixou-se ficar ao pé do piano, dizendo-me:

— Não posso acreditar que toques assim.

— Pensava que a sala era à prova de som.

— É insonorizada. — O Michael dirigia-se a mim e à Laney. — Não se ouve lá em baixo, mas ouve-se no corredor.

— Ah.

Senti-me tola, ali sentada ao piano.

— A tua Adele foi maravilhosa.

— É uma canção superfácil. — Como se eu precisasse dos teus elogios, Laney.
— Mas obrigada.

— Mesmo assim foi fantástica, estou com inveja.

Os olhos dela deslocaram-se para o Michael, que estava à minha direita, e a cara dela ficou, tipo, mais bonita ao sorrir para ele. Talvez por a minha noite se ter desviado totalmente da rota, a expressão dela fez-me ter um pouco de pena. O que o seu olhar dizia era algo com que conseguia identificar-me.

Disse-lhe:

— A sério que podia ensinar-ta numa hora. É, tipo, nada.

— A sério? — Ela cruzou os braços e arregalou os olhos para mim. — Podias?

O Wes apareceu por fim à porta, com a Alex logo atrás, e disse:

— Devíamos encomendar uma piza.

— Oh, eu alinho — disse a Alex, e eu senti o esterno apertar-se-me ao vê-la sorrir para o Wes. Ele baixou o olhar para ela e sorriu também. Fez-lhe o seu melhor sorriso, aquele que era divertido, mas também caloroso e feliz, e eu cerrei os dentes quando ela sacudiu o cabelo e perguntou:

— Mas de onde?

E então... o Wes olhou para mim.

Foi um olhar fugidio, quase impercetível, mas que se encontrou com o meu durante um breve segundo e que eu senti em todos os terminais nervosos. O que estava ele a fazer? Ainda estava a tentar ajudar-me, depois de tudo?

— Do Zio's — disse o Noah, e ele e os outros foram atrás do Wes e da Alex, e saíram do quarto e desceram as escadas.

Olhei para a ombreira vazia, incapaz de pensar noutra coisa senão no Wes e naquele olhar ardente, e na infeliz proximidade da Alex.

Acabaste de comer, Wes. O que estás a fazer?

A Alex era linda, e eu pensei que dariam um bom casal quando soube o que ela sentia, mas agora achava-a um pouco séria de mais para ele. Isto é, sim, parecia ser bastante divertida, mas, comparada com o desdém total do Wes por tudo o que tivesse maturidade, era um pouco estoica.

Além disso, o Wes e eu tínhamos tido um momento lá em baixo, raios.

Certo? Ou foi imaginação minha?

— Dizes a palavra «piza» e a sala esvazia-se.

Sobressaltei-me quando o Michael falou. Nem sequer me tinha apercebido de que ele continuava ali.

Sorri e pus-me casualmente de pé.

— Quem é que não adora piza, não é?

Ele gesticulou para o corredor.

— Queres juntar-te àquilo?

— Hum, não, obrigada. — Abanei a cabeça; não queria seguir o Wes, especialmente se ele estivesse todo feitinho com a Alex. — O Wes e eu fomos ao Stella's antes de virmos, e ainda estou cheia.

— Pois foi. Ele disse-me que iam jantar antes de virem.

— Pois.

— Também me disse que vocês estavam a ficar-se pela amizade e que está a pensar convidar a Alex para sair.

Eu tentei aparentar indiferença. Encobri o peso no estômago com um sorriso e disse:

— Sim, ele tem razão. E faz bem, ela parece ser bestial.

— Pois. Pelos vistos, fartou-se de ficar encalhado na tua *friend zone*, portanto vai seguir caminho.

— Até que enfim. — Apertei os lábios e concentrei-me nos olhos azuis do Michael. *Era isto que tu querias. Começar alguma coisa com o Wes teria sido uma péssima ideia. Não percas o foco, miúda.* — Eu não queria que a coisa ficasse esquisita, portanto isso é ótimo.

— Provavelmente.

— Hum, quando é que ele te disse isso? — *Há dias, por favor.* — Sobre a Alex?

— Quando estávamos na cozinha.

— Ah.

Olhei para as teclas do piano e engoli em seco; parecia que tinha uma coisa qualquer entalada na garganta.

Quero dizer, isto era exatamente o que tínhamos planeado que o Wes diria;

portanto, não havia razão para eu me sentir afetada, pois não?

O telefone do Michael fez um ruído, despertando-me da minha abstração. Ele baixou o olhar para a mensagem, suspirou e voltou a meter o telefone no bolso das calças.

— Hum... estás bem? — perguntei, porque a cara dele tinha a mesma expressão ansiosa que fez na escola primária quando deixou cair o seu jogo preferido no passeio e as pecinhas com letras saltaram para os arbustos.

Ele sempre foi do tipo que stressava com qualquer coisinha.

Só que — santo Deus — eu não sabia nada sobre o Michael de agora. Nada de nada. Sabia que ele falava com um arrastar sulista e que tinha um belo cabelo — nada mais. Sim, o Michael que eu tinha conhecido na primária gostava de insetos, de livros e de ser bondoso, mas o que sabia eu sobre ele nos dias de hoje? Conhecia o Wes mil vezes melhor do que o Michael, e começava, tipo, a adorar o meu vizinho do lado.

Merda.

O que estava sequer a fazer naquela sala com o Michael?

Ele dedilhou as teclas agudas, de olhos fixos no piano. Carregou com o indicador no Dó central e disse:

— É esta cena toda com a Laney e o baile de finalistas.

A resposta instintiva do meu corpo ao nome «Laney» era saltar de alegria quando ele era dito num tom menos positivo. Mas agora não consegui reunir essa emoção. Perguntei:

— Vocês andam? Não sabia. Isto é, ouvi dizer que andavam a falar. Mas, percebes...

Interrompi-me, pois não queria dar a entender que sabia dos mexericos.

— Bem, não. Isto é, não, ainda não andamos. — Voltou a suspirar. — Sim, temos falado, e a Laney é fantástica. Mas, no dia em que a conheci, o namorado tinha acabado com ela. Literalmente. Conheci-a porque ela estava lá fora a chorar.

— Oh.

Eu não fazia ideia de quem tinha andado com ela, mas era bastante difícil acreditar que a Laney Morgan tivesse sido largada.

— Não faço ideia do que lhe vai na cabeça. Não quero avançar muito depressa se ela não estiver preparada, e sobretudo não quero começar nada se ela ainda estiver caída pelo ex.

Senti-me um bocadinho mal por ele, porque era algo com que me identificava totalmente. Querer uma coisa mas não ter a certeza de que é possível tê-la? Ou se é seguro tê-la? Sim, eu percebia isso. E agora que sabia o que realmente sentia, a nova Liz, esclarecida, emocionalmente honesta, queria ajudar o Michael com a Laney, aconselhá-lo de algum modo.

Mas ao mesmo tempo queria deixar esta conversa, correr lá para baixo e encontrar o Wes antes que a Alex comesse a usá-lo como uma camisola. Disse:

— Não podes convidá-la para o baile como amigo e ver no que dá?

— Podia. — Ele brincou mais um pouco com as teclas. — Mas o baile de finalistas devia significar alguma coisa. Talvez seja por estar habituado à

grandiosidade do Texas, mas, para mim, conta o convite, o jantar, as flores e muito mais. É tolice?

Funguei de riso.

— Oh, meu Deus, não. Lembra-te de com quem estás a falar. — Ele levantou o olhar e sorriu. — É verdade. Com a Little Liz — disse eu, a apontar para mim com um rolar de olhos. — Acho exatamente o mesmo. Está combinado eu ir com a Joss, e estou certa de que vai ser divertido, mas concordo contigo. Não foi assim que sempre sonhei que o baile de finalistas ia ser. — Visualizei o rosto o Wes e senti as mãos a escaldar. Sacudi-as e disse: — Quanto mais penso nisso, menos me apetece conformar-me. Quero a possibilidade de mais, mesmo que não resulte. Quero arriscar-me a ter uma noite mágica, porque, mesmo que falhe, posso pelo menos ter um par com possibilidades em vez de uma amiga.

Ele inclinou a cabeça um bocadinho e sorriu para mim.

— És capaz de ter razão, Liz.

— Sei que tenho. — Estava a entusiasmar-me a ideia de ir ao baile de finalistas com o Wes. Alguém tinha de me dar rapidamente um banho de água gelada. É que, de repente, parecia que era tudo o que eu alguma vez tinha desejado. — Acredita quando te digo que, por vezes, a pessoa com a «maior possibilidade de magia» é a última pessoa que esperarias. Até pode ser alguém que conheces desde sempre, mas em quem nunca reparaste.

Céus, quem me dera ter reparado mais cedo. O meu cérebro estava a produzir pequenas sequências comigo e com o Wes — na Área Secreta, no Stella's, no regresso da festa...

Como não tinha visto mais cedo?

— Acho que sei o que queres dizer — disse o Michael, a olhar-me intensamente. Os alarmes soaram na minha cabeça.

Não sabia bem porque ele me olhava assim, mas agora não era definitivamente o momento.

A cabeça do Adam surgiu na ombreira e ele disse:

— Precisamos de vocês. Vamos jogar *Cards Against Humanity* por equipas.

— Boa! — gritei em resposta, feliz por termos sido interrompidos. — O Adam inclinou a cabeça e dirigiu-me um sorriso «o que se passa contigo?», e o Michael continuou de olhar posto em mim. Aclarei a garganta e tentei recompor-me, dizendo, com uma expressão casual: — Isto é, podem contar comigo.

— Nunca joguei isso por equipas — disse o Michael, lançando-me um olhar esquisito.

— Nem eu — coadjuvei, ansiosa por ir à procura do Wes.

— Só vamos jogar por equipas porque a Alex quer fazer par com o Wes. — O Adam lançou-me um olhar pesaroso, como se fôssemos da mesma opinião, e eu fiquei sem saber bem como reagir. — Diz que é mais divertido assim, mas eu tenho a certeza de que só quer sentar-se na mesma cadeira que ele.

— Bem, vamos a isso.

O Michael dirigiu-me um sorriso amável, mas que não me despertou qualquer reação. Nada.

Só me lembrou de que tinha de chegar ao jogo antes de a Alex ficar com o meu final feliz.

CAPÍTULO DOZE

«Ele tinha-lhe dado um beijo longo e doce. Nesse dia, fomos banidos de vez da piscina, mas, sempre que passávamos por lá depois disso, a salva-vidas olhava de cima da torre para o Squints e sorria.»

The Sandlot

— Ainda bem que estacionámos perto. — O Wes ligou o carro e os limpapara-brisas sob a chuva torrencial. — Se viéssemos um segundo mais tarde, estaríamos encharcados.

O coração pulsava-me no pescoço. O interior escurecido do carro dava uma sensação de intimidade contra a violência da tempestade, e eu sentia-me muito perturbada. A partir do momento em que me apercebi do que sentia de facto pelo Wes, assoberbou-me uma espécie de necessidade apavorada de lho dizer. Queria certificar-me de que ele o saberia antes de a Alex se sentir muito à vontade com ele.

— Tens razão.

— Desculpa os parvos dos meus amigos.

— Ná, tudo bem. — Ele referia-se ao facto de os amigos terem jogado *Cards Against Humanity* durante uns cinco minutos e logo a seguir decidirem que queriam ir todos com o Noah buscar a piza. Tenho quase a certeza de que sorria como uma maníaca quando a Alex entrou para a carrinha. — De qualquer das maneiras, eu devia ir para casa logo a seguir ao filme.

— Pois, que cena é essa? Daqui a uns meses, vais para a faculdade, mas o teu pai ainda te controla um bocado. Não será um pouco superprotetor?

Olhou por cima do ombro antes de tirar o carro do lugar e seguir pela rua. A nova canção da Daphne Steinbeck — «Dark Love» — estava a começar no rádio. Era lenta e com um ritmo intenso, crescente e *sexy*, e ponderei mudar de estação, porque era de mais.

Demasiado perfeito.

Disse:

— Muito. Embora tenha seguido com a vida dele, nunca se esquece do acidente da minha mãe nem do facto de haver coisas que, apesar de parecerem improváveis, acontecem mesmo.

— Uau. — Ele olhou-me de lado. — É difícil argumentar contra isso, hã?

— Eu nem tento.

A chuva tornou-se mais intensa e o Wes pôs os limpa-para-brisas na velocidade máxima. Virou lentamente para a Harbor Drive, a rua movimentada paralela ao bairro do Michael. As luzes alegres e multicores das lojas que a ladeavam estavam totalmente desfocadas pela chuvada. Inclinei-me para a frente, liguei o desembaçador e disse, o mais casualmente que consegui:

— Então, a Alex, hã? Vais convidá-la para sair?

— O Michael disse isso?

Esticou o pescoço para o para-brisas e abrandou à medida a que nos fomos aproximando do cruzamento. O semáforo mudou para verde e ele acelerou quando os carros na transversal pararam. O caminho estava livre e voltámos à velocidade normal, mas, à distância, eu vi um *Jetta* a arrancar de uma estação de serviço e meter-se à frente do *Suburban* que nós seguíamos muito de perto, e...

— Carro!

Preparei-me para o impacto enquanto os faróis de travagem à nossa frente cintilavam através do para-brisas encharcado e embaciado. Os pneus do Wes tentaram parar no pavimento molhado, mas os travões bloquearam — íamos bater no *Suburban*.

O Wes guinou para a direita, fazendo-nos galgar o que parecia ser uma berma, e depois fomos direito a algo muito verde. Parecia uma floresta.

— Merdamerdamerdamerda — recitou ele, a tentar controlar o carro.

O pé dele travava a fundo, mas quando os faróis iluminaram o barranco íngreme e lamacento à nossa frente, continuámos a descê-lo em direção às árvores. Íamos embater numa árvore — era impossível não embatermos — e eu disse uma prece o mais depressa que podia, com o coração aos saltos.

O Wes girou de novo o volante e, assim que o fez, senti um baque enorme, como se tivéssemos batido em qualquer coisa, e receei que o carro fosse capotar.

Mas, em vez disso, deteve-se com um sacão.

Olhei para o Wes, que tinha o rosto afoguedado como se tivesse regressado de uma corrida. Estávamos ambos ofegantes. Os trovões continuavam a ribombar, a chuva chicoteava o tejadilho do carro e o rádio continuava a passar «Dark Love».

— Isto aconteceu?

— Estás bem? — As mãos dele continuavam enclavinadas no volante, e pestanejou na minha direção antes de endireitar os dedos e pôr o carro em ponto morto. — Caraças, Liz!

— Estou bem. — Tentei olhar para fora da janela, mas continuava a não conseguir ver nada. — Oh, meu Deus, estamos bem?...

— Oh, meu Deus. — Ele encostou-se no assento e expirou com força. — Que loucura.

Loucura. Desde o momento em que ele travou e até àquele instante, tinha passado provavelmente um minuto — no máximo. Mas esse minuto foi como uma hora. No espaço desse minuto, pensei que íamos morrer. Perguntei para comigo como o meu pai iria sobreviver se alguma coisa me acontecesse, preocupei-me com a

Joss, preocupei-me com a mãe do Wes e chorei pelo facto de nunca vir a ter a oportunidade de ir até ao fim com o Wes.

Bizarro, não é?

— Não posso acreditar que estamos bem — disse, lembrando-me do modo como o Wes tinha girado o volante. — Tu foste incrível.

Ele abriu o cinto de segurança e não olhou para mim.

— Incrivelmente imprudente por conduzir com este tempo, queres tu dizer.

— Não, quero dizer que a tua condução, além de nos impedir de bater naquele carro, também nos impediu de bater numa árvore. — Abri também o cinto de segurança e acrescente: — Obrigada.

— Não me agradeças ainda. Posso ter-nos encalhado. — Estendeu o braço à minha frente e abriu o porta-luvas, remexendo até encontrar uma lanterna. — Espera aqui. Vou ver como estamos.

Abriu a porta do lado dele e saiu. Eu tentei espreitar pelo para-brisas, ver por mim, mas os vidros estavam tão embaciados que não vi nada. Abri a minha porta e saí, sendo de imediato açoitada pela chuva forte, enquanto o meu pé se enterrava na lama.

— Merda! — Baixei a cabeça e contornei a frente do carro até onde conseguia mais ou menos ver o Wes ajoelhado junto do pneu. Parei ao lado dele e agachei-me. Gritei: — A sério? Uma pedra?!

Aparentemente, o nosso pneu tinha embatido num enorme calhau, ficando encalhado nele. O pneu da frente estava literalmente no ar. O Wes estreitou os olhos, com a água a escorrer-lhe pela cara, e olhou-me com ar de surpresa.

— Acho que te disse para esperares no carro.

— Não mandas em mim! — berrei por entre a chuva, e o seu rosto passou da seriedade pétrea a uma suavidade divertida no espaço de um segundo. — Além disso, se tu morreres, fico aqui sozinha.

— É verdade — gritou, agarrando a minha mão molhada e puxando-me para cima. — Vou voltar para o carro. A menina deseja acompanhar-me?

— Por acaso, deseja.

Em vez de dar a volta até ao meu lado, ele abriu a sua porta e empurrou-me suavemente para dentro. Eu soltei um risinho e entrei, desviando-me até ao meio do banco corrido. Quando o seu grande corpo entrou e a porta bateu ao fechar-se, o interior do carro pareceu-me incrivelmente protegido.

Durante alguns segundos, ficámos calados, cada um a limpar a cara da água e a desviar os cabelos molhados dos olhos. Depois, ele puxou do seu telefone e marcou um número.

— Vou ligar ao meu pai — disse, levando o telefone ao ouvido, de olhos postos no volante. — Põe-se cá num instante, e o amigo dele tem um reboque.

— Boa. — Baixei o olhar e sussurrei: — Oh, não... As minhas *Chucks*.

Estavam cobertas de lama molhada e pegajosa, e isso transtornou-me mais do que devia. Afinal de contas, eram só sapatilhas, e era só lama. Mas... eu queria que elas se mantivessem tão perfeitas como eram quando o Wes se dirigira à caixa no Devlish e as pagara.

Talvez pudesse lavá-las com lixívia quando chegasse a casa.

Puxei a pala para baixo e olhei-me no espelho, enquanto o Wes dizia ao pai o que tinha acontecido e onde estávamos. Esfreguei a parte inferior dos olhos para tentar erradicar o visual de panda, mas os dedos, trémulos, foram inúteis.

Voltei a fechar a pala e respirei fundo. O acidente tinha-me abalado, mas este estranho surto de adrenalina era algo mais.

É que, enquanto o carro do Wes estava ali com um pneu no ar, ocorreu-me que a vida era imprevisível. Por muito que se planeasse, por muito que se jogasse pelo seguro, haveria sempre algo intangível à espreita, prestes a agitar as águas.

E isto fez-me pensar.

Se a minha mãe ainda estivesse viva, já teria mudado de opinião na questão dos maus rapazes? Parecia-me que, devido a coisas como acidentes de automóvel e amores perdidos, a vida, a morte, os corações partidos, devíamos agarrar cada momento e devorar completamente as partes boas. Não queria ela isso? Que eu improvisasse a minha vida em vez de a viver de acordo com um guião em Courier New corpo doze?

— Ele chega daqui a dez minutos. — O Wes largou o telefone no suporte para copos e olhou para mim. — Peço muita desculpa, Lib.

Eu suprimi um estremecimento e perguntei cá comigo se ele me tinha tratado deliberadamente por «Lib». Normalmente só o fazia por brincadeira, mas desta vez tinha sido pessoal. Íntimo. Quase como se fôssemos mesmo um casal. A minha voz saiu alterada quando eu disse:

— Tudo bem. Não me espetaste contra uma árvore, por isso, não há crise.

Isto fez com que a sua expressão suavizasse.

— Ótimo.

Enrolei os lábios e senti-me nervosa, sobretudo porque queria mesmo, mesmo, mesmo dizer-lhe o que sentia e o que queria. Inspirei profundamente e disse:

— Wes.

— Ei. Os teus caracóis voltaram. — Os olhos castanhos estreitaram-se e ele sorriu. — Acho que tive saudades deles.

Começou a levantar a mão, como se fosse tocar-me no cabelo molhado, mas depois não o fez.

O desapontamento atravessou-me e consegui soltar uma gargalhada.

— Não foste tu quem exigiu que eu alisasse o cabelo?

— Fui. — A sua pele também estava molhada da chuva, obviamente, e do nariz pendia-lhe uma gota prestes a cair. Os seus olhos castanhos percorreram-me todo o rosto, mergulhando-me nos olhos, nas faces e na boca, e ele disse, numa voz rouca e profunda: — E acho que me arrependo totalmente. Sinto a falta das tuas roupas e do cabelo encaracolado. Ficas melhor quando és tu.

«Ficas melhor quando és tu.» Oh, céus.

Estávamos muito próximos. Sentados cara a cara no banco da frente, tínhamos as bocas a centímetros de distância uma da outra. Parecia-me que não havia mais ninguém no mundo, nada a não ser eu e o Wes no interior embaciado do carro, envolvidos por um casulo de chuva. Eu queria que ele se inclinasse e me beijasse —

queria tanto —, mas sabia que não o faria.

Como é que o sabia?

Porque tinha passado toda a vida a certificar-me de que o Wes Bennett soubesse a que ponto eu não queria nada, nada, nada que ele me beijasse. Disse, de um fôlego:

— Ora, obrigada, Bennett.

A voz dele foi um sussurro quando disse:

— A sério.

E então beijei-o.

Mergulhando de cabeça, passei os braços em redor do seu pescoço e pressionei os lábios contra os dele, virando ligeiramente a cabeça e avançando com as ancas no banco. O cheiro da sua água-de-colónia misturou-se com o cheiro da chuva e envolveu-me por completo.

O Wes ficou paralisado por um segundo, imóvel enquanto a minha boca pousava na dele. A ideia de que ele podia não querer beijar-me cruzou-me a mente demasiado tarde. Poderia recuar e disfarçar? Fazer o número «ups, desequilibrei-me devido ao acidente e a minha boca caiu em cima da tua»?

E então, como que atingido por um relâmpago, o Wes inspirou e as mãos dele envolveram as minhas faces. Estava também a beijar-me. Eu estava a beijar o Wes Bennett e ele estava a beijar-me.

O beijo passou de arfante e tímido para escaldante em segundos.

Ele inclinou a cabeça e beijou-me como se esperava que o Wes beijasse, de um modo selvagem, doce e totalmente confiante, tudo ao mesmo tempo. Sabia exatamente o que estava a fazer quando as suas grandes mãos deslizaram por entre o meu cabelo, mas o que me cativou foi o estremecimento na sua respiração e o seu toque ligeiramente trémulo. O facto de ele se sentir tão descontrolado como eu.

O Wes puxou-me para mais perto ainda de si no assento, e ficámos pressionados um contra o outro. Pela primeira vez na minha vida, compreendia como as pessoas podiam simplesmente esquecer-se de onde estavam e fazerem sexo selvagem e tempestuoso no banco da frente de um carro. Queria enrolar as pernas em redor da sua cintura, trepar por ele e explorar tudo o que alguma vez fora feito com dois corpos. E ainda era (mais ou menos) virgem.

Não conseguia impedir as minhas mãos de irem para todo o lado, perdida na amplitude avassaladora do nosso momento. Meti-as sob o seu capuz, enquanto os dentes dele me mordiscavam o lábio inferior. A seguir, elas foram para a cara, sentindo a solidez do maxilar, enquanto ele me beijava como se isso fosse o seu emprego e ele quisesse um aumento. Fez um som quando enterrei as mãos no seu cabelo — como se lhe agradasse — e desejei que chovesse para sempre, sem nunca parar.

Só quando ele disse o meu nome — sussurrou-o na minha boca — três vezes é que voltei à realidade.

— Liz.

— Hummm? — Abri os olhos, mas tinha a visão algo desfocada. Sorri quando vi o seu rosto lindo perto do meu. — O que é?

Os olhos negros tinham as pestanas semicerradas, e ele disse:

— Acho que o meu pai chegou.

— O quê? — Sentia-me totalmente fora de tudo. Ergui os olhos para ele e pestanejei, e a mão dele deslocou-se lentamente para a frente e para trás na minha zona lombar. Acho que não teria visto nem ouvido uma matilha de lobos a passar por nós. Depois vi os faróis ao pé do carro dele. — Ah. — Respirei fundo e passei uma mão pelo cabelo, estreitando os olhos perante a luz demasiado forte que iluminava tudo. Murmurei: — Merda.

— Talvez seja melhor ir falar com ele antes que abra a tua porta. — Os lábios dele estavam quase a tocar-me o ouvido enquanto ele me dizia, em voz baixa: — Está bem? — Os meus olhos mal se abriam, e eu sentia a boca quente dele a sussurrar-me junto do lóbulo. — Libby?

Abanei a cabeça.

— Não-hã.

Isto valeu-me uma gargalhada profunda e marota que me fez enrolar os dedos dos pés dentro dos sapatos. A respiração dele fez titilar os meus terminais nervosos, e ele disse:

— Não me importo de ficar se não te importares de que o meu pai nos veja assim.

— Está bem, vai — grunhi, e empurrei-lhe o peito. A sensação do seu peito sob as palmas das minhas mãos deleitou-me, e senti-me algo possessiva em relação ao Wes Bennett. Os olhos dele baixaram até às minhas mãos por uma fração de segundo e a testa franziu-se-lhe, mas num instante voltou ao normal. Olhei-o de soslaio e disse: — Também já não queria mais nada de ti.

— Como queiras, menina «não-hã». — O sorriso que me fez disse-me que ele sabia exatamente até que ponto me tinha afetado. Abriu a porta do condutor e disse: — Eu já volto, Elizabeth.

— Cá estarei, Wessy — disse eu, sendo saudada por mais gargalhadas marotas antes de ele sair e fechar a porta.

Compus as roupas molhadas e tentei dar um jeito no cabelo. *Oh, meu Deus, oh, meu Deus, isto aconteceu mesmo?* Sentia que o pai do Wes saberia, só de olhar para mim, que eu tinha estado enrolada com o filho, mas provavelmente não havia nada que pudesse fazer em relação a isso.

— Ei. — A porta do passageiro abriu-se e o Wes inclinou-se para dentro. — Ele precisa do reboque do Webb para tirar o carro, por isso, vai levar-nos a casa e depois volta.

Eu pestanejei e perguntei a mim mesma como tinha sido possível não ter passado toda a vida deslumbrada perante a visão do rosto dele. Deixei que os meus olhos o percorressem aos tropeções.

— Está bem.

Nos seus lábios desenhou-se um sorriso *sexy* e, juro por Deus, ele percebeu o que eu estava a pensar. Sussurrou ao meu ouvido:

— Não estava preparado para que ele chegasse tão depressa.

Senti que o calor me invadia quando ele levantou a cabeça e sorrimos um para

o outro.

— Eu também não — confessei.

— Vá lá, miúdos. Estou a apanhar uma molha! — gritou o Sr. Bennett algures atrás do Wes, antes de se meter no carro e fechar a porta.

O Wes estendeu-me a mão e, quando a agarrei e saí, não me largou. Em vez disso, entrelaçou os dedos longos nos meus sem olhar para mim e levou-me, sob a chuva torrencial, até onde estava o carro do pai.

O Wes Bennett estava de mão dada comigo.

Abriu a porta de trás... e no assento estava uma grande caixa.

— Do outro lado — disse o pai, e o Wes largou-me a mão e abriu-me a porta do passageiro. Entrei e ele piscou-me o olho antes de fechar a porta.

Estava tramada, porque aquela piscadela provocou-me de imediato tonturas.

— Obrigada — disse, enquanto ele fechava a porta, contornava o carro a correr e entrava para o lado de trás. Era estranho ir sentada à frente com o pai do Wes. Além disso, queria desesperadamente sentar-me ao pé dele. — Obrigada por nos ter vindo buscar, senhor Bennett.

— Tudo bem, querida. — Ele colocou o cinto de segurança e desengatou o carro. — Da última vez que te levei a algum lado, eras bem pequenina.

Eu sorri e lembrei-me da vez em que ele tinha levado todos os miúdos ao Dairy Queen durante uma enorme falta de eletricidade.

— Ao Dairy Queen, não foi? Deve ter sido há uns dez anos.

Ele assentiu.

— Nem mais.

Virou para a Harbor Drive, e desejei ver a cara do Wes e saber o que estaria a pensar. Estaria passado, como eu — no bom sentido? Queria arranjar maneira de nos juntarmos mais tarde e trocarmos mais carícias?

Estaria interessado em mim, tipo, mesmo interessado?

É que eu não cabia em mim de excitação; explodia com o supremo «ahhhhh!» que só podia seguir-se ao nosso pequeno jogo de cinco minutos no carro embaciado.

O pai dele começou a falar da situação do carro e ele e o Wes passaram todo o caminho em conversas de automóveis, enquanto eu olhava pela janela e revia o beijo mentalmente. Quando o Sr. Bennett parou junto do meu carro, agarrei no saco com o hambúrguer da Helena e na minha mala. Não fazendo ideia do que dizer, balbuciei:

— Obrigada pela boleia.

— Ora essa. Prazer em ver-te, querida.

Saí, fechei a porta e corri sob a chuva até chegar ao nosso alpendre coberto. Só que... não podia deixar de dizer alguma coisa ao Wes, pois não? Não podia deixar que as últimas palavras da noite fossem do Stuart Bennett.

Fiquei a ver o carro deles sair do nosso carro e parar no deles, ao lado, e, assim que vi o Wes a sair, na garagem, pousei as coisas que tinha na mão e corri para a chuva. Quando cheguei à esquina do quintal dele, parei e gritei:

— Wes!

A chuva açoitava-me, mas voltei a gritar o nome dele, tentando chamar-lhe a atenção.

Ele virou a cabeça, mas chovia de mais para que eu conseguisse ver-lhe o rosto. A chuva achatava-me o cabelo encharcado contra a cara, mas eu gritei:

— Obrigada por tudo!

Voltei a correr para o alpendre, puxei para trás o cabelo a pingar e tirei a chave da mala.

— Libby!

Sorri, voltei-me, e ali estava o Wes, de pé sob a chuva no meu quintal. Inclinei a cabeça e disse:

— O que é?

— Tu disste «tudo»! — Tinha a roupa encharcada e gritava: — Quer dizer que também me agradeces o beijo?

Eu ri-me e peguei na comida da Helena.

— Eu já sabia que ias estragar tudo!

— Nã-hã, Buxbaum. — Enfiou as mãos no cabelo molhado e esticou-o para cima, sorrindo-me por entre a tempestade. — Aquilo foi demasiado perfeito para ser estragado. Boa noite.

«Nã-hã.» Suspirei e senti-me quente por dentro, apesar de o meu corpo molhado tremer.

— Boa noite, Bennett.

— Oh, meu deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus. — Fechei a porta atrás de mim e encostei a testa a pingar à madeira branca e fresca. — Cum caraças!

— Foi assim tão bom?

Virei-me, e a Helena estava sentada na poltrona, à lareira, com o *Mr. Fitzpervert* a dormir no colo, um livro ainda na mão e um sorriso no rosto. Eu queria sentir raiva ou vergonha, mas não conseguia deixar de sorrir. Desviei o cabelo molhado e disse:

— Nem fazes ideia.

— Anda para a cozinha antes que o teu pai acorde. — Levantou-se, fazendo com que o *Fitz* soltasse um «mrff» rabugento e saltasse para o chão. Quando lá chegámos, pegou na sua comida, estendeu-me uma toalha e disse: — Agora conta.

Eu soltei um risinho — não conseguia impedir-me — e esfreguei a toalha na cabeça.

— Eu, humm, diverti-me muito com o Wes esta noite.

— Sim?... — Ela abriu a embalagem do restaurante e meteu-a no micro-ondas. — E?... — E.

— E.

Continuei a esfregar o cabelo, recordando a boca dele na minha.

O som da sua respiração, o cheiro da água-de-colónia, a sensação das mãos dele a segurar-me o rosto...

— Ei! Desculpa. Podes concentrar-te por um minuto?

Aquilo fez-me voltar a rir.

— Não estou a conseguir, *OK*? Desculpa, mas não estou a conseguir concentrar-me em nada porque tive uma noite incrível com o Wes Bennett, logo com ele. Uma noite incrível que acabou com o Wes a beijar-me como um beijador de alta competição. Estou abalada, Helena.

— Não sei porquê. Isto é, sim, tu odiava-lo desde sempre, mas mesmo assim pareceu-me que vocês se encaminhavam para isto.

— A sério? — Pousei a toalha na bancada. — Encaminhávamo-nos? Céus, andava tão distraída.

De algum modo, por muito tempo, tinha conseguido ter zero consciência de que o Wes era atraente, divertido e inteligente, bem como uma pessoa ao pé de quem podia ser totalmente eu própria. Tinha ficado tão cega com a ideia do Michael que nem sequer me apercebi do que estava a acontecer entre nós.

— Mas é bom, não é? — A Helena encostou-se à bancada e sorriu-me de orelha a orelha. — Está a parecer-me que é muito, muito bom.

Abri o frigorífico — ainda a sorrir — e disse:

— Tenho medo de falar, mas acho que pode ser.

No entanto... Continuava preparada com a Alex. Sabia o que ele tinha dito sobre ela, mas por vezes os sentimentos mudam. Só por ela não ser o seu «tipo» no outro dia, isso não queria dizer que, com mais tempo juntos e mais tempo para contemplar a beleza dela, ele não mudasse de ideias.

Ela bateu as palmas.

— E se ele te convidar para o baile de finalistas?

Quase deixei cair o sumo de laranja quando ela disse aquilo. Endireitei-me um pouco e visualizei a cara dele enquanto olhava para o frigorífico, o modo como os seus olhos negros tinham parecido quase pretos depois de pararmos de nos beijar. Era do Wes Bennett que falávamos, e contudo não era. Era do Wes 5.0, a versão homem crescido, e eu sentia-me desorientada porque não fazia ideia do pé em que estávamos. Ele tinha-me comido com beijos. Era a única coisa de que tinha a certeza. Pensaria que estava ainda a ajudar-me com o Michael? Não era possível, pois não?

E eu não sabia se ele queria ter fosse o que fosse comigo, mas esperava desesperadamente que o fervor do seu beijo significasse que sim.

Agora, toda a cena do Michael parecia uma tolice. Quem me dera recuar no tempo e fazer de Cupido pessoal ao Michael e à Laney em vez de me ter posto a arquitetar planos. Esperava que a minha conversa com o Michael ao pé do piano lhe tivesse dado o que ele precisava para convidar a Laney para sair.

— Estou certa de que não convida. — Fechei o frigorífico. Era realista em relação ao baile, embora o meu lado «pobre amante confusa e romântica» guinchasse com a ideia. Independentemente dos meus desejos, disse à Joss que ia com ela e tinha de honrar isso. Até agora tinha tido sorte, e a minha amizade merdosa não me fez perder nada com ela, portanto tinha de me pôr à altura e manter o nível. — Além disso, já tenho par.

— A Joss importava-se se tu fosses com ele?

— Oh, sim. Mas talvez pudéssemos ir todos juntos...

Produzir-me com duas das minhas pessoas preferidas? Parecia-me muito mais

fabuloso do que o que eu tinha pensado antes quanto ao baile perfeito.

— Bem, seja o que for que aconteça — disse a Helena —, terei muito gosto em patrocinar um dia de cabeleireiro e *spa* pré-baile.

Desenrosquei a tampa do sumo e disse:

— Isso deve ser o máximo. Mas tu também tens de ir.

E fui sincera. Queria-a lá comigo.

Ela alçou uma sobancelha.

— A sério?

Eu encolhi os ombros e disse:

— Quero dizer, se me chateares, digo à tua cabeleireira que queres secretamente uma minifranja.

— Consegues imaginar como isso ficaria nesta testa gigantesca?

— Fica mal a toda a gente, ponto.

Depois daquilo, subi para o meu quarto e enviei à Jocelyn uma mensagem sobre o Wes, o que levou a uma troca de, tipo, uma hora.

Eu: Acho que posso gostar mesmo dele.

Ela: OBLIVAMENTE.

Eu: Acho que ELE pode gostar mesmo de mim.

Ela: Conta-me tudinho o que aconteceu.

Não referi que nos beijámos, o que foi estranho, porque costumava contar-lhe tudo. Bem, menos ultimamente. Mas tinha sido tão perfeito — tanto o beijo como o comentário dele sobre o meu estilo — que eu não queria que a opinião da Joss maculasse a perfeição da noite.

Fiquei acordada até muito tarde a fazer uma *playlist* do Wes e da Liz, e adormeci a pensar na cara dele depois de me ter beijado. A mera recordação do modo como ele olhou para mim — como se não conseguisse acreditar que aquilo tinha acontecido, e também como se quisesse voltar a fazê-lo — enfraquecia-me os joelhos.

O olhar dele foi suave e ardente ao mesmo tempo, intenso e meigo, e desejei que houvesse uma maneira de arquivar a recordação para que nunca se perdesse.

Como poderia alguma vez adormecer?

CAPÍTULO TREZE

«Os bons rapazes não beijam assim.» «Ai, isso é que beijam.»

O Diário de Bridget Jones

— Oh, abençoada. — A Jocelyn tirou-me o café da mão e levou-o à boca. — E porque é que tens isso vestido?

Baixei o olhar para o meu adorável vestido de corujas e destranquei o cacifo.

— Porque não? Adoro-o.

Ela fez uma careta, sorveu o café e encostou-se ao cacifo contíguo ao meu.

— Tinha esperança de que mantivesses o novo visual.

«Ficas melhor quando és tu.» O meu rosto ficou quente quando me lembrei do Wes, da chuva e das mãos dele no meu cabelo. Estava em alerta máximo desde que cheguei à escola naquela manhã, procurando-o em cada esquina, em cada corredor, com o estômago enlouquecido com a ideia de o avistar.

De ele me avistar também. Céus.

Não me mandou qualquer mensagem desde o beijo, mas era tarde quando me deixou em casa, e ainda tive de ir buscar o carro. Retirei o livro de História da prateleira de cima e disse:

— Continuo a gostar dos meus vestidos. Processa-me.

— Não me interpretes mal — disse ela, fazendo o café girar no copo. — Vistas o que vestires, és adorável, mas eras ultra-adorável com aquele visual casual-moderno.

— Obrigada, mas esse conjunto ficou estragado para sempre, devido ao sangue do nariz.

A Jocelyn torceu a boca e olhou para o buraco na tampa do copo.

— Ainda não consigo acreditar que isso aconteceu.

— Já somos duas.

Fechei o cacifo e dirigimo-nos ambas para a primeira aula.

Fiquei desiludida por não me cruzar com o Wes, especialmente porque o seu silêncio me levou a passar a manhã obcecada e paranoica, a pensar que o beijo não foi nada para ele e que não houve mudança alguma entre nós.

Quase gritei de entusiasmo quando o meu telefone vibrou ao almoço. Tinha

acabado de me sentar com a salada de morangos e uma gasosa quando vi que era uma mensagem do Wes.

Wes: Gosto do teu vestido com pássaros.

Olhei em redor, mas não o vi em nenhuma das movimentadas mesas da cantina.

Eu: São corujas. Onde estás?

Wes: Na biblioteca. Vi-te passar há uns minutos. Já agora, as corujas são pássaros.

Eu: Pois são.

Wes: Para de gritar comigo por causa dos pássaros, Buxbaum. Eu só disse que ficas gira com esse vestido, mais nada.

Sorri, e a seguir olhei de imediato à minha volta, para me certificar de que ele não estava à espreita ali perto, a observar a minha reação patética.

Eu: Não acabaste de dizer isso.

Wes: Claro que disse.

Eu: Hum...

Wes: Tenho de ir. Falamos mais logo?

Pousei o telefone na mesa como se me queimasse as mãos. «Falamos mais logo»? Isso nunca era bom, pois não? Que sensação agourenta era aquela? Abri o pacote de vinagreta que tinha no tabuleiro e verti-a sobre a salada antes de voltar a pegar no telefone e escrever:

Sim.

Se de manhã andei obcecada, à tarde andei ridícula. É que precisava de saber mais, mais do que o facto de termos dado um bom beijo. Ele gostaria de mim? Queria andar de mãos dadas e talvez beijar-me mais? Iria ser meu namorado num futuro próximo ou o beijo era apenas parte das saídas divertidas e não significava absolutamente nada de importante para ele?

E ocorreu-me, enquanto percorria o corredor com a Joss depois das aulas, que não tive oportunidade de dizer ao Wes que já não estava interessada no Michael. Ele sabia-o, certo? Isto é, o beijo decerto tinha sido a expressão desse sentimento.

— Achas que o Wes te vai convidar para uma saída romântica?

O meu estômago deu uma volta e uma visão do beijo atingiu-me.

— Espero que sim.

— Quem diria? — A Joss empurrou a porta e eu saí atrás dela para o dia soalheiro. — O rapaz que te torturava na primária é agora o teu sonho romântico. Que esquisito.

— O que é que se passa ali? — perguntei, abstraída. Havia uma pequena multidão ao pé da entrada principal. — Aposto que é uma luta.

A Joss disse:

— Devem ser o Matt Bond e o Jake Headley.

O Matt e o Jake eram dois «daqueles» rapazes na nossa escola. Quando se espalhava a notícia de que estavam zangados um com o outro, toda a escola perdia a cabeça com a possibilidade de haver pancadaria.

Serpenteámos por entre a multidão, sobretudo porque o meu carro estava no parque que todos estavam a bloquear. Eu disse:

— Eu realmente ouvi dizer que iam às trombas um do outro.

— Não acabaste de dizer isso, Vestido de Corujas.

— Bem, foi literalmente o que ouvi dizer. Palavra por palavra. — Ultrapassei duas pessoas, dizendo: — Com licença.

— Oh. Meu. Deus.

Virei a cabeça de supetão para olhar para a Jocelyn.

— O que é?

Ela estava de olhar fixo atrás do meu ombro. Sem olhar para mim, cobriu a boca com uma mão e apontou com a outra.

Voltei a cabeça e segui o seu dedo até um carro que estava estacionado no centro do parque. Era um *Grand Cherokee* preto, e o facto de estar ali estacionado era invulgar, mas não era isso que fazia dele o foco das atenções.

Não, o que o tornava incomum era o lado do condutor estar coberto de caixas brancas, e cada uma delas ostentar uma letra preta, todas emolduradas por um grande quadrado cor de laranja.

O lado do carro era um enorme tabuleiro de *Boggle*.

Um tabuleiro com letras vermelhas em diagonal, soletrando a pergunta: «Baile?»

— Cum caraças, Liz. Vai lá! — A Bailey Wetzell estava no meio da multidão, a sorrir e a estender um braço. — Vai!

A minha absorção do que estava a acontecer foi lenta até ver o Michael.

Estava de pé ao lado ao carro. Sorriu para mim, segurando um cartaz que dizia: «QUERES JOGAR *BOGGLE* COMIGO, LIZ?»

Era um convite público.

O Michael estava a convidar-me publicamente para o baile de finalistas.

Senti-me confusa e desconjugada. Sorri, e todos os que me rodeavam começaram a bater palmas. O Michael estava a convidar-me para o baile — de um modo romântico e atencioso —, mas eu estava em choque. Era tudo o que queria há uma semana, mas não agora.

Caminhei devagar na direção dele, a sentir as pernas enfraquecer à medida que me ia aproximando.

Ouvi a Joss dizer:

— Rejeita-o com jeitinho, Liz.

Olhei para o rosto sorridente do Michael. Que diabo? Não conseguia arranjar maneira de dar sentido àquilo. Todos os encontros que tive com o Michael tinham acabado basicamente em desastre — vomitado, nariz em sangue, a Laney a falar —, portanto, porque estaria aquilo a acontecer?

Que ironia, não é?

Ter tanta gente a olhar para mim provocava-me calor e comichões. Desconforto. Quando cheguei ao pé dele, não fazia ideia do que dizer. Ele estava bonito e enternecedor, estava tudo o que eu tinha sonhado desde o jardim de infância.

E nada parecido com o Wes.

Conseguia finalmente vê-lo — ver-nos — com clareza e, agora que o

consequia, já não queria que «o tal» fosse o Michael.

— Isto é incrível — disse, a olhar para o carro *Boggle*. Ele tinha forrado caixas de sapatos com papel branco, afixando-as à lateral para fazer o tabuleiro, uma tarefa que decerto levava um monte de tempo. — Não posso acreditar que fizeste isto.

— Conheço-te há tempo suficiente, Liz, para saber que precisarias de um convite grandio...

— E a Laney? — interrompi. Estava a sussurrar para que mais ninguém me ouvisse, esperando poder poupar-nos a ambos a alguma humilhação pública.

Ele encolheu ligeiramente os ombros e disse, com um sorriso:

— Levei muito a sério o que disste na sala de música. Tãl como tu, também quero a possibilidade de algo mais. Portanto... porque não? Porque não nós?

Senti-me ficar de boca aberta e apressei-me a fechá-la. Mas, vá lá — a sério? Alguém ouvia finalmente as minhas ideias horríveis por uma vez? Apetecia dar-me pontapés por ter falado sobre o Wes sem chegar nunca a dizer o nome dele.

Era como se nunca tivesse visto uma comédia romântica ou coisa assim. Ali estava uma comédia de enganos.

Lancei um olhar para a multidão e — oh, não — lá estava o Wes. Os nossos olhares encontraram-se e ele ficou junto do edifício, observando-me com uma expressão ilegível. Engoli em seco e olhei intensamente para o seu rosto, o rosto que tinha beijado o meu da última vez que eu o vira.

Implorei silenciosamente àqueles olhos castanhos que me dessem uma resposta.

Ou que ele me sorrisse.

Dá-me alguma coisa, Bennett. Por favor.

Mas ele virou a cabeça e desviou de mim o olhar.

Antes de poder registar sequer aquele murro no estômago, vi a Alex deslizar para junto dele. Sorriu e agarrou o braço do Wes, puxando-o para poder segredar-lhe ao ouvido.

Eu mal conseguia respirar a olhar para eles enquanto todos no pátio olhavam para mim. O meu silêncio estava a tornar-se constrangedor e eu tinha profunda consciência disso. Lentamente, as pessoas começaram a gritar e a bater palmas, mas eu só conseguia ouvir o coração a pulsar-me nos ouvidos. Não tirei os olhos do Wes. Ele levantou as mãos, levou dois dedos à boca e assobiou sonoramente. A seguir, passou o braço direito em redor dos ombros da Alex e ergueu para mim um polegar.

A rejeição, amarga e ardente, inundou-me. A outra noite — o beijo, tudo — era um zero. O Wes não sentia por mim o que eu sentia por ele. Era assim que isto devia acabar.

— Isto está a tornar-se embaraçoso, e eu tenho de bazar daqui a, tipo, dois minutos. Queres responder?

O Michael parecia pouco à vontade com a espera.

Respirei fundo e limitei-me a aceitar as flores que ele tinha na mão — não conseguia falar estando o Wes agarrado à Alex e a assobiar para eu aceitar. Então o Michael virou o cartaz, revelando um lado de trás que dizia «ELA DISSE QUE SIM» no mesmo formato *Boggle*.

As pessoas em redor bateram palmas e — graças a Deus — começaram a dispersar, enquanto eu ficava ali, em estado de choque. O Michael apertou-me a mão e disse:

— Agora tenho mesmo de ir, mas isto pareceu-me bem depois da nossa conversa de ontem na sala do meu pai. Podemos combinar os pormenores amanhã, está bem?

— Hum, parece-me bem.

— A vossa «conversa» de ontem à noite? — A Jocelyn plantou-se à minha frente assim que o Michael virou costas, de olhos semicerrados. — Estiveste com o Michael Young?

Senti que o sangue me fugia da cara ao ser apanhada nas minhas mentiras. Atrapalhei-me e disse:

— Eu disse-te que fomos ver filmes...

— Disseste que tinhas estado com o Wes. — Abanou a cabeça e disse, em voz baixa: — Qual é o teu problema? Estás tão agarrada a tretas românticas que mentes à tua melhor amiga, e para quê? Para saíres com um tipo que já está a falar com outra?

Engoli em seco e senti necessidade de me defender, embora sabendo que estava errada.

— Se não fosses tão crítica, talvez eu pudesse ter sido honesta contigo. Mas tu às vezes tornas isso tão difícil.

A Joss olhou-me como se eu fosse repugnante. E tinha razão.

— Estás a dizer que eu tenho a culpa de tu seres mentirosa?

— Claro que não. Céus, peço desculpa. Eu só...

Ela franziu as sobrancelhas e perguntou, estreitando os olhos:

— Então qual é a cena com o Wes? Gostas dele, sequer?

Suspirei. Havia alguma razão para não contar tudo à Joss agora?

— Bem, essa parte é verdade. Gosto muito dele.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Então, se gostas do Wes, o que é que estavas a fazer em casa do Michael?

Ajeitei o saco a tiracolo e lancei um olhar à Kate e à Cassidy, cuja presença atrás dela me tinha passado despercebida.

— Na verdade, fui lá com o Wes.

— Foste lá com o Wes e acabaste com o Michael no quarto do pai dele? Estás a gozar, não estás?

— Hum, na verdade era uma sala de música. — Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse falar, eu disse: — Mas eu sei que a questão não é essa. O Wes estava na boa com isso tudo. Queria que eu fosse falar com o Michael.

— Queria. — Ela olhou-me com uma expressão que a tornava parecida com a sua mãe, como uma advogada que tinha um criminoso a mentir no banco das testemunhas e estava prestes a fazê-lo chorar.

— Sim. — Aclarei a garganta e decidi contar tudo. Disse: — Sabes, ele andava a ajudar-me...

— Oh, meu Deus, conspiraste com ele para conquistar o Michael, não foi? —

Os seus olhos estreitaram-se, repugnados. — Eu sabia que perderias a cabeça quando ele voltasse a aparecer. Qual é o teu problema?

— Nenhum. — Pestanejei e tentei justificar-me. — Ele e a Laney não andavam oficialmente, portanto...

— Isso explica as roupas e o cabelo esticado, certo? Também me mentiste quando vocês foram às compras? — Limitei-me a olhar para ela. Afinal, o que podia dizer? — E gostares dele também era treta?

— Só ao princípio...

— Vai-te lixar, Liz.

A Joss puxou o seu saco mais para cima no ombro e virou-me as costas. A Kate dirigiu-me um meio-sorriso de boca fechada, como se tivesse pena de mim, mas optasse sempre pela Joss, e a Cassidy olhou-me como se eu fosse, tipo, horrível.

Em tempos, aquelas duas não teriam tomado partido, mas, como eu lhes dera tantas tampas nos eventos dos finalistas, eram da equipa Joss até ao fim.

— Espera. — A garganta ardia-me e senti a visão desfocada ao vê-la regressar para a escola. — Joss, espera! Desculpa, OK? Não precisas de boleia para casa?

— Não dada por ti. — Limitou-se a lançar um braço para o ar e gritou: — Prefiro ir a pé!

— Olá! — A Helena estava sentada num banco na cozinha quando cheguei a casa, a trabalhar no portátil, com calças de pijama salpicadas de tinta e um *hoodie*. — Como foi o teu dia?

— Meh.

Larguei o saco no chão, esgotada de chorar todo o caminho até casa, e fui ao frigorífico em busca de uma coisa boa.

— Oh, meu Deus, esqueci-me. Viste o Wes?

Ela ergueu o olhar do computador, quase a guinchar as palavras, e eu tive de me lembrar para não revirar os olhos.

A Helena não tinha culpa de a linha narrativa ter mudado.

— Hum, sim.

Já não havia pudim de chocolate, o que me deu vontade de chorar. Outra vez.

— Que cara é essa?

Encolhi os ombros e fechei a porta do frigorífico.

— O Michael convidou-me para o baile de finalistas.

— O quê?! — A Helena ficou de boca aberta. — Estás a brincar comigo.

— Não.

Fui à despensa e procurei bolachas, sem saber se aquela sensação persistente no estômago seria uma úlcera.

Nem sequer sabia bem o que era uma úlcera.

— Recusaste?

— Não. — Rangi os dentes. — Na verdade, disse que sim.

— Disseste que sim?! — Falou como se eu tivesse acabado de dizer sim a vender os meus órgãos no mercado negro ou assim. — Porque fizeste isso? Oh, meu Deus, o Wes sabe? Oh, pobre Wes.

Fechei com força a porta da despensa e peguei no meu saco. «Pobre Wes?» O pobre Wes não tinha realmente interesse na Little Liz, mas eu não tinha energia para lho dizer. Nem de pensar nisso nem mais um segundo. Porque, além de brutalmente rejeitada pela sua aparente falta de sentimentos por mim, sentia-me ludibriada.

Traída pelo meu próprio coração.

Porque sabia que não devia sentir-me atraída por ele; sempre o soube. Contudo, aconteceu. Tinha-me apaixonado por calções de basquetebol, charutos nojentos e beijos encharcados à chuva. Como podia isto ter acontecido?

Além disso, tinha conspirado, mentido e estragado a minha melhor amizade no mundo. E — ah, sim — também me tinha metido entre a Laney e o Michael, duas pessoas que pareciam realmente feitas uma para a outra.

Disse:

— Sim, ele sabe e, acredita, não se importa. Tenho de ir estudar.

— Liz?

Fiquei imóvel, mas não me voltei para ela.

— O que é?

— Eu sei que pensavas que, na verdade, querias o Michael, mas queres mesmo agarrar-te a ideias ultrarromantizadas quando podes ter uma coisa fantástica e real?

«Ideias ultrarromantizadas.» Embora por vezes se aproximasse, a Helena não compreendia. A minha mãe teria compreendido. A minha mãe ter-me-ia encorajado sempre a perseguir o objetivo.

Tinha ignorado a sua regra de ouro e estava a sofrer as consequências.

— Liz?

— Tenho de ir estudar.

— Espera... Estás zangada comigo?

Levantei o saco e expeli o ar.

— Não. De modo algum.

— Queres...?

— Não. Céus. — Falei por entre os dentes e saiu-me bastante mais áspero do que queria, mas não era capaz de fazer aquilo. Não com ela. — Só quero que me deixem em paz, está bem?

CAPÍTULO CATORZE

«Não estou a fugir.» «Tretas.»

Como Perder Um Homem em 10 Dias

— Vou correr — disse eu, descendo a correr as escadas. Virei a esquina para a sala de estar e encontrei o meu pai no sofá, com os pés sobre a mesinha de centro, a ver as notícias. Eu estava toda aos nós, sem saber o que pensar sobre o que quer que fosse, e, em vez de me torturar, ia visitar o cemitério. Não é menos torturante, pois não? Olhei para a cozinha, mas o único movimento que detetei lá foi do *Mr. Fitzpervert*, que rebolava no tapete debaixo da mesa e brincava com o seu rato de roer com as patas traseiras. — Onde está a Helena?

— Assim que entrei, ela disse que tinha de sair. Tinha um assunto ou coisa assim. Estás bem?

Como não me interessava um *tête-à-tête*, disse:

— Sim. Estou só cansada. Acho que se calhar estou a chocar uma gripe.

Ele assentiu, olhou para mim como se soubesse alguma coisa e disse:

— A Helena disse a mesma coisa.

— Ai sim? — Coloquei os auscultadores. — Que chatice.

Ele suspirou.

— Tem cuidado.

— Vou ter.

Depois de ligar o meu *Garmin*, corri pela rua fora, evitando deliberadamente pousar a vista no carro «dele». Que cena era aquela, afinal? Porque sentia algo como nostalgia quando os meus olhos pousavam no carro velho e batido do Wes, que parecia ter sobrevivido ao nosso acidente sem quaisquer danos visíveis?

Essa nostalgia fazia-me querer atacar o carro com um taco *à la* Beyoncé no vídeo de «Lemonade», e provocar danos visíveis. Recapitulava mentalmente tudo, cada segundo horrível do que aconteceu, e a rejeição do Wes começou a enfurecer-me.

É que não era só ele ter-me rejeitado. Não, era o facto de ele saber que o meu objetivo final era o Michael e mesmo assim ter carregado no charme com o jantar a dois, e as provocações na Área Secreta, e o beijo à chuva diretamente saído de *O Diário da Nossa Paixão*.

Ele sabia que eu era suscetível ao romantismo e usou-o contra mim.

E para quê?

Se estava a avançar para a Alex, qual foi o objetivo?

Como se isso não fosse suficientemente mau, sempre que pensava na Jocelyn, o estômago doía-me tão intensamente que tinha vontade de vomitar. Como iria alguma vez ganhar o perdão dela? Nos últimos tempos, fui uma fuinha mentirosa e, por muito que o justificasse, não consegui encontrar uma defesa que me redimisse.

Virei para o cemitério, contente por estar a escurecer, porque não me apetecia ser bem-educada nem falar com ninguém que pudesse estar por perto. Por vezes, estavam lá outras pessoas a fazer o mesmo que eu, e por vezes gostavam de conversar um pouco. Eu só queria sentar-me ao pé da minha mãe, despejar os pormenores do meu último fracasso e a seguir banhar-me na sensação imaginária de não estar só.

Mas, à medida que me aproximei, vi uma figura de pé exatamente onde eu queria estar. E, tal como no dia em que o Wes ali apareceu, fiquei instantaneamente — e illogicamente — irada. Quem estava no meu sítio?

A pessoa voltou-se quando me aproximei, e vi que era a Helena. Tinha uma expressão séria e ainda trazia aquelas calças manchadas de tinta.

— Liz. O que é que estás a fazer aqui? — perguntou.

Ergui a mão para a inscrição na lápide da minha mãe.

— Não te ofendas, mas o que é que tu estás a fazer aqui?

A minha chegada pareceu sobressaltá-la, quase como se tivesse interrompido alguma coisa. Passou uma mão pelo cabelo e disse:

— Acho que se pode dizer que precisava de dar uma palavra à tua mãe.

— Porquê?

— O quê?

Inspirei pelo nariz, numa tentativa de impedir que aquela raiva inesperada se escapasse.

— Se não conhecestes a minha mãe, não percebo porque precisarias de lhe dar uma palavra. Nunca lhe falaste nem lhe ouviste a voz, nem viste sequer uma comédia romântica tola com ela. Portanto, chama-me irracional, mas é muito esquisito estares aqui acampada onde ela está enterrada.

— Tinha esperança de que ela soubesse como posso chegar a ti. — Ela pestanejou rapidamente e comprimiu os lábios, cruzando os braços sobre o peito. — Ouve, Libby, eu sei...

— Não me chames isso.

— O quê?

— Libby. Era o que ela me chamava, mas isso não quer dizer que tu tenhas de o fazer, OK?

— O que é isto? — perguntou ela numa voz cansada e com uma ponta de irritação. — Parece que estás a tentar discutir comigo.

Eu pestanejei com força.

— Não. Não estou.

Mas estava, completamente.

Ninguém com quem eu queria discutir falava comigo. Então porque não a

Helena?

— A sério?

— Sim, a sério.

— É que acabaste de te zangar por eu te chamar o mesmo nome que já ouvi o teu pai e o vizinho do lado chamarem-te. Não te vejo a ter problemas com ninguém por isso senão comigo.

— Bem, eles conheceram-na.

Ela olhou para mim, a destilar desilusão pela fedelha mimada que eu sabia que estava a ser.

— Não tenho culpa de não a ter conhecido.

— Eu sei.

A questão não era se ela tinha ou não conhecido a minha mãe; era a infração das recordações da minha mãe. Dos seus legados. Quero dizer, não era irracional tentar mantê-los puros, pois não?

Ela suspirou e deixou cair os braços ao longo do corpo.

— Sabes bem, Liz, que a memória da tua mãe não vai desaparecer se tu te aproximares de mim.

— Desculpa?!

As suas palavras foram como uma bofetada física, porque, céus, ela acabara de dar voz ao meu maior medo.

Como é que não desapareceria se a Helena se aproximasse? É que, dissesse ela o que dissesse, desaparecera para o meu pai. Quando ele falava da minha mãe agora, era como se estivesse a referir-se a uma figura histórica pela qual tinha um afeto incrível.

O lugar dela no coração dele tinha desaparecido, e agora a minha mãe vivia apenas na sua cabeça.

A Helena pôs a cabeça de lado e disse:

— Não vai. Vais continuar a recordá-la exatamente como a recordas agora, mesmo que me deixes entrar um pouco.

— Como é que o sabes? — Pestanejei para conter as lágrimas e disse: — E se desaparecer? Sei que és ótima para o meu pai e que és superfixe, e sei que estás aqui para ficar. Sei todas essas coisas, mas isso não muda o facto de tu estares aqui e ela não, e que isso é uma merda.

A boca dela fechou-se.

— Claro que é. Eu teria ficado perdida sem a minha mãe. Compreendo perfeitamente que seja horrível. Mas afastares-me não a vai trazer de volta, Liz.

Eu funguei e limpei as lágrimas das faces.

— Sim, eu acho que sei isso, Helena.

— Talvez se nós...

— Não. — Cerrei os dentes e desejei que ela desaparecesse para eu poder chorar e deitar-me na relva macia. Mas, se ela não se ia embora, teria eu de ir. Pus os auriculares, fiz *scroll* até «Enter Sandman», dos Metallica, e disse: — Se me deixasses em paz e me deixasses viver a minha vida sem tentares ocupar o lugar dela sempre que viro as costas, talvez fôssemos todos mais felizes.

Não esperei pela resposta. Comecei a correr por onde tinha vindo, mas puxei pelas pernas o mais que me era possível. Limpei as faces e tentei ultrapassar a tristeza, mas ela acompanhou-me durante todo o caminho para casa.

Estava quase a chegar quando vi o Wes a sair do carro.

Ele fechou a porta e começou a atravessar a rua na minha direção antes de dar pela minha presença. Fez-me um aceno com o queixo e disse:

— Olá.

«Olá.» Como se não nos tivéssemos beijado, nem trocado mensagens, nem falado ao telefone, nem comido hambúrgueres juntos. Só «olá». Uau — era mesmo parvalhão, não era? Eu parei de correr e arranquei um dos auriculares.

— Olá. Já agora, obrigada por me ajudares a conquistar o Michael.

As palavras saíram-me. Eu tinha consciência de estar a ser horrível. Espremi os miolos para lhe dizer algo que o fizesse sofrer como eu sofria e não me consegui conter.

Os seus olhos percorreram-me o rosto e ele disse:

— Na boa, mas ele ainda tem a chata da Laney de roda dele. Acho que vais ter de resolver isso antes de o «conquistares» oficialmente.

— Ná. — Agitei uma mão e engoli as minhas emoções com um sorriso. — Ele disse-me que não vai avançar para ela.

— Disse? — Ele esfregou a sobrancelha e olhou para trás de mim durante um minuto antes de o seu olhar regressar ao meu rosto. Sustive a respiração ao ver os mesmos olhos que tinham sido ardentes e selvagens junto de mim no banco da frente do carro dele. — Bem, então estás quase a conseguir tudo o que sempre quiseste, não estás? Porque não me disseste isso antes?

Hum, era difícil falar quando estávamos a cair por uma ribanceira e depois quando estavas a sugar-me a cara. Inspirei pelo nariz. Estava mesmo danada com ele — comigo própria —, profundamente desapontada, e queria que ele sentisse uma parte disso.

— Eu ia mesmo contar todos os meus segredos à pessoa que estava apenas a fazer-me um favor e a ocupar o lugar do Senhor Certo.

Ele engoliu em seco e cruzou os braços sobre o peito.

— Bem pensado.

— Não foi? — Expeli uma gargalhada falsa e disse: — Isto é, não te ofendas, mas vocês não podiam ser mais diferentes. Ele é, tipo, um restaurante *gourmet*, e tu és um bar de desportos superdivertido. Ele é uma limusina e tu és um *Jeep Wrangler*. Ele é um filme de Óscar e tu... és um filme de corridas de carros. Ambos bons, mas bons para pessoas diferentes.

Aqueles olhos negros estreitaram-se ligeiramente.

— Queres dizer-me alguma coisa, Buxbaum?

— Ná. — Ergui a mão. Soltei o rabo de cavalo e enterrei os dedos no cabelo. O modo visível como ele estava irritado pareceu-me uma vitória. — Estou só muito grata por tudo o que fizeste por mim.

— A sério.

— Sim. — Fiz os possíveis por obrigar a minha boca a abrir-se num sorriso

gigante e feliz. — Devias convidar a Alex para o baile, já agora.

— Sim, já estava a pensar fazê-lo.

Esta atingiu-me o coração. Visualizá-lo a sorrir para a Alex provocou-me um ardor nas pálpebras. Disse, por entre um sorriso fingido:

— Devíamos ir em grupo. Seria divertido.

Ele disse, com uma expressão furiosa:

— Não achas que é má ideia misturar «restaurantes *gourmet*» com «bares de desportos superdivertidos»?

Encolhi os ombros.

— A Alex é, tipo, um restaurante simpático. Estou certa de que, se vocês se unirem, podem chegar a ser, tipo, um bar de *sushi* da moda.

Ele olhou-me como se eu fosse lixo, e tinha razão. Girou as chaves no dedo e disse:

— Ainda assim, prefiro ir sozinho com a Alex. — Depois os olhos dele desceram até à minha *T-shirt* e aos calções, e o seu rosto assumiu uma expressão apiedada e entendida. — Ah. Foste falar com a tua mãe.

Pestanejei.

— A que propósito é que isso vem? — O Wes lançou-me um olhar como se eu devesse saber o que ele queria dizer. — O que é?

— Vá lá. Tens assim tanta falta de noção? Agarras-te à ideia da tua mãe angélica e da comédia romântica como se o maior desejo da vida dela fosse a filha ser arrebatada na merda do secundário. Só por ela gostar desses filmes, não quer dizer que, se viveres a tua vida como uma verdadeira adolescente, estejas a desiludi-la.

— O que é que estás para aí a dizer? Só porque...

— Vá lá, Liz; pelo menos sê honesta contigo própria. Vestes-te como ela, vês os programas que ela via, e fazes todos os possíveis para te comportares como se ela estivesse a escrever o guião da tua vida e tu fosses uma personagem da sua autoria. — A garganta doía-me, e eu pestanejava ao ritmo das suas palavras, que me atingiam como rajadas. — Mas, notícia de última hora: tu não és uma personagem de filme. Podes usar calças de ganga às vezes, alisar o cabelo, se te apetecer, praguejar como um marinheiro e, sinceramente, fazer o que quiseses, e ela pensaria sempre que eras fabulosa, porque o és. Garanto-te que ela te acharia encantadora como a merda quando estavas a fumar um *Swisher* na Área Secreta. Eu achei. E quando me atacaste no meu carro. Que saída da personagem. Foi...

— Oh, meu Deus, eu não te ataquei. Estás a gozar comigo?

Era oficial — eu estava a morrer de humilhação. Enquanto eu cantarolava canções de amor desde a nossa sessão de beijos no carro, ele considerava-a uma «saída de personagem» para mim.

Ele ignorou-me e disse:

— Mas estás tão enredada nessa ideia de quem a tua mãe quer que sejas, ou o Michael, ou mesmo eu. Não penses em mim! Sê quem queres ser. Faz isso e deixa-te de joguinhos, porque andas a magoar pessoas.

— Cala-te, Wes. — Eu estava de novo a chorar, e detestei-o naquele momento. Por não me compreender, mas também por ter razão. Tinha pensado,

independentemente da situação do baile, que ele era a única pessoa que compreendera a cena da minha mãe. Limpei as faces com as costas das mãos. — Não sabes peva da minha mãe, OK?

— Céus, não chores, Liz. — Ele engoliu em seco, com ar de pânico. — Eu só não quero que percas as coisas boas.

— Tipo o quê? Tu? — Rangi os dentes. Apetecia-me uivar e derrubar coisas a pontapé. Em vez disso, disse: — A coisa boa és tu, Wes?

A sua voz estava calma quando ele disse:

— Nunca se sabe.

— Não, eu sei. Não és. Tu és o oposto de tudo o que eu quero. És a mesma pessoa que eras quando destruístes a minha Minibiblioteca e és a mesma pessoa que a minha mãe considerava demasiado selvagem para brincar comigo. — Inspirei, trémula, e disse: — Fica com o Lugar Eterno e vamos esquecer que tudo isto aconteceu.

Virei-lhe as costas e afastei-me. Estava mesmo a abrir a porta de casa quando o ouvi dizer:

— Por mim, tudo bem.

Naquela noite, adormeci antes das oito, a ouvir «Death with Dignity», de Sufjan Stevens, em *repeat*. Dormi toda a noite com os auscultadores, e aquela canção suave preencheu-me os ouvidos até de manhã.

Mother, I can hear you

And long to be near you

Sonhei com ela. Isso já raramente acontecia, mas, naquela noite, persegui a minha mãe em sonhos.

Ela estava a podar rosas no pátio da frente e eu ouvia-a rir, mas sem conseguir ver-lhe a cara. Estava demasiado longe. Só conseguia distinguir as luvas de jardinagem e o vestido de noite preto com a gola de folhos. E, por muito que andasse, por muito depressa que corresse, não conseguia aproximar-me o suficiente para lhe ver o rosto focado.

Corri e voltei a correr, mas ela nunca ficava mais próxima.

Não acordei com uma exclamação como nos filmes, embora talvez isso pudesse fazer-me sentir melhor. Não, acordei com uma resignação triste, a ouvir a canção no seu *loop* suave e solene.

CAPÍTULO QUINZE

«Amo-te. Há nove anos que te amo, mas era demasiado arrogante e receosa para o compreender e... bem, agora estou só receosa. Portanto, compreendo que isto aconteça num momento muito inoportuno, mas tenho um favor gigantesco para te pedir. Escolhe-me. Casa comigo. Deixa-me fazer-te feliz. Oh, pelos vistos são três favores, não são?»

O Casamento do Meu Melhor Amigo

Os dias até ao baile arrastavam-se, sobretudo porque eu era a pessoa mais só do mundo. A Jocelyn não falava comigo, o Wes agora era apenas um vizinho e a Helena evitava-me por completo.

Como trabalhava todas as noites e aceitava turnos adicionais, pelo menos fazia render a minha vida solitária e patética. E via os meus filmes preferidos quando não estava a trabalhar, e tinha os meus DVD de apoio emocional para me impedirem de pensar em todas as coisas em que não queria pensar.

O Michael veio ter comigo ao meu cacifo no dia a seguir ao pedido, e mostrou-se metódico e eficiente como sempre. Discutimos a que horas ele me iria buscar, que cores íamos usar e onde íamos comer.

Ele era perfeito.

Por isso, enquanto me penteava no dia do baile, eu tentava convencer-me de que talvez tivesse tudo acontecido por uma razão. Quero dizer, a cena da Joss continuava a ser um grande pesadelo que eu tinha de solucionar, e havia uma estranha sensação de vazio pelo facto de a Helena passar o dia fora quando eu estava a preparar-me para o baile, mas talvez eu tivesse sido destinada a passar momentaneamente para o lado negro com o Wes para poder apreciar de verdade a incrível leveza do Michael.

Uma história exemplar, talvez? Liguei a *playlist* do Michael enquanto alisava o cabelo e tentava entusiasmar-me com a noite. O que importava era que ia ao baile de finalistas com o Michael Young, o rapaz que amava desde que tinha idade para criar recordações.

Ia mesmo acontecer.

O problema com a *playlist* era que todas as canções tinham agora memórias do

Wes associadas a elas.

A canção do Van Morrison do meu primeiro encontro romântico com o Michael fazia-me agora pensar no Wes a chocar connosco no corredor, lançando-me a seguir um olhar maroto devido ao meu para-brisas com fita adesiva. E a canção do Ed Sheeran da festa lembrava-me agora do Wes a dar-me as suas calças — e a segurá-las — depois de eu ter sido atingida por vomitado.

— Raios, Bennett, sai da minha cabeça.

Terminei o penteado e passei à maquilhagem, aplicando tons suaves, para parecer melhor do que o habitual, mas não maquilhada em demasia. Quando por fim terminei, olhei para o telefone e, claro, não havia mensagens.

Enverguei o vestido — era tão bonito que queria ser enterrada nele, já agora —, mas não me senti muito bem. A Jocelyn devia estar ali, também a vestir o dela, e a Helena devia andar ali em redor, a fazer piadas e a tirar fotografias.

Calei a voz que acrescentava a Laney à lista, incluindo-a como alguém que devia estar a preparar-se para o seu baile de sonho com o Michael, mas que não podia porque eu tinha decidido tirá-la da equação.

Quando estava prestes a descer as escadas, ouvi uma porta bater e olhei pela janela. O Wes estava a sair de casa envergando um *smoking* preto, e levava na mão uma caixa com uma pulseira de flores. Desceu os degraus a saltitar com a sua descontração habitual; os óculos de sol davam-lhe um ar rebelde, além de bonito.

Tipo, perfeito, e os olhos doeram-me ao fixar-se nele.

Encolhi o estômago com a mão quando ele caminhou para o carro, que para variar estava estacionado no carroiro. Parecia que o tinha lavado, porque os salpicos de lama de que me lembrava desde sempre tinham desaparecido. Entrou, ligou o motor e eu senti uma pontada no meu âmagao ao vê-lo afastar-se.

Desci as escadas. Estava a calçar-me quando a campainha tocou. Embora sentisse uma ou duas borboletas pouco convictas no estômago, a antecipação era mínima.

Mas — e pus toda a esperança neste «mas» — se realmente me esforçasse, talvez ainda houvesse a possibilidade de uma noite agradável com um par adorável. Pus-me de pé, passei as mãos pelo vestido, dirigi-me para a porta e abri-a.

Uau.

O Michael estava na soleira, com um *smoking* que lhe acentuava na perfeição o cabelo louro e a pele bronzada. Parecia de Hollywood, alguém nascido para usar *smoking*. Sorriu-me, todo calor e afeição, e disse:

— Uau. Estás fantástica, Liz.

— Obrigada.

— Parem! — O meu pai entrou na sala com um meio-sorriso na cara, calções *cargo* e uma *T-shirt* a dizer GOT MILK?. — Tenho de tirar fotografias, meninos. A Helena tinha coisas para fazer — disse, de olhos postos em mim —, mas matava-me se eu não tirasse fotografias.

Mordi o interior da bochecha, com a culpa a revolver-me o estômago. É que, embora tenha sido sincera no que disse à Helena, sentia-me um lixo por a ter feito sentir-se mal.

— Claro. — O Michael dirigiu ao meu pai um sorriso encantador e disse: — Prazer em voltar a vê-lo, senhor Buxbaum.

— Igualmente, Michael. Como estão os teus pais? — Enquanto falava, o meu pai indicou-nos para posarmos à frente do piano. — Ouvi dizer que o teu pai agora é coronel.

— É, sim. — Dirigiu-se para o piano e olhou para a câmara. — Foi promovido oficialmente no ano passado.

— Agora temos de usar um título para ti? — O meu pai achava que tinha graça. — Tipo, coronel júnior Michael?

— Vá lá, pai, ele não é filho do homem do frango frito. — Revirei os olhos e o Michael riu-se. — Tira lá a fotografia.

O meu pai mandou-nos fazer uma pose superestranha, com o braço do Michael em redor da minha cintura, e eu calei-me e sorri para despachar aquilo. Felizmente, ele foi rápido e, depois de umas quatro fotografias, deixou-nos ir embora.

— Divirtam-se, miúdos.

— Peço desculpa — grunhi para o Michael enquanto caminhávamos para o carro. — É tão cromo como sempre foi.

— O teu pai sempre foi bestial — disse ele, sorrindo enquanto me abria a porta do passageiro.

— Sim... talvez.

Agarrei numa mão-cheia de vestido comprido e entrei, olhando pela janela enquanto ele fechava a porta e dava a volta até ao seu lado. Vi o meu pai no alpendre, a sorrir e a acenar sozinho, e ocorreu-me que ele poderia ter estado sempre assim se não tivesse conhecido a Helena.

Sozinho.

Era errado ela não estar ali.

— Então, achas bem o Sebastian's? — Ele saiu do carro e eu notei que o carro estava imaculado. Limpo, aspirado, sem uma partícula de poeira do ventilador; o interior estava perfeito. Algures, no centro do meu cérebro, desejava saber se o interior do carro do Wes estaria também assim. Isto é, ele tinha claramente lavado o exterior do *Bronco*. Terá sido para impressionar a Alex? — Liz?

— O quê? Hum? — Pestanejei e emergi da divagação. — Sim. O Sebastian's parece-me ótimo.

Quando chegámos ao restaurante, a chefe de sala levou-nos até uma mesa assombrosa com toalha e guardanapos brancos, uma jarra com lírios e velas brancas já acesas. Sentei-me numa das cadeiras e disse:

— Uau.

O Michael sentou-se à minha frente e abriu de imediato o guardanapo sobre o colo.

— Presumi que a Liz romântica queria flores antes do seu baile de finalistas.

— O quê? Espera? Foste tu que as compraste para mim?

Ele sorriu e suspirou.

— Era o mínimo que podia fazer. Apanhei-te desprevenida, à última hora,

com tudo isto.

Ergui-me da cadeira apenas o bastante para me inclinar e cheirar as belíssimas flores. Como pôde ele ser tão atencioso? Era um gesto tão perfeito.

— Sim, não posso negar que fiquei chocada com o teu convite.

— Depois do que disseste na sala de música, pensei: «Que se lixe.»

O que disse eu ao certo? Espremi em vão os miolos. Estava tão focada no Wes e na Alex que não prestei qualquer atenção ao Michael. *Mal pensado, Liz.*

— E a Laney?

Uma sombra perpassou-lhe o rosto e desapareceu rapidamente. Ele disse:

— Vai ao baile com os amigos.

— Ah. E tu estás na boa com isso?

— É o seguinte: eu não faço ideia do que ela quer, e não quero desperdiçar o baile de finalistas a tentar compreender. Prefiro...

Chegou o empregado, interrompendo-o com ementas, sugestões e ofertas de bebidas, e eu percebi que o Michael estava aliviado. Percebi claramente que ele queria a Laney, mas que estava demasiado receoso para avançar. Preferia fingir que eu era o seu par mágico, a segura Little Liz, mas talvez algo mais, a arriscar-se a avançar e ser rejeitado.

Aquilo devia ter-me feito sentir como lixo, mas, na verdade, não me fez sentir nada. Aliás, sentia em relação ao seu amor não ardente por mim o mesmo que sentiria em relação à opinião dele no grande conflito *ketchup* contra mostarda.

Suprema indiferença.

Cum caneco, não me importava.

Admiti-lo perante mim mesma fez-me sentir mais descontraída. É que, francamente — para quê forçar? O Michael não era o tal — e depois? E talvez eu não viesse a encontrar o tal. Isso também não importava, pois não? Porque estava a desperdiçar a minha vida a tentar viver à altura das expectativas ridículas que traçava para mim mesma?

Mudei de assunto e aponte para uma gravura *art déco* dos anos vinte que estava na parede, e quando a comia chegou já estávamos embrenhados numa conversa sobre *O Grande Gatsby*.

— Eu percebo o que dizes, Liz, a sério. Mas o único papel da Daisy na história é ser o sonho inatingível do Gatsby. Ela é o sinal verde. Portanto, não pode ser uma antagonista monstruosa.

Revirei os olhos e meti um pedaço de bife na boca.

— Errado. A luz verde é a recordação que ele tem dela. Lembra-te... «A sua contagem de objetos encantados diminuirá uma unidade.» Assim que ele reencontra pessoalmente, ela deixa de ser a luz verde.

Ele assentiu e espalhou manteiga no pão.

— Isso é verdade.

Eu disse:

— Em pessoa, a Daisy é uma antagonista monstruosa. Brinca com a afeição dele, engana o marido e deixa o Jay encobri-la quando ela vai ter com a amante do marido. Depois, quando ele é assassinado e fica para ali a boiar na piscina, ela vai-se

embora sem olhar para trás.

— Bem — disse ele, pegando no copo de água —, esses argumentos são válidos. Continuo a achar que a vilã não é ela, mas conseguiste fazê-la descer na minha consideração.

— A-hã! A vitória é minha. — Mergulhei o garfo na batata assada e cremosa e retirei um pedaço. — A este ritmo, vou conseguir virar centenas de leitores contra a Daisy Buchanan antes de morrer.

— Uma vida bem vivida, imagino.

Tínhamos acabado o jantar e a sobremesa surgiu — ele tomou a liberdade de pedir adiantadamente *cheesecake* para ambos. Quase desmaiei de gratidão.

Espetei o garfo no *cheesecake* e perguntei:

— Como sabias que adoro *cheesecake*?

Ele inclinou o rosto para a frente e disse:

— Não sabia. Pedi o que me apetecia a mim.

Eu sorri e senti o *cheesecake* deslizar contra o céu da boca.

— Bem, foste atencioso na mesma.

— Olá, malta — disse uma voz atrás de mim.

Eu peguei na minha água e dei um gole.

O Michael disse:

— Olá, Lane.

A água desceu pelo tubo errado e eu comecei a tossir. Um esguicho disparou-se-me da boca, mas recuperei rapidamente, apanhando-o em voo com o guardanapo. Ainda assim, demorei uns bons dez segundos a conter a tosse. Senti todos os olhos do restaurante postos em mim. O Michael perguntou:

— Estás bem?

Pestanejei para conter as lágrimas e expeli mais umas tossidelas teimosas antes de responder:

— Estou ó-ótima.

Mais uma tossidela.

Esbocei um sorriso, que se queria calmo, respirei fundo e tentei recompor-me.

— Detesto quando isso acontece. — O Michael tentou fazer-me sentir menos envergonhada, sorrindo e dizendo: — Juro, acontece-me, tipo, uma vez por mês.

— *Idem* — disse a Laney, contornando a mesa, como que a certificar-se de que eu via como ela estava bonita enquanto eu parecia uma fonte humana. — Beber é difícil, não é?

O Michael riu-se, ela sorriu-lhe e eu tive vontade de lhes cuspir água para cima. Não por me importar o facto de ambos serem adoravelmente perfeitos, mas por me fazerem sentir saudades do Wes. A Laney devia ter-se apercebido de que estava espedada a olhar para o meu par, porque disse:

— Oh. Bem, é melhor voltar para a minha mesa. Divirtam-se esta noite, malta.

— Tu também, Lane — resmoneei, fazendo um pequeno aceno com o garfo.

Sim, algumas atitudes eram muito difíceis de mudar.

Depois de ela se afastar, o Michael pareceu um pouco perdido por um segundo, mas recuperou e comeu um pedaço de *cheesecake*.

— Uau, está mesmo bom.

Assenti e esfaqueei o meu com o garfo, espalhando o recheio por todo o prato.

— Pois está. — Não sei o que me passou pela cabeça, mas perguntei: — Conhecia-la quando vivias cá da outra vez? A Laney?

A boca dele ergueu-se um pouco. Sorriu.

— Oh, sim. Era uma fedelha horrível naquele tempo, e fazia sempre queixa de mim no recreio quando eu não a deixava jogar connosco. Detestava aquela ranhosa.

OK, isto fez-me sorrir um pouco.

— Eu também a detestava.

— Sinceramente, esperava que ela fosse uma bruxa quando crescesse. — *Não era?* — Mas não foi o caso. Sabias que trabalha como voluntária todos os fins de semana no abrigo dos animais?

— Uau. — A sério? Embora sentisse uma empatia súbita pelo romance contrariado do Michael e da Laney, não queria propriamente ser informada em primeira mão de que a Laney Morgan era um ser humano melhor do que eu. — Hum, não, não sabia.

— E está a economizar para ir numa missão de voluntariado no verão.

Apeteceu-me virar a mesa e gritar qualquer coisa como: «Estás a gozar comigo, caralho?!».

Em vez disso, assenti e disse:

— Não fazia ideia.

— Mas falemos de ti, Liz. — Ele pousou o queixo na mão. — O Wes disse-me que eras «literalmente» a pessoa mais *cool* que ele já conheceu. Por isso, também mudaste muito. Quero dizer, da última vez que te vi antes de nos irmos embora, apareceste num churrasco do bairro, de quimono e batom vermelho-vivo. Comeste o teu cachorro com talheres. — Não consegui deixar de rir quando ele disse: — É uma mudança das grandes.

Aclarei a garganta e disse:

— O Wes estava a exagerar. Posso já não comer cachorros com garfo e faca, mas não mudei assim tanto.

— Não sejas modesta. — Sacou do telefone e começou a fazer *scroll*, claramente em busca de alguma coisa. Após trinta segundos, disse em surdina: — *Boom*. — E estendeu-me o telefone para me mostrar. — Vês?

Peguei no telefone e olhei para o ecrã. Era uma troca de mensagens entre o Michael e o Wes, datada da altura em que o Wes tinha aceitado ajudar-me.

Wes: Ela é gira, mas também é cool como tudo.

Michael: É? Achei-a sempre um bocado rígida.

Wes: A Liz é... diferente. É o tipo de miúda que usa vestido quando todas as outras usam calças de ganga. Ouve música em vez de ver televisão. Bebe café puro, tem uma tatuagem secreta, corre cinco quilómetros por dia faça chuva ou faça sol, e continua a praticar piano.

Michael: Tu pareces apanhado, lol.

Wes: Não importa. A que horas vais estar lá?

Senti comichão nos olhos e o coração gaguejou-me no peito. Revirei

exageradamente os olhos e devolvi-lhe o telefone.

— Isso não é real.

— O quê?

Suspirei, e ocorreu-me que era um bom momento para confessar. Se eu confessasse os meus pecados, talvez ele pudesse seguir o coração e encontrar a felicidade com a Laney. Porque haviam eles de sofrer só por eu ser uma barraca pegada? Olhei-o e disse:

— Ele estava a tentar ajudar-me. Pedi ao Wes que me elogiasse junto de ti, daí ele ter dito tudo isso. Estava a fazer-me um favor.

Ele franziu o sobrolho.

— Estás a falar a sério? — Como eu não queria que houvesse estranheza entre ele e o Wes, não lhe revelei a que ponto tinha sido tudo planeado; basicamente disse que o Wes só me tinha feito um pequeno favor. Ele soltou um risinho. — Então na verdade não mudaste assim tanto, pois não?

Isto fez-me rir.

— Infelizmente, não.

Depois contei-lhe que a minha farda de empregada de mesa era, na verdade, o meu vestido preferido, e que tinha inventado totalmente O Café. Ambos nos rimos até termos lágrimas nos olhos.

Pedi licença e fui à casa de banho enquanto ele tratava da conta; logo que a porta se fechou atrás de mim, foi uma luta para manter as lágrimas à distância.

É que... a mensagem do Wes. Sim, ele mandara-a para me ajudar, mas as coisas todas que tinha escrito? Queria tanto que ele me visse assim. Tinha feito o que eu lhe pedira e muito mais ao escrever aquele texto, e agora eu nunca seria a mesma.

— Oh. Olá, Liz.

A Laney saiu de um compartimento e começou a lavar as mãos.

— Olá, Laney.

Abri a torneira, embora não tivesse sequer usado a casa de banho, e comecei a lavar as mãos.

— Adoro o teu vestido. É deslumbrante.

Ela sorriu-me no espelho.

— Obrigada. Igualmente, só que mais — disse eu em surdina, indicando o seu vestido comprido cor-de-rosa.

— Estás bem?

Olhei-a de soslaio no espelho.

— Sim, porquê?

Ela encolheu os ombros e baixou o olhar para as mãos.

— Estás aqui com o Michael Young, ele ofereceu-te flores e *cheesecake*, e não consegue parar de olhar para ti, mas pareces triste. — *Não te metas, Lanesville.* — É por causa da tua mãe?

— O quê?!

As palavras dela chocaram-me tanto que parei de ensaboar as mãos. O único som na casa de banho era o da torneira, que continuava a correr.

— Oh. Peço desculpa. — O sorriso da Laney desvaneceu-se. — Não tenho

noção. Peço desculpa por ter falado. É só que penso sempre, quando te vejo, em como deve ser difícil não teres a tua mãe por perto, especialmente durante o ano de finalista, quando toda a gente partilha estes marcos com os seus pais. Lamento mesmo muito ter falado nisto.

Olhei para as minhas mãos ensaboadas, sem ter palavras. A Laney Morgan tinha visto algo que mais ninguém vira, e era estranhíssimo ser compreendida por ela.

— Não, tudo bem. Eu não sabia o que querias dizer.

Ela fechou a sua torneira e puxou uma toalha de papel.

— Mesmo assim. Por vezes não consigo deixar de ser inconveniente. Desculpa, a sério.

Ergui os olhos para o espelho enquanto enxaguava as mãos.

— Mas tens razão. É uma porcaria. Não é esse o meu problema neste momento, mas está sempre presente.

— Nem consigo imaginar. A minha mãe ainda fala muito em ti.

— O quê? — Fechei a torneira e endireitei-me. — A tua mãe lembra-se de mim?

A Laney assentiu.

— Ela costumava ir à escola para o almoço. Lembras-te de os pais fazerem isso às vezes na primária? — Assenti e peguei numa toalha, lembrando-me de como a mãe dela era sorridente quando ia à nossa sala. — Foi no ano em que a tua mãe morreu, e ela disse que tu tinhas os olhos maiores e mais tristes que já vira e que só queria levar-te com ela para casa. Pedia sempre uma dose extra de batatas fritas para o caso de tu queres, mas tu dizias sempre que não com a cabeça.

Pestanejei com força, mas não consegui evitar que uma lágrima se escapasse.

— Não me lembro disso, mas lembro-me de a tua mãe parecer perfeita.

— Oh, não, Liz, eu não queria fazer-te chorar! — A Laney pegou num lenço e deu-mo. — A tua maquilhagem está perfeita, vê lá se paras.

Aquilo fez-me sorrir. Limpei os olhos.

— Desculpa.

Ela inclinou-se para o espelho, verificou os dentes e depois endireitou-se.

— Se calhar é melhor eu voltar. E o Michael deve estar a perguntar onde se meteu o par dele.

Ao dizer aquilo, pestanejou devagar, com o mesmo desapontamento em câmara lenta do Michael. Eu inspirei pelo nariz e disse:

— Sabes que o Michael só me convidou como amiga, não sabes?

Como era praticamente verdade, não acrescentei aquilo à minha lista de mentiras que tinha crescido nos últimos tempos.

Juro por Deus que a Laney Morgan parecia nervosa e pouco à vontade.

— Nem pensar! Eu assisti ao pedido. Não pode ser verdade.

— Mas é. E o Michael disse-me que vocês tinham conversado, mas que achava que tu ainda não tinhas superado o teu *ex*. Provavelmente foi por isso que ele me convidou para o baile em vez de ti. — Ela parecia não saber como reagir, mas algo um pouco semelhante a esperança cintilou-lhe no olhar. Eu olhei para o espelho e

passsei uma mão pelo cabelo. — Se sentes alguma coisa por ele, vais ter de lhe dizer. Pelos vistos, ele é tímido de mais para avançar, pelo que nunca poderia ser protagonista de uma comédia romântica, já agora. Assim, se gostas do Mike, vais ter de ser corajosa.

A sua boca fechada desenhou um pequeno sorriso, e os olhos de princesa cintilaram-lhe.

— Sabes, tu até és porreira, Liz.

Eu era a antítese de porreira, mas gostei de ouvir aquilo.

— Quer dizer que gostas dele?

Ela assentiu e os olhos ficaram ainda maiores.

— Nem fazes ideia. Nunca senti nada assim por ninguém.

Revirei os olhos e deitei fora o lenço.

— Bem, então não te deixes ficar para trás.

Voltei para a mesa, onde o Michael parecia preparado para ir.

— Estás pronta?

Pousou o guardanapo no prato e olhou para mim, expectante.

— Vamos lá curtir o baile.

Ele riu-se e saímos. Enquanto nos dirigíamos para o centro de congressos onde se realizava o baile, eu só desejava poder ir para casa. Estava feliz por o Michael e a Laney estarem destinados a ter a sua noite mágica, mas, aparte isso, nada de bom podia acontecer no baile.

A Joss. O Wes. A Alex.

Nenhuma das pessoas de quem gostava — e que iam ao baile — queria ver-me.

— Já agora, acabei de ler aquele livro.

— Qual livro?

Olhei pela janela ao passarmos pelo McDonald's.

Ele aclarou a garganta e, quando virei a cabeça, lançou-me um olhar.

— Aquele livro.

Aquilo fez-me sorrir.

— Claro. Como se fosse forragem. «Aquele» livro.

O Michael começou a falar do *Bridgerton* e eu esqueci-me do resto do mundo enquanto ele divagava em tom poético sobre o ótimo cenário que era um navio pirata. Ambos discutimos o assunto mesmo até ao momento em que ele desligou o carro no parque de estacionamento.

— Calculo que seja melhor entrarmos.

Olhei para o centro de congressos através do para-brisas e senti-me nervosa pela primeira vez desde que fiquei à espera que o Michael me fosse buscar.

— É assim que funcionam estas coisas. — Ele retirou as chaves e perguntou: — Vamos a isto?

Eu passei *gloss* nos lábios e abri a porta.

— Vamos a isto.

Quando entrámos, o Michael entregou os nossos bilhetes ao segurança, e o homem, corpulento e careca, fixou-me com um olhar entediado.

— Mala?

Abanei a cabeça e apontei para a frente do vestido.

— Bolsos.

Ele arqueou as sobancelhas.

— Boa. Tenham uma boa noite, miúdos.

— Igualmente.

Dirigimo-nos ao Salão de Baile C e, no segundo em que transpusemos as portas, foi como entrar noutro mundo. Não, não era mágico. Era um mundo de copo-d'água, com cores vivas e demasiado ruidoso. O tema era a *Mardi Gras*, o que basicamente queria dizer que tudo era em tons elétricos de roxo, amarelo ou verde.

— Ei, lá está o Wesley. Ao pé do bebé gigante.

Segui o olhar do Michael e, sim, havia um bebé gigante de *papier-mâché* sentado em cima de um bolo de *papier-mâché* ainda maior. Os meus olhos percorreram a multidão em busca da Joss, mas não a vi em lado algum. O meu estômago adejou um pouco enquanto o Michael me guiava até ao Wes.

Para, Liz.

Respirei fundo, enfiei as mãos nos meus belos bolsos e atravessei a sala, concentrando-me em não tropeçar nos saltos. «We Are Young», dos fun., soava aos berros, e parecia que sempre assim tinha sido — como se a banda estivesse a tentar convencer-nos de alguma coisa.

— Mas que bebé enorme — disse eu, a sorrir, à medida que nos aproximávamos.

— Não é? Que estranho.

O Michael ergueu o olhar para o bebé, a sorrir, e eu estava a olhar para ele quando uma voz gritou:

— Senhora Cabeça-de-Batata!

Olhei para lá do bebé e ali estava o Adam. Eu gostava mesmo dos amigos do Wes. Disse:

— Olá.

— Não lhe chames mais isso; a cara dela já voltou ao normal.

Revirei os olhos para o Noah, que estava atrás dele.

— Caramba, obrigada.

— Eu podia ter dito «quase voltou ao normal»; devias agradecer-me.

Aquilo fez-me sorrir.

— E agradeço. Obrigada pela tua gentileza.

— Não tens de quê.

— Uma gravata dos Louisville? — Rolei os olhos perante a sua ridícula gravata desportiva, coberta de cardeais e grandes «L» de mau gosto, e disse: — É, hum... pouco convencional.

— Mas *impec*, não? — Passou uma mão pela gravata e disse: — *Cardinal-chic*.

— Essa gravata é horrível — disse a Laney. Tinha acabado de vir da pista de dança com a Ashley. — Parece que perdeste uma aposta ou coisa assim.

— A Liz gosta.

— Não, não gosta — disse o Adam, e olhou-me com uma expressão interrogativa. — Pois não? — Eu sorri e encolhi os ombros, enquanto «New Year's

Day», da Taylor Swift começava a soar. — Vês? É demasiado simpática para te dizer que a detesta.

— Ou então é demasiado simpática para te dizer que a adora e que tu não tens sensibilidade para a moda.

— Está ali o Bennett — gritou o Noah por cima da música, e apontou para a pista de dança. — Com a Alex.

Olhei para onde apontava o seu dedo e o estômago afundou-se-me quando os vi. Estavam a dançar, o Wes de braços em redor da cintura da Alex, enquanto os dela lhe enlaçavam o pescoço. Ela envergava um vestido vermelho que a destacava da multidão, e não me ocorria pensar em nada senão em elogios. *Uma beleza*. Ele estava inclinado para baixo para poder ouvir o que quer que ela estava a dizer, e ambos sorriam.

Senti-me maldisposta.

Ele sempre fora tão impossivelmente bonito? E sempre sorria com tanta ternura? Eu sentia o seu carinho por ela do outro lado da sala — bastava-me olhar para a sua bela boca.

A boca que estivera na minha boca.

Quando eu o ataquei. Uf!

Respirei fundo.

Tinha mesmo ficado caída por ele, não tinha? Olhei para eles, o casal de filme, enquanto a Taylor Swift me fazia doer a alma.

Please don't ever become a stranger

Whose laugh I could recognize anywhere...

— Queres dançar?

O Michael baixou o olhar para mim e eu percebi que ele provavelmente interpretara mal o meu olhar lânguido como o desejo de uma rapariga apagada.

— Hum, ainda não — disse eu, pondo um sorriso nos lábios, embora tivesse as faces quentes e me sentisse subitamente doente. — A menos que tu queiras.

— Ná, nem por isso. — Abanou a cabeça num gesto de puro alívio. — Queres beber alguma coisa?

Tudo o que eu queria era que ele parasse de tentar fazer de nós um casal. Ambos sabíamos que não o éramos, mas o Michael parecia empenhado em cumprir todos os gestos românticos. Eu começara a noite a sentir-me culpada pela mesma coisa, mas tinha-me apercebido rapidamente de que não podia forçar os acontecimentos.

Devia ter dito uma palavra qualquer quando vimos a Laney no restaurante, porque, se os últimos tempos me tinham ensinado alguma coisa, era que a honestidade era a melhor opção.

Assim, disse:

— Adorava uma cola *diet*, mas não vás ao bar antes de encontrares a Laney e falares com ela.

Os seus olhos estreitaram-se.

— Desculpa?

Falou com um sorriso e com uma dose extra de Texas, e mesmo assim não me

afetou nada. Estava totalmente recuperada, cheia de anticorpos do Michael, e olhei para o rosto dele, que fizera parte de tantas memórias da infância, e disse:

— Ela não está caída pelo *ex*; está caída por ti. Vai procurá-la.

Ele olhou-me durante um segundo, com ar de quem não fazia ideia do que dizer.

Eu sorri e assenti, só para mostrar que não me importava.

— De certeza?

Ele parecia preocupado, e olhava-me exatamente como olhara tantas vezes, quando eu chorava dramaticamente por causa de desavenças no bairro; isso fez-me doer um pouco o coração. Estava a abdicar dele, do sonho dele, e a Little Liz nunca se permitira imaginar que tal alguma vez acontecesse.

— Sim, de certeza. — Ri-me e aponte para a massa de estudantes aperaltados. — Agora vai procurá-la!

— Anda cá. — Puxou-me para um abraço, e foi estranho eu sentir-me tão emocionada. Murmurou para o alto da minha cabeça: — Obrigado, Lizzie.

Eu rolei os olhos e empurrei-lhe os ombros.

— Vais-te embora, se fazes favor?

Ele fez-me continência, sorrindo, o que devia ser tolinho, mas tinha o seu quê de adorável.

— Cá vou eu!

Vi-o partir em busca do seu final feliz, e a seguir retirei o meu telefone do bolso. Nenhuma mensagem. Desliguei-o e voltei a guardá-lo, deixando as mãos a descansar nos bolsos. Olhei para o Bebé Gigante, para a falta de detalhe na sua cara de *papier-mâché*, e tentei contar quantas mancheias de papel tinham sido precisas para criar aquela coisa. Porque precisava de olhar para alguma coisa — qualquer coisa — que não fosse o Wes.

Olhei para aquele bebé por uns bons cinco segundos antes de o meu olhar regressar à pista de dança.

E, oh, santo Deus — o Wes estava a olhar para mim.

Estava a dançar com a Alex, mas os nossos olhos encontraram-se acima da cabeça dela. O coração bateu-me forte no peito. Parei de respirar quando aqueles olhos negros mergulharam até ao meu vestido e depois subiram ao cabelo, pousando por fim de novo no meu rosto.

Arqueei uma sobrancelha como que a dizer «e então?».

A intenção era brincar, uma tentativa diluída de recapturar os nossos diálogos divertidos, mas só consegui que o seu rosto se contraísse. Ele franziu a cara e deslocou-se um pouco com a Alex, deixando de me encarar.

— Eu já volto — grunhi, embora ninguém me estivesse a ouvir.

Saí pela porta do fundo do salão de baile. Não sabia para onde ia no enorme centro de congressos, mas precisava de fugir dali. Não suportava nem mais um minuto de baile, e sobretudo não suportava que o Wes olhasse para mim como se me odiasse. Vagueei até ao final do longo corredor e depois vi uma escadaria, o lugar perfeito para me esconder durante algum tempo. Olhei por cima do ombro, para me certificar de que ninguém me estava a ver, puxei uma das pesadas portas de metal e

esgueirei-me para dentro.

— Oh, meu Deus!

— Oh! — Pus a mão no peito e olhei para a Jocelyn, que estava sozinha, sentada nos degraus, com os sapatos de salto alto cor de laranja no chão, à frente dela. Era quase como se ela tivesse de ser uma alucinação, porque como era possível termos ido ambas esconder-nos na mesma escadaria? — Bolas. Desculpa. Pregaste-me um susto valente.

— *Idem*. — Ela inclinou a cabeça, parecendo aborrecida por me ver. — O Charlie mandou-te à minha procura?

— Não. — Eu ouvira dizer que, quando a Kate tinha arranjado um par, a Cassidy e a Joss decidiram fazer o mesmo para não irem só as duas, mas ainda não conseguia acreditar que a Joss aceitara ir com o Charlie Hawk. — Não o vi. — Detestava o facto de não fazer ideia do que dizer à minha melhor amiga. Sentia a sua falta e queria muito poder recuar no tempo e não lhe ter escondido coisas. — Só vim esconder-me.

— Problemas no paraíso?

Ela olhou-me como se não gostasse de mim. De todo.

— Ná, estou só aborrecida. — Sabia que provavelmente não devia admitir a minha tolice perante alguém que já me achava tola, mas não consegui impedir-me. — Na verdade, não gosto-de-gostar do Michael. E ele e a Laney curtem-se imenso, só que são péssimos comunicadores.

Ela estudou as unhas e disse:

— Não me digas.

— Sim. — Aclarei a garganta e recostei o rabo na porta. — Além disso, na verdade gosto-de-gostar do Wes, mas ele, na verdade, agora gosta-de-gostar da Alex. Portanto...

— Hum...

— E... — disse eu, a engolir em seco. — E estou muito arrependida. Sinto a tua falta.

A Joss tossiu um risinho, mas não sorriu.

— Achas que o facto de tudo te ter rebentado na cara me vai levar a perdoar-te?

— Claro que não. — Enterrei mais as mãos nos bolsos do vestido e a minha cara encheu-se de gotas de suor perante a compreensão de que o meu lugar seguro estava prestes a tornar-se palco de um confronto. — Mas pelo menos podes tirar algum consolo do facto de eu estar a sofrer.

— Eu não quero que sofras.

— Ouve. — Suspirei. Tinha tantas saudades dela. — Sei que não queres ouvir isto, mas estou muito arrependida de te ter mentido. Sabia que ias censurar-me por tentar conquistar o Michael e, em vez de pensar bem, escondi isso de ti para não te encerrar.

Ela rodeou os joelhos com os braços.

— Uma jogada muito covarde.

— Nem mais. E também não devia ter-te deixado pensar que gostava do Wes.

Quero dizer, isso acabou por se tornar verdade, mas foi bastante desprezível.

— Pois foi.

— Foi. — Inspirei e disse: — Agora vou voltar, para poderes...

— Senta-te. — Ela apontou com a cabeça para o degrau ao seu lado e disse: — Eu também sinto a tua falta. Estou quase a perdoar-te por toda a catástrofe do baile de finalistas. Mas... — Sentei-me e esperei. — Ultimamente tenho sentido que algo não está bem connosco. Parece que ando constantemente atrás de ti. — O lindo rosto da Joss estava triste e eu detestava ser a culpada disso. Ela prosseguiu: — É o nosso ano de finalistas. Imaginei-nos, tipo, a fazer tudo juntas e a aproveitar ao máximo cada segundo que temos, porque daqui a uns meses vamos morar em sítios diferentes. — Ergueu os braços e retirou os ganchos do penteado puxado para cima. — Receção aos antigos alunos, baile de finalistas, fotografias, partidas... Achava que faríamos tudo isso de um modo épico. Mas deixavas-me sempre pendurada nos grandes acontecimentos.

— Eu sei. — Nunca tinha pensado naquilo do ponto de vista dela. — Desculpa.

— Estás presente para tudo o resto, para cada coisinha que não interessa. Mas, tipo... vais sequer aparecer na entrega dos diplomas? Vou ter de subir ao palco sozinha? Não percebo qual é a tua cena.

— É complicado. — Aquelas duas palavras pareciam explicar tudo sobre mim. Engoli em seco e tentei fazê-la compreender. — Eu sei que não éramos amigas quando a minha mãe morreu, mas foi horrível. Tipo, claro que perder o pai ou a mãe é horrível, mas foi mesmo horrível. Tudo me parecia solitário e triste: toda e qualquer coisa. Podiam ter-me dado gelados no Disney World com o Tom Hanks a oferecer passeios de pónei, que eu teria chorado na mesma todas as noites por ela não estar ali. — Descalcei os sapatos, encostei a cabeça à parede de cimento e fechei os olhos. — Mas, com o tempo, começou a melhorar. Não era assim tão horrível. Fiquei a saber que, se conseguisse chegar ao fim do dia sem chorar, podia ir para casa e ver os filmes dela, o que fazia sempre com que ela parecesse estar próxima.

— Lamento, Liz.

Ela encostou a cabeça no meu ombro e envolveu com os braços o meu bíceps direito.

— Tudo se tornou normal e pacífico, mas ultimamente tem sido... diferente.

— Diferente como?

Abri os olhos e fixei o autocolante ABRIR A PORTA DEVAGAR na saída das escadas.

— Sou finalista. Tudo tem o rótulo de «última vez» e tudo envolve secretamente a família. Último baile de receção aos antigos alunos: «Pais, reúnam-se para as fotografias com os vossos bebés.» Visitas a universidades: «Oh, meu Deus, a minha mãe envergonhou-me tanto quando visitámos a residência.» São coisas minhas, mas cada um dos marcos parece vazio sem ela, portanto nem sequer me apetece passar por eles.

Ela ergueu a cabeça e olhou para mim.

— Comprar o vestido?

Eu expirei, trémula.

— Bingo.

— Porque é que não me disseste? — Parecia genuinamente magoada. — Sei que posso ter juízos precipitados, mas sou a tua melhor amiga. Podes dizer-me seja o que for.

— Peço desculpa.

— Preciso que me ouças. Sabes isso, não sabes? Que podes sempre falar comigo?

Assenti e encostei-me a ela, com um suspiro. Contei-lhe tudo. Como me sentia quando me parecia que ela estava a desvalorizar a ausência da minha mãe, o que o Wes disse sobre a minha mãe, e como vivi a minha vida como se estivesse num dos seus guiões.

Disse:

— Detesto dizer isto, mas acho que ele é capaz de ter razão.

— Achas? — Ela abanou a cabeça e disse: — O Bennett lê-te na perfeição.

— Não é? — Limpei as faces e perguntei para comigo quando me tinha tornado tão chorona. — Desculpa por ter sido tão parva.

— Bem, eu também peço desculpa por ter sido tão parva, e vamos avançar. — Recostou-se no degrau e perguntou: — Então o que se passa no salão de baile?

Eu queria abraçá-la e festejar, mas também aceitava que avançássemos.

— Ouvi há bocado a Jessica Roberts a descrever os teus sapatos.

— Não me choca. São incrivelmente *sexy*.

Desci mais um degrau e virei-me de lado para poder encostar-me à parede.

— E estás a divertir-te?

Ela franziu os lábios.

— Estou sentada numa escadaria deserta. Por escolha. Faz as contas.

— Desculpa por te ter abandonado.

— Não há crise. Isto vai dar uma boa memória. Quero dizer, a minha imaginação nunca conseguiria ser criativa a ponto de considerar uma situação em que eu fosse ao Chili's num vestido de baile com um tipo a usar um *smoking* de ganga.

Eu ri-me. Todos gostavam do Charlie por ser ótimo no futebol americano, mas ele era muito fora. No ano anterior, tinha ido todos os dias de fato para a escola, achando que lhe dava um aspeto sofisticado.

— Ele levou-te ao Chili's?

— Com um *smoking* feito de ganga, Liz. Não ouviste o mais importante.

— Estaria a ser irónico?

— Miúda, ele comprou-o na Amazon porque o modelo que o usava parecia *cool*. — Sorriu e abanou a cabeça. — O Charlie desconhece a palavra «irónico».

Mordi o lábio inferior para não desatar a rir-me.

— Pelo menos é simpático.

A Joss olhou-me de lado e disse:

— Tentou apalpar-me o rabo, com as duas mãos, da primeira vez que dançámos.

— E está bem? Ou enfiaste o corpo dele numa arrecadação de limpeza?

— Por favor; eu ia mesmo para a cadeia por causa de um tipo num fato *Levi's*.

— Encolheu ligeiramente os ombros e disse: — Mas vou largá-lo aqui. Vim a conduzir, porque ele não tem carta, e o meu objetivo é ficar desaparecida até ser tarde de mais para ele arranjar outra boleia. O idiota que ligue à mãe para o vir buscar.

Aí perdemos as estribeiras. Rimo-nos tanto que estávamos as duas a chorar quando as portas da escadaria se abriram de rompante. Soltámos ambas uma exclamação ao ver o Noah, amigo do Wes, a entrar no nosso espaço.

Ele parecia tão confuso com a nossa presença como nós com a dele. Eu perguntei:

— Noah?

E ao mesmo tempo ele disse:

— Bolas, vocês assustaram-me.

A Jocelyn recostou-se nos cotovelos, indicou o degrau abaixo do nosso e perguntou:

— O que é que estás a fazer aqui? Pensava que a malta *cool* ainda estava no salão de baile.

Ele sentou-se e disse:

— Já não aguentava mais. O baile de finalistas é doloroso. Ou ficamos de pé com os amigos e falamos, metidos em *smokings* desconfortáveis, ou dançamos músicas merdosas enquanto os amigos falam de nós, armados em engraçados. Esta noite implica tanto planeamento, tanto dinheiro, mas a alegria que se obtém não iguala o esforço. Nem lá perto.

Seria esquisito eu ainda pensar que a alegria podia igualar o esforço? Embora não tivesse funcionado para mim, o meu coração ainda via a magia do baile de finalistas como uma coisa cintilante. Talvez fosse apenas o meu otimismo piroso a baralhar-me as ideias.

— Então porque é que vieste? — A Jocelyn tinha um sorriso escarninho, mas parecia interessada na resposta dele. — Concorro inteiramente, já agora, mas porque vieste se pensavas assim?

— Pela mesma razão que tu.

— E a razão é?...

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não sabes porque estás aqui?

Ela rolou os olhos.

— Eu sei porque estou aqui, mas tu não sabes. É impossível termos a mesma razão.

Eu cruzei os braços e fiquei a olhar para eles. Pelo pouco que conhecia do Noah, ele era o rei da argumentação; parecia tirar prazer do processo de debate. A Joss, por seu lado, não tinha paciência para pessoas que discutissem com ela.

A maioria não o fazia porque já o sabia.

Ele perguntou:

— Tens a certeza? — Ela lançou-lhe um olhar. Ele disse, com um sorriso

ufano: — Pensei que tínhamos vindo os dois para ver como era um palhaço de *smoking* de ganga.

Aquilo fê-la rir-se.

— Também vieste por causa do Charlie?

— Oh, sim. — O rosto dele voltou ao seu estado sarcástico habitual quando ele sorriu e disse: — Aquele fato azul destaca-lhe muito os olhos.

— Onde teria ele a cabeça?

A Jocelyn recomeçou a rir-se e o sorriso do Noah passou de escarninho a genuíno.

Pareceu-me que devia escapulir-me, mas sabia que ia destruir o momento. Além do mais, não estava preparada para me afastar da Joss.

Ele estendeu as pernas e também se recostou sobre os cotovelos, numa versão masculina da pose da Jocelyn.

— O tipo tinha a cabeça no ego. Sabia que ficava bem de ganga, tanto que quis envolver-se da cabeça aos pés num tecido áspero, rígido e nada elástico, que salienta o seu rabo espantoso.

— Oh, meu Deus — disse a Jocelyn. — Tens de te calar. Tens mesmo.

Passámos a hora seguinte nas escadas, só a conversar. Teria sido agradável, se o meu cérebro não estivesse tão empenhado em lembrar-me do Wes e da Alex. Eu tinha-o largado antes de compreender verdadeiramente que o queria, e agora a Alex estava a fazê-lo esquecer-se de que alguma vez me tinha beijado.

Depois de chorarmos a rir com a Jocelyn a imitar o professor de Educação Física, decidimos que estávamos fartos do baile. Mandámos mensagens aos nossos acompanhantes com desculpas e o Michael pareceu reagir bem. Mandou mesmo uma mensagem a dizer «obrigado, já agora», o que me deu esperanças de que ele e a Laney seriam oficialmente um casal antes da manhã seguinte.

Estava a contar os minutos até estar quentinha na cama, a pensar nos meus erros enquanto o *Fitz* me atacava os pés sob o cobertor. Quando nos aproximávamos da minha casa, porém, a Jocelyn e o Noah resolveram ir a um pós-baile no ginásio da escola. Tinham pensado faltar, mas, agora que o Noah estava convencido de que podia fazer mais lançamentos livres do que a Jocelyn, a minha melhor amiga, ultracompetitiva, tinha mesmo de ir.

E ia vencê-lo de certeza.

— Não queres mesmo vir? — A Jocelyn entrou no meu carro e pôs o carro em ponto-morto. — Prometo que vai ser giro.

— Não, obrigada. — Saí e fechei a porta; depois contornei o carro até à janela dela e dei-lhe um meio abraço. — Mas liga-me quando chegares a casa. Seja a que horas for.

— O Bennett não vai estar lá. — O Noah lançou-me um olhar de pena e disse: — Ele disse-me esta manhã que o pós-baile é uma perda de tempo e que precisa de um bom fim de semana de sono antes do jogo de segunda-feira. Por isso, vem para casa à meia-noite, como uma avozinha.

Apreciei aquela tentativa de me animar. Era bastante querida. Disse:

— Tenho um encontro com um filme e gelado. Não há nada melhor, mas

obrigada.

— Deixa-me adivinhar. — A Jocelyn rolou os olhos. — *Bridget Jones?*

Encolhi os ombros.

— Acho que esta noite estou mais numa de Joe Fox e Kathleen Kelly, mas qualquer deles serve.

Eles despediram-se e o carro afastou-se, mas, em vez de ir para dentro, sentei-me no baloiço do alpendre e contemplei a casa do Wes. A luz da sala estava acesa, lembrando-me das nossas conversas tardias pelo telefone e de eu o procurar pela janela.

Tinha tantas saudades dele.

Tinha passado quase toda a vida a desejar que ele não estivesse ali, a irritar-me com a sua «Wessice»; agora, porém, tudo me parecia vazio quando ele estava ausente. Levei a mão ao bolso e retirei o telefone. Fui para as nossas mensagens e escrevi «olá, rapaz», mas apaguei rapidamente, porque — claro — o Wes ainda não estava em casa. As pessoas normais ficavam até ao fim do baile. As pessoas normais não estavam em casa às — consultei o relógio do telefone — nove e meia.

Naquele momento, o Wes Bennett estava provavelmente a ser coroado o rei do baile. Devia estar prestes a dançar com a sua bela acompanhante e, depois de a olhar nos olhos, esqueceria as responsabilidades do basebol e arrebatá-la-ia para uma noite fantástica de fogo de artifício e beijos que a derreteria.

Mesmo fechando os olhos com força, conseguia visualizá-los a beijarem-se.

— Que se lixe.

Abri os olhos, pus-me de pé e tirei a chave do bolso.

Estava na hora de ir para dentro e arrancar os olhos.

CAPÍTULO DEZASSEIS

«Quando percebemos que queremos passar o resto da vida com alguém, queremos que o resto da vida comece o mais depressa possível.»

Um Amor Inevitável

Deitei-me no sofá como uma trouxa, ainda com o vestido do baile mas embrulhada numa manta. Tinha-me deixado tombar no sofá ao entrar em casa, e estava abstraída a ver *Você Tem Uma Mensagem* às escuras, tentando não pensar no que se estava a passar entre o Wes e a Alex.

A Kathleen Kelly estava a falar sobre «River», da Joni Mitchell, e eu sentia cada nota melancólica daquela obra-prima.

I'm selfish and I'm sad

Now I've gone and lost the best baby

— Liz? — A Helena parou à entrada da sala, vinda da cozinha, quando me viu e levou a mão ao peito. — Caramba, pregaste-me um cagaço.

— Desculpa.

Com uma embalagem de *Pringles* debaixo do braço, puxou o cabelo para trás das orelhas.

— Tudo bem. Porque estás sentada às escuras?

Encolhi os ombros.

— Tive preguiça de acender a luz.

— Compreendo. — Aclarou a garganta e meteu as mãos no bolso dianteiro do *hoodie*, onde vi duas latas de refrigerante. — E o baile?

Agitei uma mão.

— Foi bom.

Ela parecia ter vontade de fazer perguntas, mas depois disse:

— Está bem, então. Deixo-te com o teu filme. Boa noite.

Eu normalmente sentia-me defensiva quando a Helena fazia perguntas sobre coisas da minha vida, mas o facto de ela não perguntar deixou um vazio. Tinha vergonha pelo modo como agira no cemitério e, sendo sincera comigo própria, hoje tinha sentido a falta dela.

Não o merecia, mas queria que ela ficasse acordada comigo. Tinha algum

receio de lhe pedir, receio de uma rejeição que merecia inteiramente, mas, quando ela já ia quase nas escadas, deixei escapar:

— Queres ver o filme comigo?

Ouvi os seus passos pararem antes de ela regressar à sala.

— Oh, meu Deus, sim. Adoro este filme. Deus seja louvado pelos salvadores que são a Meg Ryan e o Tom Hanks.

— Pensava que detestavas comédias românticas.

— Detesto filmes lamechas e pouco realistas. Mas ramalhetes de lápis recém-aparados? — Sentou-se ao meu lado, de pernas cruzadas sob o corpo, e tirou a tampa das *Pringles*. — Acalma-te, coração meu. — Vimos mais uns minutos e ela disse: — Então... o baile.

— Ah, o baile. — Estendi os pés para a mesa de centro e tirei uma batata. — O baile foi ver o meu maior erro bem vestido e a desfilar à minha frente com outra pessoa.

— Em língua de gente, por favor. Não percebo o que tem essa lengalenga que ver com o belo senhor Michael.

Eu suspirei.

— Não tem nada. É... Não sei, esquece. Não quero pensar mais nisto.

— Certo. — Ela mordeu uma batata e disse, a apontar para a TV: — Este triângulo amoroso é o melhor.

— Hum... É mais um quadrado amoroso, se é que tem sequer forma. — Mastiguei uma *Pringle* e disse: — São um grupo de quatro que se desfaz sozinho. Nenhum deles tem de escolher entre os outros.

— Não estou a falar dos dois casais. — A Helena tirou os refrigerantes do bolso, deu-me um e abriu o dela. Bebeu um gole da lata e disse: — Estou a falar da Kathleen, de quem ela pensa que o NY152 é *online*, e do Joe Fox.

— Espera... O quê?

— Pensa bem. Ela acha encantadora uma pessoa *online*. Gosta do facto de ele saber o que é «ir para a guerra». Inveja a capacidade que ele tem de arrasar verbalmente. — Inclinou-se para a frente e pousou a lata na mesa. — A ideia deste homem é linda, mas, na prática, ela acha que o arraso verbal do Joe Fox é maldoso e, quando ele vai para a guerra e a derrota, ela odeia-o.

Eu pestanejei e abri a minha lata.

— Caramba. Tens razão.

— Eu sei. — Ela sorriu e fez um arremedo de vénia. — Às vezes, enredamos tanto na nossa ideia do que pensamos que queremos que não vemos as maravilhas do que poderíamos, de facto, ter.

Ela estava a falar do filme, mas eu senti-me vista. O Wes teve razão numa coisa quando falávamos das minhas questões com a minha mãe. Não era intencional, mas eu de facto andei a viver a minha vida como se fosse uma personagem dela, como se tentasse desempenhar os papéis que achava que ela tinha escrito para mim.

Tinha-o afastado, preferindo «o bom da fita», quando no mundo real não havia apenas pessoas sólidas e confiáveis e malandros com intenções duvidosas. Existiam os Weses, tipos que partiam o molde e faziam em estilhaços ambos os

estereótipos.

Ele era muito mais do que um Mark Darcy ou um Daniel Cleaver.

E depois havia Helenas — mulheres inteligentes e irreverentes que não faziam ideia de como tocar piano ou cuidar de um roseiral, mas que estavam sempre lá, à espera de que nos apercebêsemos de que precisávamos delas.

— Quero dizer — disse a Helena —, ela quase deixou escapar cento e cinquenta e duas marcas de bexigas. Já imaginaste?

— Helena. — Pestanejei com força, mas foi impossível conter as lágrimas. — Peço muita desculpa pelo que te disse. Por tudo. Não quero perder o que poderíamos ter. Não fui sincera quando te disse que não te metesses.

— Oh. — Os olhos da Helena arregalaram-se um pouco, e ela inclinou a cabeça. — Está tudo bem.

— Não está.

Ela deu-me um abraço e fungou.

— Acredita que não quero tomar o lugar da tua mãe. Só quero estar aqui para ti.

Fechei os olhos e senti algo quando a deixei abraçar-me.

Senti-me amada.

E percebi naquele momento que a minha mãe queria isto. Muito. Ela queria — acima de tudo — que eu fosse amada. Disse:

— Eu quero o mesmo, Helena.

Estávamos ambas a fungar, o que nos fez rir. O momento passou e regressámos aos nossos lugares, lado a lado no sofá. Enquanto a Helena devorava batatas e enchia de migalhas o *hoodie* manchado, decidi que me agradava que ela fosse tão diferente da minha mãe. Era bom o facto de as linhas entre elas nunca se poderem esbater.

Aclarei a garganta.

— Achas que agora posso chamar-te madrastra?

— Desde que não crescentes «má».

— Por que outra razão queria fazê-lo? Tens de admitir que é um título poderoso.

— Calculo que seja. E eu gosto de poder.

— Vês? Eu sabia. — Olhei para a porta envidraçada junto da cozinha e os meus pensamentos foram para a Área Secreta. Virei-me para a Helena no sofá e disse: — O baile. Basicamente, o resumo é que fui com o tipo errado.

— Trazes-me o refrigerante? — Ouvi o meu pai a correr escada abaixo; ele entrou na sala, com calças de pijama dos Peanuts e uma *T-shirt*, a sorrir. Depois mostrou-se preocupado e disse: — Olá, querida. Não sabia que já estavas em casa.

— Sim, cheguei agora.

A Helena apontou para o meu pai e lançou-me um olhar antes de lhe dizer:

— Chiu. Ela ia agora contar-me do baile.

— Finjam que não estou aqui. — O meu pai instalou-se no pequeno espaço entre a Helena e o braço do sofá e bebeu um gole da lata dela.

Eu rolei os olhos e contei-lhes da Laney, e de como percebi que não tinha interesse no tipo que pensei ter-me sido enviado pelo destino. Depois tive de lhes

dizer como tinha sido estúpida com o Wes depois do nosso beijo (mas disse «saída», para o meu pai não se passar), só para eles perceberem até que ponto eu estragara tudo. Visualizei a cara do Wes no baile, o olhar dele, e disse: — Agora é tarde de mais. Ele está com uma miúda que o adora e que não o trata como lixo. Porque queria afastar-se disso?

Eles ouviram tudo antes de o meu pai me sorrir como se eu fosse incrivelmente burra.

— Porque tu és tu, Liz.

— Não sei o que...

— Ah, não sabes, pois não? — A Helena sacudiu a parte da frente da camisola e disse: — Aquele rapaz gosta de ti desde que vocês eram miúdos.

— Não gosta nada. — As palavras dela produziram-me um zumbido esperançoso nos ouvidos e nas pontas dos dedos, embora eu soubesse que ela estava enganada. — Gosta é de se meter comigo desde que éramos miúdos.

— Oh, estás muito enganada. Diz-lhe, querido. — A Helena deu uma cotovelada ao meu pai. — Conta-lhe do piano.

O meu pai rodeou a Helena com o braço e pousou os pés na mesa de centro.

— Nunca reparaste, Liz, que o Wes costumava sentar-se no alpendre das traseiras a ouvir-te praticar piano? Nós fingíamos que não o víamos, mas ele estava sempre lá. E isto quando ele era um diabrete e tu eras péssima no piano.

— Não pode ser. — Tentei lembrar-me da idade que tínhamos quando o piano estava na sala de trás. — A sério?

— A sério. E achas mesmo que lhe importava aquele lugar de estacionamento que vocês andam a disputar há um ano?

— Importava, de certeza. E ainda importa. Foi o que o fez aceitar ajudar-me.

Pensei no dia chuvoso na sala dele, quando lhe sugeri o plano. Pareceu-me um estranho naquele dia, quando lhe implorei que me deixasse entrar. Bolachas e leite, os rodopios do Wes — parecia ter sido noutra vida.

— Liz. — O sorriso da Helena era obscenamente grande. — A mãe dele deixa-o estacionar atrás do carro dela. O Wes parava sempre no carroiro deles, mas depois, do nada, na altura em que compraste o teu carro, começou a estacionar na rua.

Fiquei de boca aberta.

— O que é que estás a dizer?

Ela deu-me uma palmadinha no braço e disse:

— Não estou a dizer senão que ele queria o lugar porque queria uma razão para falar contigo. Faz o que quiseres com a informação.

Seria possível? Por um lado, era impossível de acreditar, porque ele estava noutro nível. Era popular, atlético e ridiculamente giro. Devia acreditar que o Wes gostava de mim ainda antes de eu me aperceber de quem ele era realmente? Que gostava de mim há, tipo, mesmo muito tempo? Enterrei as mãos no cabelo e puxei um pouco.

— Não faço ideia do que fazer.

Depois disto, o meu pai foi para cima, mas a Helena e eu vimos o resto do filme antes de irmos para a cama. Tinha acabado de fechar a porta quando a Helena

bateu.

— Liz?

Abri.

— Sim?

Ela sorria-me no corredor escuro.

— Arranja coragem e atira-te de cabeça, *OK?*

— O que quer isso dizer?

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Se vais fazê-lo, não vaciles, imagino.

«Arranja coragem e atira-te de cabeça.»

As palavras dela repetiam-se na minha mente já depois de deitada. Tentei adormecer, mas, entre estar atenta ao carro do Wes e imaginar todas as coisas que ele e a Alex podiam estar a fazer, limitei-me a ficar ali deitada e infeliz.

Até que me atingiu.

«Arranja coragem e atira-te de cabeça.»

CAPÍTULO DEZASSETTE

«É o seguinte: eu amo-te. Sei que te amo. Porque nunca na minha vida estive tão assustado. E uma vez andei de elevador com o Saddam Hussein. Só eu e o Saddam. E isto é muito mais assustador.»

Seduz-me Se És Capaz

«Estava mesmo enganada acerca de tudo. Estou incrivelmente feliz por o Michael ter voltado, mas só porque isso me permitiu conhecer-te de verdade. Durante todo este tempo, estiveste aqui, na casa do lado, sem eu imaginar até que ponto eras fabuloso», sussurrei para comigo. Estava a tremer, a tiritar de frio, quando ouvi o carro do Wes entrar no carroiro.

— Está na hora.

Sacudi os dedos frios e parei de ensaiar o meu discurso. Inspirei lentamente pelo nariz ao ouvi-lo desligar o motor. Um segundo depois, ouvi-o fechar a porta do carro.

Sentada numa das cadeiras, puxei o cabelo para trás das orelhas numa pose supérflua, mas muito casual, e esperei que ele encontrasse o meu bilhete.

Depois da frase digna de filme épico da Helena sobre atirar-me de cabeça, decidi que ela tinha razão e afadiguei-me. Primeiro, liguei o meu computador de música e vasculhei as gavetas da secretária até encontrar um CD virgem. Continuava a adorar a sensação de segurar num produto tangível de armazenagem de música — que se lixasse a tecnologia.

Peguei na *playlist* do Wes e da Liz que tinha feito após o beijo e gravei-a no CD. Continha todas as canções que tínhamos discutido, e todas as músicas que tínhamos vivenciado juntos. Fiz rapidamente uma ilustração para a capa — as nossas iniciais dentro de um coração de *ketchup* — e imprimi-a, recortando-a depois com todo o cuidado, para que se encaixasse perfeitamente no estojo. Mal acabei, vesti umas calças de ganga e o enorme *hoodie* do Wes, que acabara não sei como no saco das minhas roupas vomitadas (e com o qual dormia todas as noites). O cabelo e a maquilhagem estavam mais ou menos intactos, portanto calcei as minhas *Chucks* — lavadas com lixívia e novamente branquíssimas —, escrevi as palavras «VEM TER COMIGO À ÁREA SECRETA» numa folha de papel e enchi uma caixa de

sapatos com os mantimentos necessários.

Tinha corrido até ao alpendre dele para deixar o bilhete, antes de me apressar a ir para a Área Secreta, onde montei o leitor de CD, fiz lume, organizei as coisas para os *s'mores* e pus tudo no sítio.

Depois enrosquei-me num cobertor e esperei. E esperei, esperei, esperei.

E deixei-me dormir umas duas vezes.

Mas ele tinha chegado, finalmente. Oh, céus. Oh, meu Deus, estava tão nervosa. E então — *espera, o quê?* — ouvi bater outra porta de carro.

Suguei os lábios. Bolas, bolas, bolas. Talvez ele tivesse ido buscar alguma coisa ao carro. Talvez não estivesse ninguém com ele.

— Wes!

Ouvi o gritinho risonho, que bem podia ter sido o riso de um palhaço mau, a avaliar pela minha pulsação.

Tentei espreitar por entre os arbustos, mas não consegui ver nada. Como as vozes se estavam a aproximar, subi para a cadeira para tentar ver de um ponto mais elevado.

Cum caneco. À luz do luar, vi que o Wes e a Alex estavam a atravessar o pátio até onde eu estava plantada, com o meu orgulho totalmente exposto e um saco cheio de gulodices embaraçosas.

— Merda!

As provas tinham de ser todas eliminadas. Dei um pontapé na caixa dos ingredientes dos *s'mores*, com a intenção de os lançar para um arbusto, ocultando-os. O pânico explodiu dentro de mim quando a caixa disparou em voo, entornando para a água as bolachas e os *marshmallows*, que ficaram a boiar na fonte.

Bolas, bolas, bolas, bolas!

Peguei no leitor de CD e ajoelhei-me, desesperada pela cobertura da escuridão. Mas o velho aparelho escorregou-me das mãos e aterrou no chão, cuspidando oito pilhas tamanho D.

Que se lixe. Larguei tudo e dirigi-me para o arbusto grande, a tentar ir de gatas até ao outro lado. Se rastejasse até ao outro lado da Área Secreta, talvez conseguisse...

— Liz?

Fechei os olhos por um segundo antes de me endireitar lentamente e de me pôr de pé. Colei um sorriso na cara ao deparar com os olhares do Wes e da Alex.

— Olá, malta. Tudo bem? O baile foi giro, não foi?

— Não foi? Oh, meu Deus. — A Alex, abençoada, agiu como se não fosse estranho eu andar a rastejar às escuras por trás da casa do Wes. — Pensei que ia ter um ataque cardíaco quando a Ash foi coroada.

— Eu sei — disse eu, afogueada, a sorrir como se soubesse do que ela estava a falar enquanto observava a expressão estoica e séria do rosto do Wes. — Momento de ataque cardíaco. Tipo «o quêêê, a Ash foi coroada?!».

— O que estás a fazer aqui? — perguntou o Wes, olhando-me com uma expressão indecifrável que me fez arder as pontas das orelhas. Estava provavelmente danado por eu ter interferido numa potencial sedução.

Foi para isso que a levou para ali? Estariam à espera de que eu me fosse embora para irem direito ao assunto? Por alguma razão, a ideia deles juntos era cem vezes pior quando envolvia a Área Secreta.

— Eu, hum, vim atrás do meu gato há bocado e... — Apontei para a minha casa como se as palavras nem para mim fizessem sentido. — Deixei cair uma coisa. E achei que podia ter rebolado para debaixo deste arbusto. — E apontei para o bosque do Wes como se fosse uma criança aflita.

— O teu gato não vem para a rua.

Eu fiz uma careta e disse:

— Vem, sim. Quero dizer, não, tens razão. Fugiu.

— Sim? E o que é que deixaste cair?

Não parecia minimamente divertido.

— Hum, foi dinheiro. Dez cêntimos. — Aclarei a garganta e disse: — Deixei cair uma moeda de dez cêntimos e ela rebolou. Portanto, sim, andava aqui à procura da minha moeda. Era a da sorte.

— A tua...

— Moeda. Sim. Mas não importa. Não preciso dela. — Aclarei de novo a garganta, mas o aperto não me largava. — Da moeda, percebes? Quero dizer, quem é que precisa de uma moeda, não é? A minha madrastra deita-as fora, por amor de Deus. — Ficaram os dois a olhar para mim, e as linhas duras do rosto do Wes provocaram-me saudades do nosso «antigamente», dos seus olhos risonhos antes de eu ter estragado tudo. — É estranho como às vezes pode haver uma moeda que, tipo, esteve sempre ali, e pensamos que não precisávamos dela, que nem sequer gostamos dela, não é? — A Alex inclinou a cabeça e franziu o sobrolho, mas, enquanto eu disparatava, nada de nada mudou no rosto do Wes. — Então acordamos um dia e abrimos os olhos para a maravilha que são as moedas. Como é que não vimos isto antes, não é? Quero dizer, são, tipo, as melhores moedas de sempre. Mas não tivemos cuidado e perdemos a nossa moeda, e só queremos que a nossa moeda compreenda como lamentamos não a ter estimado, mas agora é tarde de mais porque a perdemos. Percebem?

— Liz, precisas de dinheiro?

A Alex olhou para mim e eu senti-me de novo à beira das lágrimas.

Abanei a cabeça e disse:

— Hum, não, obrigada. Tenho de me ir embora, embora sem a minha moeda, ah, ah, ah. Vocês divirtam-se. — Dei um passo atrás e fiz um arremedo de aceno. — Não façam nada que eu não fizesse.

Para de falar, sua merdosa!

Intuí — sem olhar — que eles continuavam de olhos postos em mim quando galguei a vedação do Wes e corri através do meu pátio.

CAPÍTULO DEZOITO

«Mas, sabes, o problema do romance é que as pessoas só ficam juntas mesmo no final.»

O Amor Acontece

— Obrigada.

Aceitei o saco ao empregado do McDonald's, atirei-o para o lugar do passageiro e afastei-me. Era meia-noite e eu tinha passado a última hora às voltas, de carro, com a Adele no volume máximo, a tentar ausentar-me por tempo suficiente para a Alex ter partido e o Wes ter ido para dentro. Teria preferido fazer quase qualquer coisa no mundo a ver qualquer deles. Portanto, mandei uma mensagem à Helena e fui conduzir pela cidade.

E o meu pai era a pessoa mais porreira do planeta por não me enviar uma única palavra de advertência sabendo que eu andava a conduzir sem destino depois da meia-noite. De certeza que estava a roer-se.

Eu tinha pensado em comprar gelado no regresso a casa, mas não me apetecia sair do carro, pelo que me contentei com os arcos dourados. Só queria ir para casa e comer com tristeza, ver um filme e tentar esquecer a que ponto me tinha humilhado.

Uma moeda. A sério? Provavelmente tinham-se rido de mim até caírem nos braços um do outro e fazerem sexo perfeito.

— Raios.

Agarrei numa mão-cheia de batatas fritas e enfi-as na boca antes de estacionar no Lugar.

Já não era meu — era para sempre do Wes —, mas naquele momento isso não me importou. Ele tinha o carro no carreiro, portanto, que se lixasse.

No entanto, em vez de sair depois de estacionar, fiquei ali sentada a devorar a comida e a ouvir rádio. Sair do carro e atravessar a rua parecia trabalhoso naquele momento de exaustão; além disso, tinha pavor de encontrar o casal feliz. Com a minha sorte, ia passar no preciso momento em que eles lhe davam com força no carreiro ou qualquer coisa igualmente assustadora.

Acabei de comer, e estava a beber o batido de chocolate com o assento meio reclinado quando ouvi uma pancada na janela.

— Merda!

Saltei e a palhinha salpicou batido para o *hoodie* do Wes. Olhei pela janela embaciada e divisei um corpo alto com um blusão com letras.

Por favor, alguém me mate.

Limpei a boca com os dedos, endireitei o assento e baixei o vidro. Dirigi-lhe um sorriso descontraído.

— Sim?

O Wes fixava-me com hostilidade.

— O que *é que* estás a fazer?

— Hum... a estacionar.

— Vi-te estacionar há dez minutos. Tenta de novo.

— Uau. Nada tarado.

— Queria falar contigo, portanto, sim, estava à espera. Mas agora acho possível que nunca venhas a sair desse carro.

Rolei os olhos e pousei o batido. Pelos vistos, ia ter de o encarar a ele e à minha suprema humilhação duas vezes numa noite. Que maravilha. Saí do carro e fechei a porta. Cruzei os braços e ergui o olhar para o seu rosto.

— De que *é que* precisas?

— Bem, para começar, preciso que expliques o que aconteceu há bocado.

A cabeça doeu-me, e eu olhei para ele. Tinha o cabelo despenteado, como se tivesse passado cem vezes a mão por ele e, sob o casaco, a camisa estava desentalada das calças do *smoking*. Estava uma desgraça completa, e os meus dedos ansiaram por tocá-lo.

Estreitei os olhos e fingi-me confusa.

— Estás a falar de quando perdi a minha...

— Não. — Lançou-me um olhar de advertência e disse: — Não digas «moeda».

— Desculpa. — Baixei o olhar para os meus sapatos e resmoneei: — Moeda da sorte.

— A sério? Vais insistir nisso? — Encolhi os ombros e olhei para as minhas *Chucks*, sem saber o que dizer. Tudo o que tinha planeado na minha fase de «arranjar coragem» parecia demasiado difícil de dizer depois de o ter visto com a Alex. Especialmente quando ele pareceu tão contrariado por me ver na Área Secreta. Ainda não conseguia acreditar que ele a tinha levado lá. As narinas adejaram-lhe e ele disse: — Ah, pronto, isso explica tudo.

— Porque *é que* estás zangado comigo?

Ergui os olhos para o seu rosto e esperei por uma resposta.

Era eu quem queria entrar em combustão espontânea. Porque estava ele exaltado?

O maxilar contraiu-se-lhe e ele disse:

— Porque detesto jogos.

— Que jogos?

— Que jogos?! — Os olhos dele ardiam. E, sim, estava furioso. — Ganhaste o teu querido Michael, mas, assim que eu olhei duas vezes para a Alex, gravas-me um CD inacreditável e falas de moedas da sorte de um modo que me leva a pensar que

eu sou a moeda nesse cenário. Vestida com o meu *hoodie* de basquetebol. O que é que estás a fazer-me?

— Tu viste o CD?

Mordi a parte de dentro da bochecha e perguntei-me até que ponto uma pessoa podia ser humilhada antes de isso a matar literalmente.

Porque, ao imaginar as iniciais em *ketchup* que tinha posto na capa do CD, senti que estava prestes a entrar em combustão e a flutuar delicadamente para o chão em forma de cinzas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Eu não sou parvo, Liz. Também vi o bilhete, as coisas para os *s'mores* todas ensopadas e o leitor de CD caído.

— Oh. — Respirei, trémula, com os olhos negros do Wes a perfurar-me. Depois deixei escapar: — Então, gostas dela?

Ele franziu o sobrolho como se não estivesse à espera da pergunta, o que era justo, porque eu não estava à espera de a fazer.

Mas precisava de saber.

Ele engoliu em seco, e pensei que não fosse responder, mas então disse:

— A Alex é bestial.

— Ah. — Só esperava que a minha cara não mostrasse até que ponto eu estava perto das lágrimas, como aquelas palavras tinham sido um murro no estômago. — Bem, boa! Tenho de me ir embora.

Dei um passo para o contornar, mas ele agarrou-me no braço e deteve-me.

— Isto é assim? Não me vais explicar o que foi aquilo?

— Agora já não tem importância.

— Pode ter.

— Não tem, *OK*? — Tentei parecer ligeira e calma, como se estivesse na boa com tudo, e ele deixou cair a mão. — Gravei o CD e preparei uma cena embaraçosa porque me apercebi de que o Michael não é a pessoa em quem não consigo parar de pensar, e queria dizer-to. Quero dizer, ele é ótimo, mas estar com ele não é como comer hambúrgueres contigo nem como esgueirar-me para a Área Secreta para fazer *s'mores* e olhar para as estrelas, nem como disputar um lugar de estacionamento contigo. Mas levei demasiado tempo a perceber isso, e agora tu tens a Alex. — Ele abriu a boca, mas eu abanei a cabeça. — Não, tudo bem. Eu percebo. Ela é perfeita e amorosa, e, por muito que deteste dizê-lo, tu mereces uma pessoa assim. — Respirei fundo, trémula, e aqueles olhos negros fizeram-me arrepender de tudo o que tinha feito para chegarmos até ali. — Porque estava enganada, Wes. A coisa boa és tu.

Ele coçou o queixo e olhou por cima do meu ombro para a rua. Depois pousou os olhos no meu rosto e disse:

— Não é só sobre isso que estás enganada.

— O quê? — Era mesmo dele, bater-me quando estava em baixo. — De que estás a falar?

— Estás enganada sobre a Alex. Ela não é perfeita.

— Bennett, ninguém é totalmente perfeito. Vá lá. — Não podia acreditar na lata dele. — Mas ela está muito perto disso.

— Talvez.

— Talvez?! Que diabo lhe pode faltar? Queres mamãs maiores ou coisa assim? Não é?...

— Não é tu.

— O quê?

— Ela. Não é. Tu. — Fechei a boca e olhei para ele, com medo de acreditar que ele estava a dizer o que parecia estar a dizer. — É bonita, mas a cara dela não se transforma em luz solar quando fala de música. — Fez aquela contração de maxilar e disse: — É engraçada, mas não a ponto de me fazer cuspir a bebida de assombro. — Senti que o coração me ia explodir enquanto os olhos dele baixavam até aos meus lábios sob a luz e o zumbido do candeeiro da rua. — E, quando a vejo, não sinto que tenho de falar com ela ou despenteá-la ou fazer alguma coisa, seja o que for, para que os seus olhos se virem para mim.

As minhas mãos tremiam quando puxei o cabelo para trás das orelhas e sussurrei:

— Há muito tempo que não me despenteias.

— E isso tem dado cabo de mim. — Aproximou-se um passo, deixando-me encostada à porta do meu carro. — Apaixonei-me por me meter contigo no segundo ano, quando descobri que podia fazer com que as tuas faces corassem com uma única palavra. Depois apaixonei-me por ti.

Tenho quase a certeza de que o meu coração estava a desenvolver uma arritmia a cada palavra que ele dizia.

— Então tu e a Alex não...?

— Não. — Ele enrolou nas mãos os cordões do meu *hoodie*. Do seu *hoodie*. — Somos só amigos.

— Ah. — O meu cérebro estava a tentar acompanhá-lo, mas o seu belo rosto não facilitava. Isso e a presença dele no meu espaço pessoal, para não falar do movimento delicado de me puxar para si. — Então porque agiste como se quisesses que eu aceitasse o convite do Michael para o baile?

— Tu amava-lo desde o jardim de infância. — Eu não tinha olhos senão para os seus olhos, enquanto ele dizia em voz baixa: — Não quis que o nosso beijo interferisse nisso, se era o que realmente querias.

Como pensara eu alguma vez que o Wes fosse algo senão extraordinário? Nem sequer tentei impedir que um sorriso apaixonado me invadissem a cara quando pusei as mãos no peito dele e lhe disse:

— O que eu realmente queria era ir contigo.

— Pois podias ter-me dito, Buxbaum. — A voz era apenas um sopro entre nós quando disse: — É que só ver-te com aquele vestido deu-me vontade de esmurrar o nosso bom amigo Michael.

— Deu?!

Ele puxou o cordão.

— Não devias ficar contente com isso.

— Eu sei. — Estava a denunciar todas as minhas emoções ao erguer o meu sorriso para ele, mas não conseguia impedi-lo. Não conseguiria conter-me e ser

desprendida mesmo que tentasse. A ideia de o Wes estar danado com o Michael, e com ciúmes dele, por minha causa, era demasiado maravilhosa. — Mas fico. É tão romântico.

— Esquece o romantismo.

Ele largou os cordões e as suas mãos deslizaram para as minhas faces, contendo-as nas suas grandes palmas. Eu inspirei quando a sua boca baixou, e o meu cérebro ligou a canção perfeita para este final. Ou melhor, este começo.

I've been searching a long time,

For someone exactly like you

O nosso beijo foi ofegante e selvagem, e o Wes afastou-se demasiado cedo. Envolveu-me nos seus braços, ergueu-me no ar e transportou-me para junto do porta-bagagem do carro.

Sorriu depois de me pousar e disse:

— Já pensaste que podíamos estar a fazer isto há anos se tu não fosses tão chata?

— Ná. Eu só comecei há bocadinho a gostar de ti.

— De inimigos a amantes. É o nosso clássico, Buxbaum.

— Pobre amantezinho confuso. — Um risinho atravessou-me antes de eu lhe pousar as mãos no rosto e dizer, puxando-o para mim: — Cala-te e beija-me.

Entra o Bazzi.

EPÍLOGO

«Uma rapariga nunca esquece o primeiro rapaz de quem gosta.»

Ele não Está assim tão Interessado

«Mas também nunca esquece o primeiro rapaz que detesta.»

Liz Buxbaum

Depositei o crisântemo amarelo-vivo no buraco e cobri as raízes com terra. O sol do início de setembro aquecia-me a cara enquanto plantava as flores, mas transmitia a sensação difusa de um dia em transição, como se o seu calor fosse só para vista e não tivesse qualquer da força que detivera anteriormente.

— Como no verão tens malmequeres, achámos que talvez fosse agradável teres crisântemos no outono.

Olhei para a lápide da minha mãe e perguntei para comigo se aguentaria a distância. Faltava uma hora para eu partir para a Califórnia e, embora soubesse logicamente que era tolice, uma parte de mim receava que eu me sentisse perdida sem as nossas conversas diárias.

— A ideia foi da Helena. — O Wes bebeu um gole de água e pegou no saco de terra adubada, dizendo à lápide da minha mãe: — Não deixe a sua filha ficar com os louros todos.

Tinha realmente sido ideia da Helena. Ambas tivemos muitas e boas conversas depois do baile, e ela foi muito compreensiva em relação ao meu desgosto. Em vez de tentar convencer-me de que eu devia seguir em frente e virar a página, comprou um pequeno banco para a sepultura — com uma bela almofada florida —, para que eu não tivesse de me sentar no chão.

Também me comprou um casaco de lã de alpaca, porque leu que os fantasmas sabem intuitivamente que quem usa esse material não é uma ameaça. Fez-me vesti-lo sempre que ia ao cemitério depois de escurecer, porque não queria que eu fosse possuída pelo demónio nem por qualquer dos seus lacaios.

Eu começava mesmo a adorar a minha excêntrica madrastra.

— Ele tem razão — disse eu, estendendo a língua ao Wes. — Mas eu adoro a ideia. Assim, embora não esteja aqui, as minhas flores vão desabrochar ao teu lado.

— A menos que morram, porque a Liz é uma péssima jardineira.

Eu sorri e atirei a espátula contra ele.

— Isso pode de facto acontecer. O teu talento para as plantas e, francamente, o teu desejo de o ter, saltou claramente uma geração.

O Wes apanhou a espátula de jardinagem como se já estivesse à espera do lançamento e levou os materiais para o carro. Eu limpei as mãos nas calças de ganga e sentei-me sobre os calcanhares. Era um pouco difícil acreditar que o Wes e eu iríamos ambos para a Califórnia depois de nos despacharmos, mas parecia a coisa certa. Ele sempre estivera ali, o rapaz irritante da casa do lado, e agora ia ser o rapaz irritante da residência do lado.

Como vim a saber, o Wes era um lançador-vedeta e tinha ofertas de escolas de todo o país. Acabou por escolher a UCLA, mas fez questão de que eu soubesse que isso não teve nada que ver comigo. Creio que as suas palavras exatas foram: «Somos totalmente livres de nos largarmos um ao outro na Califórnia sem qualquer culpa. Isto de irmos para a mesma universidade é um mero acaso, não é nenhuma tretina amorosa.»

E depois fez-me um sorriso garoto e deu-me um beijo que me fez esquecer do meu nome.

Havia já alguns meses que o Wes ia comigo à campa da minha mãe duas vezes por semana. Normalmente afastava-se para eu poder falar com ela — com chuva ou sol —, mas depois voltava sempre a tempo de se despedir da minha mãe e dizer-lhe alguma coisa sarcástica sobre mim.

Era uma piroseira, e eu adorava-o por isso.

— Bem — disse eu —, é melhor irmos andando, porque ficámos de ir ter com o meu pai, a Helena e a Joss daqui a dez minutos.

Íamos encontrar-nos num café para o pequeno-almoço, e depois o meu pai e a Helena levariam a carrinha das mudanças para a Califórnia enquanto o Wes e eu seguíamos no carro dele.

Pus-me de pé e olhei para o Wes, que fechava o porta-bagagem. Vestia a *T-shirt* que eu lhe tinha comprado como presente de fim de curso; dizia BRO INSTRUÍDO E FEMINISTA. Eu tinha-a comprado por graça, mas ele usava-a constantemente.

Combinava bem com o sorriso gozão.

Vi-o contornar o carro e abrir a porta de trás, onde o *Mr. Fitzpervert* estava sentado na sua transportadora, envolto no meu cachecol xadrez preferido; de orelhas espetadas, escutava todos os ruídos exteriores que o cemitério tinha para oferecer. O Wes chamava-lhe *Sr. Felpudo das Roupas Tolas* e agia como se não gostasse de gatos, mas coçava sempre o *Fitz* no ponto exato de que ele gostava, atrás da orelha. E, ali a vê-lo a falar com o meu gato, percebi a verdade.

O Wes era o bom do filme. Sim, era cómico e animava as festas, mas era também confiável, compreensivo e leal. Embora depois do baile eu me tenha apercebido de que não precisava de que o Wes fosse um Mark Darcy, ele era-o.

Só que melhor.

Estava prestes a dizê-lo em voz alta à minha mãe quando o Wes me olhou com aquele sorriso que eu adorava.

— Estás pronta, Buxbaum? O *Sr. Felpudo* está com fomeca e eu também.

Foi ideia do Wes escolher um local com esplanada para que o *Fitz* pudesse gozar o espaço exterior antes da longa viagem de carro.

Como poderia eu não o amar?

— Estou. — Estreitei os olhos, mas estraguei o efeito ao sorrir. — Mas é *Mr. Fitzpervert*, meu bronco.

Comecei a caminhar para ele, mas, quando me virei para olhar para a lápide da minha mãe, quase tropecei. É que um cardeal tinha pousado no ramo da cerejeira-da-virgínia que pendia sobre ela. Era vermelho-vivo, lindo, e olhava na minha direção, pousado no ramo.

Pestanejei com força e estreitei os olhos, enquanto ele abria o bico e chilreava uma melodia dulcíssima.

Virei-me para o Wes, que observava a cena por cima do meu ombro. Eu disse:

— Também estás a ver, não estás?

Ele assentiu.

— Cum caneco.

Ficámos os dois ali a olhar para o passarito. Um momento depois, levantou voo, mas eu senti o coração mais leve, como se a minha mãe se tivesse querido certificar de que eu sabia que ela estava feliz com a minha partida. Aclarei a garganta e virei-me para ele.

— Estás pronto?

— Estás bem? — Ele deu dois passos e ficou junto de mim, rodeando-me com o seu grande corpo. Passou-me a mão pelas costas e disse, para dentro do meu cabelo: — Podemos ficar quanto tempo quiseres, Liz.

— Na verdade, estou ótima. — Afastei-me e permiti-me contemplar o seu belo rosto, a pessoa que sempre estivera ali para mim, mesmo quando eu não tinha querido que estivesse. — Vamos comer.

A BANDA SONORA DO WES E DA LIZ

1. «Someone Like You» | Van Morrison
2. «Paper Rings» | Taylor Swift
3. «Lovers» | Anna of the North
4. «Ocean eyes» | Billie Eilish
5. «Bad Liar» | Selena Gomez
6. «Public Service Announcement (Interlude)» | Jay-Z
7. «Up All Night» | Mac Miller
8. «How Would You Feel (Paeen)» | Ed Sheeran
9. «Hello Operator» | The White Stripes
10. «Paradise» | Bazzi
11. «Sabotage» | Beastie Boys
12. «Feelin' Alright» | Joe Cocker
13. «Someone Like You» | Adele
14. «Monkey Wrench» | Foo Fighters
15. «Bella Luna» | Jason Mraz
16. «Forrest Gump» | Frank Ocean
17. «Electric (com Khalid)» | Alina Baraz
18. «Kiss» | Tom Jones
19. «Enter Sandman» | Metallica
20. «Death with Dignity» | Sufjan Stevens
21. «We Are Young» | fun. com Janelle Monáe
22. «New Year's Day» | Taylor Swift
23. «River» | Joni Mitchell
24. «Paradise» | Bazzi

AGRADECIMENTOS

Talvez devesse agradecer a toda a gente no planeta, a Deus, ao Universo, às estrelas cadentes e àquele dente-de-leão estival que em tempos soprei pedindo um desejo, porque decerto todas essas coisas intervieram para que isto acontecesse, certo? MALTA... O MEU NOME ESTÁ NA LOMBADA DESTE LIVRO! NÃO POOOSSOOO!

Obrigada a TI, leitor, que estás a espreitar esta página. Agora fazes parte do meu sonho realizado, e estou-te eternamente grata por teres escolhido o meu livro.

À minha querida agente, maravilhosa, divertida, negociante épica Kim Leonetti. Graças a Deus, viste algo naquele primeiro manuscrito desconexo, porque desmataste o caminho para que isto me acontecesse — e tudo o que tive de fazer foi acompanhar-te. És uma extraordinária fazedora de sonhos, uma concessora de desejos, uma deusa editorial, e não há palavras que exprimam como me sinto abençoada por te ter — e a toda a equipa Bookends (estou a acenar-te, McGowan) — do meu lado.

À minha editora, Jessi Smith, um milhão de agradecimentos (x1000) por me deixares trabalhar contigo neste livro. Toda esta experiência foi o projeto mais agitado, feliz e compensador que podia ter desejado. És uma editora DE SONHO, e eu estou muito feliz por podermos fazer outro livro juntas!

Aos notáveis seres humanos na SSBFYR, estou deslumbrada por tudo o que vocês fizeram por este livro. Morgan York, obrigada por seres a feiticeira que mantém tudo em movimento. Mackenzie, Arden e a equipa no Canadá, vocês são estrelas de *rock*. Heather Palisi, nem nos meus sonhos mais ousados poderia ter imaginado uma capa desenhada com mais perfeição. Liz Casal, como tive eu a sorte de te ter como ilustradora minha capa? Não podia adorá-la mais. E o resto da equipa BFYR, vocês são uma máquina criativa ridiculamente talentosa e bem oleada, e eu sinceramente não vos mereço. Transformaram o meu sonho num objeto tangível que posso segurar nas mãos: fadas-madrinhas, todas vocês.

Finneas, Billie Eilish, Adele, Justin Hurwitz, Post Malone, Frank Ocean — embora provavelmente nunca venham a ler isto, obrigada por contribuírem para a minha *playlist* de *Isto não Acontece nos Filmes*. A vossa música foi a onda perfeita, e será sempre uma parte nesta história e no meu coração.

Cheyenne Young, foste a minha primeiríssima «autora-amiga» e és

totalmente o meu modelo como escritora. Não sei o que teria feito sem o teu *feedback*, os teus conselhos, o teu ouvido para os desabafos; és simplesmente a melhor. «Irre, David.» Mal posso esperar por ver o teu livro no grande ecrã!

Kota Jones, Tessa Adams, Jennie Gollehon, Kelly Riibe e Jim Plath, vocês tiveram a gentileza de ler rascunhos maus e aleatórios, e eu devo-vos muito. Tiffany Epp, vou pensar sempre em ti como a minha primeira leitora, a minha primeira fã, porque leste o meu lixo antes de toda a gente e gostaste dele. Lori Anderjaska, tens uma pinta do camandro e és a minha gaja preferida do outro lado da vida. Kerbin, meu «amo», obrigada por tomares conta da Kate durante todas aquelas noites enquanto eu trabalhava. Desculpa por nunca te ter pago ;). E Mark Goslee, obrigada por me aturares. Ouves constantemente os meus disparates, todo o dia, todos os dias, e ainda não me despediste (nem me mataste).

Professora Anna Monardo: fez-me querer ser uma escritora melhor e isso mudou TUDO.

E agora — gulp — a minha família:

Mãe, estou tão grata por tu e o pai me terem deixado ser uma ultra-hiperleitora, daquelas de lanterna acesa debaixo das mantas. Alimentaram a minha obsessão e subsidiaram o meu hábito via encomendas de livros à Scholastic, e assim pude viver, na infância, cem vidas através da ficção. #viajada

MaryLee, és a pessoa mais bondosa do planeta, a boa irmã, e eu não mereço o teu apoio. Foste tu — em 1999, caramba — quem viu um autor na *Oprah* e me disse: «Tu estás sempre a ler; devias escrever um livro.» Desde então, escrevi pelo menos dez livros horríveis, provavelmente mais, mas por fim encontrei um que pegou. Por isso, obrigada. E uma saudação ao teu fabuloso clã: Brian, Josh, Jake, Rachel, Anna, Zakari e Dontavius.

À minha família de brinde: Phil, Barb, Marilyn, Garwood, Wendy, Scott, Joyce, Demi e Deon. Se vocês fossem impositivos ou horríveis, eu ter-me-ia decerto dedicado a beber e não a sonhar acordada, e isto nunca teria acontecido. Por isso, obrigada, família do marido, por não serem horríveis.

À minha descendência: Cassidy, Tyler, Matt, Joe e Kate. Amo-vos mais do que alguma vez conseguirei exprimir. Obrigada por aceitarem ter uma mãe que passa mais tempo a sonhar acordada e a ler do que a cozinhar, a limpar ou a fazer labores. E obrigada também por praticarem tantas atividades desportivas. Isso deu-me inúmeras oportunidades de desligar (porque os jogos de bola podem ser brutalmente aborrecidos) e seguir a travessia das minhas personagens pelo meu mundo mental. De certo modo, o vosso talento desportivo (ou a falta dele — estou a olhar para ti, Cass) ajudou-me a aperfeiçoar a minha arte. Vocês são cinco dos seres humanos mais engraçados que conheço, e não poderiam fazer-me mais orgulhosa. (P.S.: Obrigada, Terrance e Jordyn, não só por no-los terem tirado das mãos, mas por aturarem toda a loucura da nossa família.)

E, por fim... ao Kevin. És verdadeiramente o melhor e mais engraçado ser humano que alguma vez conheci, e a minha pessoa preferida no mundo (desculpem, miúdos). Merecias uma mulher Classe A, que limpasse como uma empregada e cozinhasse como a tua avó (sempre com uma maquilhagem impecável), mas

infelizmente calhei-te eu, e é tarde para devoluções. Estás encalhado para o resto da vida com esta cabeça no ar que veste calças de flanela e ressona.

Se te servir de consolo, adoro o chão que pisas e amo cada uma das tuas incríveis características.

Portanto, toma. Aqui tens este livro. Fi-lo para ti.

Por último, mas com reverência, obrigada, Starbucks, Spaghetti Works, bebidas energéticas *Rockstar* e McDonald's. São verdadeiramente o vento que me impulsiona.

